

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Narrativas modernas e contemporâneas do amor e da feminilidade

Danielly Passos de Oliveira

Fortaleza, Setembro de 2008.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Narrativas modernas e contemporâneas do amor e da feminilidade

Danielly Passos de Oliveira

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

Fortaleza, Setembro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**NARRATIVAS MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS DO AMOR E DA
FEMINILIDADE**

DANIELLY PASSOS DE OLIVEIRA

Tese aprovada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes
Universidade Federal do Ceará
Professora Orientadora

Profa. Dra. Sônia Dayan-Herzbrun
Université Paris VII

Profa. Dra. Zaíra Ary
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro
Universidade de Fortaleza

Fortaleza, 26 de setembro de 2008.

Para as duas mulheres mais importantes da minha vida: minha avó, Maria Odete (*in memoriam*), e minha mãe, que gosta de ser chamada de Neta.

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que contribuíram para a realização desta pesquisa, especialmente as entrevistadas. Agradeço também àquelas que participaram através de diálogos e de conversas informais.

À professora Dra. Glória Diógenes pela orientação e pelo apoio concedido em todas as fases deste trabalho.

À professora Dra. Sônia Dayan-Herzbrun pela acolhida carinhosa em Paris, pela disponibilidade em me orientar, por ter me indicado mulheres francesas para as entrevistas, pelas valiosas contribuições teóricas e metodológicas, pelo incentivo dado para que eu apresentasse os resultados parciais da pesquisa na “Journée Doctorale - Paris VII”, e por ter concordado tão gentilmente em participar da banca de defesa.

Ao professor Dr. Alexandre Fleming pela imensa ajuda dada na elaboração deste trabalho. Agradeço especialmente pela indicação de textos, pela abertura ao diálogo, pelo auxílio nos trâmites institucionais, necessários ao estágio em Paris, e também no momento de composição da banca de defesa.

Às professoras Dras. Rejane Carvalho e Irlys Barreira que participaram da banca de qualificação da pesquisa e contribuíram com importantes indicações teóricas e metodológicas.

À professora Dra. Mirian Goldenberg por ter me recebido no Rio de Janeiro, pelas indicações bibliográficas e pela disposição de contribuir para o desdobramento desta pesquisa.

Às professoras Dras. Zaíra Ary e Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro que se dispuseram a participar da banca de defesa.

À CAPES pelo financiamento da bolsa de doutorado sanduíche, sem a qual teria sido impossível a realização do trabalho.

À Françoise Gourdal e Samira Kahoul da Université Paris VII que foram sempre tão solícitas, providenciando os documentos, os livros e os periódicos importantes para meu estágio em Paris.

À Sophie Lhenry que me ajudou a encontrar parisienses dispostas a serem entrevistadas, e muito contribuiu com a correção dos textos em francês.

À minha mãe e às minhas duas irmãs pelo apoio e a compreensão dados nos momentos difíceis do doutorado.

A Mario Lins pela amizade, pela companhia, pela correção dos textos em francês, pela alegria de tê-lo ao meu lado, pela intensidade da sua presença em minha vida.

Às mais preciosas invenções da amizade:

Anna Regina, Mirna, Thais, Érica, Marcus, Leila, Rodrigo e Fernando por todas as conversas, pela indicação de livros, de músicas, pelo humor partilhado, mesmo diante da adversidade, por aceitarem dividir comigo os dias, as inquietações, as horas repletas e as vazias, por tudo que juntos inventamos para tornar a existência mais possível.

Aos colegas que fiz em Paris e que muito me ajudaram: Karime, Roberta, Mário César, Virgínia, Malu e Paula.

Especialmente para Anna e Fernando, cuja presença foi fundamental para conceder a leveza e a alegria, indispensáveis ao período da escrita.

Amor é quando é concedido participar um pouco mais. Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário : amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive o amor é a desilusão do que se pensava que era amor (Clarice Lispector. O ovo e a galinha).

O que acontece é que escrever / é ofício dos menos tranqüilos: / se pode aprender a escrever / mas não a escrever certo livro. / Escrever jamais é sabido; o que se escreve tem caminhos; / escrever é sempre estrear-se / e já não serve o antigo ancinho. / Escrever é sempre o inocente / escrever do primeiro livro. / Quem pode usar da experiência / numa recaída de tifo? (João Cabral de Melo Neto. O postigo).

RESUMO

Este trabalho consiste numa análise de narrativas modernas e contemporâneas sobre o amor e a feminilidade. Iniciamos com um percurso por textos históricos, com o objetivo de compreender o processo de formação de um arranjo específico entre os conceitos de amor romântico e de feminilidade. Tal arranjo estabeleceu, para as mulheres burguesas do século XIX, um perfil emocional (justificado pela natureza do corpo feminino) e um destino social, definido pelos papéis de esposa, de mãe e de dona-de-casa. Buscamos situar alguns dos principais elementos que ajudaram a compor um regime de verdade sobre o amor, as mulheres e a feminilidade, e também refletir sobre os acontecimentos que contribuíram para que tal regime fosse questionado. Para tanto, analisamos três obras literárias que causaram polêmica, quando publicadas: “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, “La vagabonde”, de Colette e “La garçonne”, de Victor Margueritte. Cada um dos três livros criticou, de modo singular, a concepção segundo a qual as mulheres são naturalmente voltadas para o amor e para os assuntos domésticos. A leitura das narrativas modernas nos permitiu elaborar um roteiro, o qual conduziu nosso percurso pela contemporaneidade. Finalmente, realizamos entrevistas com mulheres brasileiras e francesas, solteiras ou divorciadas, sem filhos, e que possuem uma elevada formação acadêmica. Nosso objetivo foi o de compreender como essas mulheres definem e relacionam o amor e a feminilidade. A análise dos discursos apontou a presença de traços do amor romântico que acompanham a expansão das idéias individualistas, a dificuldade de se construir um modelo consistente para os relacionamentos amorosos atuais e, principalmente, a tentativa de se inventar outros arranjos possíveis para o amor e as relações de gênero.

RÉSUMÉ

Ce travail est une analyse de récits modernes et contemporains sur l'amour et la féminité. Nous avons commencé avec un itinéraire par des textes historiques, afin de comprendre le processus de formation d'un arrangement spécifique entre les concepts d'amour romantique et de la féminité. Ce dispositif établit, pour les femmes bourgeoises du XIXe siècle, un profil émotionnel (justifié par la nature du corps féminin) et un destin défini par les rôles sociaux d'épouse, de femme au foyer et de mère. Nous avons cherché à situer quelques-uns des principaux éléments qui ont contribué à composer un régime de vérité sur l'amour, les femmes et la féminité et aussi les événements qui ont mis en question ce régime. Avec cet objectif, nous avons fait une analyse de trois œuvres littéraires, qui ont suscité des controverses lors de leur publication: « Madame Bovary », de Gustave Flaubert, « La vagabonde », de Colette et « La garçonne », de Victor Margueritte. Chacun des trois livres a fait une critique singulière de la conception selon laquelle les femmes sont naturellement enclines à l'amour et aux affaires domestiques. La lecture de récits modernes nous a permis de développer une feuille de route, qui a conduit notre parcours à travers la contemporanéité. Finalement, nous avons mené des entretiens avec les femmes brésiliennes et françaises, célibataires ou divorcées, sans enfants et qui ont une solide formation académique. Nous avons eu l'objectif de comprendre comment ces femmes-là représentent et mettent en rapport les concepts d'amour et de féminité. L'analyse du discours a mis en évidence la présence de traces de l'amour romantique qui accompagnent l'expansion des idées individualistes, la difficulté de construire un modèle cohérent et capable d'orienter les relations amoureuses actuelles, et surtout la tentative de inventer d'autres arrangements possibles pour l'amour et les rapports de genre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - FEMINILIDADE E AMOR ROMÂNTICO NO SÉCULO XIX.....	31
1.1. A modernidade e o corpo feminino.....	31
1.2. Famílias e corpos burgueses.....	34
1.3. Quem são as mulheres?.....	35
1.4. Mulheres burguesas – seus corpos e seus amores.....	36
1.5. Uma educação dos sentidos.....	42
1.6. Amor romântico e individualismo.....	45
1.7. As letras femininas.....	46
CAPÍTULO II - AMOR E CONDIÇÃO FEMININA NA FRANÇA E NO BRASIL DO SÉCULO XX.....	53
2.1. Algumas mudanças.....	53
2.2. A primeira Guerra Mundial.....	55
2.3. Imagens de uma nova mulher.....	58
2.4. O segundo sexo.....	69
2.5. A mulher mistificada e o movimento de maio de 68.....	74
2.6. Modelos de beleza – só é feia quem quer.....	78
2.7. Felicidade é entrar num vestido “P”.....	81
2.8. Corpos femininos – erotismo e amor.....	86
2.9. Mulheres, amores e feminismos no Brasil.....	88
CAPÍTULO III - O TRABALHO DE CAMPO E OS DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS.....	94
CAPÍTULO IV – PRIMEIROS AMORES, RUPTURAS, SOLIDÕES E ENCONTROS	118
4.1. Aproximações – indivíduos e projetos.....	118
4.2. Modelos de amor.....	125
4.3. Primeiros amores.....	132
4.4. Rupturas.....	141
4.5. Suis-je toute seule?.....	158
4.6. Amigas amáveis.....	172
4.7. A outra.....	178
CAPÍTULO V- JUVENTUDES, CORPOS E IMAGENS DE SI.....	185
5.1. Juventude tardia.....	185
5.2. Novos corpos.....	195
5.3. Individualismos e imagens de si.....	203

CAPÍTULO VI - SOBRE AMORES E FEMINILIDADES.....	216
6.1. Gêneros femininos.....	216
6.2. Filhos? Melhor tê-los.....	225
6.3. Famílias e amigos.....	229
6.4. Nunca vi fazer tanta exigência.....	230
CAPÍTULO VII – REINVENÇÕES DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE...242	
7.1. Amores possíveis.....	242
7.2. Emmas, Renées, Moniques e as netas Beauvoir – entre permanências e transformações.....	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	262
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	265

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste numa análise de narrativas modernas e contemporâneas acerca do amor e da feminilidade, articulada segundo dois objetivos principais. Inicialmente, pretendemos investigar como foi engendrado o laço que une o conceito de amor romântico a uma concepção específica do feminino, para depois investigar como tal laço se mantém ou se modifica nos dias de hoje.

Para tanto, dividimos o texto em dois blocos. No primeiro, compreendido pelos capítulos I e II, abordamos alguns acontecimentos histórico-sociais que contribuíram para construir e legitimar uma concepção romântica do amor, vinculada às mulheres burguesas e ao destino social a elas reservado. Interessamo-nos também pelas fissuras: os modos a partir dos quais foram se transformando as noções modernas do amor e do feminino, assim como as relações entre as mesmas. Nesse sentido, percorremos alguns dos principais acontecimentos que colocaram em questão o papel feminino tradicional (representado pela esposa, mãe, sem profissão), apresentando novas perspectivas de vida para algumas mulheres. Iniciamos nosso percurso pelo século XIX, passando, em seguida, para o século XX. Tal percurso será realizado, atentando, sobretudo, para dois países: a França e o Brasil.

Com o intuito de investigar narrativas modernas, recorreremos à literatura, apoiados na concepção de Barthes, segundo a qual a escrita, livre em seus começos, consiste finalmente no liame que acorrenta o escritor a uma História, ela própria inelutavelmente acorrentada a uma sociedade (2000:37). Em consonância com Barthes, Deleuze e Guattari (1977), enfatizam que a literatura se encontra encarregada positivamente do papel e da função de enunciação coletiva. Assim, *a enunciação literária mais individual é um caso particular de enunciação coletiva* (DELEUZE; GUATTARI, 1977: 122).

Partindo destes pressupostos, analisamos três obras literárias francesas, que causaram polêmica quando publicadas e que tiveram intensa repercussão em diversos países. Estes livros se caracterizam por apresentar outras possibilidades de se conceber a relação das mulheres com o sentimento amoroso, questionando a idéia de que a principal realização feminina deveria residir no amor, consolidado pelo casamento e pela maternidade. São eles: “Madame Bovary” (1857), escrito por

Gustave Flaubert, “La Vagabonde” (1910), de Colette e “La garçonne” (1922), de Victor Margueritte. Através da análise de textos literários, buscamos compor diferentes modelos para o arranjo entre amor e feminilidade. Modelos que nos permitam refletir sobre as mudanças e as permanências deste arranjo na contemporaneidade.

As narrativas contemporâneas sobre as quais nos detemos nesta pesquisa foram definidas a partir de entrevistas realizadas com mulheres brasileiras e francesas. Para compreender como se estruturaram as entrevistas, abordamos, no terceiro capítulo, as principais questões metodológicas que orientaram nosso trabalho de campo. Nos capítulos IV, V e VI, são desenvolvidos e analisados os principais temas que caracterizaram as narrativas das entrevistadas. Finalmente, no sétimo capítulo, refletimos sobre as mudanças e as permanências no arranjo entre amor romântico e feminilidade, comparando discursos e modelos modernos e atuais.

Nossa hipótese é a de que os discursos sobre o amor romântico - engendrados no século XIX - compõem uma rede que articula as mulheres a uma concepção específica de feminilidade, definida como emocional, e caracterizada pelo cultivo da intimidade e pelo cuidado dedicado ao outro. Tal concepção, por sua vez, suscita uma apropriação singular do corpo feminino, delimitada pela maternidade, no interior do casamento.

Supondo que o enlace entre o amor e a feminilidade constituiu uma das estruturas fundamentais que organizaram, nas sociedades modernas, as relações de gênero, decidimos investigar em que medida esse arranjo permanece sendo um eixo fundamental para a subjetivação¹ das mulheres contemporâneas.

Para tanto, entrevistamos mulheres com aproximadamente trinta anos², heterossexuais, solteiras ou divorciadas, com elevada formação universitária e sem filhos. As entrevistas foram realizadas com nove brasileiras (quatro residentes na cidade de Fortaleza e cinco, na cidade do Rio de Janeiro) e com nove francesas (todas residentes em Paris).

¹ Utilizamos o conceito de subjetivação proposto por Foucault (2006) e desenvolvido por Deleuze (1998) e Guattari (1993). Para os referidos autores, a subjetividade pode ser compreendida como um arranjo singular entre instâncias individuais e coletivas. Nesse sentido, um processo de subjetivação se constrói a partir de uma relação de forças, através das quais se produzem as “dobras” que constituem um sujeito. Este não se opõe ao mundo exterior. Ao contrário, sua “interioridade” advém da forma característica como as forças externas o atravessam.

² A idade das mulheres entrevistadas variou dos 29 aos 35 anos.

Iniciamos as entrevistas com mulheres residentes em Fortaleza. A decisão de entrevistar mulheres cariocas surgiu após a leitura de alguns trabalhos realizados por antropólogos brasileiros contemporâneos, os quais abordavam a cidade do Rio de Janeiro (GOLDENBERG, 2000, 2002, 2005, 2006, 2007; VELHO, 1994, 2003, 2006, 2007). Nestes trabalhos, as características e as peculiaridades dos estilos de vida de indivíduos pertencentes às camadas médias urbanas eram ressaltadas e - de acordo com nossas observações - poderiam se aplicar também aos indivíduos das camadas médias que viviam na capital cearense.

Fortaleza e Rio de Janeiro são cidades que possuem em comum a beleza de suas praias e as temperaturas constantemente elevadas, que favorecem o desnudamento dos corpos (GOLDENBERG, 2005: 80). Além disso, o Rio de Janeiro tende a ser tomado como uma vitrine, que pretende representar o Brasil para o mundo e para si mesmo (GOIA, In: GOLDENBERG, 2007: 33).

Nosso objetivo, ao entrevistar cearenses e cariocas, não foi tentar apagar ou esquecer as indiscutíveis assimetrias existentes entre duas regiões do país, mas, sobretudo, encontrar elementos que nos possibilitem esboçar um determinado perfil de mulheres brasileiras que habitam as camadas médias urbanas. Diante da composição restrita da nossa amostra e da orientação qualitativa desta pesquisa - e cientes dos riscos advindos das generalizações inconseqüentes - desejamos, com este trabalho, apenas apresentar elementos que suscitem a reflexão sobre algumas possíveis relações engendradas entre as mulheres, o amor e a feminilidade.

Adiantamos que as entrevistas realizadas com as cariocas não trouxeram questões significativamente diferentes daquelas apontadas pelas cearenses. Ao mesmo tempo, entrevistadas de ambas as cidades enfatizaram que os desencontros amorosos constituíam um acontecimento que “acometia” as mulheres em todo o Brasil. Considerando tal afirmação, procuramos investigar em que medida ela encontrava apoio na crença de que em outros países os encontros amorosos seriam mais felizes para as mulheres.

A maioria das entrevistadas já havia saído do Brasil, geralmente, para estudar. Todas, no entanto, demonstraram acreditar que as aspirações amorosas femininas seriam, de algum modo, melhor correspondidas noutros países do que no Brasil. Diante dessas concepções, julgamos importante examinar mais detidamente a relação estabelecida entre “um lugar diferente” e “diferentes possibilidades de amor”.

A princípio, interessamo-nos pelas brasileiras que migraram para outros países motivadas pela idéia de que poderiam, com isso, experimentar os encontros amorosos de uma maneira mais satisfatória do que no Brasil. Embora muito relevante, esta questão acabava nos afastando da nossa problemática, uma vez que buscávamos compreender como mulheres que atualmente têm a possibilidade de recusar o modelo tradicional do feminino (representado pela imagem da esposa, mãe, economicamente dependente), constroem sentidos para o amor e a feminilidade. Por isso, resolvemos entrevistar mulheres que compartilhavam tal possibilidade, vivendo em culturas distintas.

Após algumas incursões sobre o tema, chegamos à seguinte pergunta: mulheres financeiramente independentes – que constituem uma exceção no Brasil e em praticamente todos os países - relacionam o amor e a feminilidade de uma maneira semelhante ou bastante diferente de outras mulheres, que compartilham a mesma condição, mas pertencem a uma cultura distinta da brasileira? Esta questão conduziu nosso projeto de entrevistar mulheres francesas.

O interesse em investigar as formas através das quais algumas mulheres praticam e definem o amor, e em perceber como as representações do sentimento amoroso repercutem nas suas relações com os homens, e no modo como representam a feminilidade, surgiu a partir de conversas com mulheres de várias idades, aliadas à escuta de um discurso muito comum, sobretudo nas mídias. Tal discurso naturaliza a relação das mulheres com o sentimento amoroso. Seja nas revistas femininas, seja nos livros e filmes que se tornam sucessos de vendas e de bilheteria, o amor aparece como um tema recorrente e, por vezes, exaustivo.

A produção em série de novos objetos e de estilos de vida capazes de sustentar o consumo conta com o interesse suscitado pelos assuntos amorosos. Assim, as mensagens publicitárias, os sites de relacionamentos, os blogs, as salas de bate papo, os conselheiros virtuais constituem uma profusão de novas linguagens e de instrumentos que continuam elegendo o amor como um tema capaz de mobilizar a atenção dos usuários.

Em sociedades hiperindividualistas (Lipovetsky, 1983), onde as referências sociais tornam-se mais tênues ou desacreditadas, e o peso da coletividade sobre a ação individual é visto menos como uma proteção do que como um estorvo, a experiência amorosa pode ser concebida como uma utopia ou, como afirma Jurandir

Freire Costa (1998), uma promessa de aventura, num mundo desencantado e descrente das conquistas coletivas.

A retração dos espaços públicos e o superinvestimento nos espaços privados (Sennet, 1988) contribuem para que os discursos sobre o amor proliferem e incidam diretamente sobre as imagens da realização individual. Dessa maneira, o êxito amoroso se converte num ideal aspirado por indivíduos que, quanto mais se percebem desvinculados do espaço social, mais tendem a investir sua atenção em assuntos pessoais.

Segundo Lipovetsky (1983), um traço característico do contemporâneo consiste num progressivo processo de personalização. Nesse sentido, a ênfase na autonomia individual - que vai de par com o enfraquecimento do peso das referências coletivas - engendraria, nas sociedades ocidentais pós-industrializadas³, um tipo inédito de controle social: um controle quase invisível e que, por muitas vezes, tende a se confundir com a livre escolha individual.

Le procès de personnalisation a annexé la norme elle-même comme il a annexé la production, la consommation, l'éducation ou l'information. À la norme dirigiste ou autoritaire s'est substituée la norme 'indicative', souple, les 'conseils pratiques', les thérapies 'sur mesure', les campagnes d'information et de sensibilisation par films humoristiques et publicités souriantes. (LIPOVETSKY, 1983: 90)⁴

O processo de personalização, de acordo com Lipovetsky, atua legitimando comportamentos e estilos de vida passíveis de serem erigidos como poderosas tendências coletivas, as quais dificilmente poderão ser negligenciadas nas trajetórias dos indivíduos.

Dentre essas tendências, destaca-se a busca pelo aperfeiçoamento pessoal, conduzida primordialmente por um anseio generalizado pela felicidade. Em tal busca, a realização amorosa ocupa um lugar importante. Enquanto Bauman (2001) nos adverte sobre a incapacidade atualmente demonstrada pelos indivíduos de manter relações duradouras e consistentes, outros autores se posicionam no sentido

³ Nesta pesquisa, utilizamos termos variados para caracterizar as sociedades contemporâneas. Dentre eles: sociedades ocidentais pós-industrializadas, pós-modernas ou complexas.

⁴ Assumimos a responsabilidade pela tradução dos trechos citados em francês.

O processo de personalização anexou a norma, ela mesma, tal como havia anexado a produção, o consumo, a educação ou a informação. A norma disciplinar ou autoritária foi substituída pela norma "indicativa", leve, os "conselhos práticos", as terapias "personalizadas", as campanhas de informação e de sensibilização pelos filmes humorísticos e por mensagens publicitárias sorridentes.

de admitir que, malgrado toda dificuldade, a realização amorosa constitui um ideal que repercute na vida de homens e mulheres.

En dépit des multiples allusions au désenchantement qui affecterait les sociétés occidentales contemporaines, on constate en effet un certain acharnement, tantôt consternant, tantôt attendrissant, à essayer de vivre des relations amoureuses. Et cela dans un contexte plutôt dissuasif de toute forme d'engagement amoureux plus au moins structuré où un mariage sur deux se termine par un divorce et une union vieille de cinq ans paraît digne du livre des records (SPIELVOGEL, 1999:12)⁵.

Embora a preocupação com o amor possa ser considerada um tema comum tanto aos homens quanto às mulheres, a proporção de discursos dedicados especificamente ao público feminino chama a atenção do observador mais desatento. A crença de que as mulheres são mais interessadas no amor do que os homens atravessa e constitui uma pluralidade de discursos.

A proliferação dos discursos que relacionam as mulheres ao amor tem por conseqüência abstrair as condições histórico-sociais que engendram este acontecimento; o que legitima e justifica uma concepção universalista e a-histórica do mesmo. A suposição de que as mulheres estejam intrinsecamente vinculadas ao sentimento amoroso, ou mesmo de que exista uma “essência” feminina capaz de explicar os comportamentos amorosos das mulheres, vai de encontro à postura do pesquisador que se interroga sobre como foi engendrada a relação entre os conceitos de feminilidade e de amor romântico; e como esta se modifica ou se mantém atualmente.

Uma vez que partimos do pressuposto de que não apenas o laço que une o amor romântico à feminilidade como as próprias noções de amor e de feminilidade com as quais estamos habituados a lidar são construídas socialmente, cabe-nos buscar compreender tal processo de construção.

A justificativa para o percurso histórico fundamenta-se no método genealógico de Michel de Foucault (1995). Assim, examinando alguns acontecimentos históricos, não pretendemos descrever idéias ou comportamentos, mas perceber a relação

⁵ Apesar das múltiplas alusões ao desencantamento que afetaria as sociedades ocidentais contemporâneas, constata-se, com efeito, um certo furor, por vezes consternador, por vezes emocionante, de tentar viver relações amorosas. E isso num contexto muito desencorajador para qualquer forma de engajamento amoroso mais ou menos estruturado, onde um casamento em dois termina em divórcio e uma união que dura cinco anos parece digna de um livro de recordes.

entre práticas que engendraram um determinado regime de verdade sobre a feminilidade e o amor modernos. Tal regime instituiu as condições a partir das quais se tornou possível relacionar os temas do amor romântico a um perfil específico do feminino, ancorado numa idéia de natureza do corpo.

Em vista disso, investigar se o amor e o feminino estão, de fato, intimamente conectados talvez não seja a questão mais relevante. Propomos, em seu lugar, refletir sobre o conjunto de condições que, numa determinada conformação histórico-cultural, tornaram possível e legítima tal aproximação, criando as circunstâncias através das quais os discursos sobre o amor puderam constituir um perfil para a feminilidade.

O método genealógico propõe que realizemos uma ontologia histórica de nós mesmos. Esta proposta se efetiva através de um olhar crítico sobre o presente, capaz de questionar o que é concebido como natural e de partir em busca das condições responsáveis pelo processo de naturalização. Desse modo, voltamo-nos para o passado com o objetivo de compreender o presente, e de nele encontrar linhas de resistência: possibilidades de transformação.

Penso que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas... (FOUCAULT, 2003:258).

Examinando os acontecimentos discursivos, encontramos estruturas de sentido que se cristalizaram. Devido a isso, significações relacionadas a um conjunto de práticas que se tornaram anacrônicas podem continuar ressoando nas palavras, orientando as maneiras de se perceber e de se agir sobre o mundo. Nesse sentido, o método genealógico deve:

(...) pôr em evidência, fundamentando-se em sua constituição e sua formação histórica, sistemas que ainda são os nossos nos dias de hoje, e no interior dos quais nos encontramos apanhados. Trata-se, no fundo, de apresentar uma crítica do nosso tempo, fundamentada em análises retrospectivas (op. cit: 13).

A pesquisa histórica nos ajudará a perceber como foi tecido o arranjo entre o código do amor romântico, o perfil moderno de feminilidade e uma idéia singular de natureza feminina, supostamente inscrita nos corpos das mulheres. Com o intuito de apreender as vicissitudes desse arranjo, iremos ressaltar tanto os acordos quanto as divergências. Para situar as últimas, destacaremos algumas das principais conquistas alcançadas pelos movimentos feministas na Europa e no Brasil.

Para recompor as condições de vida e as possibilidades amorosas de algumas mulheres que viveram entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, abordamos a literatura pretendendo, tal como propõe Bourdieu, pensar a obra de arte como um signo intencional, habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela é também sintoma (BOURDIEU, 1996a: 16).

Segundo Bourdieu (op.cit), o sociólogo, ao analisar um texto literário, deve buscar compreender a complexa rede de relações que dá sentido ao mundo em que vivem os personagens. Este exercício de compreensão se mostra válido pelo pressuposto de que a estrutura do espaço social num livro tem algo a dizer sobre a estrutura do espaço social no qual estava situado o escritor. Assim, a obra literária teria a capacidade de objetivar e de desvelar as estruturas sociais que operam e organizam implicitamente as interações entre os sujeitos.

Analisando textos literários, como: “A Educação sentimental”, escrito por Gustave Flaubert, Bourdieu sugere uma articulação entre os campos⁶ da literatura e da realidade. Para tanto, dedica-se ao exame das estratégias e dos requisitos necessários para relacionar a ficção ao seu contexto social. Esta relação, porém, não deve ter por objetivo privilegiar o último campo em detrimento do primeiro; como se fosse possível instituir uma separação entre dois espaços: um tomado como verdadeiro e o outro, como invenção. O que a literatura pode ensinar ao sociólogo é exatamente o contrário, ou seja: a possibilidade de pensar o real também como uma invenção.

⁶ De acordo com Pierre Bourdieu (2006:68) um campo deve ser compreendido como um espaço simbólico, dotado de uma lógica própria, instituída através de lutas entre seus agentes. Nesse sentido, a sociedade se constitui pelo cruzamento de diversos campos. Cada um deles é regulado por regras específicas, as quais, por sua vez, encontram-se vinculadas a determinadas representações. Através de contínuos embates, algumas representações se tornam mais legítimas do que as outras. No caso, aquelas que pertencem ao grupo investido de maior poder serão eleitas como as mais válidas e as mais adequadas.

Objetivar a ilusão romanesca, e, sobretudo a relação com o mundo dito real que ela supõe, é lembrar que a realidade com a qual comparamos todas as ficções não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada (BOURDIEU, 1996a: 50).

Geertz (1989), por sua vez, radicaliza o laço entre ficção e realidade, ao definir a cultura como uma teia de significados, na qual os seres humanos estão imersos desde o nascimento, e de onde não podem se desvencilhar: pois é essa teia que confere sentido e humaniza o mundo. A abordagem semiótica da cultura considera o encontro com o outro como sendo essencialmente interpretativo. Dessa maneira, o trabalho do antropólogo se aproxima daquele realizado pelo crítico literário, uma vez que ambos buscam interpretar textos, produzir significados.

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de fictio - não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 1989:11).

Geertz nos convida a ler uma cultura como se fosse um texto, para dela extrair signos interpretáveis. Nesta pesquisa, pretendemos realizar um diálogo entre sociologia e antropologia e os campos da história e da literatura com o objetivo de perceber e de analisar alguns dos signos a partir dos quais são reinventados o amor e a feminilidade.

Embora voltemos nossa atenção para narrativas individuais, nosso intuito é trabalhar tais narrativas para que elas possam nos ajudar a apreender as peculiaridades de uma dinâmica social. Para tanto, consideramos o argumento de Bertaux, ao diferenciar uma abordagem centrada no indivíduo de uma abordagem sociológica:

Une métaphore illustrera la différence entre cette approche et d'autres, centrées sur 'l'individu': on peut comparer un récit de vie décrivant une trajectoire dans l'espace (social-historique) à l'une de ces fusées dont on fait les feux d'artifice. Le regard d'une approche centrée sur l'individu suivra attentivement la course d'une seule fusée (un seul récit de vie). L'approche développée ici emploie au contraire les récits de vie comme autant de fusées éclairantes illuminant un bref instant les reliefs – un peu comme le font

les soldats progressant de nuit pour éclairer un environnement accidenté dont ils n'ont pas la moindre idée. Chaque fusée en relève quelques détails – peu à peu que l'on concentre l'attention -, non pas sur elle mais sur qu'elle révèle du contexte dans sa course (2006: 7- 8).⁷

Com o objetivo de - através de um determinado conjunto de experiências individuais - elaborar hipóteses que nos permitam refletir sobre um processo sócio-histórico específico, escolhemos realizar nossas entrevistas tendo como base a metodologia de histórias de vida. Este método consiste, *grosso modo*, em descrever, sob a forma narrativa, um fragmento de experiência vivida (BERTAUX, 2006). Em nosso caso, trata-se de compreender a história amorosa de algumas mulheres.

O tema escolhido parece, à primeira vista, constituir um acontecimento de ordem inteiramente subjetiva: uma escolha íntima, destituída de fundamento social. Porém, investigando os percursos amorosos de jovens mulheres, percebemos a presença dos mecanismos, a partir dos quais se orientam e se organizam as relações de gênero.

De acordo com Zaíra Ary (2000: 32), as pesquisas brasileiras em ciências sociais, realizadas no contexto universitário, tendem a restringir e a marginalizar os estudos relativos à sexualidade e às relações entre os sexos. Isto devido a três razões: por tais estudos serem considerados demasiadamente psicológicos (individualizantes), específicos (restritos às “minorias” sociológicas), secundários (supostamente apolíticos) e ideológicos.

Segundo Sônia Dayan (1991:19), os sociólogos, salvo raras exceções, têm demonstrado pouco interesse em realizar pesquisas sobre as práticas amorosas, ficando estas implicitamente relegadas a outros domínios, como o da Psicologia, por exemplo. Nesse sentido, definições prévias e ingênuas do social podem suscitar uma atitude de desconfiança por parte dos pesquisadores diante de temas que aparentemente não se enquadram no campo sociológico. Nas palavras de Norbert Elias:

⁷ Uma metáfora ilustrará a diferença entre esta abordagem e as outras, centradas no indivíduo: pode-se comparar uma história de vida descrevendo uma trajetória no espaço (social-histórico) de um desses projéteis com os quais são feitos os fogos de artifício. O olhar de uma abordagem centrada no indivíduo seguirá atentamente a trajetória de um só projétil (uma única história de vida). A abordagem desenvolvida aqui toma, ao contrário, as histórias de vida como muitos projéteis iluminando por um breve instante o caminho – um pouco como fazem os soldados, avançando à noite, para iluminar os acidentes de um terreno, dos quais eles não têm a menor idéia. Cada projétil revela alguns detalhes – por pouco que se concentre a atenção -, não sobre ele mesmo, mas sobre o que ele revela do contexto em sua trajetória.

Les sociologues ont coutume de considérer les liens entre les hommes du point de vue du “ils” (...). Or on ne rend pas justice au problème des interdépendances sociales si l'on se borne aux interdépendances impersonnelles. Il faut intégrer à la théorie sociologique les interdépendances personnelles et, surtout, les liaisons émotionnelles des hommes comme facteurs de liaison sociale (1981 : 166-167).⁸

Quando pressupomos as relações emocionais como fatores de ligação social, podemos tomar algumas histórias de amor não para abordar a singularidade existente em cada trajetória, mas guiados pelo interesse em compreender o contexto social no qual tais trajetórias se encontram inscritas. De acordo com Sônia Dayan:

Non seulement la manière dont on pense et dont on agit, mais celle aussi dont on sent, dont on aime, dont on souffre, dont on rêve, est sociale, c'est-à-dire prise dans une structure collective; elle doit donc être étudiée comme telle (1982: 120).⁹

Solicitando que algumas mulheres discorressem sobre suas vidas amorosas, buscamos atentar para o conjunto de relações inteligíveis, capazes de conferir sentido a essas individualidades socialmente constituídas. Procuramos, então, evitar uma abordagem essencialista das histórias de vida, cuja principal característica consiste em supor que as individualidades consistem em projetos racionalmente orientados e passíveis de serem apreendidos linearmente. Nas palavras de Bourdieu:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um « sujeito » cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado (1996b: 81-82).

⁸ Os sociólogos têm o hábito de considerar os laços entre os homens do ponto de vista do “eles” (...) Então, não se faz justiça ao problema das interdependências sociais, se nos limitamos às interdependências impessoais. É preciso integrar à teoria sociológica as interdependências pessoais e, sobretudo, as ligações emocionais dos homens como fatores de ligação social.

⁹ Não somente a maneira como se pensa e se age, mas também aquela como se sente, se ama, se sofre, se sonha é social, quer dizer, inscrita numa estrutura coletiva; ela deve, então, ser estudada como tal.

Acompanhar os percursos amorosos de algumas mulheres tornou clara a concepção de Bourdieu de que uma existência, longe de ser um conjunto coerente e orientado por uma intenção clara, assemelha-se mais de uma série de fragmentos descontínuos e, muitas vezes, desprovidos de um sentido que os possa salvar da contradição. Dessa forma, a investigação sobre o lugar ocupado pelo amor na vida de jovens mulheres só adquire legitimidade quando situamos as histórias de vida de cada uma delas num contexto social mais amplo: o qual abrange a educação, a formação profissional, as relações com a família, com a feminilidade e com o masculino.

Diante da diversidade dos percursos e da necessidade de delimitar um quadro que nos permitisse refletir sobre o amor e a feminilidade num contexto determinado, escolhemos as mulheres a serem entrevistadas com base numa categoria de situação. Segundo Bertaux (2006: 56), tal categoria consiste em reunir pessoas que compartilham um conjunto de características, as quais podem sugerir um posicionamento semelhante na rede das relações sociais.

A situação social que, no caso, une as mulheres entrevistadas foi delimitada a partir da eleição de alguns aspectos. Inicialmente, tratam-se de mulheres que se encontram entre os trinta anos, ou próximas deles. Segundo Bawin-Legros (2006), embora estatisticamente os “trentenaires”¹⁰ não existam (as pesquisas costumam trabalhar com faixas etárias situadas dos 25 aos 34, ou dos 35 aos 49 anos), alguns elementos permitem abordar os mesmos como uma geração singular.

De acordo com Mannheim (1990 [1928]), uma geração é um conceito que não delimita um grupo concreto e unido por laços recíprocos, mas que se constitui a partir de um ritmo biológico, inscrito num processo histórico determinado. O pertencimento a uma geração estaria, desse modo, fundado numa convergência entre modelos de experiências e de pensamentos, elaborados a partir de uma coincidência entre fenômenos sociais e históricos relevantes. Assim, o fato de ter nascido num período sócio-histórico específico pode facilitar, nos indivíduos, a incidência de determinados comportamentos e escolhas. No entanto, é preciso ter

¹⁰Utilizamos um termo francês para designar as pessoas que possuem cerca de trinta anos devido à ausência de uma denominação semelhante em português. Embora estejamos nos referindo aos sujeitos pesquisados como “trentenaires”, é importante salientar que entrevistamos mulheres dos 29 aos 35 anos. Esta faixa etária não foi delimitada previamente. Seguindo a metodologia do “efeito bola de neve” (BLANCHET, 1985), pedimos a cada entrevistada que nos indicasse uma colega com características semelhantes às suas. Especificamos, em relação à idade, apenas que gostaríamos de entrevistar mulheres com cerca de trinta anos.

em mente que pertencer a uma mesma geração - ter sido supostamente marcado pelos mesmos eventos – não consiste num elemento explicativo *per se*, haja vista que os indivíduos, mesmo ocupando posições idênticas, pensam e agem de maneira diversa, de acordo com esquemas singulares de perceber e de agir sobre o mundo (BOURDIEU, 1979: 190).

Não obstante o fato de que os “trentenaires” não possam ser considerados precisamente como uma geração, é possível apontar alguns traços capazes de caracterizá-los. Para Mannheim (1990 [1928]), uma geração se constitui em torno de eventos importantes, ocorridos num período de grande receptividade, como a adolescência, por exemplo.

Partindo deste pressuposto, Bawin-Legros (2006) aponta três eventos que, na sua concepção, marcaram os “trentenaires” contemporâneos: os impactos da queda do muro de Berlim, a primeira guerra no Iraque e a disseminação da AIDS. Além destes eventos, a autora destaca as diversas mudanças que incidiram sobre a vida cotidiana, decorrentes da desestruturação do modelo clássico de família, do aumento do desemprego na população jovem economicamente ativa, do crescimento e da difusão das tecnologias de informação e do declínio do poder da tradição.

As pessoas que nasceram na década de setenta podem ser consideradas as primeiras herdeiras de maio de 68: uma geração que inventou modos de socialização inovadores, bastante diferentes daqueles consolidados pelas gerações anteriores. Os filhos desta geração foram educados segundo modelos pedagógicos não mais centrados na autoridade, viram o divórcio se tornar um acontecimento comum, participaram da expansão do tempo de formação escolar, tiveram de regular suas vidas sexuais pela ameaça da AIDS e por uma maior fluidez nos papéis sexuais destinados aos homens e às mulheres.

Ter trinta anos hoje não equivale a ter a mesma idade na década de cinqüenta, por exemplo. Isto se explica por uma série de fatores, dentre os quais se destacam as mudanças sociais ocorridas após a década de sessenta. Se, até a primeira metade do século XX, uma pessoa aos trinta anos deveria ter cumprido as metas definidas para uma vida adulta comum (no caso, ter um emprego, um casamento e filhos - para os homens - ou ser casada, possuir e cuidar de um lar e dos filhos - para as mulheres), os herdeiros de 68 atingem os trinta anos numa situação diferente:

La trentaine était donc l'âge où l'on se range. Ce n'est plus le cas aujourd'hui : 30 ans, c'est l'âge des doutes, des premières séparations, de la recherche d'un emploi valorisant, du désenchantement, mais aussi, parfois, du premier enfant ou du désir d'enfant (BAWIN-LEGROS, 2006: 14-15).¹¹

As mudanças que reconfiguraram o cenário das relações e dos papéis sociais assumidos pelos jovens “trentenaires” revelam-se ainda mais drásticas para as mulheres. O acesso à educação, a possibilidade de exercer uma profissão que lhes garanta a independência financeira, a democratização da liberdade sexual e a prevenção da gravidez alteraram profundamente os processos de construção das identidades femininas e, conseqüentemente, as relações de gênero.

Apesar das transformações, é possível observar a preservação de um determinado conceito de feminilidade (que tem algumas de suas raízes em teorias do século XIX), o qual tenta reunir as mulheres num conjunto, propondo-lhes, assim, um destino comum: definido pelo interesse dedicado ao amor e aos demais assuntos íntimos. Assim, embora tenham conquistado uma condição de vida que, teoricamente, diminuiu as fronteiras que as separam socialmente dos homens, as mulheres tendem a ser confrontadas com uma representação do feminino, caracterizada por vincular realização pessoal, casamento e maternidade. A convivência entre modelos identitários contraditórios torna ainda mais complexa a situação das mulheres contemporâneas:

Et pourtant, il a bien fallu que les femmes se cherchent de nouveaux modèles puisqu'elles voulaient rompre avec celui de la femme traditionnelle. Paradoxalement, c'est du côté des hommes qu'elles les ont trouvés, en épousant leurs ambitions, leurs modèles culturels, leurs aspirations professionnelles. Les statuts respectifs des sexes ont changé et leurs images sociales également. La nouvelle émancipation féminine pose ainsi la question : « qu'est-ce qu'une femme » ? (BAWIN-LEGROS, 2006 : 48).¹²

¹¹ Trinta anos era a idade onde tudo se arranjava. Não é mais o caso hoje: os trinta anos são a idade das dúvidas, das primeiras separações, da busca por um emprego valorizante, do desencantamento, mas também, algumas vezes, do primeiro filho ou do desejo de um filho.

¹² E, contudo, foi necessário que as mulheres procurassem outros modelos para si, uma vez que elas queriam romper com o modelo da mulher tradicional. Paradoxalmente, foi do lado dos homens que elas os encontraram, incorporando suas ambições, seus modelos culturais e suas aspirações profissionais. O status respectivo de cada um dos sexos mudou, assim como as imagens sociais deles. A nova emancipação feminina se coloca, assim, a questão: “o que é uma mulher?”.

Consideramos que as mulheres que atualmente reúnem os meios necessários para questionar o modelo tradicional de feminilidade (sintetizado pelos papéis de esposa, mãe e dona de casa) são aquelas que possuem uma elevada formação acadêmica, exercem uma profissão e são financeiramente independentes. Tais mulheres podem ser vistas como sendo aquelas que alcançaram possibilidades de realização pessoal semelhantes às masculinas. Dentre estas, atentamos para as que, com cerca de trinta anos, estão solteiras ou divorciadas e não tiveram filhos.

Se os “trentenaires” de hoje em muito diferem de seus ascendentes, é possível considerar que as “trentenaires” radicalizam tal diferença. Enquanto para Balzac (2004 [1842]), a mulher de trinta anos vivia o final da sua juventude - tendo, ou não, cumprido o destino social que lhe era reservado -, atualmente as mulheres nesta idade encontram-se em pleno processo de formação. Fisicamente, elas se conservam jovens, devido às práticas constantes de cuidado com o corpo; socialmente, elas participam de diversos contextos que não se reduzem à vida familiar e emocionalmente, podem colecionar uma série de experiências afetivas e sexuais não restritas à vida matrimonial.

Algumas das mulheres entrevistadas foram casadas, outras viveram maritalmente ou tiveram longas relações, outras ainda experimentaram apenas relações curtas. Todas possuíam em comum a condição de solteiras (que deve ser compreendida não pela ausência de relações afetivo-eróticas¹³, mas pelo não enquadramento de tais relações no modelo hegemônico de casal) e de não serem mães.

A opção por entrevistar mulheres sem filhos se justifica pelo interesse em perceber o alcance de um imaginário social, o qual institui a idade de trinta anos como o período em que uma mulher começa - ou deveria começar - a desejar um filho (como se as mulheres estivessem liberadas para questionar o modelo tradicional do feminino - ancorado na maternidade - apenas temporariamente: até que um evento cronológico viesse lhes advertir sobre a necessidade de reconsiderar sua decisão). De acordo com tal imaginário, uma mulher sem filhos seria

¹³ De acordo com Marlise Matos (2000), o vínculo amoroso, na contemporaneidade, se reinventa a partir do enfraquecimento das fronteiras. As relações se tornam, assim, fluidas e arredias à classificação. Nesse sentido, utilizamos o termo: “afetivo-erótico” com o objetivo de abordar as diversas possibilidades de parcerias afetivas e sexuais, estabelecidas por homens e mulheres. Tais parcerias se caracterizam por trafegar, atualmente, em territórios cada vez mais imprecisos. Segundo Bauman (2004), a imprecisão se manifesta quando os parceiros podem decidir sobre o tipo de compromisso sugerido pela união sexual, ou mesmo recusar qualquer compromisso, tomando o evento como um episódio destituído de maior relevância.

inevitavelmente incompleta, por não ter realizado uma das mais sublimes aspirações da feminilidade.

Além de não terem filhos, as entrevistadas se encontravam num período singular de suas relações com os homens, caracterizado pela não formação de um casal (pelo menos, não um casal convencional, como veremos posteriormente). A palavra francesa “célibataire” designa o estado de uma pessoa em idade de se casar, que não é casada nem nunca o foi (REY, 2006). De acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa conforme Acordo Ortográfico (2008), o termo “celibatário” designa tanto o estado da pessoa solteira - que não quis ou não pôde casar - quanto o daquela que guarda a castidade, por motivos religiosos. No entanto, no Brasil, o emprego do segundo sentido acabou se tornando mais comum. Nesse caso, o termo em francês se mostra mais adequado para designar as mulheres entrevistadas; com a ressalva de que expandimos a categoria, acrescentando mulheres divorciadas.

A imagem social dos “célibataires” passou por mudanças consideráveis. Nos períodos posteriores às duas guerras, o termo era empregado, na Europa, para designar o grande contingente de mulheres sozinhas, devido ao decréscimo da população masculina. Também eram “célibataires” as mulheres que se dedicavam, no início do século XX, às profissões essencialmente femininas, como as enfermeiras e as professoras de crianças. A expressão “vieille fille” que, traduzida para o português, tornou-se “moça velha”, designava mulheres que, tendo passado o período apropriado ao casamento, permaneciam solteiras, morando com os pais e trabalhando em atividades de baixa remuneração.

A sociedade não via os “célibataires” com bons olhos, sobretudo as mulheres (BOLOGNE, 2004). Caso não pertencessem às organizações religiosas, eram julgadas com desconfiança, devendo evitar qualquer contato comprometedor com homens, se desejassem ser respeitadas. Porém, após as transformações que demarcaram o cenário da década de sessenta, a vida sexual das “célibataires” tornou-se alvo de menor vigilância e atenção.

De acordo com Bologne (2004), a liberdade sexual teve um papel determinante no aumento do número de “célibataires”. Junto a ela, a participação das mulheres no mercado de trabalho e a conquista de importantes direitos civis foram responsáveis pela reconfiguração da imagem desta categoria. Antes considerados desviantes ou fracassados, eles passaram a reivindicar sua opção

como um estilo de vida independente e satisfatório. As campanhas publicitárias começaram a ver nos “célibataires” um público potencialmente lucrativo: propenso a gastar mais com roupas, viagens e toda sorte de acessórios.

Apesar das mudanças, o modelo do casal continuou sendo uma referência moral forte, na busca da realização pessoal (SINGLY, 2007); o que permitiu a disseminação de um conjunto de práticas e de especialistas destinados a entender os “célibataires”, a ajudá-los a viver melhor, ou mesmo a fazer com que se desvencilhassem de tal condição.

Ainda que as mulheres solteiras ou divorciadas de hoje dificilmente possam ser enquadradas na categoria de “vieilles filles”, elas convivem com discursos¹⁴ que continuam atrelando o sucesso pessoal feminino ao casamento. Embora consideremos as “trentenaires” contemporâneas como bastante diferentes de suas avós, não devemos, no entanto, esquecer que uma condição de vida não desaparece completamente para dar lugar à outra: elas se infiltram, se misturam e compõem novas vestimentas para velhos hábitos (SENNET, 1988: 92). Portanto, embora diferentes de mulheres que viveram entre o século XIX e a primeira metade do século XX, as jovens “célibataires” contemporâneas podem carregar em seus discursos concepções tão antigas como as do amor romântico.

A educação para o amor romântico tem seu ápice, para as mulheres, no casamento e na formação da família. Atualmente, pesquisas sobre a condição de vida dos “célibataires” enfatizam que conciliar vida afetiva e ascensão profissional constitui um desafio para o público feminino. De acordo com tais pesquisas, a maior incidência de mulheres “célibataires” ocorre nas grandes cidades, atingindo, sobretudo, mulheres com elevada formação acadêmica:

Aujourd’hui encore, les femmes seules, plus diplômées, se concentrent symptomatiquement en centre ville, et les hommes seuls en banlieue. Celles que l’on appellera les « célibattantes » ne sont pas des vieilles filles refrognées, mais des femmes épanouies dans leur vie professionnelle, dans les métiers longtemps réservés aux hommes et qui refusent les poncifs (BOLOGNE, 2004 : 361).¹⁵

¹⁴ Para sermos mais precisos, os “discursos” a que nos referimos se encontram dispersos em produtos direcionados ao público feminino. Dentre eles, ressaltamos: revistas, livros, filmes, campanhas publicitárias, etc.

¹⁵ Ainda hoje as mulheres sozinhas, mais diplomadas, estão concentradas sintomaticamente no centro da cidade, enquanto os homens sozinhos se encontram na periferia. Aquelas que nós chamaremos de “célibatantes” não são “moças velhas” enrugadas, mas mulheres realizadas profissionalmente, em *métiers* por muito tempo reservados aos homens, e que recusam os clichês.

De acordo com Bologne (op.cit), quanto mais elevado for o nível de formação acadêmica, maiores serão as chances de uma mulher se manter na condição de “célibataire”. Este fato sociológico chama a atenção e pode ser explicado por diversas vias, inclusive pelo argumento de que tais mulheres não precisam vincular o reconhecimento social à presença de um marido. Com efeito, múltiplos fatores intervêm na mudança das categorias sociais e o nosso interesse é justamente perceber como são reinventadas as paisagens para o amor e o feminino no contemporâneo.

Com base nos elementos explicitados, escolhemos entrevistar algumas mulheres, que consideramos serem as principais herdeiras das lutas dos movimentos feministas: elas possuem cerca de trinta anos, uma elevada formação acadêmica (no mínimo, encontravam-se cursando um mestrado), atuam no mercado profissional (ou estão em processo de aperfeiçoamento, cursando um doutorado), são “célibataires” e não tiveram filhos.

Escolhemos entrevistar brasileiras e francesas. Nosso objetivo foi menos traçar um quadro comparativo entre os dois países, do que realizar um deslocamento que nos permitisse visualizar as questões desta pesquisa, sob perspectivas diversas. Para tanto, um ano do doutorado foi cumprido em Paris. Nesse período, procuramos apreender as singularidades de uma cultura bastante diversa da nossa cultura de origem.

Deparar-se com o estrangeiro foi aprender a olhar com outros olhos. Assim, passamos a questionar o que antes tomaríamos como natural, percebendo algumas dentre as diferentes formas através das quais uma mesma condição pode ser vivida. Em se tratando do tema escolhido, esta experiência foi fundamental, pois nos permitiu tanto examinar as concepções pré-estabelecidas, quanto atentar para aspectos que, situados em nossa cultura, dificilmente teríamos levado em consideração.

Optamos por entrevistar francesas residentes em Paris, devido a algumas características da cidade. Ela foi o berço dos movimentos feministas, cenário privilegiado dos acontecimentos de 1968, assim como modelo para as criações culturais e estéticas do Brasil do século XIX, à primeira metade do século XX. Paris, junto à Nova York, é considerada uma das principais metrópoles ocidentais. As duas cidades são conhecidas também pelo grande número de “célibataires” que abrigam.

No início do século XX, Paris já contava com uma quantidade impressionante de pessoas que moravam sozinhas. Atualmente, uma em cada duas residências é ocupada por um “célibataire”. Em 2003, pesquisas apontaram um acréscimo no número de “célibataires”, caracterizado por um excedente de mulheres (BOLOGNE, 2004). Esta cidade habitada por “célibataires” abrigou uma de suas mais célebres representantes: a escritora Simone de Beauvoir que, com sua obra “O segundo sexo”, (1960 [1949]), tornou conhecida a afirmação de que ninguém nasce mulher; porque a feminilidade não constitui uma essência: ela se constrói através de um árduo processo de educação.

Nos percursos singulares de reinvenção da feminilidade de brasileiras e de francesas encontramos alguns dos fios que formam a tessitura dos amores contemporâneos. Escolhemos percorrê-los, preservando sua dimensão narrativa, e compondo articulações com percursos mais antigos, de mulheres conhecidas através da história e da literatura.

1. FEMINILIDADE E AMOR ROMÂNTICO NO SÉCULO XIX

1.1.A modernidade e o corpo feminino

De acordo com Le Breton (1985), é característico da modernidade um uso específico do corpo. Uso este que dissolve a continuidade existente entre os indivíduos das sociedades tradicionais. Nelas, os indivíduos permaneciam ligados entre si através de valores, instituições e projetos de vida consolidados coletivamente. Assim, cada indivíduo se reconhecia em seu corpo: um corpo que, além de seu, era parte de uma história. A memória se entranhava na carne, e o corpo excedia os limites de uma única vida: os que nasciam deveriam cumprir os destinos de seus antepassados, e os que morriam conseguiriam permanecer nas vidas que ajudaram a engendrar. Nas palavras do autor:

O isolamento do corpo nas sociedades ocidentais (eco longínquo das primeiras dissecações e do desenvolvimento da filosofia mecanicista) comprova a existência de uma trama social na qual o homem é separado do cosmo, separado dos outros, separado de si mesmo. Em outras palavras, o corpo da modernidade, aquele no qual são aplicados os métodos da sociologia, é o resultado do recuo das tradições populares e do advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo (LE BRETON, 2006: 31).

O individualismo se disseminou nas sociedades ocidentais européias, no período situado entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Tal período, no qual se inicia a modernidade, caracteriza-se pelo estabelecimento de uma mudança fundamental nas relações entre indivíduos e sociedade. Muitos são os fatores que devem ser considerados para compreendermos a relação entre individualismo e modernidade. Dentre eles: as revoluções francesa e industrial, o triunfo do capitalismo, a formação dos estados-nação, a ênfase na racionalidade, a diminuição do poder da Igreja, o desenvolvimento das tecnologias de transporte e da imprensa, etc. Não iremos nos deter sobre eles. Apenas observamos que, da imbricação entre os mesmos, surge uma concepção singular de indivíduo: este adquire traços cada vez mais precisos e mais separados de uma identidade coletiva. De acordo com Dumont:

(...) a partir do momento em que não mais o grupo mas o indivíduo é concebido como o ser real, a hierarquia desaparece e, com ela, a atribuição imediata da autoridade a um agente de governo. Nada mais resta senão uma coleção de indivíduos, e a construção de um poder acima deles só pode ser justificada supondo-se o consentimento comum dos membros da associação (1993 : 92).

As sociedades modernas enfatizam a heterogeneidade de seus membros e, deste modo, diminuem o peso das referências comuns. Enquanto, nas sociedades tradicionais, a construção da identidade pessoal estava diretamente vinculada a projetos coletivos, nas sociedades modernas, tais projetos se desestabilizam. Os indivíduos deixam, então, de seguir roteiros de vida previamente traçados; e a construção identitária se torna uma tarefa particular: inacabada e sempre passível de transformação.

No processo de construção de si, o corpo adquire um valor particular. A antiga equivalência entre corpo e pessoa é desfeita e, em seu lugar, inaugura-se uma oposição: o corpo se converte num objeto de contínua vigilância e de trabalho. Cada corpo constitui um micro-universo, separado dos demais e do mundo externo. É preciso tornar o corpo adequado àquele que o possui. O corpo - moldado para se tornar compatível com valores, sentimentos e concepções pessoais - encontra-se em desarmonia com a totalidade. Sobretudo, porque ele se apresenta, ora como um estorvo (na doença, no envelhecimento, na morte), ora como um artefato inacabado que é necessário aperfeiçoar (os corpos das crianças, futuras cidadãs, e os corpos das mulheres, produtoras e reprodutoras da força e dos ideais de uma nação).

Quando o Estado se isenta da missão de outorgar a morte de seus membros e passa a atuar diretamente nas técnicas de proliferação e controle das vidas, o uso dos corpos assume uma importância fundamental: é preciso gerir os corpos dos cidadãos, dotá-los de vigor, para que funcionem de acordo com as normas de produtividade. Os corpos modernos são, como nos adverte Foucault (1977), corpos disciplinados.

A técnica disciplinar atua sobre a superfície dos corpos, legitimando uma divisão de papéis sociais que se desenvolve a partir das diferenças entre os sexos. O século XIX foi pródigo em estudos que, aliando descobertas científicas a argumentos morais, pretenderam consolidar uma divisão sexual específica do trabalho. Assim, homens e mulheres burgueses deveriam ocupar esferas sociais distintas, devido às diferenças ditadas pela “natureza” de seus corpos.

Entre os corpos dos homens e das mulheres burgueses estabeleceu-se uma relação de oposição e de complementaridade. Enquanto os homens deveriam ser educados para transcender seus corpos, mediante o cultivo da racionalidade, as mulheres deveriam ser educadas para a maternidade e para o cuidado com a família.

Os discursos da medicina da época contribuíram, assim, para disseminar a idéia de que o ato reprodutivo seria, para as mulheres, uma necessidade física: compatível com uma vocação natural ao devotamento e à doação.

1.2. Famílias e corpos burgueses

De acordo com Donzelot (1986), a modernidade se caracteriza pela recomposição da paisagem social através da abertura de novas relações entre público e o privado, o judiciário e o administrativo, a medicina, a escola e a família. Destas relações, emerge o espaço social, enquanto questão e também como dispositivo de organização e de controle dos indivíduos.

O espaço social se articula mediante a convergência de alguns fatores. Primeiro, destacaram-se as medidas tomadas no sentido de separar fisicamente os burgueses dos pobres. Se ambos antes ocupavam uma configuração espacial não delimitada por espaços definidos (na arquitetura das ruas, casas pobres e burguesas se misturavam), tornava-se fundamental, a partir de então, instituir fronteiras nítidas de separação entre as classes.

Tais fronteiras ganharam suas formas através dos discursos dos médicos, voltados para o ataque das nutrizes e da criadagem. A medicina da época passou a se opor à “mistura” entre os filhos da burguesia e os pobres, condenando o “abandono” ao qual os criados e as amas-de-leite induziam as crianças bem nascidas. O principal argumento utilizado pelos médicos se ancorava na suposta higiene defeituosa da pobreza.

Paralelamente a isso, faziam-se comuns os discursos que valorizavam o espaço doméstico e a harmonia do casal. A ênfase na ordem familiar passava, então, a ter como base a defesa das alianças conjugais satisfatórias. A satisfação conjugal, por sua vez, deveria ser alcançada através de um dispositivo de averiguação minuciosa dos comportamentos do marido e da mulher. A preocupação com a saúde da descendência serviu de justificativa para a realização de um

complexo inventário do uso dos corpos dos esposos, a partir do qual eram prescritos os atos adequados, e condenados todos os que pudessem contribuir para enlances anormais, tais como: as relações sexuais fora do casamento e o sexo desvinculado da reprodução.

O Estado se esquivava dos encargos pesados - como o de sustentar os pobres - para intervir diretamente no espaço privado através de ações cujo objetivo central seria proteger a mulher e a criança burguesas. Um elemento imprescindível para a estruturação da paisagem social consistiu no vínculo estabelecido pelo Estado com a medicina, com o intuito de remodelar a família.

É importante salientar a existência de concepções heterogêneas da família. De um lado, encontrava-se a família operária, na qual as intervenções higienistas tinham um cunho de vigilância e de punição dos “desvios”. Tal família, considerada imoral por natureza, deveria ser continuamente regulada. Do outro lado, estava a família burguesa. Esta deveria ser instituída como modelo da saúde e do sucesso.

A família burguesa tornava-se um modelo, à medida que se deixava penetrar por um conjunto de técnicas políticas voltadas para o corpo, a saúde, as formas de se alimentar, de morar e de organizar a existência. A biopolítica se consolidou junto com a família burguesa e teve no corpo o seu maior alvo. A economia dos corpos residia na possibilidade de transformá-los em signos de status: um corpo deveria anunciar por si a superioridade do seu possuidor (FOUCAULT, 1997).

A medicina do século XIX foi ordenada em torno da seguinte questão: por qual razão os camponeses e, particularmente, seus filhos, que levavam uma vida mais penosa com uma alimentação menos rica do que a dos burgueses e nobres, eram, entretanto, mais saudáveis? (DONZELOT, 1986: 20).

A suposta falta de saúde dos corpos das crianças provenientes de meios mais abastados era explicada pela incompetência familiar. Para corrigi-la, o novo modelo pedagógico buscou apoio medicina doméstica, elegendo a mãe como sua principal colaboradora. Esta deveria se converter, então, na guardiã do lar.

O médico, graças à mãe, derrota a hegemonia tenaz da medicina popular das comadres e, em compensação, concede à mulher burguesa, através da importância maior das funções maternas, um novo poder na esfera doméstica (op. cit: 25).

A formação das mulheres como mães consistiu num processo delicado, para o qual foi necessária uma educação tenaz dos sentidos e dos comportamentos. Tratava-se de uma sólida estratégia pedagógica, voltada para a consolidação de um modelo específico de feminilidade.

1.3. Quem são as mulheres?

A concepção de que as mulheres, entre o século XIX e o início do século XX, estiveram restritas ao espaço doméstico (ausentes do cenário público, e ocupadas exclusivamente com as tarefas domésticas) deve ser considerada não como um único destino, mas como uma tentativa de legitimar uma divisão sexual do trabalho. De fato, muitas foram as situações vividas por diversas mulheres, tanto no que concerne a seguir um modelo como a se desviar dele.

Não é possível encerrar as vivências de grupos distintos de mulheres nos limites do lar. No século XIX, mulheres trabalharam, tornaram-se artistas, difundiram o feminismo, conquistaram o direito à educação, questionaram a supremacia masculina, sonharam com o casamento, escolheram o celibato, vestiram-se de homens para circular livremente pelas ruas, disputaram com os médicos, praticaram e condenaram o aborto, escreveram e foram escritas. Querer abordar as mulheres como se estas compusessem um grupo homogêneo é, inevitavelmente, engendrar uma unidade de discursos de natureza essencializante.

Segundo Bloch (1995), faz parte de um discurso misógino, o qual tem suas origens na Idade Média e se dissemina até os dias de hoje, a tentativa de definir a mulher a partir de uma essência, de um termo geral. Nesse sentido, quando nos propomos a refletir sobre as condições de vida de mulheres na França e no Brasil realizamos um recorte, investigando as formas através das qual uma determinada concepção de feminilidade foi eleita como padrão de conduta para as mulheres provenientes da classe burguesa.

Tratou-se sempre de um embate de forças, no qual as mulheres não se limitaram a ocupar um papel de submissão. Mesmo se quisermos enfatizar a dominação masculina, devemos estar cientes de uma ressalva: as relações não foram (e não são) tão simples e tão nitidamente hierárquicas. As medidas implementadas no sentido de “domesticar” as mulheres puderam, e podem, freqüentemente, ser usadas como instrumentos de resistência.

1.4. Mulheres burguesas – seus corpos e seus amores

A regulação do comportamento das jovens burguesas teve no Direito um apoio importante. No século XIX, a defesa da incapacidade civil feminina fundamentava-se na concepção de que as mulheres permaneciam em estado de infância. As conquistas alcançadas pela Revolução Francesa (para a qual as mulheres contribuíram, participando de diversos protestos, apesar de serem impedidas de entrar nas tribunas) não trouxeram melhorias efetivas para o direito civil feminino. O código francês, por exemplo, continha atribuições contraditórias, como a que defendia a incapacidade das mulheres casadas.

A mulher casada (o modelo) existe apenas na e para a família; o direito é, por todo o lado, pensado e função das mulheres burguesas. E esse direito vai reger a pessoa da mulher e os seus bens, mesmo depois do casamento.

A supremacia marital “é uma homenagem prestada pela mulher ao poder que a protege”. Com efeito, o marido retira a sua superioridade da idéia da fragilidade do sexo feminino. Vinda do direito romano, a “fragilitas” não é verdadeiramente uma enfermidade natural, mas antes o motivo de proteção de um menor. É isso que torna ainda mais espantosas as incoerências do direito, a quem repugna afirmar sem rodeios a supremacia marital e a justifica por uma inferioridade física que só existe nas mulheres casadas! (ARNAUD-DUC. in: FRAISSE; PERROT, 1991: 118).

Uma mulher francesa no século XIX era um ser relativo: existia enquanto filha, esposa e mãe. As mulheres solteiras, apesar de não terem “contraído” a doença das casadas, permaneciam esquecidas pela sociedade.

A mulher que nunca teve marido é uma exceção na sociedade, apesar de o número de celibatárias ser muito grande no século XIX. A mulher sem marido é, portanto desprovida de interesse para o direito. Se é menor, depende do pai. Se não se casa, é uma mulher solitária, civilmente capaz do ponto de vista jurídico, socialmente à margem (ARNAUD-DUC. In: FRAISSE; PERROT, 1991:130).

As solteiras, geralmente, continuavam submetidas aos desígnios paternos ou eram enviadas para conventos. No caso das mulheres pobres que trabalhavam, o descaso social se revelava ainda maior. Quando se encontravam nas indústrias têxteis, ganhavam salários ínfimos, realizavam tarefas exaustivas, trabalhavam mais de doze horas por dia. Enquanto prestassem serviços domésticos, estavam

impedidas de casar, expondo-se também a toda sorte de maus-tratos e aos abusos sexuais.

Nesse sentido, a crença na fragilidade feminina voltava-se para um público específico: as mulheres burguesas. De fato, o direito da época direcionava-se a tais mulheres e à gestão de seus bens. Uma burguesa, ao se casar, fazia do marido uma espécie de tutor. A ele caberia a administração do patrimônio, bem como a responsabilidade pelo comportamento da esposa. Apoiando-se em teorias difundidas pela medicina, os legisladores defendiam o casamento como um pacto através do qual as mulheres assumiam uma posição de servidão voluntária, para que os homens se encarregassem de administrar suas vidas. Portanto, sob esse ponto de vista, os cônjuges se complementavam.

Enquanto os homens se ocupavam dos assuntos públicos - como o trabalho, as finanças, a política - as mulheres deveriam cuidar da intimidade. Cada um dos comportamentos era justificado por corresponder às exigências da “natureza”. Assim, homens e mulheres, seres tão radicalmente distintos, poderiam se encontrar no casamento.

O casamento é uma “união perfeita”, que repousa no instinto sexual dos dois sexos, e não tem qualquer finalidade fora de si mesmo; ele fabrica um “laço” entre duas pessoas, e é tudo. Esse laço é o amor, e o “amor é o ponto onde se reúnem de modo mais íntimo a natureza e a razão”. É essa relação entre natureza e razão que cria o espaço jurídico. A lei só intervém quando o casamento existe. Portanto, anteriormente a qualquer lei, a mulher submete-se ao homem por um ato de liberdade (FRAISSE. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 59).

A legitimação da desigualdade essencial entre os sexos no casamento se apoiava nos discursos sobre o amor. Um amor que, segundo se acreditava, iria se manifestar com tonalidades distintas em cada um dos cônjuges. O marido deveria nutrir por sua esposa uma ternura um tanto paternal, reconhecendo nela a infantilidade e a inaptidão para a vida prática. Já a mulher deveria amar seu marido com um misto de gratidão e de respeito por sua superioridade.

Se, para o Direito, o casamento representava uma possibilidade de fazer convergir interesses e necessidades do homem e da mulher, para a Medicina, o amor brotava do corpo feminino.

A medicina do século XIX revelou uma preocupação intensa com o estudo das “naturezas”. Foram diversas as pesquisas desenvolvidas com o objetivo de

descobrir um padrão “normal” de funcionamento do corpo humano. Além disso, as analogias entre corpo e caráter foram abundantes, sustentadas pela procura incansável de uma conexão causal entre atributos físicos e traços comportamentais. Com essa perspectiva, inúmeros foram os estudos empreendidos pelos médicos acerca da natureza do corpo feminino. Este, muito embora se tornasse mais conhecido pelas tecnologias da época, permanecia encoberto pelos valores e pelos preconceitos dos seus pesquisadores.

A percepção do corpo feminino se articulava com o desenho de um perfil para a feminilidade. Os discursos médicos pretendiam difundir a idéia de que o corpo das mulheres lhes pesava como um destino irrevogável. De acordo com tais discursos, era natural que as mulheres fossem frágeis, ternas, sentimentais e, sobretudo, mães.

A constituição da imagem da mãe como destino predominante para as mulheres fez parte de um processo de controle do corpo feminino. De acordo com Foucault, o poder sobre o corpo da mulher se disseminou através de formação de uma rede discursiva, através da qual as mulheres passaram a ser definidas por seus corpos. O conceito de feminilidade, construído pelos discursos científicos do século XIX, instituiu um conjunto de atributos supostamente comuns a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos. Deu-se, assim:

A histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado (...) como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, no campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo, que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização (FOUCAULT, 1997: 99).

A inserção da medicina no espaço privado e a produção de uma codificação da intimidade incidiram fortemente sobre o uso dos corpos. As primeiras campanhas realizadas pelos higienistas na França e no Brasil do século XIX defenderam com veemência o aleitamento materno. Era fato conhecido que as mulheres provenientes das classes abastadas, em geral, não amamentavam seus filhos. O argumento

utilizado pelos médicos para invalidar tal prática concentrou-se na necessidade dos filhos crescerem fortes e saudáveis.

Inúmeros procedimentos colaboraram no sentido de “fabricar” a conjunção entre maternidade e aleitamento. Em todos eles, a figura da mãe amorosa e devotada era colocada em cena, mostrando às mulheres que ser mãe constituía a missão mais sublime e mais importante de suas vidas.

O primeiro objetivo disciplinar da amamentação materna era o uso higiênico do tempo livre da mulher na casa. Relembremos que, com a urbanização, a casa perdeu seu caráter de pequena empresa. A mulher que antes se ocupava de um sem número de atividades ligadas à provisão de alimentos, roupas e outros utensílios domésticos, passou a funcionar com uma enorme capacidade ociosa. Se a isto somarmos o desenvolvimento dos serviços, a diminuição das obrigações religiosas caseiras e o crescimento da escolarização de crianças e adolescentes, não é difícil imaginar a mulher vagando numa casa deserta, sem ter absolutamente o que fazer de seu tempo livre. Amamentar era uma maneira de levá-la a preencher o tempo com uma tarefa útil e absorvente, livrando-a dos perigos do ócio e dos passatempos nefastos à moral e aos bons costumes familiares (COSTA, 2004: 228-229).

Encerradas num espaço doméstico esvaziado, as mulheres burguesas necessitavam constituir uma identidade social para si mesmas. Com o declínio do poder do pai, em favor dos médicos, elas se tornaram mais livres. Uma liberdade que, no entanto, logo foi regulada pela consolidação da imagem da mãe.

Objeto de consumo quando utilizado para a procriação, o corpo feminino era também objeto de consumo, porque afastado de mínimos prazeres sexuais. O desejo sexual erigia-se como apanágio exclusivo dos homens, atributo, aliás, confirmado pelo grande número de emissores de um discurso sobre o corpo da mulher, não havendo lugar para falas femininas sobre a sua própria sexualidade (DEL PRIORE, 1995: 137).

Ser mãe tornava-se a condição mais relevante da feminilidade, como se o corpo de cada mulher traçasse os contornos de um destino comum, natural. O corpo feminino fez-se, então, um livro em cujas páginas, folheadas por sábios doutores, liam-se prescrições de posturas e de tarefas destinadas às mulheres. Por serem consideradas frágeis, não suportariam as exigências do trabalho. Devido à instabilidade da sua carne, seu raciocínio tinha de ser precário, vacilante. A mulher

passou a ser concebida como um ser emocional: um complemento do homem. Uma criatura destinada a amar e a cuidar de sua prole.

Discursos e práticas se articularam para dar um sentido estável ao papel social reservado às mulheres burguesas do século XIX. Retomando as considerações de Foucault acerca da histerização do corpo feminino, observamos as formas através das quais a sexualidade feminina esteve sujeita a um controle insidioso e sutil.

A mulher “verdadeira” era a mãe. Esta teve sua imagem esculpida em semelhança ao culto de Maria, que atingiu largas proporções no Brasil do século XIX. A mãe santificada fazia de seu corpo um uso puro. O sexo só lhe serviria como meio de atingir um fim mais nobre: a reprodução. As mulheres deveriam cumprir os deveres conjugais de forma higiênica. Precisavam se manter afastadas dos comportamentos tidos como excessivos ou inadequados. Para tanto, os saberes religiosos e médicos trataram de determinar as práticas condizentes às mulheres honestas, separando-as de tudo aquilo que pertencia ao território da luxúria.

Segundo Zaíra Ary (2000), a Virgem Maria serviu de referência para a construção de um modelo de feminilidade, o qual se disseminou pelo Brasil com a expansão do imaginário católico. Tal modelo - o marianismo – define as mulheres como seres idealizados e mistificados, dotados de superioridade espiritual. Nas palavras da autora:

(...) As mulheres, como herdeiras de Maria, semi-divinizada, tomada como modelo de submissão, de pureza e de sofrimento, são aparentemente revalorizadas, e tidas simbolicamente como “salvadoras” da sociedade, em função de seu papel maternal idealizado, no quadro da família sacramentada, quer dizer, do casamento visto como um “mal necessário”, ou como um “pecado venial”, sobretudo a partir de toda uma tradição que começou com o apóstolo São Paulo (ARY, 2000: 77-78).

De acordo com Margareth Rago (1997:74), o mito do amor materno foi utilizado para erigir uma diferença essencial entre mulheres honestas e prostitutas. As primeiras eram representadas pelas senhoras casadas, donas de um corpo asséptico: uma verdadeira máquina de reprodução dos filhos e dos valores burguesas. As segundas englobavam não somente a figura da “puta”, mas também as solteiras e aquelas que se uniam aos homens pelo concubinato.

A figura da mãe implicava, como complemento essencial, a da prostituta. Os maridos eram desencorajados por padres e médicos a tratar suas mulheres, tal

como tratavam as mulheres da rua. Com estas, poderiam satisfazer seus desejos, dar livre curso às fantasias e à busca de prazer. Já as esposas se encontravam cercadas e protegidas por laços culturais fortes. Desse modo, as relações sexuais no interior do casamento deveriam ser encaradas como um dever, cumprido em nome da harmonia da família e do bem-estar da nação. A busca do prazer sexual convergia para as prostitutas. Com tais mulheres, os homens poderiam praticar um sexo impuro: afastado dos ideais da reprodução.

Ao mesmo tempo, o duplo formado pelas figuras da esposa e da prostituta foi complementado por outra figura: a da mulher nervosa. Sob esta denominação, a ciência validava a crença de que uma mulher sem homem tornava-se, necessariamente, doente. A mulher nervosa sofria dos “males da madre”. A madre (ou o útero) - quando não funcionava regularmente - punha a mulher doente, nervosa. A mulher nervosa atingiu sua maior expressão na figura da mulher histérica que, na Europa vitoriana, tornou-se o alvo da atenção e do espanto dos médicos. Tais mulheres sofriam de paralisias, cegueiras, convulsões: uma infinidade de padecimentos corporais que confrontavam os saberes e os tratamentos desenvolvidos pela medicina da época (FREUD: 1995 [1893-1895]).

Esse corpo em crise, com os nervos à flor da pele, foi testemunha de uma época na qual as mulheres só se faziam reconhecer como sujeitos através das emoções. A mulher nervosa - acompanhada pelo médico - em geral, não era ouvida, apenas medicada. As intervenções no corpo feminino (seja pela via da medicação, seja pela prescrição do casamento como cura para todos os males) se davam no sentido de legitimar moralmente uma configuração social que infantilizava as mulheres, definindo-as como seres misteriosos - próximos da natureza, habitando fronteiras inconciliáveis: ao lado do pecado, ou próximas de Deus.

A mulher nervosa foi, em parte, uma criação do médico. Servindo-se dela, a higiene implantou-se na família. Solicitada em sua versão sexual para combater pais e maridos e em sua versão mundana para dedicar-se ao filho, a “mulher nervosa” ensinou a mulher a utilizar o nervosismo para impor seus interesses (COSTA, 2004: 271).

Para as mulheres burguesas (nervosas ou mães santificadas) o casamento deveria constituir o destino supremo. Possuindo marido e família, elas poderiam, finalmente, usufruir de uma identidade social estabelecida e respeitada. Por isso, os

esforços para a educação das jovens mulheres se conjugavam, com o objetivo de produzir futuras e amorosas mães.

O desconhecimento anatômico, a ignorância fisiológica, as fantasias sobre o corpo feminino permitiam que a ciência médica construísse ao longo da modernidade um saber masculino e um discurso de desconfiança sobre este objeto (...) A concepção e a gravidez apareciam aí como remédio para todos os achaques femininos, e o homem ganhava assim um lugar na saúde da mulher, uma vez que dele dependia a procriação (DEL PRIORE, 1995: 191).

O casamento deveria contribuir para melhorar a saúde de um ser frágil por natureza. No século XIX, a crença na fragilidade feminina era corroborada pelo elevado índice de mortalidade das meninas e pelo fato de que uma parcela considerável das mulheres burguesas (solteiras ou casadas) sofria de males difusos, os quais eram, quase sempre, diagnosticados como cansaço, ou mesmo como “falência” do sistema nervoso. As mulheres viviam doentes, ou melhor, eram doentes¹⁶. Isso explicava sua imensa sensibilidade.

Assim, a educação das mulheres deveria ser organizada de acordo com metodologias adequadas: capazes de respeitar a fragilidade e de, ao mesmo tempo, desenvolver as inclinações “naturais” das alunas.

1.5. Uma educação dos sentidos

A iniciativa de equiparar os projetos pedagógicos de meninos e meninas se deu, na França, a partir da segunda metade do século XIX. Já o acesso ao ensino superior começou, gradualmente, a partir do final do século XIX. No entanto, no início do século XX, ainda havia profissões incompatíveis com a feminilidade (tais como: a advocacia e a medicina), por não se enquadrarem no conceito da mulher delicada, ingênua e amorosa.

A primeira profissão (para a qual se requeria uma preparação formal) destinada ao público feminino foi a de professora do ensino primário. Para tal cargo, não se fazia necessária uma formação acadêmica ampla. A docência era vista como

¹⁶ “Ora, a mulher do século XIX é uma eterna doente (...) Além da gravidez e do parto, a puberdade e a menopausa constituem também, a partir de então, provações mais ou menos perigosas, e as menstruações, feridas dos ovários, abalam, diz-se, o equilíbrio nervoso. Todas as estatísticas provam, com efeito, que as mulheres sofrem no século XIX de uma morbidez e de uma mortalidade superiores às dos homens” ((KNIBIEHLER. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 361).

uma preparação para o casamento, pois através dela seriam desenvolvidas tanto as prendas domésticas quanto as habilidades maternas. A imagem da jovem professorinha se ajustava aos pressupostos da educação feminina: não seria necessário enfatizar o raciocínio abstrato, as jovens estariam protegidas do “mundo” pelos muros da escola e ficariam próximas apenas das crianças. Além disso, o salário de uma professora primária era baixo o suficiente para ser considerado apenas um complemento. As mulheres deveriam trabalhar para “comprar seus alfinetes”, segundo uma expressão corrente na época, nunca para sustentar um lar ou a si mesmas.

Mulheres que trabalhavam ou que tinham sido educadas “demais” deveriam ser encaradas com desconfiança. Apesar dos médicos afirmarem que a feminilidade consistia numa característica “natural” do corpo das mulheres, ela requeria um esforço contínuo de educação: uma espontaneidade aprendida a duras penas. Os mínimos gestos, as posturas, o olhar, as roupas, a palavras: tudo se fazia objeto de atenção e de cuidado. A elaboração de um modelo feminino a partir do qual deveriam se medir as mulheres fez parte de um projeto refinado, onde nenhum detalhe escapava da atenção.

A feminilidade é em parte uma questão de aparências. A cultura visual do século XIX produziu um sem número de imagens de mulheres, muitas delas consistentes, algumas delas contraditórias, todas elas poderosos elementos de definição, sempre em mudança, do que significava ser mulher (HIGONNET. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 297).

A mulher feminina deveria habitar o lar, ser terna e cultivar mais os sentimentos do que a inteligência. Além disso, estaria sempre vestida com esmero, revelando gestos delicados e tímidos. Manteria com seu corpo uma relação ambígua: precisava cuidar dele, certamente, mas munida da precaução de não o considerar demais; pois uma mulher honesta não buscaria o próprio prazer. Seu maior desejo e sua ambição deveriam residir no casamento. Nele, encontraria a felicidade: numa doação absoluta de si mesma, vivendo para os filhos e os maridos.

Este desenho da feminilidade corresponde a um perfil vastamente repetido por médicos, escritores, juristas, filósofos, donas-de-casa, professoras, durante o século XIX e o início do século XX. É ingênuo acreditar que as mulheres simplesmente se submeteram a ele sem resistências e que não tenham existido

“outras” feminilidades. É ainda mais ingênuo supor que as mulheres não participaram da criação de imagens próprias do feminino.

Numa época em que o fato de nascer mulher limitava consideravelmente as possibilidades de vida, algumas optaram por renunciar à feminilidade. A escritora francesa George Sand (1804-1876), por exemplo, usava trajes masculinos para freqüentar lugares tidos como impróprios às mulheres. Como ela, outras mulheres se vestiam e se portavam como homens, obtendo, assim, licença para gozar de uma liberdade que lhes seria negada, caso fossem femininas. Algumas dessas mulheres travestidas chegaram a se casar com outras mulheres. Assumiam, então, o papel do marido, manifestando atitudes similares às dos homens diante de suas esposas.

Construir uma identidade masculina podia implicar o desempenho de trabalhos especializados ou pesados ou ser o marinheiro mais valente num navio; para Eliza Ogden, a carregadora feminina de Shoreditch, significava também fumar e beber com os companheiros da oficina do irmão e cortejar “toda a moça bonita que lhe saísse ao caminho”. Resumindo, Ogden era um “suposto Libertino e um verdadeiro Romancista”. Mary Chapman, relatava o Times londrino em 1835, também assumia um grau superior de “virilidade”: dava socos, praguejava e sustentava uma amante, além da sua própria mulher (WALKOWITZ. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 430).

As mulheres travestidas eram vistas como homens. Quando a medicina da época consolidou seus estudos sobre a perversão, passou a diagnosticar este fenômeno como fruto de um comportamento invertido, um desvio de personalidade. Contudo, as mulheres que casavam com esses homens “performáticos” não eram consideradas desviantes. Algumas delas, após ficarem viúvas, chegavam a afirmar que ignoravam o fato de terem estado casadas com outra mulher. Isso pode ser explicado pela falta de atenção dada às amizades românticas entre mulheres. De fato, enquanto o homoerotismo masculino era estudado e averiguado minuciosamente, as relações entre mulheres não constituíam um alvo de preocupação.

As mulheres gozavam de uma certa autorização cultural para expressar o seu desejo apaixonado de amor emocional, espiritual e físico no seio de uma relação homossexual porque esta era tida como muito diferente das associações da sexualidade e reprodução heterossexuais. “Eu tinha tal desejo de tomar nos meus braços a minha amiga, a minha amiga predileta, e dizer-lhe... amo-a como as esposas amam os maridos, como amigas que se escolheram para toda a vida – e acredito nela como acredito no meu Deus”. Cartas

deste gênero enquadravam-se nas convenções do sentimentalismo literário, na “linguagem sentimental das emoções, da elevação moral e dos prazeres do coração” que treinava as mulheres vitorianas para “rejeitarem a paixão sexual, a cólera, a ambição mundana” (WALKOWITZ. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 433).

Se os amores femininos, na maioria das vezes, não incomodavam, isto se justificava por seu caráter provisório e impreciso. Pelo fato da relação sexual ser concebida a partir da ênfase na atividade masculina, tornava-se difícil acreditar que duas mulheres pudessem, realmente, fazer sexo. Além disso, os assuntos amorosos eram tidos como essencialmente femininos. Portanto, não seria incomum que as mulheres aprendessem sobre o amor com outras mulheres. Um aprendizado que se fazia cada vez mais mediado pela literatura. De tal maneira, que as burguesas se converteram num público voraz, consumidor de uma literatura que, por isso mesmo, se calhou chamar de “feminina”.

1.6. Amor romântico e individualismo

Na transição do século XVIII para o XIX, quando os valores que definem a sociedade moderna atingem seu apogeu, o território da intimidade adquire os contornos que fundamentam a instituição do amor romântico como o código fundamental de comunicação.

De acordo com Luhmann (1982), as sociedades modernas, a partir do século XIX, valorizam o estabelecimento de relações pessoais cada vez mais intensas. Tais relações se tornam íntimas por considerar as características individuais das pessoas envolvidas como significativas. O território da intimidade pressupõe que as lembranças, as crenças e os sentimentos de uma pessoa podem e devem se tornar acessíveis à outra pessoa, através de um sistema específico de relações. Tal sistema é engendrado pela constituição de um novo lugar para o indivíduo, situado pelas fronteiras da subjetividade.

A pessoa individual emerge devido a uma tendência diferenciadora, a qual delinea as diferenças entre indivíduo e meio, tendo como fundamento as características do primeiro, ou seja: sua “personalidade”. A individualização da pessoa caminha em paralelo à exigência de constituição de um mundo próximo: um mundo íntimo que permita aos indivíduos isolados encontrar ressonância naquilo

que são e vêem. Deste modo, o código da intimidade desenvolve-se como um meio de comunicação comum aos indivíduos, utilizando o campo semântico do amor (LUHMANN, 1982).

A valorização dos sentimentos construiu um conceito de amor que ressoa no imaginário ocidental. O amor romântico é instituído como o espaço primordial de construção das subjetividades. De acordo com a concepção romântica, é no vínculo amoroso que os sujeitos encontram o sentido para suas existências; o amor é o lugar da felicidade e constitui uma relação mais forte e mais importante que as demais; todos são livres para amar e a cada um é reservado o direito de encontrar seu par neste mundo; o amor é um movimento autônomo, nasce da alma e escapa ao poder da razão; a ele é dado o poder de tudo subverter: a ordem social, as condições econômicas e o próprio tempo; a felicidade amorosa parte de um estado de prazer que deve ser renovado perpetuamente; amor é entrega, doação, capacidade de perceber e de ser deixado ver tal como se é; nada traz mais alento do que um amor correspondido; o sexo só adquire sentido quando englobado pelo amor. Assim se justifica, segundo o código do amor romântico, o casamento: como um projeto mútuo assumido sob os auspícios do sentimento amoroso (COSTA, 1998).

Tudo isso, em muito se assemelha à vasta produção de uma literatura para moças que invadiu o cenário europeu na curva do século XVIII para o século XIX. O amor romântico consolidou-se, então, como uma crença emocional¹⁷, cujo traço fictício é facilmente percebido.

1.7. As letras femininas

Ler se tornou um hábito entre mulheres burguesas, solteiras ou casadas. Inicialmente, elas se entretinham com livros religiosos. Porém, com o desenvolvimento do mercado cultural, despontou uma literatura de fácil consumo, que se tornou rapidamente um hábito entre essas mulheres. Tratavam-se dos folhetins, também chamados de romances sentimentais: um gênero literário que tem

¹⁷ De acordo com Jurandir Freire Costa (1998), o amor constitui uma crença emocional por combinar aspectos comportamentais, sentimentais e cognitivos, os quais são interiorizados quando aprendemos a amar. Nesse sentido, o exercício do amor implica, necessariamente, um aprendizado orientado culturalmente.

heranças no século XVIII, onde proliferou uma corrente sentimentalista que enfatizava as emoções, principalmente, a tristeza, a dor e as lágrimas.

O sentimentalismo percorreu uma vasta produção de romances denominados populares, porque se contrapunham às normas clássicas para, em seu lugar, exaltar o sentimento como expressão artística suprema. A difusão da leitura dos “romances de sentimento” criou o terreno a partir do qual a literatura teve condições de se disseminar para um público maior, formado pela classe burguesa.

As mudanças decorrentes da Revolução Francesa contribuíram para a desvalorização da corrente sentimentalista. Surgiu, em seu lugar, o movimento romântico como expressão da burguesia revolucionária.

O Romantismo emergiu do sentimentalismo, operando uma transformação radical na relação dos indivíduos com a arte e a sociedade. A principal ênfase dos românticos foi a luta pela liberdade individual, mediante a destituição das coerções externas. A arte romântica caracteriza-se por ser marcada pela percepção de que os homens são solitários e profundamente diferentes entre si. Nas palavras de Hauser:

A Revolução e o movimento romântico marcam o fim de uma época cultural em que o artista recorria a uma “sociedade”, a um grupo mais ou menos homogêneo, a um público cuja autoridade ele reconhecia, em princípio, de maneira absoluta. A arte deixa de ser uma atividade social guiada por critérios objetivos e convencionais e torna-se uma atividade de auto-expressão a criar seus próprios padrões; numa palavra, converte-se no veículo através do qual o indivíduo singular fala a indivíduos singulares (2000: 651).

O Romantismo inaugurou uma oposição irremediável entre indivíduos e sociedade. Foi fruto tanto dos ideais libertários da Revolução como de uma progressiva desilusão com as promessas que ela não conseguiu cumprir. Manifestou o mal-estar diante de um trabalho mecanizado, das cidades, com seus passageiros anônimos, das imposições do liberalismo. Consistiu, entretanto, num movimento de caráter essencialmente burguês. Com ele, foram abolidas as convenções do Classicismo, bem como a retórica e o estilo refinado da arte aristocrática. O Romantismo levou o individualismo ao extremo: fugindo ao domínio racional da vida, deparando-se com as ambigüidades do inconsciente, negando o simples e o ordinário, abraçando a dissolução, a morte e a loucura. Para os românticos, mais importante era o desvendamento do eu.

O movimento romântico enfatizou a experiência literária como um ato absolutamente individual. Ler tornou-se, então, parte da tarefa assumida por cada sujeito de conhecer a si mesmo, explorando as fronteiras da própria alma. Nesse contexto, emergiu um gosto pelas histórias de pessoas comuns, ocupadas com seus problemas e sonhos e, cada vez mais, com a própria felicidade.

A produção literária, que se deslocou dos salões e cafés em direção aos quartos e à intimidade da vida doméstica, assimilou os valores do Romantismo, utilizou seus temas, enquanto procurava transformar sua visão trágica da vida num estilo mais palatável - numa estilística da existência burguesa. Assim, disseminaram-se os folhetins: um fenômeno de vendas da época, o qual teve nas mulheres seu público principal.

A literatura folhetinesca foi definida pelos críticos como uma literatura barata. Referiam-se, com essa denominação, ao preço cobrado pelos capítulos impressos no jornal, à produção em larga escala, e à qualidade artística dos textos. Uma literatura “menor” bem merecia um público de qualidade duvidosa. Assim foram justificados o consumo e a escrita de folhetins por mulheres. Houve mulheres que conseguiram se sustentar, tornando-se escritoras. Dentre elas, a maioria declarava utilizar um pseudônimo masculino porque este facilitava a venda dos livros. Imagens de mulheres absortas e encantadas diante de livros tornaram-se lugar comum no século XIX. Porém, enquanto alguns viam nisso um entretenimento simples, outros afirmavam que o gosto pela leitura poderia corromper as moças honestas (MEYER, 1996).

Romances e folhetins tiveram, para as jovens burguesas, um papel duplo. Ensinavam-lhes que o amor, que culminava com o casamento e com a maternidade, deveria ser o maior projeto de suas vidas. Por outro lado, abriam-lhes a possibilidade de acalentar desejos de prazer e de aventura. As chamadas “histórias açucaradas” tornaram-se alvo da desconfiança de pais e de médicos, cientes de seu poder de legitimar para as mulheres ambições diferentes da maternidade e do cuidado com a casa.

Depois de ter aprendido a ler e a refletir sobre textos religiosos a todas as horas do dia e por vezes de noite, as mulheres começam, na viragem do século XIX, a fazer um uso muito pessoal de uma liberdade que lhes foi, talvez inconsideradamente, concedida pelos filósofos e pedagogos das Luzes, e mesmo imposta pela vontade de certos Estados. Vemos assim manifestar-se ao mesmo tempo a “fúria de ler” das mulheres e a reprovação dos seus

contemporâneos masculinos. A adolescente que se entrega à leitura de romances – mas a poesia pode ser igualmente pernicioso – renega a sua inocência original e fabrica para si mesma um paraíso artificial. Todavia, esta antecipação da vida através do romance não é em nada comparável, aos olhos de alguns, à nocividade, ou mesmo à perversidade, que pode levar uma mulher (mal) casada a abusar da leitura romanesca. Madame Bovary pertence a todas as províncias e a todos os países. O livro, simples instrumento de evasão, torna-se então “ersatz”, fuga face ao quotidiano e fim da tranqüilidade doméstica. A sociedade está em perigo, porque a leitora não cumpre nem o seu ofício de esposa e de mãe, nem a sua missão de mulher, que é velar pela ordem íntima da família e do lar. Ler é sonhar, portanto, evadir-se, portanto escapar às contingências, às normas, às convenções; é fazer exatamente o contrário do que é permitido a uma mulher na (boa) sociedade do século XIX (HOOCK-DEMARLE. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 181).

“Madame Bovary”, romance realista de Gustave Flaubert, publicado em 1857, foi responsável por uma comoção social tão intensa que acabou por conduzir seu autor aos tribunais franceses. Flaubert foi acusado, na época, de contribuir com sua obra para a corrupção de moças e mulheres casadas. Em sua defesa, o autor afirmou que o livro consistia, na verdade, numa crítica aos danos potencialmente causados pelos romances sentimentais para a educação das mulheres.

O impacto causado por Madame Bovary revela-nos o esmero com o qual a sociedade francesa da época tentava garantir que o casamento se mantivesse como o destino primordial das mulheres burguesas. A obra de Flaubert teve a maestria de abordar com precisão as fissuras e os pontos a partir das quais a relação entre feminilidade e amor romântico começava a adquirir uma configuração diferente daquela defendida por médicos e educadores, no início do século XIX.

Madame Bovary que, quando jovem na pequena cidade de Rouen, consumia fervorosamente folhetins repletos de histórias sentimentais, casou-se com um humilde médico, destituído de grandes ambições. A vida de casada, contudo, logo se mostrou tediosa e sem atrativos para uma mulher que havia aprendido a sonhar com encontros maravilhosos, emoções transbordantes e uma vida repleta de acontecimentos. Buscando o encantamento que conhecera nos livros, Emma Bovary passa a consumir amantes, roupas e jóias.

Cada encontro amoroso era vivido pela personagem como se fosse o único: aquele capaz de livrar uma bela e jovem mulher das amarguras de um casamento insípido. Emma desejou refazer a vida com cada um de seus amantes, mas foi frustrada por eles: nenhum se dispôs a mudar seu destino; pretendiam apenas

desfrutar de uma aventura sem maiores conseqüências. Após cada frustração, Emma emergia convicta de que ainda encontraria o amor capaz de transformar sua existência. Por isso se embelezava, comprava tecidos caros, sapatos, acessórios: tudo o que pudesse enfatizar sua feminilidade.

A maternidade não constituiu para Bovary uma salvação. De fato, ela se aborrecia com os cuidados dedicados à filha, preocupando-se minimamente com sua educação. A pequena garota anunciava-lhe um destino que Emma não se resignava a aceitar. Bovary contesta, ainda que de maneira ineficaz, os papéis de esposa e mãe que lhe ensinaram serem os mais preciosos na vida de uma mulher. Desprovida dos meios necessários para realizar uma mudança por si mesma, a personagem acaba recorrendo ao suicídio, após ter se enredado em dívidas e em amores frustrados.

Emma orientou sua vida pelo amor e preferiu abandoná-la, quando este se revelou uma ilusão. Ao se casar, acreditava amar Carlos, o jovem e humilde médico. No entanto, a vida de casada não se mostrou adequada às suas aspirações, e o amor oferecido por seu esposo parecia-lhe sem cor e estagnado. Da desilusão, nasceu um novo encantamento: concentrado na figura de um jovem e belo proprietário de terras:

Primeiro, sentiu-se numa espécie de atordoamento: revia as árvores, os caminhos, as valas, Rodolfo; sentia ainda a pressão de seus braços, enquanto a folhagem tremia e os juncos sibilavam.

Mas, vendo-se no espelho, ficou admirada com o próprio aspecto.

Nunca tivera os olhos tão grandes, tão negros, nem assim tão profundos. Alguma coisa de sutil se espalhara por toda ela, transformando-a.

E dizia consigo mesma: - Tenho um amante! Um amante! – deleitando-se com essa idéia, como se fora uma nova puberdade que lhe sobreviesse.

la, afinal, possuir as alegrias do amor, a febre da felicidade, de que já desesperara. Entrava em algo de maravilhoso onde tudo era paixão, êxtase, delírio; uma imensidão azulada a envolvia, os píncaros do sentimento cintilavam sob a sua imaginação, e a vida cotidiana aparecia-lhe longínqua, distante, na sombra, entre os intervalos daquelas alturas.

Lembrou-se das heroínas dos livros que havia lido e a legião lírica dessas mulheres adúlteras punha-se a cantar em sua lembrança, com vozes de irmã que a encantavam. Ela mesma se tornara como uma parte verdadeira de tais fantasias e concretizava o longo devaneio de sua mocidade, imaginando-se um daqueles tipos amorosos que ela tanto invejara antes. Além disso, Emma experimentava uma sensação de vingança. Pois não sofrera já bastante? Triunfava, todavia, agora, e o amor, por tanto tempo reprimido, explodia todo com radiosa efervescência.

Saboreava-o sem remorsos, sem inquietação, sem desassossego (FLAUBERT, 1981 [1857]: 120- 121).

O amor com o qual Emma aprendera a sonhar através dos livros deveria assegurar não apenas o casamento, mas a felicidade. Nesse sentido, o romance confronta as práticas pedagógicas voltadas às mulheres do século XIX, as quais relacionavam a feminilidade ao cuidado. De acordo com tais práticas, a característica essencial do feminino seria o devotamento: a capacidade de amar o outro incondicionalmente, sem esperar nada em troca. Madame Bovary, porém, não se identifica com a imagem de uma esposa devotada. O que ela almeja é se tornar uma mulher feliz.

O ideal de felicidade é compatível com as sociedades modernas, que valorizam cada vez mais o indivíduo, em detrimento das obrigações sociais. Emma Bovary representa uma subjetividade moderna: descontente com o destino social que lhe fora outorgado e empenhada em construir outro destino para si. No entanto, como adverte o narrador, ela não possui as letras nem tampouco as habilidades necessárias para compreender e intervir na sua condição. Bovary deseja simplesmente escapar dela.

Dentre seus poucos recursos, destaca-se a imaginação. Entregando-se a ela, Emma sonha com o amor perfeito, que projeta viver com o jovem Rodolfo. Um amor que logo se revela decepcionante:

Ela ficou alguns minutos com o papel entre os dedos. Os erros de ortografia misturavam-se uns aos outros, e Ema continuava no doce pensamento que cacarejava atrás de tudo como uma galinha meio oculta numa sebe de espinhos. Havia secado a carta em cinzas, pois um pouco de pó branco caiu-lhe no vestido, e ela quase teve a impressão de ver seu pai curvado sob o fogão para agarrar as tenazes. Quanto tempo já havia que não o via sentado no escabelo, à lareira, quando ela queimava a ponta de um pau nas enormes labaredas dos juncos marinhos que estalavam! ... Lembrou-se das tardes de verão cheias de sol. Os potros relinchavam, quando alguém passava, e galopavam, galopavam... Havia uma colméia debaixo da janela, e, de vez em quando, as abelhas, voando em torno da luz, batiam nas vidraças como bolas de ouro saltitantes. Que felicidade a daquele tempo! Que liberdade! Que esperança! Que mundo de ilusões! Nada mais havia dele agora! Ela consumira tudo nas aventuras da sua alma, em todos os seus estados sucessivos, na virgindade, no casamento, no amor – perdera tudo, assim, continuamente, no transcorrer de sua vida, como viandante que deixa alguma coisa de sua riqueza em todos os pousos do caminho (FLAUBERT, 1981: 128).

O amor ensinado a Emma a partir dos livros lidos na juventude mostrou-se incompatível com a vida de uma mulher pertencente à pequena burguesia. Ao fazer tal descoberta, a personagem não apenas lamenta ter perdido parte de sua vida à espera de um encontro redentor. Ela deseja anular sua condição de mulher, voltando à casa paterna para ser, novamente, apenas uma menina. Ao ler uma carta enviada por seu pai, Emma constata melancolicamente a impossibilidade de refazer sua vida. Uma vez perdida a esperança nos homens, o que mais poderia fazer uma mulher que não possuía nenhum outro meio capaz de assegurar sua própria independência?

Emma renegou o perfil da feminilidade devotada e lutou para ser feliz. Muito provavelmente deveu-se a isso a intensa ressonância da obra. Sugerindo a morte como única saída possível para uma mulher que sonhava com a realização pessoal, “Madame Bovary” torna evidente a necessidade de uma mudança na condição feminina, a qual só se efetivaria (gradativamente) no século seguinte.

2. AMOR E CONDIÇÃO FEMININA NA FRANÇA E NO BRASIL DO SÉCULO XX

2.1. Algumas mudanças

O século XX pode ser considerado como aquele que transformou a condição feminina nos países ocidentais. No entanto, apesar da conquista de uma igualdade de direitos inscrita nas leis, na prática prevaleceu muitas vezes uma desigualdade, suficiente para justificar a afirmação de que, em se tratando das relações de gênero, nada foi definitivamente conquistado (THÉBAUD, 1991). Partindo desta ressalva, destacamos alguns dos principais acontecimentos que proporcionaram um questionamento do modelo: “mãe-esposa-sem-profissão”, triunfante no século anterior.

No limiar do século XX, a aparência do corpo feminino sofreu uma transformação radical, representada pelo abandono do uso do espartilho. A partir de então, as mulheres começaram a usar vestidos lisos e soltos. No entanto, esta não consistiu na principal mudança. Foi consolidado, na Europa, o acesso de mulheres ao ensino superior. Com isso, toda a educação das mulheres foi colocada em questão. Os médicos passaram a insistir na necessidade de meninas e jovens a conhecer seus corpos e, com isso, as elas foram liberadas para a prática da educação física e dos banhos de mar ((KNIBIEHLER. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 357).

A disseminação da teoria psicanalítica abriu espaço para os discursos femininos. Através dela, numerosas mulheres se empenharam em construir sentidos para as próprias vidas. A psicanálise colocou definitivamente em xeque a idéia de que o supremo e único prazer de uma mulher reside na maternidade.

O aperfeiçoamento dos princípios de assepsia reduziu, na França, a mortalidade materna para 2%. As mulheres passaram, então, a dar à luz em hospitais.

As mulheres das camadas médias começaram a efetivar um controle de natalidade. Desde o final do século anterior, observava-se, por toda Europa, uma redução dos nascimentos; a qual deve ser compreendida como sendo fruto de uma relação entre fatores econômicos, culturais e psicológicos (KNIBIEHLER. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 366). O índice de abortos se elevou também entre essas mulheres, sendo utilizado como uma forma de planejamento familiar. A possibilidade

de ter menos filhos ajudou a modificar a relação com a maternidade. Assim, as mães puderam se envolver mais na educação de suas crianças, ficando mais próximas das mesmas.

Como conseqüência do desenvolvimento cultural e econômico, a divisão do sexual do trabalho sofreu gradativamente um processo de alteração. As mulheres passaram a ter um acesso cada vez maior à formação acadêmica e ao mercado de trabalho. Diante de tais mudanças, transformaram-se também as relações íntimas. O desnível hierárquico entre marido e mulher começou a ser questionado: *digam as leis o que disserem, o marido já não é, nunca mais será, um dono e um senhor* (KNIBIEHLER. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 375).

Com a diminuição da ênfase nas relações autoritárias, emergiu a figura do casal como uma questão e uma promessa. O casamento, por si, não formaria um verdadeiro casal. Seria fundamental, para tanto, que entre os cônjuges se instalasse uma relação de cumplicidade, mediada pelo sentimento amoroso. A predominância dos casamentos realizados “sem amor” passou a ser questionada por um número cada vez maior de jovens que sonhavam com um amor perfeito inaugurando a vida conjugal.

A visão do amor como motivo suficiente para o casamento compactuava com a intensificação de uma cultura individualista, na qual os imperativos da tradição, da ordem familiar e dos laços coletivos poderiam ser revogados, em favor da exaltação do destino como realização individual.

O casamento permaneceu, no entanto, como um projeto de vida para mulheres que, apesar das transformações, pareciam continuar valorizando a idéia da existência de um “mundo feminino”: uma cultura afetiva disseminada nos diários, nas revistas e nos discursos daquelas que, no século XX, ajudaram a construir novas tessituras para a feminilidade. *Instruída, diplomada, ávida de independência, a jovem renega o modelo materno, sem no entanto renunciar a agradar aos homens, a encontrar um marido, a ter filhos* (KNIBIEHLER. In: FRAISSE; PERROT, 1991: 385).

2.2. A Primeira Guerra Mundial

A imagem da mulher instruída e financeiramente independente - que se tornou o emblema das sociedades ocidentais do século XX - deve, para ser compreendida, ser inserida no contexto das mudanças que alteraram profundamente o cenário econômico e político da época.

O movimento feminista (consolidado no final do século XIX com o objetivo de lutar pelos direitos civis e políticos das mulheres) possuía até então uma face internacional, representada principalmente pelas “suffragettes”. Estas, em países como a França e a Inglaterra, unificaram suas lutas em favor do voto feminino. Contudo, com o despostrar da I Guerra Mundial, as alianças internacionais foram suspensas, em nome da defesa das fronteiras e dos interesses de cada país. Esta foi apenas uma, dentre tantas mudanças nas condições de vida trazidas pela guerra.

A concepção de que, em decorrência da I Guerra, houve um avanço significativo nas relações de gênero deve ser examinada com cuidado. Embora o grande contingente de homens afastados de suas atividades comuns tenha dado lugar a uma expansão do trabalho feminino - permitindo que as mulheres assumissem atividades que antes lhes eram vetadas -, a mão-de-obra feminina contava com salários bastante inferiores aos dos homens. Além disso, muitas mulheres, ao serem admitidas, deveriam assinar antecipadamente sua carta de demissão, haja vista que boa parte dos contratos de trabalho possuía como prazo de validade o retorno dos homens, futuros heróis da guerra.

A presença de mulheres, executando atividades consideradas inadequadas à “natureza” feminina, contribuiu não apenas para conceder visibilidade às mesmas, mas para abalar o conceito tradicional de feminilidade. Obviamente, as mudanças não foram aceitas sem contraposições. Muitos discursos se organizaram com o objetivo de alertar para o perigo que a “masculinização” das mulheres traria para a sociedade.

O medo da dissolução das fronteiras sexuais levou a um fortalecimento de posturas marcadas pelo conservadorismo e pela intolerância. Nas propagandas políticas, cada país intimava as mulheres a defender sua pátria, como boas mães e esposas devotadas. A imagem feminina mais enaltecida na época foi a da enfermeira: aquela que expandiu sua vocação maternal em nome dos feridos de guerra.

Após assumir boa parte do trabalho no campo e nas fábricas, o final da guerra se anunciou para as mulheres como um imperativo de voltar ao lar. Em vários países da Europa, a demissão feminina foi massiva. Na França (país onde o trabalho feminino era mais aceito do que no resto do mundo e onde a diferença de salários era mais baixa), a força de trabalho feminina representava 40% do contingente total. A pressão para retornar ao lar obteve, assim, menor sucesso na capital francesa do que nas demais.

A ordem depois da guerra era reorganizar, reinstalar fronteiras. Para tanto, diversas foram as campanhas que agradeciam a dedicação feminina, ao mesmo tempo em que impeliam as mulheres a voltar ao lar, cuidando de seus maridos e filhos. A necessidade de repovoar os países levou o movimento feminista a defender a causa da maternidade, como dever natural e suprema realização das mulheres.

Ofensivo e forte na sua diversidade, o feminismo anterior a 1914 fazia reivindicações simultaneamente em nome da igualdade de todos os indivíduos e da especificidade de cada sexo; o do período entre as duas guerras parece mais unívoco e aceita as concepções comuns do masculino e do feminino, definidas como elementos da natureza (...) Na sua grande maioria, o feminismo reclama-se da diferença e da complementaridade dos sexos, exaltando com moralismo a maternidade, argumentando não com o direito às mulheres, mas com as necessidades das mães (THÉBAUD, 1991: 80).

A hostilidade diante do trabalho feminino levou ao recrudescimento dos discursos que atribuíam a origem de todas as perversões à saída da mulher da casa. Apesar disso, as modificações advindas da presença massiva de mulheres no mercado de trabalho impediram um retorno definitivo ao papel tradicional da esposa-mãe-sem profissão.

As mais afetadas pelas reconfigurações, fruto dos tempos de guerra, foram, sem dúvida, as jovens. A liberdade de movimento concedida pelas novas vestimentas, a ocupação dos espaços públicos no mercado de trabalho, o acesso a uma educação de qualidade, (obtido pelas mulheres que conseguiam ingressar na Sorbonne ou em Oxford) permitiram que algumas mulheres conhecessem uma forma singular de relação consigo e com os homens. Embora a desmobilização feminina constituísse uma campanha de grande força, o cenário pós-guerra trouxe também algumas novidades.

O desenvolvimento do setor terciário da indústria alimentou a criação de novos postos de trabalho, prestes a constituir o lugar privilegiado da atividade feminina. Nos bancos, nos comércios e no serviço público a presença de trabalhadoras tornava-se cada vez mais forte, sobretudo na França. Nas palavras de Thébaut:

(...) em França, através do acesso mais igualitário aos estudos secundários e superiores, antigas reivindicações feministas: abertura, desde a guerra, de escolas comerciais e de engenharia, criação, em 1919, de um curso liceal feminino que permite o acesso à universidade, equiparação, em 1924, entre o ensino secundário masculino e feminino. A par do receio do celibato e dos revezes da fortuna nas classes médias, esta feminização do terciário permite às jovens da burguesia exercer uma profissão e obter um relativo direito ao trabalho. Neste aspecto, muitas vezes conscientes de não se assemelharem às suas mães, são elas as primeiras a ganhar com a guerra. Os seus modelos são mulheres ativas e independentes (1991: 82).

A imagem da mulher independente, capaz de se sustentar e de escolher suas relações afetivas, contrastava intensamente com aquela da mulher frágil, submissa ao marido. Porém, enquanto o primeiro modelo apenas começava a se insinuar, o segundo tinha suas forças renovadas por discursos virulentos, voltados ao ataque da suposta devassidão feminina.

No cenário pós-guerra, intimadas a voltar ao lar, as mulheres se depararam com uma valorização crescente da figura materna. Na França, em 1923, o dia das mães foi instituído como uma data importante para o desenvolvimento do país. As campanhas de natalidade, por toda Europa, incentivavam o aumento do número de filhos, e o índice de casamentos crescia vertiginosamente.

Os casais burgueses formados após a guerra diferiam, no entanto, dos casais anteriores. Com o encurtamento do tempo de noivado e com a presença constante da ameaça da morte, os rituais familiares mostraram-se enfraquecidos. Devido à recente presença feminina em vários setores do mercado de trabalho, os papéis tradicionais dos gêneros puderam ser questionados. Tudo isto contribuiu para o aparecimento de um novo modelo de casal: o casal moderno, centrado numa exigência de realização individual e já não no patrimônio (THÉBAUD, 1991: 52).

Entre rupturas e continuidades, algumas mulheres começaram a vislumbrar novos destinos para a feminilidade. Destinos que a literatura da época se dedicou tanto a enaltecer quanto a criticar.

2.3. Imagens de uma nova mulher¹⁸

Em 1910, foi publicado na França o livro: “La vagabonde” escrito por Colette. A escritora era também uma famosa atriz e dançarina, que havia abraçado tal carreira após o divórcio. O livro surpreendeu o país, contando as peripécias de uma mulher que, depois de abandonar o marido infiel, decide viver de seu trabalho e longe dos homens.

“La vagabonde” foi considerado por alguns críticos como um “roman à clef”, devido à semelhança entre a história da personagem principal - Renée - e a da autora. As descrições do casamento e do ex-marido de Renée são, em muitos aspectos, semelhantes às aquelas feitas por Colette sobre sua relação com Henry Gauthier-Villars, com quem esteve casada entre 1893 e 1910. Isto levou alguns críticos a afirmar que Colette elaborou, através do romance, os acontecimentos que constituíram sua vida.

Sendo “La vagabonde” um romance construído na fronteira entre o fictício e o autobiográfico, ele constitui um instrumento valioso para os que buscam compreender como repercutiram as mudanças que se anunciavam na vida das mulheres francesas, no início do século XX. Colette, como Renée, foi uma transgressora que desafiou o modelo de normalidade da época. Apesar disso, as inquietações e as experiências da personagem não deixaram de estar profundamente ligadas às transformações que começavam a desestabilizar o modelo tradicional de feminilidade.

Renée, quando jovem, buscou se realizar através do amor. Seu casamento, motivado pelo sentimento amoroso, não resistiu, contudo, às infidelidades do marido. Isso levou a personagem a questionar a posição de esposa submissa e a escolher o divórcio.

Ce que je voulais? Au fond, je le savais très bien. J'en avais assez. Ce que je voulais? Mourir, plutôt que de trainer encore ma vie humiliée de femme “qui a tout pour être heureuse” (COLLETE, 1990: 83-84)¹⁹.

¹⁸ Neste tópico, iremos analisar os livros: ‘La vagabonde’ e ‘La garçonne’. Por não termos encontrado exemplares em português, utilizaremos os textos em francês. Neste caso também, assumimos a responsabilidade pela tradução dos trechos citados.

¹⁹ O que eu queria? No fundo eu sabia muito bem. Eu estava farta. O que eu queria? Preferia morrer a continuar a levar minha vida humilhada de mulher “que tem tudo para ser feliz”.

A partir de então, Renée rompe definitivamente com o passado e começa a trabalhar num “music-hall”. O fato de conseguir se sustentar permite que ela assuma a condição de “femme seule”. Condição da qual não deseja se desvencilhar, pois vê no casamento uma forma de escravidão feminina.

Souvenez-vous, Hammond, de ce que fut pour moi le mariage... Non, il ne s'agit pas de trahisons, vous vous méprenez! Il s'agit de la domesticité conjugale, qui fait de tant d'épouses une sorte de nurse pour adulte... Etre marié, c'est ... comment dire ? C'est trembler que la côtelette de Monsieur soit trop cuite, l'eau de Vittel pas assez froide, la chemise mal empesée, le faux col mou, le bain brûlant, c'est assumer le rôle épuisant d'intermédiaire : tampon entre la mauvaise humeur de Monsieur, l'avarice de Monsieur, la gourmandise, la paresse de Monsieur (COLETTE, 1990 : 207)²⁰.

Tornando-se uma “femme seule”, Renée desautoriza o poder masculino sobre sua existência. Ela nega, assim, o destino convencional da mulher: recusa o casamento e a maternidade e defende uma vida desligada da intervenção familiar. No entanto, essa mulher livre convive também com o peso da solidão: *Me voila donc, telle que je suis! Seule, seule et pour la vie entière, sans doute. Déjà seule ! C'est bien tôt* (COLETTE, 1990: 66)²¹.

Aos trinta e três anos, Renée acredita ter se tornado uma *vieille fille*, embora não tome isto como uma derrota. Mesmo sofrendo com a solidão, a personagem se considera uma vitoriosa: alguém forte, que se tornou capaz de viver apenas por si. O processo que transformou a “fille” em “femme” foi mediado pela decepção e pela dor, enfrentadas com o fracasso do primeiro amor. No livro, a narradora coloca em questão a crença na fragilidade feminina: *Il n'y a guère que dans la douleur qu'une femme soit capable de dépasser sa médiocrité. Sa résistance y est infinie (...) une femme ne peut guère mourir de chagrin* (op. cit: 86)²².

A capacidade de uma mulher sobreviver ao sofrimento, abandonando uma posição de dependência, é um tema que atravessa todo o texto. A personagem

²⁰ Lembre-se, Hammond, do que foi o casamento para mim. Não, não se tratam de traições, você se engana! Trata-se da domesticidade conjugal, isso que faz de tantas esposas uma espécie de enfermeiras para adultos. Ser casada é... como dizer? É temer que a costela do Senhor esteja muito assada, a água de Vittel não muito gelada, a camisa mal passada, o colarinho frouxo, o banho fervendo, é assumir o papel fatigante de intermediária: tampão entre o mau humor do Senhor, a avareza do Senhor, a gula, a preguiça do Senhor.

²¹ Vejo-me, então, como eu sou! Só, só pela vida inteira, sem dúvida. Já sozinha! É bem cedo.

²² Não há como a dor para que uma mulher seja capaz de ultrapassar sua mediocridade. Sua resistência é infinita (...) uma mulher não pode morrer de dor.

principal assume-se como “vagabonde” porque não aceita os laços que a prenderiam a uma existência que considera estreita. Por estas razões, Renée renega o amor:

Vous voulez troubler ma paix reconquise, orienter ma vie vers un autre souci que celui, âpre, fortifiant, naturel, d'assurer moi-même ma subsistance? (...) je n'aime pas, je n'aime pas, je n'aimerai plus personne, personne! (Ibid : 144)²³.

A história de uma dançarina sedutora que foge dos homens e se recusa a amar outra vez apresenta-se como um lúcido questionamento do papel social assumido pelas mulheres no início do século XX. Na leitura, percebe-se facilmente que a personagem não é uma mulher incapaz de amar, tampouco alguém que odeie os homens. Ela é, sobretudo, um sujeito que questiona a necessidade de submeter sua existência às vontades de outrem. Nesse sentido, “La vagabonde” coloca o leitor diante da seguinte pergunta: em que medida viver uma relação amorosa implica o assujeitamento da mulher?

Renée enfrenta o dilema de precisar escolher entre o amor e a liberdade, quando encontra um admirador por quem, após muito resistir, acaba se apaixonando. Em dado momento, a personagem, estupefata, reconhece amar um homem rico, que não trabalha e que parece devotar toda sua vida a ela. Com Max, Renée experimenta ternura, companheirismo e um novo amor. Ela se permite ser amada por ele. Contudo, não consegue se esquecer de que a relação entre ambos não poderá ser de igualdade: *c'est que... ce garçon est un homme. Malgré moi, je me souviens qu'il est un homme* (COLETTE, 1990: 139).

A lembrança de que Max é um homem coloca Renée numa posição delicada. Ela sabe que, uma vez aceitando seu amor, terá também de assumir os papéis de esposa e de mãe. Por outro lado, tem consciência de que, terminando a relação com Max, abraçará definitivamente a identidade de “vagabonde”. O conflito entre desejos contraditórios se manifesta em todo o texto, apontando os questionamentos enfrentados pela personagem.

²³ Você, você quer perturbar minha paz reconquistada, orientar minha vida para outra preocupação que esta, amarga, fortificante, natural, de assegurar eu mesma minha subsistência? (...) Eu não amo, eu não amo, eu não amarei mais ninguém, ninguém!

S'il veut, je le nouerai sa cravate, et je veillerai au menu du diner... et je lui apporterai ses pantoufles ... Et il pourra me demander d'un ton de maitre : « ou vas-tu ? » Femelle j'étais, et femelle je me retrouve, pour en souffrir et pour en jouir (op.cit :219).

Une nuit, j'ai rêvé que je n'aimais pas, et, cette nuit-là, j'ai reposé, délivrée de tout comme une morte suave (Ibid : 261)²⁴.

Renée oscila entre identidades que se contradizem: a da mulher tradicional e aquela que se convencionou chamar de nova mulher. Ambas se organizam como diferentes formas de se vivenciar a feminilidade.

Porque ama, uma mulher deve aceitar se submeter a um homem, entregando-lhe sua liberdade, tal como pregavam os enredos dos romances sentimentais. Em casos assim, a identidade feminina adquire consistência a partir da vinculação com os ideais do amor e da maternidade. Contudo, se uma mulher ama, mas se recusa a abrir mão da própria identidade em favor do amado ou da futura família (tal como se passou com Renée), ela se coloca diante de um impasse. Recusando a estabilidade, não parecem lhe restar outras identidades possíveis. Em razão disso, ela passa a ocupar uma espécie de não lugar - representado no texto pelo termo "vagabonde".

O desejo de Renée de ser amada não foi forte o suficiente para que ela aceitasse assumir, outra vez, a identidade socialmente legitimada da mulher de um homem. Diante do impasse, a personagem opta pela incerteza: empenhando-se no projeto arriscado de construir uma outra identidade para si mesma.

Todos os acontecimentos vividos por Renée são perpassados por uma constante reflexão acerca do amor e da feminilidade. No final, a mulher que se via só e se orgulhava da sua capacidade de examinar o amor com olhos lúcidos decide investir na própria liberdade:

Pendant combien de temps venais-je, pour la première fois, d'oublier Max? Oui, de l'oublier, comme si je n'avais jamais connu son regard ni la caresse de sa bouche, de l'oublier comme s'il n'y avait pas de soin plus impérieux, dans ma vie, que de chercher des mots, des mots pour dire, combien le soleil est jaune, et bleue la mer, et brillant le sel en frange de jais blanc... (COLETTE, 1990 : 271)²⁵.

²⁴ Se ele quiser, eu darei o nó em sua gravata, eu cuidarei do menu do seu jantar, eu lhe entregarei seus chinelos... E ele poderá me indagar com um tom de dono: "aonde vai você?" Fêmea eu era, e fêmea eu me reencontro, para sofrer e para gozar. Uma noite, eu sonhei que ele não me amava, e, nessa noite, eu repousei, desvinculada de tudo como numa morte suave.

²⁵ Por quanto tempo eu viria, pela primeira vez, a esquecer Max? Sim, esquecê-lo, como se eu não tivesse jamais conhecido seu olhar nem a carícia de sua boca, esquecê-lo como se não existisse

Renée se desvencilha do seu segundo amor, substituindo a realização amorosa por uma outra: proporcionada pela escrita. Enquanto no começo do romance a personagem se define como uma simpatizante das “letras” precocemente frustrada, no final do texto ela se apropria da identidade de escritora. Esta, por sua vez, representa a possibilidade de um sujeito inventar seu próprio destino. Através da escrita, Renée consegue construir para si mesma um enredo diferente do aprendido na infância. Ela recusa definitivamente o papel de “femme du monsieur”, revelando-se capaz de arcar com o preço da condição de “vagabonde”.

Vous comprendrez que je ne devais pas être à vous, ni à personne, et qu'en dépit d'un premier mariage et d'un second amour, je suis demeurée une espèce de vieille fille, vieille fille à la ressemblance de certaines, si amoureuses de l'Amour qu'aucun amour ne leur paraît assez beau, et qu'elles se refusent sans daigner s'expliquer; qui repoussent toute mésalliance sentimentale et retournent s'asseoir pour la vie devant une fenêtre sur leur aiguille, tête à tête avec leur chimère incomparable... J'ai voulu tout, comme elles; une lamentable erreur m'a punie (op. cit: 284)²⁶.

É interessante observar como a busca da realização pessoal através do amor é questionada no romance. O texto demonstra que, embora os casamentos arranjados pelas famílias dessem lugar à escolha individual (Renée, por exemplo, casara por amor), a margem de manobra das mulheres continuava restrita, pois enquanto permanecessem destituídas de uma profissão, as mulheres precisariam de um homem para lhes dirigir a vida.

Realizando-se através do trabalho, as mulheres assumiam uma identidade incompatível com o modelo hegemônico de feminilidade. Ao recusar o casamento e a maternidade, essas mulheres se aproximavam da condição de “vagabondes”, para seu pesar ou seu contentamento.

Em 1922, a publicação de outro livro suscitou, na França e em outros países, intensos debates, assentimentos e rejeições. Sucesso de público, “La garçonne”, escrito por Victor Margueritte - um ardente defensor da emancipação feminina -

cuidado mais imperioso na minha vida do que procurar as palavras, as palavras para dizer, quanto o sol é amarelo, é azul o mar, e brilhante o sal em franjas de jade brancas...

²⁶ Compreenda que eu não deveria ser sua, nem de ninguém, e que apesar de um primeiro casamento e de um segundo amor, eu me tornei uma espécie de moça velha, moça velha semelhante a certas mulheres, tão amorosas do Amor que nenhum amor lhe parece belo o suficiente, e que elas se recusam sem se dar ao trabalho de explicar, que rejeitam toda aliança sentimental desfavorável e voltam a se sentar por toda a vida diante uma janela com sua agulha, frente a frente com sua quimera incomparável... Eu desejei tudo como elas; um lamentável erro me puniu.

aborda o surgimento de um modelo transgressor e polêmico de mulher. Devido às idéias avançadas expostas na obra, o autor precisou se retirar da Legião de Honra, acusado de ter se insurgido contra os códigos morais vigentes.

O livro conta a história de Monique, uma jovem francesa criada num ambiente de riqueza e de permissividade. Tendo um pai constantemente ocupado pelo trabalho e uma mãe exclusivamente interessada pela própria aparência e diversão, Monique elege como modelo feminino a figura austera de sua tia e governanta: uma “vieille fille” que defendia a educação como instrumento de superação da subserviência feminina.

Aos vinte anos, Monique, apaixonada, resolve se casar. O noivo, motivado por cálculos financeiros, aceita um casamento sem dote, pois lucraria com negócios facilitados na empresa do sogro. Para Monique, o único interesse reside no amor: um sentimento nascido da confiança e do devotamento absolutos.

Por esse amor, Monique opta por desafiar as convenções sociais, aceitando ter uma relação sexual com o noivo antes do casamento. Porém, faltando dias para a cerimônia, ela recebe uma carta cujo conteúdo revela uma suposta traição do amado. Desconfiada, a jovem acaba flagrando o futuro marido com outra mulher e, no auge da cólera, resolve se “entregar” ao primeiro homem com quem cruza na rua.

Isto feito, Monique volta para casa e revela aos pais o ocorrido. Nenhum dos dois a apóia. A mãe afirma que todo casamento é sustentado por mentiras e traições, sendo o que lhe acontecera comum ao papel da esposa. O pai, por sua vez, pede-lhe que considere o casamento, tal como deveria ser: um acordo capaz de atender aos interesses econômicos das famílias.

Indignada com a reação dos pais, a personagem abandona o noivo e a família, partindo em busca de uma nova vida. Assim, os cabelos longos dão lugar aos curtos e tingidos: símbolo de uma nova existência e de uma outra relação com a feminilidade. Monique assume, então, a identidade da “garçonne”.

No livro, a “garçonne” é uma mulher moderna, independente, capaz de ganhar seu próprio dinheiro; esclarecida a respeito do corpo e da sexualidade pelos discursos médicos, e engajada na busca de uma realização pessoal não mais atrelada aos interesses familiares. Além disso, a “garçonne” é também uma mulher masculinizada, que assume em suas relações com os homens uma posição simultaneamente de combate e de identificação.

Je ne me marierai jamais. Ni avec vous, ni avec un autre. Hier, en quittant le restaurant, j'ai laissé derrière moi pour toujours, entre vos mains, la Monique que j'étais... Maintenant, ce n'est plus la jeune fille, c'est la femme qui vous parle.

Les conséquences ? ... Je m'en moque. La société? Je la récuse. Je romps avec elle pour vivre comme une indépendante, selon ma conscience! Pour vivre, moi femme, comme... tenez ! Ce que vous ne serez jamais : un honnête homme. Adieu (MARGUERITTE, 1922: 112-113)²⁷.

Ao desistir do casamento, Monique declara a morte do seu antigo eu - ancorado no modelo de feminilidade tradicional - e o nascimento de um novo eu - representado pela figura da "garçonne". Ela rejeita estar subordinada ao modelo masculino, recusando a possibilidade de um novo casamento, ao mesmo tempo em que interioriza características deste modelo. Enquanto "garçonne", Monique incorpora o modo de agir dos homens e reclama para si os mesmos direitos destes.

Assim, ela inicia um romance com uma mulher, a qual se empenha em ajudá-la a ganhar seu próprio dinheiro. De posse de uma pequena herança deixada por sua tia (que havia morrido num acidente), Monique abre uma loja de artes e começa a trabalhar como decoradora. Ajudada pelo prestígio de sua amante, a jovem logo conhece o sucesso, tornando-se uma assídua freqüentadora de boates e de casas noturnas.

Antes da decepção com o noivo, Monique fora uma ardorosa defensora da "virtude" feminina. Uma passagem do livro revela as crenças que a personagem alimentava, quando jovem. Trata-se do encontro entre Monique e dois filósofos amigos de sua tia. Um deles, jovem e entusiasta, procura lhe explicar a tese desenvolvida em seu mais novo livro: "Du mariage et de la polygamie". Georges Blanchet conquista de imediato a antipatia de uma jovem fiel ao amor e ao casamento, quando expõe sua visão singular acerca das relações entre homens e mulheres.

Segundo o filósofo, homens e mulheres deveriam ter o mesmo direito a uma sexualidade livre, não restrita ao casamento. Para Blanchet, as mulheres não poderiam escolher um bom parceiro enquanto permanecessem ignorantes a respeito do sexo, e obrigadas a se casar muito cedo. Em suas palavras:

²⁷ Eu não me casarei jamais. Nem com você, nem com outro. Ontem, deixando o restaurante, eu deixei para trás para sempre, entre suas mãos, a Monique que eu fui... Hoje não é mas a mocinha, é a mulher que fala com você. As conseqüências? Eu zombo delas. A sociedade? Eu a recuso. Eu rompo com ela para viver como uma independente, segundo minha consciência. Para viver, eu, uma mulher, como... veja! O que você não será jamais: um homem honesto. Adeus.

- Ou voulez-vous venir?
- A ceci: qu'il serait équitable, et prudent, de laisser mener aux jeunes filles aussi, avant le mariage, leur vie de garçon. Elles n'en seront que de meilleures épouses, leur gourme jetée (MARGUERITTE, 1922: 60).²⁸

Discutindo com Monique, Blanchet contesta a relação entre casamento e amor. Segundo ele, não existiria uma associação imediata entre ambos, embora fosse possível encontrar o amor no casamento. Isto, no entanto, só aconteceria caso o matrimônio consistisse num acordo entre iguais: *ce que je prétends seulement c'est que cette union aura plus des chances de durée si la femme et l'homme s'y engagent en connaissance de cause* (op.cit: 61)²⁹.

Monique discorda do filósofo com veemência, argumentando que homens e mulheres possuíam naturezas diferentes e que seria vergonhoso para uma mulher adotar comportamentos masculinos. Ela considerava que as mulheres eram incapazes de desvincular o sexo do amor e, por tal razão, também incapazes de assumir um comportamento sexualmente livre fora do casamento. É curioso verificar que, com o fim do noivado, Monique assume justamente as características da mulher defendidas por Blanchet, realizando na prática a tese exposta no livro.

Em sua nova existência, Monique não se furta a nenhuma experiência e não condena nenhum prazer. O envolvimento com sua amante gradativamente se transforma numa relação de amizade e Monique volta a se interessar pelos homens. Contudo, esse interesse é meramente sexual: ela consome parceiros na mesma velocidade em que os abandona.

Desvinculada das relações familiares que poderiam julgar seus comportamentos, Monique age unicamente por si mesma e, quase sempre, movida pela busca da satisfação. Tal busca começa, no entanto, a lhe parecer destituída de sentido. Quanto mais a personagem assume comportamentos masculinos, mais se percebe insatisfeita, deparando-se com a inutilidade e o vazio de sua existência:

Les hommes! ... elle sourit, dédaigneuse. A force de l'avoir voulu, elle était devenue, physiquement et moralement, leur égale. Et cependant elle avait beau ne pas se l'avouer, il y

²⁸ Aonde você quer chegar? A isso: que seria equiparável, e prudente, deixar que as moças vivam também, antes do casamento, uma vida de rapazes. Elas seriam melhores esposas, se cometessem suas loucuras de juventude.

²⁹ O que eu pretendo somente é que essa união teria mais chances de durar se a mulher e o homem se engajam com conhecimento de causa.

avait, dans l'âpreté de sa revanche, un sentiment informulé...
Solitude ? Stérilité ? (MARGUERITTE, 1922: 152)³⁰.

Diante do sucesso financeiro e da possibilidade de conduzir a própria vida, a “garçonne” desafia as normas e recusa as convenções sociais. Nada disso, no entanto, a impede de se sentir incompleta. Tal sentimento faz com que busque na maternidade a completude desejada. Embora tente engravidar de seu mais novo amante, Monique não consegue. Ao consultar um médico, ela descobre que o formato do seu útero tornava impossível a concepção: *les spermatozoaires les plus malins se cassent le nez*³¹(op.cit: 172-173), afirma o doutor. Desiludida com o fracasso do desejo de ser mãe, Monique atinge o ápice da crise existencial.

Alors, pour la première fois depuis son évasion, elle matérialisa, dans son cœur tourmenté, l'évidence. Elle n'avait rien conquis, avec la liberté. Son travail ? A quoi bon, s'il n'alimentait que sa désolation? Elle n'avait trouvé dans le plaisir qu'un faux–semblant de l'amour. Si elle ne pouvait avoir d'enfant, que lui restait-il? (Ibid: 170)³².

Se antes Monique levava uma vida de homem, *couchant aux hasards de l'aventure*³³ (Ibid: 186) e incapaz de se interessar por alguém, ao se descobrir provavelmente infértil, ela inicia um outro processo de transformação. Tal processo culmina com o encontro de Boisselot, um escritor de maneiras rudes e um solteiro inveterado. Monique entrega a ele sua esperança de viver um novo amor.

Elle se sentait presque une personne nouvelle. La soudaineté de l'attaque avait porté un tel coup à l'ancienne Monique, dispersée et morne, que celle-ci, vaincue, avait touché terre (...) l'amour, le seul champ fécond de l'existence (Idem : 225)³⁴.

³⁰ Os homens! Ela sorri de forma depreciativa. Por força de ter desejado, ela havia se tornado, fisicamente e moralmente, igual aos homens. E apesar de que seria melhor não confessar, existia, na amargura de sua revanche, um sentimento não formulado... Solidão? Esterilidade?

³¹ Os espermatozoides mais espertos quebram a cara.

³² Então, pela primeira vez desde sua evasão, ela materializou, em seu coração atormentado, a evidência. Ela não havia conquistado nada, com sua independência. Seu trabalho? Para quê, se ele só alimentava sua desolação? Ela só havia encontrado no prazer um falso semblante de amor. Se ela não poderia ter um filho, o que lhe restaria?

³³ Deitando ao acaso das aventuras.

³⁴ Ela se sentia quase uma pessoa nova. O ataque repentino havia causado um tal golpe à Monique antiga, dispersa e melancólica, que esta, vencida, tinha caído por terra (...) Amor, o único terreno fecundo da existência.

Boisselot ama Monique, porém se torna obcecado por seu passado de “garçonne”. Ele a obriga a se livrar da “garçonnière” (palco dos encontros fortuitos e do consumo de ópio e de cocaína) ao que Monique obedece, num ato inesperado de submissão. Quanto mais ela se faz passiva, mais ainda se mostra autoritário e violento Boisselot. A personagem termina, então, por abdicar dos amigos, levando uma vida marcada pelo medo de decepcionar seu novo amor.

Após ter cedido tudo em favor de Régis Boisselot, Monique constata, assustada, a gravidade da sua escolha: *Si inattendue que fut pour elle la déconvenue, et si amèrement que son orgueil souffrit d'avoir trouvé, en celui de qui elle attendait la libération, une nouvelle forme d'esclavage*³⁵ (MARGUERITTE, 1922: 238).

Ela decide, então, abandonar Régis. Antes de partir, Monique havia encontrado Blanchet numa reunião de amigos em comum. Este continuava a defender a necessidade de liberação das mulheres, condenando a abstinência sexual e a dependência das mesmas. Monique, desta vez, demonstra simpatia pela tese do filósofo. Ela mesma continua recusando o casamento, por acreditar que este impossibilita a liberdade feminina.

Régis, ao se ver abandonado, procura Monique na casa de amigos e investe armado contra ela. Blanchet se interpõe entre os dois, e é atingido por um tiro. O ferimento se revela superficial, mas a ação do filósofo comove Monique e ela constata que o ama e que é amada por ele.

Começa, então, uma nova relação amorosa para a personagem; desta vez, marcada pela compreensão. Blanchet aceita aquilo que Monique confessa como sendo seus erros do passado e lhe pede em casamento: *comme je regrette! Soupira-t-elle... Comme j'aurais voulu vous apporter un cœur qui n'aurait jamais battu que pour vous!*³⁶ Com Blanchet, a personagem deseja ser novamente uma jovem noiva, ansiosa por se entregar completamente ao amado.

Soubresauts de l'inconscient, ou la Monique transitoire, celle qui avait gaspillé son esprit et sa chair, achevait de disparaître, et ou la Monique nouvelle, - toute semblable à celle qui s'était ouverte avec tant de confiance à la vie, - commençait peureusement à s'épanouir.

³⁵ Tão inesperada foi para ela a decepção, e tão amargamente seu orgulho sofrera por ter encontrado, naquele de quem ela esperava uma liberação, uma nova forma de escravidão.

³⁶ Como me arrependo! Suspira ela... Como eu gostaria de lhe entregar um coração que só houvesse batido por você!

Elle avait retrouvé son âme de fiancée, avec une ardeur plus grave sous le même primesaut, tendre et gamin (...) Une apparence plus féminine se manifestait (MARGUERITTE, 1922 : 301)³⁷.

No primeiro amor, a jovem Monique encontrou a decepção, o que a fez abandonar seus ideais de feminilidade, tornando-se uma “garçonne”: uma mulher livre e capaz de agir como um homem. Semelhante ao que se passou com Renée, a perda da ilusão nas promessas do amor romântico levou Monique a decidir se desvencilhar da aspiração de ser uma esposa e mãe devotada. No entanto, enquanto a dançarina renuncia definitivamente ao amor, para preservar sua liberdade, Monique encontra em Blanchet uma espécie de salvador. Ele se torna a remissão necessária, o motivo suficiente para que ela abandone os “modos de homem” e assuma novamente uma identidade de mulher.

Enquanto Régis insistia para que ela deixasse crescer seu cabelo (e não era atendido), Blanchet sequer faz tal proposta. Apesar disso, Monique se dispõe a deixar o cabelo crescer, alegando que cabelos curtos são adequados aos “garçons”. A mudança assumida por Monique tem o tom de uma advertência, como se o texto mostrasse às mulheres que, para lutar pela liberdade, não deveriam agir como os homens.

Arrependida do que havia feito no passado, Monique acusa os pais e o modelo permissivo de educação como sendo os principais responsáveis por sua “perversão”. No final do livro, um diálogo entre o velho professor de filosofia e uma viúva amiga de Monique se revela esclarecedor:

Savez-vous aussi, ma bonne amie, disait le vieux professeur en montant l'escalier, ce que cela prouve ? C'est que pour un être jeune qui n'a pas été contaminé, entièrement, par la vie sociale, les mœurs actuelles sont un terrible bouillon de culture ! Voici notre garçonne. Elle est sortie de sa double éducation – et de la guère – avec la soif d'émancipation qu'ont tant de femmes, ses sœurs...

- Tant ? observa Mme Ambrât. Croyez-vous ? La plupart sont résignées à leur chaîne ! Beaucoup, c'est triste à dire, y sont même attachées.

- Qu'importe ! L'élite entrainera la masse. Toutes, elles portent en elle une force bienfaisante, en puissance...

³⁷ Sobressaltos do inconsciente, onde a Monique transitória, aquela que havia desperdiçado seu espírito e sua carne, acabava de desaparecer, e onde a nova Monique, - totalmente semelhante àquela que se abriu com tanta confiança para a vida, - começava lentamente a desabrochar. Ela havia reencontrado sua alma de noiva, com um ardor mais intenso sob o primeiro impulso, terno e vivo (...) Uma aparência mais feminina se manifestava.

Puissance de paix, de justice et de bonté. Force que s'épanouira !... (MARGUERITTE, 1922: 310)³⁸.

Monique não se orgulha de sua vida de “garçonne”, quando se assemelhava aos homens em sua maneira de pensar e de agir. Não recusa, no entanto, a liberdade adquirida pelo trabalho, embora se reconcilie com sua antiga concepção de feminilidade. Na passagem acima, o professor de filosofia afirma que a sede de emancipação feminina constitui um acontecimento capaz de provocar uma verdadeira ebulição cultural. Embora fosse pequeno o número de mulheres realmente capazes de viver como “garçonnes”, ele acredita que essas mulheres (a elite a que se refere) seriam as catalisadoras de uma transformação da condição de vida feminina.

O livro de Victor Margueritte impressiona por abordar de maneira clara mudanças apenas esboçadas em sua época. Com a difusão da obra, o termo “garçonne” se democratizou: tanto entre os defensores da independência feminina, quanto entre aqueles que alertavam para os danos decorrentes do enfraquecimento do modelo tradicional da feminilidade.

No entanto, a “garçonne”, e quaisquer outros modelos que pregassem para as mulheres um estilo de vida livre, continuaram sendo, sobretudo, imagens literárias vistas - ora como um alento, ora como uma ameaça - enquanto se caminhava a passos largos para a crise que culminaria com a II Guerra Mundial.

2.4. O segundo sexo

Na década de trinta, foi deflagrada uma crise econômica responsável pelo aumento do desemprego e por uma série de greves. Acusavam-se, na época, as mulheres de terem tomado o lugar dos homens no mercado de trabalho. Na França, em 1936, eclodiu uma das primeiras greves de operárias, em luta por melhores condições de trabalho. Paralelamente a isso, foram intensificados os discursos que

³⁸ Saiba você também, minha querida amiga, dizia o velho professor subindo a escada, o que isto prova? É que para ser uma jovem que não foi contaminada, inteiramente, pela vida social, os modos atuais constituem uma impressionante ebulição cultural! Veja nossa garçonne. Ela saiu de sua educação ambígua – e da guerra – com uma sede de emancipação que tantas mulheres, suas irmãs... – Tantas? Observa madame Ambrat. - Você acredita? A maioria está resignada às suas correntes! Muitas, é triste dizer, são mesmo afeiçoadas a elas. – O que importa? A elite conduzirá a massa. Juntas, elas carregam consigo uma força benfeitora, em potência... Potência de paz, de justiça e de bondade. Força que desabrochará!...

apontavam a inferioridade física, “natural”, das mulheres como justificativa para que estas (caso trabalhassem) continuassem ocupando cargos desprivilegiados e recebendo salários inferiores aos dos homens.

Enquanto o movimento feminista francês via mais uma vez recusado o direito de voto, as francesas conquistavam, em 1938, a capacidade jurídica da mulher casada. Isto reforçou a idéia do casamento igualitário: o “*companionate marriage*” (COTT. In: THÉBAUD, 1991: 101), o qual defendia a busca pela plena satisfação de ambos os cônjuges como fundamental para a harmonia familiar.

A profusão de discursos médicos e publicitários acerca da sexualidade feminina legitimava a preocupação com o “bom uso” do corpo. Para este se voltaram as campanhas de educação sexual. Com o progresso da tecnologia, as tarefas domésticas começavam a ser simplificadas através da difusão da eletricidade, das conservas e de outros instrumentos passíveis de tornar o trabalho no lar menos penoso.

No limiar da II Guerra, assiste-se a um recrudescimento das relações de gênero. Em 1940, as feministas francesas foram obrigadas a dissolver suas organizações, enquanto se intensificavam as propagandas políticas em defesa da necessidade das mulheres permanecerem no lar, cumprindo a vocação de esposas e mães.

A indústria da guerra fez novamente apelo às mulheres, as quais assumiram cargos compensados com salários que dificilmente melhorariam as condições de penúria em que viviam as famílias. Novamente, terminado o combate, as assalariadas seriam intimadas a voltar ao lar. Desta vez, no entanto, haveria alguns ganhos políticos, como o direito ao voto, conquistado finalmente na França em 1944.

Enquanto Charles de Gaulle se propunha a remunerar as mães donas de casa, as campanhas em favor do aumento da natalidade se propagavam por toda Europa. Em 1947, a natalidade francesa atingiu seu mais alto índice do século: 2,98 filhos / mulher. Apenas as feministas mais radicais reivindicavam a igualdade dos gêneros. Em consonância com a atitude tomada na I Guerra, o movimento feminista continuava apoiando as ações voltadas para o aumento da natalidade e defendendo a maternidade como missão feminina (BOSIO-VALICI; ZANCARINI-FOURNEL, 2001).

Nos Estados Unidos, com o final da guerra, a imagem da dona de casa moderna passou a ser enfatizada pela publicidade. Rádio, revistas, filmes e cartazes

(aos quais, em breve, se juntaria a TV) prometiam às mulheres um universo encantado, no qual o progresso técnico viria simplificar as tarefas cotidianas. A gestão da vida doméstica e o conforto do lar se tornavam, então, modelos capazes de fascinar mulheres de todas as classes.

Outro fenômeno de destaque foram os “romans de coeur”, herdeiros diretos dos folhetins e repletos de histórias de amor, nas quais mulheres belas e ternas encontravam a felicidade nos braços de homens perfeitos. A intensificação do consumo deste tipo de literatura, a partir da década de cinquenta, criou um fenômeno de vendas só superado com a posterior democratização da televisão e do cinema (PEQUIGNOT, 1991).

Neste cenário, foi publicado, em 1949, “O segundo sexo”, escrito por Simone de Beauvoir. Esta obra consistiu na mais importante pesquisa até então realizada sobre as mulheres e as relações de gênero, nas sociedades ocidentais. Em dois volumes, a autora se propôs a abordar a condição feminina, desenvolvendo uma crítica rigorosa acerca da idéia do casamento como destino fundamental da mulher. Para tanto, Beauvoir examinou o passado, relacionando-o ao presente, com o intuito de enfatizar a necessidade de serem inventados novos rumos para a feminilidade.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1960 [1949]: 9).

No texto, Simone de Beauvoir se opõe aos discursos essencialistas que vigoravam na primeira metade do século XX, definindo a feminilidade como uma construção social orientada pela política das relações de gênero. Para tanto, a autora enfatiza que as meninas seriam educadas, desde muito cedo, para assumir o destino de esposas e donas de casa:

Assim, a passividade que caracterizaria essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico; em verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (op.cit : 21).

Beauvoir declara que o modelo vigente de feminilidade teria por consequência restringir as possibilidades de vida das mulheres, preparando-as apenas para assumir as tarefas secundárias, desprezadas pelos homens:

Um homem especializado em seu ofício acha-se separado do estágio infantil por anos de aprendizado; as atividades paternas são profundamente misteriosas para o menino; neste, o homem que será mais tarde esboça-se apenas. Ao contrário, as atividades da mãe são acessíveis à menina; já é uma “mulherzinha”, dizem os pais; e estima-se por vezes que ela é mais precoce do que o menino: em verdade, se se acha mais próxima do estágio adulto é porque este estágio permanece mais infantil na maioria das mulheres (BEAUVOIR, 1960 [1949]: 27).

A correlação entre o feminino e o infantil é abordada, na obra, com o objetivo de demonstrar que as mulheres não possuíam qualquer característica que as tornassem naturalmente infantis. A ênfase na infantilidade feminina fazia parte de um processo educativo, voltado para a submissão e a dependência de um sexo, em favor do outro. Por tal razão, o casamento representaria o principal vetor da subserviência feminina.

Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e se ficam solteiras tornam-se socialmente resíduos (op.cit: 167).

A idéia de que o casamento burguês consistia numa espécie de escravidão aceita por parte das mulheres é explicada por Beauvoir como consequência da desigualdade de direitos entre homens e mulheres. A autora enfatiza que, quanto mais as mulheres tivessem acesso à educação e ao trabalho, menos teriam o casamento como principal objetivo. Nesse sentido, ela tece uma crítica acerca da associação entre amor e casamento, proposta pelo modelo de amor romântico:

Entretanto, durante o século XIX, as concepções da burguesia modificaram-se um pouco; ela esforçava-se ardentemente por defender e sustentar o casamento; por outro lado, os progressos do individualismo impediam que se pudesse abafar muito simplesmente as reivindicações feministas: Saint-Simon, Fourier, George Sand e todos os românticos tinham proclamado demasiado violentamente o direito ao amor. Pôs-se o problema de integrar no casamento os sentimentos individuais que até então tinham sido tranqüilamente excluídos dele. Foi quando se inventou a

noção equivocada de “amor conjugal”, fruto milagroso do casamento de conveniência tradicional (ibid: 179).

Para a autora, as mulheres deveriam evitar o casamento, caso prezassem pela própria liberdade. Simone de Beauvoir via nessa instituição o resumo de todas as estratégias de naturalização da servidão feminina. Por isso, declarava que o casamento não poderia, como pregavam os discursos da época, ser eleito como o auge das aspirações do amor romântico.

O amor ocupa na vida feminina menor lugar do que sempre se pretendeu. Marido, filhos, lar, prazeres, vida mundana, vaidade, sexualidade, carreira, são muito mais importantes. Quase todas as mulheres sonham com o “grande amor”: conheceram sucedâneos deste, aproximaram-se dele; sob aspectos de figuras inacabadas, magoadas, irrisórias, imperfeitas, mentirosas, ele as visitou; mas muito poucas lhes consagraram realmente a existência. As grandes são, o mais das vezes, mulheres que não usaram o coração nos amores juvenis; aceitaram primeiramente o destino feminino tradicional: marido, casa, filhos; ou conheceram uma dura solidão; ou confiaram em alguma empresa que malogrou (BEAUVOIR, 1960 [1949]: 413).

Simone de Beauvoir não negava a importância do amor no território das relações de gênero. No entanto, demonstrava rigorosamente que a eleição do casamento como ideal feminino, longe de realizar as promessas contidas nos romances, aprisionava as mulheres aos papéis de esposa, mãe e dona de casa. Para a autora, era fundamental que as mulheres se organizassem na luta pela igualdade de direitos civis e políticos. Fundamental também seria abandonar uma posição alienada, assumindo a responsabilidade pelo próprio corpo: libertando-o da ameaça de uma gravidez indesejada e concedendo-lhe o acesso ao prazer sexual fora do casamento. As idéias de Beauvoir foram divulgadas mundialmente e serviram de bandeira para as lutas que, quase vinte anos depois, permitiram que as mudanças previstas pela autora se tornassem realidade.

2.5. A mulher mistificada e o movimento de maio de 68

Muitos acontecimentos marcaram o início da década de sessenta, em todo o mundo. Nesse período, nos Estados Unidos e na Europa, o número de mulheres economicamente ativas era aproximadamente o dobro do atingido antes da II guerra. Apesar disso, o modelo americano da dona de casa realizada atingia seu apogeu, sendo vendido como o novo ideal feminino:

Si cette exaltation du foyer fonctionne, bien que le pourcentage de femmes dans la population active ait tout de même doublé par rapport à l'avant-guerre, c'est qu'après la peur, les privations, la séparation des sexes, imposées par la guerre, on rêve de romance et de consommation (BOSIO-VALICI; ZANCARINI-FOURNEL, 2001: 59).³⁹

Os sonhos de romance, que povoavam o imaginário das mulheres nas revistas, na televisão e no cinema, continuaram a se alimentar das imagens do casamento e da maternidade. No entanto, passavam também a exaltar a determinação das heroínas em atingir seu maior objetivo: a felicidade. A indústria do consumo se empenhava cada vez mais em aliar o tema da felicidade feminina à produção em série de objetos, supostamente capazes de tornar mais belos o corpo e o lar.

Em meio à expansão do “american way of life”, a jornalista americana Betty Friedan publica, em 1963, o livro: “A mulher mistificada”, o qual logo se torna uma referência para as feministas da época. Na obra, são entrevistadas diversas donas de casa que, apesar de possuírem todas as razões apontadas pelos discursos vigentes para serem mulheres plenamente realizadas, declaravam-se infelizes e deprimidas.

Betty Friedan (1982 [1963]) considera que a mistificação da imagem feminina em torno da figura da esposa e mãe, a rainha do lar, seria responsável pelo sentimento de fracasso pessoal, recorrente em suas entrevistadas. Segundo a autora, o imperativo de viver para o outro, consolidado pela imagem da mãe, convertia-se numa arma importante, utilizada pela indústria do consumo. Esta se serviria da frustração das mulheres, com o intuito de torná-las as maiores

³⁹ Se esta exaltação do lar funciona, ainda que a porcentagem de mulheres na população ativa tenha de todo modo dobrado, em comparação com o período anterior à guerra, é porque após o medo, as privações, a separação dos sexos, impostos pela guerra, sonha-se com o romance e o consumo.

consumidoras das promessas de felicidade contidas nos produtos. Assim, ao abraçar a ideologia do consumo, as mulheres continuariam limitando suas possibilidades de vida. Caso trabalhassem, se sentiriam culpadas por não se dedicar integralmente à família e ao lar e, caso fossem donas de casa, sentiriam a culpa daqueles que têm tudo para serem felizes, mas não conseguem ser.

As considerações de Betty Friedan (1982 [1963]) tornaram-se um instrumento importante para a composição de uma nova face do movimento feminista: o feminismo dos anos sessenta. Este se delinaria a partir de duas frentes. Uma frente política, organizada desde o início do século, e outra mais radical, fruto da mobilização dos estudantes. Na França deste período explodem associações de mulheres, encarregadas de difundir por todo o país os textos fundamentais do feminismo.

Em 1968, grupos de mulheres se reúnem ao movimento estudantil e aos movimentos de extrema esquerda para dar lugar à principal mobilização feminina do Ocidente: *ce feminisme à la fois très anti-machiste et très marxiste va réussir à mobiliser des foules des femmes dans les années 1970*⁴⁰ (BOSIO-VALICI; ZANCARINI-FOURNEL, 2001 : 59).

O feminismo de maio de 68 difere dos que o antecederam não apenas por sua força e contundência, mas por ter levantado temas até então não abordados. Dentre eles, o principal consistiu na defesa de uma articulação entre o pessoal e o político. Aquelas que lutavam pela liberdade feminina passaram a afirmar que as estratégias de dominação eram reforçadas pela conjunção de leis e de mentalidades. Por isso, a igualdade de direitos deveria ser acompanhada de uma profunda revisão dos papéis destinados às mulheres tanto no cenário público quanto em suas relações cotidianas.

Enquanto o privado se tornava assunto político, o feminismo francês ganhava expressão mundial. Em Paris, iniciativas originais, como as tomadas por um grupo de mulheres (dentre as quais se destacavam Simone de Beauvoir e Catherine Deneuve) que em 1971 declararam ter praticado o aborto, defendendo a necessidade de torná-lo um direito comum às mulheres, constituíram - junto à rápida difusão do uso dos métodos anticoncepcionais - um exemplo para outros países:

⁴⁰ Esse feminismo ao mesmo tempo muito antimachista e muito marxista vai conseguir mobilizar em massa as mulheres nos anos setenta.

C'est en France que se met en place le réseau sans doute le plus actif de l'interruption de grossesse avec la méthode Karman⁴¹, le mouvement pour la liberté de l'avortement et de la contraception (BOSIO-VALICI; ZANCARINI-FOURNEL, 2001 : 86).⁴²

A batalha pelo aborto, iniciada em 1971, foi concluída na França, em 1975, com a lei “Simone Veil”, que autorizou a interrupção da gravidez até a décima semana. Um ano antes, a lei do divórcio foi reformulada, facilitando a dissolução do casamento. Antes disso, o relatório Kinsey, publicado em 1953 nos E.U.A, suscitou uma reflexão sem precedentes acerca da sexualidade feminina, aliada a reivindicações em favor da liberdade e contra a discriminação sexual.

A invenção da pílula anticoncepcional nos E.U.A legitimou a busca pela liberdade sexual, livrando as mulheres do fantasma de uma gravidez indesejada e reduzindo substancialmente o número de filhos nas famílias. Na França, o projeto “Maternité Heureuse”, criado em 1960, passou a orientar o planejamento familiar, promovendo a educação sexual de jovens mulheres. Em 1967, a contracepção foi legalizada no país, e o uso da pílula se difundiu principalmente entre as jovens pertencentes às camadas médias.

Na década de setenta, o movimento feminista expandiu ainda mais seu poder de atuação. 1975 foi considerado o ano internacional das mulheres, constituindo um dos períodos nos quais a mudança nas concepções de família e de feminilidade se fez mais visível. O questionamento do poder patriarcal, o aumento do número de divórcios, a atividade sexual desvinculada do casamento, o maior acesso ao trabalho: vários foram os acontecimentos que contribuíram para a composição de novas possibilidades para as relações de gênero.

A nova mulher, que desponta na década de oitenta, carrega consigo algumas peculiaridades. Através das leis, dos relatórios e das tomadas de decisão internacionais, ela encontra abertas as vias da formação acadêmica e da atuação profissional. Apesar disso, as chamadas “profissões femininas” continuam atraindo boa parte das estudantes e sendo mal remuneradas. O déficit do salário das mulheres em relação ao dos homens continua grande. Na França, em 1989, ele é de

⁴¹ O método Karman consiste numa técnica utilizada para efetivar um aborto terapêutico, uma interrupção voluntária da gravidez. Este método começou a ser utilizado em alguns países a partir da década de sessenta, de acordo com procedimentos legais.

⁴² É na França que se coloca em prática a rede, sem dúvida, mais ativa de interrupção da gravidez: com o método Karman, o movimento pela liberação do aborto e pela contracepção.

31%, o menor da Europa (e um dos menores do mundo). Embora trabalhem fora de casa, as mulheres continuam assumindo as tarefas domésticas e gastam nelas três vezes mais tempo do que os homens (LAGRAVE. In: THÉBAUD, 1991).

Não obstante as conquistas que efetivamente mudaram as condições de vida de algumas mulheres ocidentais, atualmente assistimos a uma feminilização da pobreza. O fenômeno mais visível, desde a década de setenta, foi, de fato, o afastamento cada vez maior entre as mulheres qualificadas e as sem qualificação. Afastamento este que se revela, por um lado, pela diversidade das escolhas e, por outro, por um destino praticamente traçado. Nesse sentido, é legítimo afirmar que os discursos sobre a “nova mulher” referem-se diretamente às mulheres pertencentes às camadas médias e altas das sociedades ocidentais pós-industrializadas.

Apesar disso, com o desenvolvimento das tecnologias de informação, os discursos acerca da liberdade feminina foram socialmente instituídos como verdades. De tal modo foi enfatizada a figura da mulher sexualmente livre, financeiramente independente, emocionalmente realizada, que esta se converteu num mito capaz de ocultar toda versão contrária.

Efectivamente, como explicar a seguinte contradição: as desigualdades persistem e no entanto “vêm-se” cada vez menos. Já demos alguns elementos de resposta: lendo a progressão quantitativa das mulheres que trabalham, ocultam-se as posições relegadas que elas ocupam, porque os “trabalhos menores” contribuem para as estatísticas. Mas há mais (...) a difusão seletiva de testemunhos e de retratos de “super women” (super mulheres) conduz o senso comum a proclamar a igualdade dos sexos, ou mesmo, como nestes últimos anos, a afirmar um regresso em força das mulheres. A função social da imagem da mulher empreendedora e com sucesso difundida pelos meios de comunicação é esconder a floresta com a árvore. O sucesso de umas é o reverso do cenário de outras. A dominação masculina não se exerce como no início do século por meio de discursos para que as mulheres voltem ao lar. Essa dominação mascara-se agora por detrás das leis igualitárias, por detrás da minoria de mulheres que “triunfaram”, por detrás da explicação racional, outros tantos processos de anestesiar a consciência da desigualdade de oportunidades face à educação e ao trabalho (LAGRAVE. In: THÉBAUD, 1991: 540-541).

Diante das imagens de mulheres plenamente realizadas, capazes de conciliar harmoniosamente papéis tão diferentes quanto o da mãe e o da profissional bem sucedida, as herdeiras de maio de 68 terão de construir suas vidas, lidando com realidades muito diferentes do modelo. Contudo, não poderão se esquivar da

seguinte pergunta: “afinal, o que mais pode querer uma mulher?” Para esta questão, muitos são os discursos que respondem categoricamente: uma mulher quer ser feliz e, para tanto, precisa ser bela.

2.6. Modelos de beleza: só é feia quem quer

Quando analisamos as associações entre feminilidade e beleza, podemos acompanhar as mudanças que - do século XIX aos dias de hoje - colaboraram para a construção de uma nova visibilidade social para as mulheres.

A ênfase na beleza é comum tanto ao conceito de feminilidade traçado pelos higienistas do século XIX quanto às versões contemporâneas, engendradas pela cultura do consumo. No entanto, ser bela para uma mulher do século XIX à primeira metade do século XX é uma condição. Já a partir da década de sessenta a beleza se torna uma conquista.

No início do século XX, democratizaram-se as mensagens publicitárias destinadas essencialmente ao público feminino. Nelas se revelava uma preocupação em esquadrihar o corpo da mulher, em torná-lo codificado, puro. As prescrições da época estabeleciam a suprema necessidade da limpeza do corpo, desde o visível às partes mais recônditas.

A beleza era, então, concebida como um sinal de saúde, uma prova de vigor físico e de honestidade (porque a luxúria estava relacionada ao adoecimento do corpo). As mensagens publicitárias eram reguladas pelos conselhos da medicina. Os anúncios abordavam uma série de doenças e de males físicos (tais como: “peito caído”, “comichões”, “inflamações do couro cabeludo”, etc.) que os remédios estariam prontos para curar. Cuidar da beleza seria manter-se saudável, haja vista que o desejo de embelezar-se era visto sob suspeita: uma mulher que muito se embelezasse não poderia ser honesta. *O gesto que embeleza é, ainda, facilmente associado à vida das mulheres consideradas excessivamente vaidosas, das artistas e “libertinas”* (SANT’ANNA, 1995: 121).

Os primeiros anúncios publicitários associavam feiúra à doença. Foram diversos os desenhos que ilustravam expressões de dor e de desânimo, provenientes de mulheres desprovidas de beleza. Para elas, seriam destinados: tônicos, pomadas, loções e pós-higiênicos. A conexão entre feiúra e doença se

efetivava a partir da crença de que a verdadeira beleza feminina residia na força do útero.

A alma da beleza está no aparelho reprodutor feminino, insistem os conselhos e o discurso publicitário. A feiúra é descrita longamente e as queixas das mulheres tidas como deselegantes são freqüentes. Na verdade, as ilustrações da falta de beleza e da doença estão mais presentes nas revistas destes anos do que naquelas da atualidade (SANT'ANNA, 1995: 24).

Embora abordassem a beleza, os discursos publicitários do início do século XX o faziam pela via negativa: enfatizando sua ausência. Desse modo, mantinha-se íntegra a valorização do corpo feminino pela maternidade. Segundo tal perspectiva, só uma mãe seria verdadeiramente bela. Ambas - maternidade e beleza - configuravam dons divinos. Sendo a beleza uma obra de Deus, qualquer esforço da mulher para forjá-la seria tomado como uma fraude, um erro. Ao saber médico se aliava a moral católica, advertindo que uma mulher honesta deveria ostentar uma feminilidade "natural", ou seja: desprovida dos artifícios que caracterizavam a feminilidade "lasciva".

As práticas de embelezamento colocavam sob suspeita as moças de "boa família" da época. Por isso, eram realizadas de forma secreta, como rituais femininos que os homens deveriam ignorar.

Até os anos cinqüenta, observa-se uma regularidade nos discursos acerca da beleza feminina. Ao enfatizar a beleza como presente divino, as mensagens sugeriam que as mulheres que se ocupavam em criar uma beleza artificial estariam, ao mesmo tempo, questionando o poder de Deus. A busca da beleza não era aceita como um trabalho da mulher sobre seu corpo. Para tanto, fazia-se imprescindível a presença de um mediador, representado pela figura do médico. A ele caberia selecionar o que deveria ou não ser tratado: ou seja, o cuidado da mulher com o seu corpo era legitimado por um saber científico e moral.

A partir da década de sessenta desponta, nas sociedades ocidentais industrializadas, uma tendência diferente na publicidade. Primeiro, ela se desvincula das orientações médicas. Deste modo, as mensagens deixam de abordar a falta de beleza e de saúde, para, em seu lugar, exaltar a mulher bela e jovem. É a época em que as imagens de atrizes americanas são usadas para vender cosméticos, roupas, acessórios: enfim, peças de composição de uma feminilidade não mais identificada à figura materna.

Enquanto no início do século XX, a imagem da feiúra era utilizada para que as mulheres percebessem o negativo da beleza como fruto de degenerescência moral, nos anos sessenta, a feiúra sai de moda. Ela se afasta dos anúncios publicitários para dar lugar a uma beleza que se afirma por outra via: a partir de então, só é feia quem quer.

Mulheres belas aconselhando outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando-lhes como é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia. Mulheres famosas que recomendam o embelezamento com a mesma desenvoltura que revelam suas vidas íntimas. Mulheres sempre jovens afirmando, com uma ênfase antes nunca vista, que não vale mais a pena sofrer por falta de beleza (SANT'ANNA, 1995: 128).

Nas revistas femininas, a imagem da mulher bela desfila pelas páginas: uma mulher que se faz bela e demonstra um enorme prazer com isso. A beleza se torna uma prática de cuidado de si: um direito inalienável de todas as mulheres. Nesse sentido, as feias (assim como as velhas) são concebidas como mulheres negligentes, destituídas de força de vontade, iniciativa e auto-estima.

Com a ampliação do mercado de produtos industrializados, a busca pela beleza se torna uma prática diária, da qual não devem escapar os mínimos detalhes. Todas as partes do corpo feminino podem, a partir de então, ser melhoradas. Para qualquer uma delas há uma diversidade de produtos e de posturas a serem utilizados “livremente”. A beleza ingressa definitivamente na lógica de produção capitalista, fazendo de cada mulher uma arquiteta de seu próprio corpo. Nas palavras de Sant'anna:

Num contexto de fortalecimento do discurso psicológico dirigido à mulher, os conselhos de beleza insistem que é preciso conhecer, explorar, tocar o próprio corpo, com amor e respeito, para torná-lo mais autêntico e natural (1995: 135).

Longe da beleza que se alojava no aparelho reprodutor feminino, os ideais legitimados a partir da década de sessenta incidem sobre o cuidado de si, justificado como um ato de amor. A mulher deve se fazer bela por respeito a si mesma. A beleza torna-se, então, sinônimo de amor próprio; e uma mulher desprovida de amor próprio não pode ser amada por ninguém.

O amor próprio ganha uma positividade inédita, enquanto a harmonia conjugal continua a ser considerada uma das principais finalidades do embelezamento. Mas, doravante,

esta finalidade necessita ser complementada e, até mesmo, submetida a uma outra; ao amor pelo próprio corpo, o que implica em aumentar os níveis de prazer nos cuidados pessoais. O corpo parece se transformar no único guia e na principal garantia do processo embelezador. Embelezar-se é necessário não somente para garantir um bom casamento, mas para cultivar o “prazer de se curtir” (op. cit:136).

O amor próprio invade um espaço antes dominado pelo amor romântico. A mulher moderna desejava-se bela para sustentar o amor de seu marido. A partir da década de sessenta, uma mulher se faz bela porque se ama e - para quem se ama - o mundo parece oferecer infinitas possibilidades.

De qualquer modo, cabe-nos questionar se a ênfase no amor próprio consegue evitar uma postura dependente, caracterizada por demandar, insistentemente do outro uma comprovação do valor subjetivo. Assumindo a identidade de mães, as mulheres dependiam do valor social de seus maridos. Perseguindo uma inatingível perfeição física, o que elas pedem a si mesmas e aos homens?

2.7. Felicidade é entrar num vestido “P”

Foucault (1977) vê no controle minucioso dos corpos um dos traços mais marcantes da modernidade. Controle que se exerce a partir de um investimento sobre o corpo. Numa ânsia de conhecer e de esquadrihar, os corpos são submetidos a um código: um conjunto de normas cuja principal finalidade é a demarcação de territórios de poder.

Observamos, no decorrer deste texto, algumas formas pelas quais o corpo feminino tornou-se dócil, disciplinado pelos discursos e práticas que o tomaram como objeto. O corpo deserotizado da mãe atendia com precisão às exigências de uma sociedade capitalista em formação; assim como o corpo objeto das prostitutas cumpria a função de complemento dessa grande linha de produção: onde circulavam os objetos e os valores imprescindíveis para a manutenção da sociedade burguesa.

Enquanto a sociedade moderna necessitava, para seu bom funcionamento, de uma codificação estreita do comportamento sexual dos indivíduos, o mesmo não se observa na contemporaneidade. Nas famílias burguesas, à imagem da mãe santificada e nervosa, correspondia a figura de um pai provedor e machista. Quaisquer outros perfis que escapassem a essa tipificação eram julgados incorretos.

Desse modo, as figuras dos “célibataires”, dos homossexuais, das libertinas, das amasiadas desfilavam como exemplos negativos ao bem-estar e à harmonia social.

A partir da década de sessenta, consolida-se uma transformação importante nas estratégias de controle dos corpos e de suas atividades. O poder se infiltra sobre os corpos de maneira ainda mais sutil, abrindo possibilidades para o surgimento de uma profusão de práticas. O sexo desloca-se, então, da linha de produção para as fileiras do consumo.

Depois da época em que a energia sexual tinha de ser sublimada para que a linha de montagem de automóveis se mantivesse em movimento, veio uma época em que a energia sexual precisava ser ampliada e liberada para selecionar qualquer canal que pudesse estar à mão e estimulada a se expandir, de modo que os veículos que saíam da linha de montagem pudessem ser ardentemente desejados como objetos sexuais (BAUMAN, 2004: 76).

A difusão da publicidade permite cada vez mais que o sexo invada todos os espaços, colocando-se como uma questão fundamental para o desenvolvimento pessoal. Segundo essa lógica, todos estariam liberados para desejar sexualmente e buscar a satisfação imediata de seus desejos. A cada dia, as vitrines oferecem uma imensidão de itens passíveis de saciar temporariamente a fome de prazer dos consumidores. Enquanto, na modernidade, a figura da cidadania era representada pelo homem-provedor; atualmente se consolida uma cidadania ligada ao consumo. Qualquer consumidor torna-se cidadão: homens, mulheres, crianças (CANCLINI, 1995).

Numa época onde a ênfase na felicidade (e na realização pessoal) desfila pelos “outdoors”, aparentemente não faria sentido falar de uma domesticação dos corpos. No entanto, de acordo com Foucault (2003), é nessa mesma época que assistimos ao apogeu - nas sociedades ocidentais pós-industrializadas - de uma forma singular de controle: o biopoder. Este, por sua vez, não se desinveste da disciplina. Ao contrário: ele intensifica suas estratégias, à medida que se volta para a construção de políticas de vida.

O biopoder incide sobre os corpos assegurando-lhes o direito à preservação da vida e da saúde. Assim, ele coloca em cada sujeito a responsabilidade de criar estilos de vida compatíveis com as propostas de bem-estar e de sucesso pessoal. O corpo torna-se, então, o ícone da busca individual pelo prazer e pela diferença.

Ao corpo é dada a possibilidade de se transformar, de se reconfigurar para responder às expectativas daquele que o possui. São múltiplas as identidades possíveis, e cada uma delas se desenha através do corpo. As identidades tornam-se provisórias e superficiais: como kits, que rapidamente podem ser adquiridos e também abandonados. Em meio à proclamação do direito à diferença, observa-se, ironicamente, uma produção em série de indivíduos. O diferente passa a ser, também, fruto de uma padronização (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Isto adquire visibilidade quando nos voltamos para os corpos – sobretudo os corpos femininos. Atualmente, ser mulher é muito mais do que se tornar mãe. Contudo, ser bela é, invariavelmente, ser magra. Nas palavras de Amorim:

De antemão, queremos esclarecer que a constatação deste fato que julgamos paradoxal tem a ver com a própria cultura pós-moderna, que propaga valores como a pluralidade, a diferença, a diversidade e a alteridade, ao mesmo tempo em que obriga, no campo corporal, essa idéia limitada de um padrão corporal único e como pretensões universais de beleza (2001: 30).

De acordo com Amorim, o padrão da magreza é instituído a partir da década de sessenta, devido a alguns motivos. O primeiro reside na lógica do mercado, o qual regula a expansão do consumismo. Nas mensagens publicitárias passam a imperar as modelos magras, jovens e, por isso, sempre belas e sempre cortejadas. A imagem do sucesso feminino aloja-se, nas propagandas, num corpo magro, sinônimo de elegância, de domínio de si e da própria vida. A magreza torna-se um atributo de distinção social - demarcando as pessoas que podem se cuidar (com alimentação equilibrada, freqüência em academias, clínicas de beleza, etc.) e, portanto, pertencem a um nicho social privilegiado.

Observamos a convergência de dois tipos de discurso: o médico e o estético. A medicina contemporânea tem os olhos no futuro. A idéia de doença torna-se vinculada aos estilos de vida. Assim, o sujeito é cada vez mais responsabilizado por sua saúde, sendo esta concebida como a conseqüência de um conjunto de práticas de cuidado de si. Nesse sentido, a predominância da magreza é identificada como uma busca de qualidade de vida. As concepções médicas, que ajudam a organizar as representações do senso comum, fazem uma justaposição entre corpo magro e corpo saudável.

Em relação ao estético, é nítido o primado desta dimensão na vida contemporânea. A venda de produtos ressalta o estilo de vida das classes dominantes: uma vida repleta de prazer, de aventuras, de descobertas. Tudo se torna uma questão de estilo: é preciso fazer-se diferente, compondo uma imagem desejável de si mesmo. O desejo se dilui nos produtos apresentados por garotas magras, jovens e independentes.

O corpo liberado para o prazer dobra-se a uma solicitude repressiva: a ele não é dado o direito de fugir ao controle. A imagem da magreza constitui uma das vias através das quais os corpos contemporâneos submetem-se ao poder:

Ora, as diversas instituições do jejum e da mortificação caíram em desuso como arcaísmos incompatíveis com a libertação total e democrática do corpo. A nossa sociedade de consumo já não suporta e exclui até por princípio toda a norma restritiva. Mas, ao libertar o corpo em todas as suas virtualidades de satisfação, julgou libertar uma relação harmoniosa que preexistia naturalmente no homem, entre ele e seu corpo. Acabou por descobrir-se que se cometeu um erro fantástico. Toda pulsão agressiva também libertada e não canalizada pelas instituições sociais, refluí atualmente no próprio seio da solicitude universal pelo corpo. É ela que anima o verdadeiro empreendimento de auto-repressão que afeta a terça parte das populações adultas dos países subdesenvolvidos (e 50% das mulheres; inquérito americano: 300 raparigas em 446 observam regime alimentar). Para lá das determinações da moda (mais uma vez incontestáveis), é esta pulsão que alimenta o irreprimível encarnçamento autodestrutivo, irracional, em que a beleza e a elegância, visadas na origem, se reduziram a um simples alibi para o exercício disciplinar quotidiano. Por reviravolta completa o corpo transforma-se em objeto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir e modificar para fins “estéticos”, com os olhos fixos nos modelos emagrecidos e desencarnados da Vogue, onde é possível decifrar toda a agressividade inversa de uma sociedade da abundância em relação ao próprio triunfalismo do corpo e de toda recusa veemente dos próprios princípios (BAUDRILLARD, 1970: 31-32).

Afirmar que o modelo de adestramento dos corpos pela magreza atinge principalmente as mulheres é praticamente um lugar comum. Para enfatizar isto, podemos simplesmente recorrer às estatísticas sobre os transtornos alimentares, as quais apontam que 95% das vítimas de transtornos alimentares são mulheres, e 13% destas chegam à morte pelas conseqüências advindas da anorexia (MARZANO-PARISOLI, 2004: 55).

Uma outra justificativa para a disseminação do ideal da magreza sobre o público feminino reside no argumento de que, através da submissão a um padrão

corporal, as mulheres seriam expostas a um controle social sutil e eficiente. Pelas implicações que o padrão da magreza acarreta na vida das mulheres, alguns discursos feministas insistem em apontar que as imagens de beleza são armas usadas contra as mulheres, assim como se suspeitou que os enredos do amor romântico fossem engendrados pelos homens para encerrar as mulheres em casa (GIDDENS, 1993: 52).

Tentando manter um afastamento em relação aos discursos que polarizam as relações entre os gêneros, colocando as mulheres como “vítimas” do poder masculino, abordamos o “império” da magreza a partir de seus efeitos sobre o público feminino. Salientamos a diferença em relação ao corpo da mulher moderna, visto que este se legitimava a partir da maternidade. A partir da década de sessenta, a maternidade deixa de ser o horizonte principal de visibilidade das mulheres, para dar lugar à magreza. As mulheres belas (jovens e magras) adquiriram uma visibilidade intensa nos discursos veiculados pelas mídias, os quais legitimam a idéia de que uma mulher, sendo magra, aumenta suas possibilidades de ser amada e ter sucesso.

É quase impossível rebater o fato de que, desde os anos sessenta, o padrão do corpo ideal feminino consolidou-se através de uma silhueta magra. As mulheres recém-libertadas da reclusão do lar e da gravidez compulsória, graças à pílula anticoncepcional que lhes permitiu um controle sobre seu corpo e sua sexualidade, seriam refreadas nas suas pretensões de ocuparem em massa as esferas masculinas, graças à camisa-de-força em que se tornaram seus corpos, na medida em que elas sucumbiam à submissão ao rígido padrão estético que lhes foi imposto (vendido) (AMORIM, 2001: 37).

A busca pela magreza incide de forma intensa sobre as mulheres, orientando a relação que estabelecem com seus corpos, afetos e planos de futuro. Muitas mulheres submetem-se aos padrões estéticos dominantes por acreditarem que, com isso, poderão ser reconhecidas como sujeitos e valorizadas.

Assim, podemos perceber que o imaginário do corpo magro e suas representações sugerem às mulheres que a construção desse corpo é a prova do seu poder e garantia de sucesso, não só profissional, mas também no plano afetivo e sexual (op.cit: 200).

O corpo magro - erigido como símbolo de sucesso e de bem-estar - ajuda a construir o perfil de uma feminilidade ideal: tecida pelo esforço e pela iniciativa de mulheres que almejam alcançar a felicidade.

2.8. Corpos femininos – erotismo e amor

A imagem de belos corpos femininos desfilando em meio aos mais diversos tipos de mercadorias chama a atenção para uma das conseqüências do estabelecimento de um padrão físico como garantia da felicidade individual: não apenas os corpos ingressaram no mercado, como também as relações. Nesse sentido, a mercadoria faz o papel de mulher desejável para ser desejada pelas mulheres, apelando para seu desejo de serem desejadas pelos homens (MORIN, 1997: 121).

Se considerarmos o apelo ao amor como um dos suportes através dos quais é erigido um padrão feminino de beleza corporal, somos levados a questionar o caráter assumido por esse sentimento. De fato, embora os ideais do amor romântico continuem sendo utilizados por um gigantesco setor da indústria voltado para a produção de filmes, revistas e livros direcionados ao público feminino (onde preponderam as histórias “românticas”, herdeiras da estética dos folhetins), o amor vendido pelas silhuetas magras já não é somente um amor romântico.

Trata-se de um amor que se desdobra em algumas vertentes. Continua sendo a promessa de felicidade e de aventura, num mundo desencantado – pobre de referências e de valores coletivos. Permanece sendo valorizado como uma relação mais importante do que as demais. No entanto, esse amor já não se firma em laços duradouros; não se fia nas promessas de eternidade; não propõe a formação da família como horizonte único a ser atingido. O amor contemporâneo requer mobilidade: ele flui à medida que acompanha o deslizar dos desejos.

Procurar o amor é, a partir de então, almejar a satisfação pessoal, o prazer imediato e sem limites. Nesse sentido, os vínculos se afrouxam, quando se vêem justificados apenas pelas sensações que proporcionam. Contribuem para isso os discursos, largamente explorados pela publicidade, que enfatizam a existência de uma infinidade de novas opções tentadoras e desconhecidas, capazes encher a vida com uma alegria insuspeita.

Há sempre a possibilidade de pôr a culpa numa escolha, considerando-a equivocada, e não na incapacidade de aproveitar as oportunidades por ela oferecidas, pelo fato de a bem-aventurança prevista não ter conseguido se materializar. Há sempre uma chance de abandonar a estrada pela qual se chegaria à realização e recomeçar – mesmo que a partir do zero, se as perspectivas parecerem atraentes (BAUMAN, 2004: 74).

Na corrida em direção ao prazer e ao sucesso, a imagem do corpo feminino torna-se um oásis e um fardo. O primeiro, porque anuncia para todas as mulheres uma “boa-nova”: seus corpos podem ser refeitos: o acesso à beleza se democratizou. Conquistando um novo corpo, conquistarão, por conseqüência, uma nova vida. Nas palavras de Morin:

A mulher modelo desenvolvida pela cultura de massa tem a aparência da boneca do amor. As publicidades, os conselhos estão orientados de modo bastante preciso para os caracteres sexuais secundários (cabelos, peitos, boca, olhos), para os atributos erógenos (roupas de baixo, vestidos, enfeites), para um ideal de beleza delgado, esbelto – quadris, ancas, pernas. A boca perpetuamente sangrenta, o rosto pintado seguindo um ritual são um convite permanente a esse delírio sagrado do amor que embota, evidentemente, a multiplicidade quotidiana do estímulo (1997: 141).

O corpo fardo se revela no desejo constante de se fazer outra, para ser legitimada em sua singularidade. A estética da magreza torna as mulheres consumidoras vorazes dos objetos, posturas e signos de um mercado sempre disposto a atender e a sustentar a insatisfação. Enquanto as bonecas do amor, mencionadas por Morin, disseminam-se, é exigido de cada mulher um esforço duplo: elas precisam se constituir como sujeitos (através da formação acadêmica e da atuação profissional) sem, no entanto, abandonar a posição de objetos (consolidada pela disciplina da magreza imposta a seus corpos).

2.8. Mulheres, amores e feminismos no Brasil.

Após a chegada da família real, o Brasil atravessou uma série de transformações, voltadas para o desenvolvimento da vida urbana. Num país essencialmente agrário, dotado de uma fraca diferenciação social, as estratégias de modernização incidiram, sobretudo, na divisão entre os espaços público e privado. Nesse período, foram criadas as primeiras leis para a regulamentação da limpeza e do uso das cidades. Com o auxílio de médicos europeus, começaram também as campanhas de higienização da população.

Como foi visto, os discursos médicos da época se concentravam na implementação de um conjunto de práticas voltadas ao cuidado do corpo, contribuindo para construção de novos conceitos para a vida familiar e para a higiene. Tais conceitos encontravam-se intrinsecamente ligados à disseminação da mentalidade burguesa. Junto aos discursos médicos, a literatura importada principalmente da França ajudou a delinear os perfis adequados aos homens e às mulheres da burguesia. Aos primeiros caberia ocupar a rua, enquanto as mulheres cultivariam a intimidade. Essa divisão de territórios e de formas de existência foi acompanhada de uma mudança na expressão dos sentimentos:

Nos sentimentos, ocorreu uma mudança na sensibilidade em relação ao que se chamava ora de amor, ora de sexualidade. Como consequência, teria havido um afastamento dos corpos que passaram a ser mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico (D'INCAO. In: DEL PRIORE, 2002: 230).

Os temas do amor romântico desenvolviam-se em torno de uma idealização do amado e do sentimento amoroso. Assim, despontavam através da literatura imagens de mulheres belas e puras, cortejadas por homens corajosos, nobres e fortes. A relação sexual raramente aparecia nos textos, os quais elegiam o casamento como o ápice da realização amorosa.

Em 1844, Joaquim Manuel Macedo publica o primeiro romance romântico brasileiro: "A Moreninha". A partir de então, a literatura romântica floresce no país, descrevendo o amor como um sentimento superior, capaz de vencer todas as barreiras e de promover a felicidade.

Embora os romances se difundissem entre as mulheres das classes abastadas brasileiras, durante todo o século XIX, fazia-se claramente uma distinção entre o amor cotidiano e o literário. Enquanto o último era fruto de uma escolha apaixonada de um homem e de uma mulher capazes de lutar contra a família e a sociedade em nome de seu amor, o primeiro se realizava como um acordo entre famílias, obedecendo aos interesses econômicos de ambas.

O que se observa na literatura romântica deste período são propostas de sentimentos novos, nas quais a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. Mas isso ficava para os livros ou para os novos códigos amorosos que lentamente se instalavam. A escolha, na vida real, era, todavia, feita segundo critérios paternos (DEL PRIORE, 2005: 129).

Num ambiente no qual as mulheres casavam muito cedo e a procriação constituía o principal objetivo do laço conjugal, havia, de fato, pouco espaço para um questionamento do papel de mãe e esposa. Acrescente-se a isso a forte influência da Igreja Católica, orientando os costumes e os valores, e a quase inexistência de um mercado de trabalho aberto às mulheres. Estas, quando atingiam a idade de catorze anos, eram consideradas como tendo sido suficientemente educadas para assumir o papel de adultas, ou seja, para casarem.

Nesse contexto, surgem as primeiras sementes do movimento feminista no Brasil. Na época, inspiradas pelo feminismo francês, algumas mulheres que tiveram acesso à educação publicaram jornais e empreenderam batalhas a favor do direito ao voto feminino. Tais mulheres, provenientes de famílias com uma cultura muito acima da média do país, constituíam uma exceção tão notória, que se pode afirmar ter sido o feminismo da época caracterizado principalmente por iniciativas individuais, dispersas pelas várias regiões do Brasil.

No início do século XX, com a chegada ao país de um grande contingente de imigrantes, surge um novo feminismo, organizado pelas operárias. Estas não se identificavam com as intelectuais, e desejavam conceder ao movimento feminista uma face menos burguesa. Motivadas pela teoria marxista, essas mulheres denunciavam a exploração da força de trabalho feminina e a desigualdade das relações de gênero.

Com a República, o Brasil ingressou no século XX, movido por um anseio crescente de urbanização e de renovação das relações familiares. O dinamismo

econômico, fruto da expansão do capitalismo, proporcionou o surgimento das camadas médias e, com elas, da urbanização e da diminuição do número de filhos.

O Código Civil Brasileiro de 1916 pregava a indissolubilidade do matrimônio e a total dependência das mulheres casadas. Com o fim da I Guerra, a influência da cultura francesa alterou as vestimentas e as maneiras de ser de homens e mulheres. Estas - encantadas com a liberdade de modos da “garçonne” - começaram a cortar os cabelos e a aderir à estética da magreza. Finalmente, a chegada do cinema ao Brasil foi responsável por uma disseminação sem precedentes da ideologia do amor romântico, difundindo o desejo de viver um amor literário no cotidiano.

(...) o casal amoroso se torna uma entidade autônoma, que existe em um contexto auto-referido, em que tudo o que acontece ao seu redor só tem sentido em virtude de sua relação – cômico-dramática – amorosa. É como se eles existissem à parte da sociedade, tendo como único nexos explicativo seu comportamento e das outras pessoas que orbitam à volta de sua ligação apaixonada. Assim eles se indispõem sucessivamente contra seus pais e familiares, contra seus amigos e circunstantes, contra as hierarquias e as convenções sociais, enfim, se batem contra tudo que possa interferir em sua relação amorosa (DEL PRIORE, 2005: 276).

No final dos anos trinta e quarenta, a urbanização e a industrialização ajudam a diluir as redes tradicionais de sociabilidade, e as relações afetivas começam a ser democratizadas. As mulheres conquistam o direito de voto em 1932 e passam também a ocupar um mercado de trabalho em franca expansão, “feminilizando” as fábricas, as lojas e os escritórios.

Após a II Guerra Mundial, o país viveu um período de ascensão da classe média, caracterizado também pela difusão do consumismo. Nessa época, as revistas femininas invadiram o cenário nacional e, embora defendessem que a escolha do cônjuge deveria ser motivada pelo sentimento amoroso, instituíam uma rígida divisão de papéis entre homens e mulheres.

No Brasil da década de cinquenta continuava-se a acreditar que ser mãe e dona de casa constituía o destino fundamental das mulheres. As filhas da classe média eram educadas para o casamento, consumindo uma série de discursos destinados a moldar a imagem da mulher ideal como delicada, submissa ao homem, bela e devotada à maternidade, como podemos ler no trecho de uma revista de grande circulação na época:

Lugar de mulher é o lar [...] a tentativa da mulher moderna de viver como um homem durante o dia, e como uma mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destruídas [...] Felizmente, porém, a ambição da maioria das mulheres ainda continua a ser o casamento e a família. Muitas, no entanto, almejavam levar uma vida dupla: no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que freqüentemente as leva a um eventual repúdio de seu papel feminino. Procurar ser à noite esposa e mãe perfeitas e funcionária exemplar durante o dia requer um esforço excessivo [...] O resultado é geralmente a confusão e a tensão reinantes no lar, em prejuízo dos filhos e da família (BASSANEZI. In: DEL PRIORE, 2002: 624).

Embora o senso comum difundisse a idéia de que as mulheres viviam unicamente para o amor, tal sentimento era, no entanto, domesticado no cotidiano. Mesmo se a escolha amorosa conduzisse o casamento, a opinião da família continuava tendo papel preponderante na decisão. A imagem do bom candidato a marido era a de um rapaz honesto, trabalhador e capaz de manter uma família. Já uma boa candidata à esposa deveria ser uma mulher recatada, virgem e interessada mais no lar do que na rua. Aqueles que se afastavam do modelo, sobretudo as mulheres, tornavam-se malvistas e quase sempre pagavam por suas escolhas “desviantes” com a solidão.

Na década de sessenta, juntamente com a difusão da pílula e a revolução sexual, despontou no Brasil um novo feminismo. Influenciado pelos movimentos feministas que eclodiam na Europa e nos E.U.A, o feminismo brasileiro teve, contudo, de se desenvolver num cenário bastante desfavorável. Com o golpe de 1964 e o Ato Institucional Número cinco de 1968, as feministas, que haviam se unido nas décadas de quarenta e cinquenta na luta contra a pobreza, ingressaram na luta pela democracia.

Muitas delas viveriam exiladas no exterior, sobretudo na Europa. Em Paris, importantes grupos de estudo de mulheres brasileiras ajudaram a difundir as principais obras do feminismo e a lutar pela renovação das relações de gênero.

Enquanto no resto do mundo ocidental as mulheres procuravam discutir sua posição na sociedade, seu corpo e seu prazer, um punhado de mulheres brasileiras fazia a mesma coisa, mas pedindo desculpas (JARDIM PINTO, 2003: 51).

Apesar da dispersão, o movimento feminista brasileiro obteve algumas vitórias. Em 1964, O Estatuto da Mulher Casada foi modificado e os cônjuges passaram a gozar dos mesmos direitos e das mesmas obrigações legais. Em 1972, foi criado o Conselho Internacional da Mulher e, em 1975, o feminismo brasileiro, antes restrito a grupos separados, se institucionalizou: levantando a bandeira da luta contra a ditadura.

Contudo, comparado aos feminismos americano e europeu, muitos aspectos deveriam ser revistos para que o movimento brasileiro conseguisse modificar a condição feminina.

De 1975, marco do movimento feminista no mundo e no Brasil, até 1979, quando o país dá os primeiros passos firmes em direção à democratização, com a anistia e a reforma partidária que terminou com o bipartidarismo, o movimento feminista no Brasil esteve associado muito de perto à luta pelo fim da ditadura militar. O encontro do feminismo à moda do Primeiro Mundo com a realidade brasileira daquela época promoveu situações tão complicadas quanto criativas: as mulheres de classe média, intelectualizadas, que estiveram nos Estados Unidos ou na Europa como exiladas, estudantes ou simples viajantes em busca de novas experiências, voltavam para o Brasil trazendo uma nova forma de pensar sua condição de mulher, em que o antigo papel de mãe, companheira, esposa não mais servia. Essas mulheres haviam descoberto seus direitos e, mais do que isso, talvez a mais desafiadora das descobertas, haviam descoberto os seus corpos, com suas mazelas e seus prazeres. Mas o Brasil que encontravam era um país dominado por uma ditadura militar sangrenta, na qual todas as frestas de expressão que sobraram deviam ser ocupadas pela luta pró-democratização, pelo fim da censura, pela anistia aos presos políticos exilados. Somava-se a isso uma tradição marxista e ortodoxa muito arraigada, que via esse tipo de luta como um desvio em relação à luta fundamental do proletariado contra a burguesia (JARDIM PINTO, 2003: 65).

Enquanto a década de setenta colocava para o mundo a questão da mulher, era preciso lidar com a necessidade de empreender uma transformação no cenário político do país. Em 1979, a anistia dos presos políticos, em nome da qual lutava o movimento feminista brasileiro, foi alcançada. Com isso, o país iniciou um processo de redemocratização, consolidado pelo movimento “Diretas Já!”, em 1984, pela volta do poder civil em 1985, pela aprovação de uma nova Constituição Federal, em 1988, e pela realização das eleições diretas para Presidente da República em 1989.

A Constituição de 1988 representou um marco político, a partir do qual foram ampliados os direitos individuais e sociais, bem como consolidada a cidadania das

mulheres, tanto na vida privada quanto na pública. De acordo com o texto da Constituição, homens e mulheres se tornaram iguais, perante a lei. Além disso, o tema da violência contra a mulher adquiriu visibilidade, através da fundação da Delegacia da Mulher.

O feminismo brasileiro não conseguiu vencer a resistência da Igreja Católica e dos discursos conservadores no que concerne ao aborto, que continua sendo proibido no país. No entanto, o uso da pílula anticoncepcional se tornou comum, principalmente para as mulheres provenientes das camadas altas e médias. Foram elas também as principais herdeiras das conquistas do feminismo.

Atualmente, as brasileiras estão cada vez mais qualificadas, dedicam mais tempo aos estudos do que os homens e, lentamente, passam a ocupar cargos de maior prestígio. Em consonância com o quadro mundial, observa-se também no Brasil uma feminilização da pobreza, destacando-se o fato de que 30% das mulheres que trabalham no país realizam atividades para as quais não se requer formação escolar; como as domésticas, por exemplo. (UNIFEM, 2006).

As mudanças que permitiram a algumas brasileiras conquistar novos papéis na sociedade contribuíram para uma transformação nas relações amorosas. Quando a hierarquia cede lugar à possibilidade de igualdade, os encontros entre homens e mulheres podem ser motivados finalmente pela afinidade e pela satisfação individual. Além disso, as experiências sexuais se tornam cada vez mais parecidas para ambos os sexos.

Após a convergência das aspirações sexuais e afetivas para a relação amorosa, nas últimas décadas do século XX, tem início um outro movimento, cuja característica principal é a de operar uma separação entre a sexualidade, o compromisso e o amor. Assim, as brasileiras, seguindo uma tendência mundial, são convidadas a fazer um uso “livre” de seus corpos, guiadas pela busca do prazer. Afastadas das proibições ou das regras explícitas, essas mulheres se dedicam a um cuidado minucioso com o corpo e vivenciam relações amorosas que, embora não se submetam ao controle da família e da comunidade, não conseguem se esquivar dos imperativos da realização pessoal⁴³.

⁴³ Acrescentamos aqui alguns dados relevantes sobre o perfil da mulher brasileira contemporânea. 84% das mulheres vivem em áreas urbanas. Apenas 6% possuem ensino superior. No nordeste, são 4%. Entre as brasileiras de 25 a 34 anos, 53% fazem algum trabalho remunerado; apenas 7% não têm filhos; 36% são casadas, 26%, solteiras e 8%, separadas; 65% acham que ser mulher hoje é melhor do que há vinte anos; 43% se declaram não feministas, enquanto 28% se dizem feministas;

3. O TRABALHO DE CAMPO E OS DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS

Le sociologue digne de ce nom ne peut ignorer que le propre de son point de vue est d'être un point de vue sur un point de vue. Il ne peut re-produire le point de vue de son objet, et le constituer comme tel en le restituant dans l'espace social, qu'à partir de ce point de vue très singulier (et, en un sens, très privilégié) ou il faut se placer pour être en mesure de prendre (en pensée) tous les points de vue possibles ou de « vivre toutes les vies », comme disait Flaubert. C'est dans la mesure ou il est capable de s'objectiver lui-même, qu'il peut, tout en restant à la place que lui est inexorablement assignée dans le monde social, se porter en pensée au lieu ou se trouve placé son objet et prendre ainsi son point de vue, c'est-à-dire comprendre que s'il était, comme on dit, à sa place, il serait et penserait sans doute comme lui (BOURDIEU, 1991 : 5)⁴⁴.

Ao nos voltarmos sobre o passado com o intuito de compreender como se inventaram as formas a partir das quais o presente se estruturou, percebemos que o código do amor romântico constituiu um suporte capaz de legitimar um destino comum, reservado às mulheres burguesas. Destino não apenas justificado, mas naturalizado através da articulação entre discursos, práticas e instituições. A “feminilização” do amor manteve-se, assim, estreitamente relacionada com as funções sociais destinadas às mulheres modernas.

Examinando as possíveis relações estabelecidas pelas mulheres contemporâneas com os temas do amor romântico, a primeira ressalva consiste em admitir que a categoria “mulheres” é demasiado vaga. Cientes de que não existem “as mulheres”, mas diversos modos de ser mulher, estruturamos nosso trabalho de campo a partir de algumas considerações. Inicialmente, é fundamental enfatizar que o ato mesmo de eleger determinados aspectos na tentativa de compor um perfil para

89% definem o Brasil como um país machista; 55% preferem ter uma profissão a cuidar da casa; 96% realizam todo o trabalho doméstico; 9% assumem o papel de provedoras do lar, enquanto 36% auxiliam o marido nessa tarefa; 29% são insatisfeitas com o peso e apenas 1% afirmaram ter tido mais de dez parceiros sexuais (VENTURI et al, 2004).

⁴⁴ O sociólogo digno desse nome não pode ignorar que o próprio de seu ponto de vista é de ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e o constituir como tal restituindo-o no espaço social, que a partir desse ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado), no qual é preciso se colocar para estar em condições de apreender (em pensamento) todos os pontos de vista ou de “viver todas as vidas”, como dizia Flaubert. É à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo, que ele pode, continuando no lugar que lhe é inexoravelmente assinalado no mundo social, se colocar em pensamento no lugar onde se encontra posicionado seu objeto e apreender assim seu ponto de vista, quer dizer, compreender que se estivesse, como se diz, em seu lugar, ele seria e pensaria sem dúvida como ele.

as pessoas a serem entrevistadas está intrinsecamente relacionado com a problemática e com o quadro teórico desenvolvidos na pesquisa.

Nesse sentido, nossa escolha por entrevistar mulheres, inserindo-as numa categoria de situação construída a partir de um conjunto de características, justifica-se por serem tais mulheres aquelas que, supomos, possuem maiores condições de questionar o modelo tradicional de feminilidade.

Mulheres que atingiram ou estão próximas de atingir os trinta anos, que se encontram solteiras ou divorciadas e não cultivam, no momento, nenhuma relação amorosa semelhante ao modelo do casal capaz de assumir um casamento, que não possuem filhos e que alcançaram um nível educacional elevado o suficiente para colocá-las em condições de disputar um bom lugar no mercado de trabalho estão, voluntária ou involuntariamente, experimentando novas possibilidades para o arranjo entre o amor e a feminilidade.

Interessa-nos perceber como as relações amorosas e a feminilidade são problematizadas por essas mulheres; o que elas esperam do amor e em que medida suas expectativas estão próximas ou distantes de suas vivências. De uma forma mais precisa: pretendemos explorar os diversos modelos aos quais nos enviam os discursos e as práticas dessas mulheres acerca do amor e da feminilidade.

Em consonância com o procedimento utilizado para a análise dos textos históricos e literários, o trabalho de campo também seguiu um referencial metodológico qualitativo. Entrevistamos, ao todo, dezoito mulheres. No que concerne à configuração do meio sócio-econômico, procuramos nos basear em critérios capazes de produzir um perfil mais elaborado, mais concreto sobre as entrevistadas. Nesse sentido, atentamos para a escolaridade e a posição sócio-profissional.

Consideramos que o conceito de classe social remete a um conjunto de indivíduos, situados em condições homogêneas de existência, passíveis de impor condicionamentos e de produzir disposições similares, as quais, por sua vez, engendram práticas semelhantes (BOURDIEU, 1979: 117). Se designarmos uma classe a partir da variável profissão, corremos o risco de não atentar para as variáveis secundárias que constituem linhas de divisão potencialmente inseridas no grupo social selecionado. Nisto reside uma das principais diferenças entre uma classe teórica e uma classe real:

En effet, les individus rassemblés dans une classe qui est construite sous un rapport particulier mais particulièrement déterminant apportent toujours avec eux, outre les propriétés secondaires qui sont ainsi introduites en contrebande dans le modèle explicatif. C'est dire qu'une classe ou une fraction de classe est définie non seulement par sa position dans les rapports de production telle qu'elle peut être repérée à travers des indices comme la profession, les revenus ou même le niveau d'instruction, mais aussi par un certain sex-ratio, une distribution déterminée dans l'espace géographique (qui n'est jamais neutre socialement) et par tout un ensemble de caractéristiques auxiliaires qui, au titre d'exigences tacites, peuvent fonctionner comme des principes de sélection ou d'exclusion réels sans jamais être formellement énoncés (c'est le cas par exemple de l'appartenance ethnique ou du sexe); nombre de critères officiels servent en effet de masque à des critères cachés, le fait d'exiger un diplôme déterminé pouvant être une manière d'exiger en fait une origine sociale déterminée (BOURDIEU, 1979 : 113).⁴⁵

Cientes do abismo existente entre um conceito de classe - construído a partir de um recorte no espaço social, realizado de acordo com critérios pré-estabelecidos - e uma classe real - um grupo efetivamente mobilizado (BOURDIEU, 2006: 133) - e tentando adquirir um certo controle sobre as variáveis secundárias existentes no conjunto formado, optamos pela utilização da técnica "bola de neve". A partir dela, solicitamos a uma mulher (geralmente uma amiga, ou uma colega do doutorado) que possuísse características compatíveis com nossa problemática para nos indicar uma conhecida sua, a qual estivesse numa situação parecida e manifestasse disponibilidade para ser entrevistada. Um vez realizada a entrevista, repetíamos o pedido.

A conclusão da fase de entrevistas não foi estabelecida previamente. Ela ocorreu quando percebemos ter atingido uma certa estabilidade, advinda do

⁴⁵ Com efeito, os indivíduos reunidos numa classe, que é construída segundo uma relação particular, mas particularmente determinante, carregam sempre com eles, além disso, as propriedades secundárias que são como que introduzidas de contrabando no modelo explicativo. Isso quer dizer que uma classe, ou uma fração de classe, é definida não somente por sua posição nas relações de produção, tal como ela pode ser apreendida através de índices como profissão, salário, ou mesmo nível de instrução, mas também por um certo "sex-ratio", uma distribuição determinada no espaço geográfico (que não é jamais neutra socialmente) e por todos os lugares um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências táticas, podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão reais sem jamais terem sido formalmente enunciados (é por exemplo o caso do pertencimento étnico ou de sexo); numerosos critérios oficiais servem, com efeito, de máscara para critérios velados, o fato de se exigir um diploma determinado podendo ser uma maneira de se exigir, na verdade, uma origem social determinada.

esgotamento das questões e da possibilidade de estabelecer relações mais gerais entre os discursos.

Procuramos utilizar o mesmo procedimento, tanto nas entrevistas feitas no Brasil quanto naquelas que fizemos na França. A realização de uma parte da pesquisa em outro país foi fundamental por nos ter permitido empreender um deslocamento necessário em relação ao objeto de estudo, bem como ampliar as possibilidades de visão do objeto.

Devido ao fato das características pessoais da pesquisadora se ajustarem, em muitos aspectos, ao objeto de estudo, foi inevitável o surgimento de uma relutância, exposta na seguinte questão: até que ponto um pesquisador pode se “misturar” àquilo que pesquisa? Tal questão remete a um determinado ideal de cientificidade. No caso, trata-se de considerar que um cientista deve assumir uma posição completamente objetiva diante da realidade.

Não nos interessa desenvolver uma argumentação exaustiva acerca do caráter construído do real. Pretendemos apenas levantar alguns pontos que julgamos relevantes à nossa pesquisa. Inicialmente, é fundamental admitir que não existe pensamento imune ou desvinculado do seu contexto social (BERGER; LUCKMANN, 1991). Nesse sentido, a linguagem com a qual pretendemos dar corpo às nossas idéias participa, na verdade, do processo de constituição das mesmas, tornando-as plausíveis, num determinado contexto. Podemos, desse modo, afirmar que mesmo os temas mais “objetivos”, ou seja, teoricamente mais afastados da vida do pesquisador, consistem ainda numa apropriação singular: num modo específico de se apreender uma realidade impossível de ser esgotada.

A dinâmica entre subjetividade e objetividade, no campo da produção científica, não se deixa, contudo, apreender sob uma perspectiva simplista. Com efeito, se a postura do pesquisador capaz de anular as “influências” subjetivas na tentativa de apreender o objeto em sua concretude não tem mais lugar numa investigação que se pretenda séria, a posição oposta, de um sujeito estudando e falando apenas de si mesmo em qualquer tema que se proponha a pesquisar, levamos somente declarar a impossibilidade do conhecimento.

O impasse entre objetividade e subjetividade começa a ser redimensionado quando o pesquisador busca reconhecer e assumir sua posição particular em face do objeto que pretende estudar. Nesse sentido, foi fundamental refletir sobre as concepções, as crenças e as expectativas que orientaram nosso interesse pela

pesquisa. Quando tornamos clara nossa implicação com o tema, colocamo-nos em condições de reconhecer nossos pressupostos implícitos e de perceber as diferentes dimensões a partir das quais realizamos a construção do objeto. Nas palavras de Bourdieu:

A tentativa de vir a conhecer a realidade sem qualquer pressuposição levaria simplesmente a um caos de juízos existenciais incidindo sobre inumeráveis percepções particulares (...) a realidade de cada percepção particular apresenta sempre uma multidão infinita de elementos singulares que não se deixam exprimir de maneira exaustiva nos julgamentos da percepção. O que coloca em ordem esse caos é o simples fato de que, em cada caso, uma parcela somente da realidade singular ganha interesse e significação para nós, porque somente essa parcela está em relação com idéias de valor culturais com as quais abordamos a realidade concreta (2004: 185).

Assumir, diante de uma multiplicidade de fenômenos, a parcela de realidade singular significativa para nós, faz parte de um processo que se redimensiona através do encontro com o outro. Nesse sentido, cabe ao pesquisador evitar impor ou validar seus pontos de vista, utilizando, para tanto, os dados coletados; bem como desconfiar que ele realmente seja capaz de definir, a partir desses dados, a forma como pensam e vivem seus informantes.

O encontro com o outro em nossa pesquisa assumiu as características do que Geertz denomina de tradução. Traduzimos, literalmente, quando realizamos entrevistas numa língua diferente da nossa língua materna, mas assim o fizemos também nas entrevistas com as brasileiras. De acordo com Geertz, a atividade do antropólogo é comparável a de um tradutor, ou de um crítico literário, pois ambos lidam com símbolos, com estruturas de sentido. Embora seja impossível penetrar completamente na rede de sentido do outro (pois não nos desvencilhamos da nossa rede particular), é, no entanto, possível apreender algumas das diferentes lógicas capazes de conferir sentido ao mundo.

Para captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência próxima e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social, é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se “embaixo da pele do outro”. O truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem considerar suas almas como suas, e, de qualquer maneira, não vão estar muito

interessados neste tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo (GEERTZ, 2001: 88-89).

Descobrir como, e por que meios, os sujeitos são levados a pensar e a perceber de um determinado modo, não de outro, constitui, segundo Geertz, um exercício de tradução semelhante ao que efetivamos quando conseguimos entender uma piada, um poema, ou uma ironia. O autor enfatiza que, ao traduzir, abandonamos uma posição meramente subjetiva e ingressamos no território da intersubjetividade.

Para Geertz, a ênfase na subjetividade pode levar o pesquisador a cair no confessionalismo, ou seja: a projetar uma compreensão do real restrita a um único ponto de vista, fruto de suas considerações pessoais. Dessa forma, ela constitui uma autoria circunstanciada, cuja principal característica é a de se encontrar totalmente presa às estruturas de sentido de quem produziu o texto. Contrapondo-se a esse tipo de autoria, Geertz considera que o antropólogo, desvencilhando-se da ilusão da objetividade, deve efetivar uma abordagem intersubjetiva dos acontecimentos.

A intersubjetividade é um traço objetivo exatamente na medida em que não é mais a subjetividade do autor do texto, nem tampouco apenas a subjetividade do leitor, mas uma espécie de mediação possibilitada pela linguagem entre essas subjetividades. Subjetividades que, objetivadas na linguagem – linguagem que tem sua objetividade exatamente por mediar uma comunicação de forma reconhecível entre duas subjetividades, que, a priori, têm suas experiências incomunicáveis -, proporcionam a objetivação de suas ações, de suas expressões (AZZAN JUNIOR, 1993: 119-120).

A ênfase na intersubjetividade possibilita o aparecimento de uma autoria dispersa. Desse modo, a interpretação de uma realidade específica se articula como um texto, no qual ressoam diversas vozes. O caráter polissêmico do texto é assegurado pela possibilidade dele abrigar estruturas de sentido mais vastas, as quais não se encontram restritas a uma perspectiva subjetiva. Nesse sentido, o texto pode transcender seu autor.

Geertz defende que uma interpretação intersubjetiva dos fatos sociais possui um caráter objetivo, pois ultrapassa os posicionamentos singulares. De acordo com o autor, isto acontece porque o ato interpretativo se desenvolve na tensão entre subjetividade e objetividade.

Considerando que vivemos imersos em textos - ou seja, em redes simbólicas que conferem sentido ao nosso mundo -, toda tentativa de compreender algo se dá como um processo de leitura, ou melhor, de tradução. Ao traduzirmos, reformulamos noções para que estas possam ultrapassar o contexto no qual nasceram, e adquirir sentido em outros contextos. No ato da leitura, o intérprete carrega necessariamente sua história de vida, seus costumes, seus pontos de vista, atualizando-os na relação que estabelece com o texto. Entretanto, para além dos recursos subjetivos, existe o texto, cuja objetividade consiste no conjunto de significados inscritos, os quais constituem um horizonte interpretativo. Embora sejam virtualmente infinitas as possibilidades de se interpretar um texto, elas serão legítimas se operarem nos limites impostos pelo horizonte interpretativo, que deve ser compreendido como a comunidade histórica que sustenta o texto.

No diálogo entre o intérprete e o texto, a comunidade histórica se apresenta pela linguagem. Quando percebemos as palavras como estando habitadas por sentidos que excedem a intenção de quem as enuncia, colocamo-nos em face do caráter objetivo da intersubjetividade:

O real é aquilo que, mais cedo ou mais tarde, a informação e o raciocínio deveriam finalmente desembocar e que, por conseguinte, independe das extravagâncias do eu e do tu (...). A verdadeira origem da realidade mostra, pois, que esta concepção implica essencialmente a noção de comunidade (VÉRON, 1980: 187).

Pensar na existência de um sentido que não se esgota no “eu” e no “tu”, mas que delimita as possibilidades de relação entre ambos, faz parte de uma reflexão sobre a natureza do social. Trata-se do esforço de colocar os acontecimentos em suas molduras sociais para, com isso, tornar plausível, real, o objeto de estudo (GEERTZ, 2002). Nesse sentido, nosso interesse, ao analisar as entrevistas, não se voltou para o aprofundamento da singularidade de cada história de vida. Ao contrário, pretendemos perceber justamente as recorrências: as marcas que, nos discursos, permitiam-nos entrever traços de um processo histórico-social específico.

Car, en définitive, ce n'est pas l'individu en lui-même qui retient l'attention mais ce qu'il peut, à travers son expérience subjective, révéler de la culture à laquelle il appartient.

Com o objetivo de abordar as experiências subjetivas, relacionando-as a seus contextos sócio-culturais, organizamos nossas entrevistas, de acordo com a metodologia das histórias de vida. Porém, é necessário afirmar que não tivemos repetidos encontros com todas as entrevistadas. Nossas entrevistas consistiram, em sua maior parte, em encontros únicos, tendo por duração média duas horas. Tal fato pode, na concepção de alguns autores, invalidar a caracterização do método como construído a partir das histórias de vida (POIRER; CLAPIER-VALLADON; RAYBAUT, 1995).

Baseamo-nos, no entanto, na concepção de Bertaux (2006), o qual considera que a principal característica principal desta metodologia não consiste em ser realizada a partir de repetidos encontros com os entrevistados, mas na estruturação das entrevistas sob uma forma narrativa. Em suas palavras :

En sciences sociales, le récit de vie résulte d'une forme particulière d'entretien, « l'entretien narratif », au cours duquel un « chercheur » (lequel peut être un étudiant) demande à une personne ci-après dénommée « sujet » de lui raconter tout ou partie de son expérience vécue (2006 : 11).⁴⁷

A entrevista narrativa deve estar orientada para a reconstituição dos acontecimentos, das situações vividas e das ações empreendidas por um determinado sujeito, sendo este compreendido como um fragmento de uma realidade particular. Nesse sentido, esta metodologia parte do pressuposto de que existe uma compatibilidade entre a lógica de um mundo social e aquela que rege cada um dos seus microcosmos. Assim, os sujeitos, discorrendo sobre suas práticas, estariam também fornecendo importantes pistas sobre as formas a partir das quais se configuram as relações sociais, num dado contexto.

Segundo Bertaux (2006), um mundo social se constitui em torno de uma atividade específica, a qual pode ser remunerada (como as diferentes profissões) ou

⁴⁶ Porque, definitivamente, não é o indivíduo nele mesmo que retém a atenção, mas o que ele pode, através de sua experiência subjetiva, revelar da cultura à qual pertence. O indivíduo como o lugar da sua cultura.

⁴⁷ Em ciências sociais, a história de vida resulta de uma forma particular de entrevista, a "entrevista narrativa", no decorrer da qual um pesquisador (o qual pode ser um estudante) pede que uma pessoa, aqui denominada "sujeito", lhe conte toda ou parte de sua experiência vivida.

não remunerada (como as associações culturais, esportivas, dentre outras). No decorrer da vida, um sujeito transita por mundos sociais diversos, que coexistem entre si. Circulando entre diversos mundos sociais, um sujeito pode ser localizado numa categoria de situação:

Le phénomène de "situation particulière" n'implique pas nécessairement la formation d'un monde social: les mères élevant seules leurs enfants n'ont pas d'activité commune, pas plus que les chômeurs de longue durée ou les malades chroniques. C'est la situation elle-même qui leur est commune. Cette situation est sociale dans la mesure ou elle engendre des contraintes et des logiques d'action qui présentent bien des points communs, ou elle est perçue à travers des schèmes collectifs, ou elle est éventuellement traitée par une même institution (BERTAUX, 2006 : 21).⁴⁸

As mulheres entrevistadas compartilham características que podem ser delimitadas a partir de uma categoria de situação. Este fato, segundo Bertaux, permite a construção de um objeto social favorável à metodologia das histórias de vida. Supondo a existência de uma afinidade profunda entre a ação e a narrativa (RICOEUR, 1986) ou, entre a prática e o discurso (FOUCAULT, 2004), consideramos que as narrativas dessas mulheres podem nos ajudar a compreender, através do que existe de comum em suas experiências, traços relevantes da configuração histórico-social em que vivem.

En multipliant les récits de vie de personnes se trouvant ou s'étant trouvées dans une situation sociale similaire, ou participant au même monde social, et en centrant leurs témoignages sur ces segments-là, on cherche à bénéficier des connaissances qu'elles ont acquises de par leur expérience directe sur ce monde ou cette situation, sans pour autant s'empêtrer dans la nécessaire singularité, ni dans le caractère inévitablement subjectif du récit qui en sera fait. En mettant en rapport plusieurs témoignages sur l'expérience vécue d'une même situation sociale par exemple, on pourra dépasser leurs singularités pour atteindre, par construction progressive, une représentation sociologique des composantes sociales (collectives) de la situation (BERTAUX, 2006 : 37).⁴⁹

⁴⁸ O fenômeno "situação particular" não implica necessariamente a formação de um mundo social: mães educando sozinhas suas crianças não possuem uma atividade comum, não mais que os desempregados de longa duração ou que os doentes crônicos. É a situação nela mesma que lhes é comum. Essa situação é social à medida que ela engendra constrangimentos e lógicas de ação que apresentam muitos pontos comuns, ou ela é percebida através de esquemas coletivos ou, eventualmente, ela é tratada por uma mesma instituição.

⁴⁹ Multiplicando as histórias de vida de pessoas que se encontram, ou que são colocadas, numa situação social similar, ou que participam de um mesmo mundo social, e centrando seus testemunhos sobre esses segmentos, procura-se enfatizar os conhecimentos que elas adquiriram através da experiência direta sobre esse mundo ou essa situação, sem apesar disso, ser aprisionado na

O fato de termos entrevistado mulheres pertencentes a culturas distintas tornou possível e também mais evidente a construção de um olhar mais atento às regularidades: às redes de relações que, além de não se esgotarem nos indivíduos, delimitam as formas como estes se situam e percebem o mundo:

(...) o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ela adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história da rede humana em que cresce e vive. Essa história e esta rede humana estão presentes nele e são representadas por ele (ELIAS, 1994:131).

Sair do Brasil e morar durante um ano em Paris teve profundo impacto no desenvolvimento desta pesquisa, por uma série de razões. Dentre elas, destacamos a convivência com a sensação de estranhamento. Sensação inevitável para aquele que precisa, de certo modo, colocar em suspenso o conjunto de símbolos que lhes são familiares para ingressar em outras possibilidades de sentido; e que é acompanhada de um estranhamento ainda maior: decorrente do exame distanciado do que antes era considerado simplesmente natural.

No livro: “Nova luz sobre a antropologia”, Geertz, aborda alguns impasses da pesquisa antropológica contemporânea. Um deles advém da aproximação entre diferentes culturas, o que suscita *a possibilidade de que a variedade esteja rapidamente se suavizando num espectro mais pálido e mais estreito* (2001: 68). O autor considera que atualmente estamos *todos cada vez mais apertados num pequeno planeta* (op.cit: 69).

Desse modo, a antropologia é levada a refletir acerca de uma diversidade que se encontra profundamente enredada ao que considera familiar. Enquanto os antropólogos clássicos partiam em direção a mundos estranhos, e podiam se deparar com formas de existência profundamente distintas (ou mesmo opostas) daquilo que haviam aprendido a definir como normal; atualmente a antropologia se depara com uma espécie de colagem, cuja principal característica reside na migração de costumes, de crenças e de sentidos.

necessária singularidade, nem no caráter inevitavelmente subjetivo da narração a ser feita. Colocando em relação diversos testemunhos sobre experiências vividas numa mesma situação social, por exemplo, é possível ultrapassar as singularidades para, assim, alcançar, por construção progressiva, uma representação sociológica dos componentes sociais (coletivos) da situação.

Evidentemente, tal colagem não se faz de maneira arbitrária, mas obedece a relações de poder e a embates econômicos. No entanto, o aspecto que desejamos evidenciar consiste na necessidade de afastamento em relação a duas posturas: aquela denominada por Geertz de um “cosmopolitismo sem conteúdo” e a sua versão oposta, manifesta num “provincianismo sem lágrimas”. A primeira se esgota numa tentativa de celebrar a existência de uma comunidade global, onde todos podem viver de acordo com os mesmos valores e tudo pode ser compreendido. Vale ressaltar, como o faz Geertz, que *tout comprendre c'est tout pardonner*. O último diz respeito à consideração de que, por estarmos comprometidos com o conjunto de símbolos que estrutura nosso mundo, encontramos-nos impossibilitados de refletir e de analisar algo diferente do que somos. De acordo com o autor:

O fato de o sentimento, o pensamento e o juízo se alicerçarem numa forma de vida – que é o único lugar, alias, tanto a meu ver quanto na opinião de Rorty, em que eles podem se apoiar – é tido como significando que os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem, o que não é exatamente o que o homem disse. O que ele disse, é claro, foi que os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo, o que não implica que o alcance de nossa mente, daquilo que podemos dizer, pensar, apreciar e julgar, esteja aprisionado nas fronteiras de nossa sociedade, nosso país, nossa classe ou nossa época, mas que o alcance de nossa mente, a gama de sinais que de algum modo conseguimos interpretar, é aquilo que define o espaço intelectual, moral e afetivo em que vivemos (2001: 75-76).

O período passado em Paris nos permitiu experimentar alguns aspectos da colagem mencionada por Geertz. Facilmente encontrada nas ruas repletas de pessoas das mais diferentes nacionalidades, falando línguas variadas e se esbarrando nos metrô, a diversidade nos chamava a atenção constantemente. Em alguns momentos, sentíamos estar vivendo algo comum a muitas grandes cidades: a pressa constante, os grupos de adolescentes reunidos nas ruas, os bares cheios, a publicidade espalhada por todos os espaços, as lojas sempre repletas de clientes dispostos a consumir a mais recente novidade, etc. Nas entrevistas, algumas histórias se assemelhavam, soavam-nos familiares, a ponto de nos fazer pensar que elas poderiam ter se passado facilmente no Brasil. Outras, porém, pareciam-nos incomuns, bastante diferentes de tudo o que havíamos escutado antes.

Nessa oscilação entre o cotidiano e o imprevisível, procuramos construir uma postura interpretativa, com o objetivo de adquirir uma certa familiaridade com

estruturas de sentido diferentes das nossas, sem ocultar nem tampouco deixar de refletir sobre as divergências. Nossa tentativa foi a de localizar as estranhezas e descrever suas formas, como nos ensina Geertz (2001). Para tanto, realizamos um exercício de comparação que se revelou interessante para a leitura analítica das entrevistas.

O ato de relacionar o discurso das brasileiras com o das francesas permitiu tanto desnaturalizar idéias que nos eram próximas quanto compreender como a apreensão de si e do mundo se organiza de acordo com esquemas de percepção socialmente estruturados (BOURDIEU, 2006). Nesse sentido, consideramos a seguinte afirmação:

Ajoutons seulement que la comparaison constitue, comme le démontre toute l'œuvre de Max Weber, un moyen puissant de consolider une interprétation et d'en augmenter la portée potentielle : il n'y a rien de tel qu'un changement de terrain pour mettre à l'épreuve une interprétation construite initialement à propos d'un terrain spécifique (BERTAUX, 2006 : 33).⁵⁰

A comparação, no entanto, pode se tornar arriscada e pouco eficaz se elegemos um dos termos como modelo; engendrando, assim, uma espécie de ideal a partir do qual realizamos nossos julgamentos. Tivemos o cuidado de atentar constantemente para isto, e de não mobilizar nossa análise segundo juízos de valor.

A decisão de estruturar a pesquisa como uma análise de narrativas foi fundamental para tanto, por nos ter permitido construir o objeto de estudo a partir de diferentes dimensões. Relacionando as entrevistas aos discursos histórico e literário, tornamo-nos capazes de apreender com mais propriedade algumas singularidades do arranjo entre amor e feminilidade. Estivemos, desse modo, empenhados em orientar nossa pesquisa de acordo com a seguinte consideração de Geertz.

O trabalho da etnografia, ou pelo menos um deles, é realmente proporcionar, como a arte e a história, narrativas e enredos para redirecionar nossa atenção, mas não do tipo que nos torne aceitáveis a nós mesmos, representando os outros como reunidos em mundos a que não podemos nem queremos chegar, mas narrativas e enredos que nos tornem visíveis para nós mesmos, representando-nos e a todos

⁵⁰ Acrescentemos apenas que a comparação constitui, como demonstra toda a obra de Max Weber, um modo poderoso de consolidar uma interpretação e de aumentar sua força potencial: não existe nada como uma mudança de campo para colocar à prova uma interpretação construída inicialmente sobre um campo específico.

como jogados no meio de um mundo repleto de estranhezas irremovíveis, que não temos como evitar (2001: 82).

O percurso por diferentes narrativas nos ajudou a construir nosso objeto, abordando algumas de suas diferentes nuances. Para tanto, a literatura nos concedeu enredos valiosos, através dos quais elaboramos um horizonte de leitura precioso para a compreensão das recorrências e das reinvenções nos discursos das mulheres contemporâneas. Se admitimos ser o amor uma invenção cujas raízes são, inequivocamente, literárias (ROUGEMONT, 2003), a presença de textos literários nesta pesquisa não apenas se justifica como se converte num instrumento importante de análise.

Ao relacionarmos algumas narrativas do século XIX, do século XX e da atualidade pretendemos refletir sobre transformações e permanências no campo das relações amorosas e da feminilidade. Nesse sentido, partimos de discursos singulares - circunscritos a um contexto e a um momento precisos -, com o intuito de perceber e de tematizar alguns dos diversos fios que os sustentam. Tais fios, por se entrecruzarem, formando redes, articulam um discurso a outro: de tal modo que o sentido de um dos elementos só pode ser apreendido em relação ao contexto que o legitima. Assim, tornou-se possível, tanto abordar o singular tendo em vista o geral, quanto atentar para as modificações considerando o que se repete.

Quando comparamos Bovary a Monique ou a Renée encontramos algumas diferenças inconciliáveis, convivendo com semelhanças indiscutíveis. E, à medida que relacionamos essas narrativas àquelas tecidas pelas mulheres entrevistadas, temos, sem dúvida, maiores condições para compor perfis mais amplos para o amor e o feminino na contemporaneidade.

Contemporaneidade que pode ser abordada, segundo Balandier, por duas de suas características fundamentais: o movimento e a imprecisão. Movimento expresso pelo avanço tecnológico, pela produção acelerada de informações e de objetos cada vez mais efêmeros. A imprecisão, por seu lado, advém de uma oscilação entre a certeza sobre o poder humano de controlar e conduzir a vida e a natureza, e a dúvida que acompanha cada um dos fracassos desse controle:

De um lado, o sentimento de que não há mais critérios do impossível, que as conquistas se fazem de agora em diante em espécies de 'novos' novos mundos dos quais o homem se tornou o criador através de todos os seus projetos. A

performance se traduz no culto desse otimismo. Por outro lado, o sentimento de uma impotência diante dos impasses que aparecem, dos riscos que é preciso enfrentar, da instabilidade dos sinais que orientam os percursos da vida, da precariedade das conquistas. A opacidade do futuro parece impenetrável. A posição de incerteza resulta dessa oscilação entre encantamento e desencantamento. (BALANDIER, 1999 : 9).

A ambigüidade do contemporâneo não reside apenas na confiança ou na desconfiança dos sujeitos diante dos fatos. Ela habita a superfície mesma desses fatos: inscreve-se sobre eles, anunciando-lhes a possibilidade constante de perda da consistência. O que é dito, o que é feito: as decisões e as mudanças parecem ter como único apoio a subjetividade. Com a diminuição do peso das referências coletivas de orientação, o indivíduo é eleito como condição de possibilidade de todo conhecimento, e como instância primordial de fundamentação para os mesmos.

A inflação da subjetividade tem como decorrência não a plenitude do eu, mas seu enfraquecimento. Os sujeitos, tendo apenas a si mesmos como critério de legitimidade, convivem com a sensação de um mundo vazio, sem sentido e sem certezas (LASCH, 2006 [1979]).

Quando o mundo é visto como um reflexo, muitas vezes pálido, das vicissitudes subjetivas, torna-se difícil, senão impossível, pensar em objetividade. No entanto, de acordo com Habermas (2004), a objetividade não se reduz às representações subjetivas: ela as excede, resiste a elas. Segundo o filósofo, o sujeito depara-se com a objetividade do mundo através das experiências de fracasso. Quando os planos, as crenças e os comportamentos não conseguem alcançar o resultado esperado, exatamente nessas circunstâncias, a realidade se apresenta em toda sua consistência. Consistência que se revela pelo no aspecto inelutável dos fatos.

Mas em que consistem os fatos? Paul Veyne (1998), discorrendo sobre as formas através das quais Foucault aborda a história, adverte-nos sobre um traço essencial dos fatos: sua raridade. Todos os fatos humanos podem ser vistos como raros, não por alguma essência que lhes seja específica, mas por sua arbitrariedade, pela possibilidade de serem diferentes.

Se os fatos são arbitrários, cabe-nos indagar porque eles parecem resistir à mudança. Se existe, por exemplo, um desconforto manifesto por algumas mulheres em relação ao modo como concebem e praticam suas relações amorosas, por quê

não refazer as formas de amar, já que elas carregam em si a possibilidade de mudança?

É ainda Veyne que nos ajuda a encontrar possíveis respostas para tal questão. De acordo com o historiador, um problema recorrente nas ciências humanas é o predomínio de objetos naturais. São objetos naturais todos os acontecimentos que parecem se ofertar ao olhar em toda sua plausibilidade. Eles estão lá: aconteceram ou ainda estão acontecendo. Existem registros sobre eles: textos, documentos, imagens; enfim, eles são objetivos.

Foucault nos ensina a operar um deslocamento dos objetos naturais em relação às práticas, pois são elas que os constituem. Nesse sentido, um fato nada mais é do que a objetivação de um conjunto de práticas. Ao invés de serem determinadas pelas atitudes, as práticas dão consistência aos objetos. Nas palavras de Veyne:

A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz). Se a prática está, em certo sentido, “escondida”, e se podemos, provisoriamente, chamá-la “parte oculta do iceberg”, é simplesmente porque ela partilha da sorte da quase-totalidade de nossos comportamentos e da história universal: temos, freqüentemente, consciência deles, mas não temos o conceito para eles (1998: 248).

As práticas constituem e legitimam os objetos. Deste modo, para compreender os objetos, é imprescindível, primeiro, dar conta dos elementos que estruturam as práticas. Para tanto, é necessário não reduzir uma prática a um agente individual. Embora existam sujeitos que agem, eles estão, desde sempre, imersos num conjunto de relações que os antecedem e os determinam. A margem de escolha subjetiva é, deste modo, uma opção entre possibilidades históricas (ELIAS, 1994). As práticas adquirem seus contornos, através das diversas transformações da realidade histórica, instituindo relações singulares entre os homens e o mundo. Ao enfatizar as práticas, Foucault realiza uma abordagem singular da história:

Michel Foucault aborda as coisas de uma maneira totalmente diferente. Estuda, inicialmente, o conjunto das maneiras de fazer mais ou menos regradas, mais ou menos pensadas, mais ou menos acabadas através das quais se delineia simultaneamente o que constituía o real para aqueles que procuram pensá-lo e dominá-lo, e a maneira como aqueles se constituíam como sujeitos capazes de conhecer, analisar e eventualmente modificar o real. São as

“práticas” concebidas ao mesmo tempo como modo de agir e de pensar que dão a chave de inteligibilidade para a constituição relativa do sujeito e do objeto (BARROS DA MOTA. In: FOUCAULT, 2004: 238).

O processo contínuo de formação do sujeito e do objeto se dá através do discurso, o qual não se reduz à representação. Para Foucault, o discurso é aquilo que as pessoas dizem e, como tal, é também uma ação, visto que não apenas legitima as práticas: ele as constitui. Foucault não considera os discursos sob uma perspectiva semântica ou ideológica. Através do conceito de formação discursiva, ele direciona nosso olhar para a seguinte questão: enquanto supomos falar livremente sobre as coisas do mundo, somos guiados por um conjunto de regras anônimas e históricas, que delimitam o que pode ser dito e pensado numa determinada sociedade, numa época específica. Em suas palavras:

(...) os discursos, tais como podemos compreendê-los, tais como podemos lê-los sob a forma de textos, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o enredar de um léxico e de uma experiência; gostaria de mostrar por meio de exemplos precisos que, analisando os discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes das palavras e das coisas e separar-se um conjunto de regras próprias à prática discursiva. Essas regras definem não a existência de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos (...) tarefa que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações) mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao discurso (parole). É esse mais que é preciso aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1972: 64).

Segundo Foucault, do entrecruzamento dos discursos são delineados os contornos a partir dos quais se pode não apenas falar, mas dar consistência a uma determinada realidade. Se não podemos dizer ou pensar qualquer coisa sobre algo, isto se dá porque uma formação discursiva circunscreve as objetivações possíveis (que consistem não apenas na formação de objetos naturais, mas também de condutas e crenças legitimadas). Nesse sentido, não podemos separar prática e discurso, pois ambos são correlatos.

(...) quando se tem uma conduta, tem-se, necessariamente, a mentalidade correspondente; essas duas coisas estão ligadas e compõem a prática, do mesmo modo que ter medo e tremer, estar feliz e rir às gargalhadas... (VEYNE, 1998: 253).

Considerando que as condutas emergem no mesmo plano e em conexão com as mentalidades, buscamos perceber, nas diferentes narrativas, de que formas o amor e a feminilidade se integram num processo de aprendizado. Seja quando escutamos mulheres falarem sobre seu primeiro amor, afirmando que hoje o viveriam de modo diferente, evitando cometer os mesmos erros; seja quando acompanhamos a descrição de cada uma das fases decorrentes de uma ruptura amorosa, observamos a existência de uma relação significativa entre amor e aprendizado.

Podemos, no entanto, questionar se amor consiste em algo que se aprenda. De acordo com Deleuze (1987), aprender é engendrar uma relação com os signos. Assim, o aprendizado consiste num processo de interpretação: uma arte de decifrar signos diversos. Tal interpretação é organizada pela inteligência, mas deve exceder os limites desta; pois a inteligência, *per se*, não dispõe de força suficiente para motivar o processo de aprendizagem. Nas palavras do autor:

O erro da filosofia é pressupor em nós uma boa vontade de pensar, um desejo, um amor natural pela verdade. A filosofia atinge apenas verdades abstratas que não comprometem, nem perturbam. As idéias formadas pela inteligência pura só possuindo uma verdade lógica, uma verdade possível, sua seleção torna-se arbitrária. Elas são gratuitas porque nascidas da inteligência, que somente lhes confere uma possibilidade, e não de um encontro ou de uma violência, que lhes garantiria a autenticidade. As idéias da inteligência só valem por sua significação explícita, portanto convencional (...) a verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma violência sobre o pensamento (1987: 16).

A violência sobre o pensamento se manifesta quando nos deparamos com signos que nos interrogam, provocando a inquietude e a incompreensão. Os signos amorosos têm essa peculiaridade, pois só podem ser compreendidos a partir de uma história subjetiva, tão incerta quanto inacabada. Todo amor carrega consigo restos, fantasmas de amores antigos, e não apenas daqueles que se acabaram. Os amores adultos não se desvencilham das emoções arcaicas: tecidas pela relação entre a criança e os pais (KRISTEVA, 1983). Além disso, a experiência amorosa implica

inevitavelmente o outro, configurando-se como uma relação onde cada elemento é, simultaneamente, sujeito e assujeitado. Nesse sentido, é possível considerar que as vivências amorosas são atravessadas por um contínuo aprendizado. Um aprendizado sobre a diversidade dos modos de subjetivação.

Um modo de subjetivação consiste num processo, numa relação contínua entre sujeitos e mundo. Ele não se reduz a um evento localizado no indivíduo. A subjetivação é o resultado de um embate entre forças diversas (sociais, econômicas, individuais, biológicas, etc.). Dessa luta, surgem as individualidades, sempre fragmentárias e sempre provisórias. Podemos, assim, compreender a subjetividade como um arranjo singular que constitui os indivíduos, mas que transcende o meramente o individual (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

De acordo com Simmel (2006), um dos impasses enfrentados por aqueles que procuravam delimitar a especificidade do campo sociológico consistia justamente na crítica direcionada ao caráter abstrato do conceito de sociedade. Segundo tal crítica, uma sociedade só poderia ser apreendida a partir dos indivíduos que a compunham. Simmel discorda desse tipo de posicionamento, afirmando que os indivíduos, tomados separadamente, constituem também uma abstração, haja vista que cada um tem seu comportamento estruturado através das suas relações com os outros. Nas palavras do autor:

A linha divisória que culmina no “indivíduo” também é um corte totalmente arbitrário, uma vez que o “indivíduo”, para a análise ininterrupta, apresenta-se necessariamente como uma composição de qualidades, destinos, forças e desdobramentos históricos específicos que, em relação a ele, são realidades elementares tanto quanto os indivíduos são elementares em relação à “sociedade” (2006: 13).

Nesse sentido, utilizamos o conceito de modo de subjetivação com o objetivo de tomar os indivíduos menos como unidades passíveis de serem destacadas, e mais como parte do movimento contínuo que caracteriza uma dinâmica social.

Segundo Bourdieu (1996b), tomar um indivíduo como uma unidade coerente, delimitada pelo eu é, na verdade, conseqüência de um conjunto de processos que engendram uma ilusão biográfica. A instituição do nome próprio assegura que socialmente o sujeito seja reconhecido como uma entidade coesa, definida por uma identidade capaz de se manter íntegra e coerente, apesar das vicissitudes da vida.

Esta ilusão funciona também como uma forma de desvincular a produção de subjetividades de seu contexto social.

Considerando que *la plupart des existences sont au contraire ballottées au gré de forces collectives qui réorientent leurs parcours de façon imprévue et généralement incontrôlable*⁵¹ (BERTAUX, 2006:38), tomamos o conceito de modo de subjetivação com o intuito de abordar as formas singulares de existência elaboradas por sujeitos, a partir de suas relações com os outros; admitindo seu caráter provisório e a impossibilidade de serem esgotadas numa abordagem psicológica.

Ao refletir sobre os processos de subjetivação, torna-se fundamental colocar em evidência o fato de que o papel de pesquisadora não deve, no entanto, ser utilizado com o intuito de dissimular o posicionamento subjetivo. De acordo com Zaíra Ary:

Por esse atributo – objetividade científica – pretende-se acreditar que os sujeitos pesquisadores seriam sexualmente, emocionalmente e ideologicamente neutros e diferentes dos demais seres humanos, quando estão empreendendo suas pesquisas sociais, estudando objetos pesquisados (de certa forma também considerados dessa maneira). Quer dizer, os pesquisadores (assim como as categorias sociais pesquisadas) poderiam e saberiam momentaneamente suspender sua condição sexual masculina ou feminina, sua subjetividade singular e seus estereótipos e viseiras ideológicas, quando se trata da realização de pesquisas e de análises acadêmicas (2000: 31).

Nesse sentido, a condição de mulher, divorciada, sem filhos, com cerca de trinta anos de idade, educada numa família onde o sexo feminino era maioria quase absoluta e onde as conquistas escolares se convertiam em signos de distinção e de apreço, além de não poder ser colocada em parênteses no processo de construção da pesquisa, ocupou um papel importante em todas as fases deste trabalho. Nas palavras de Glória Diógenes:

As tramas da subjetividade que tencionamos compreender têm início no complexo e desconhecido terreno da nossa própria subjetividade. A nossa subjetividade, essa eterna desconhecida, se desvenda para nós, em todo o processo de investigação, como matéria-prima dos esforços de decodificação das representações do outro, do desconhecido e como argila para que se possa moldar um mapa possível de interpretação de experiências estrangeiras e, muitas vezes, exiladas da nossa própria compreensão (DIÓGENES, 1998:19).

⁵¹ Grande parte das existências é, ao contrário, atingida pelos desígnios de forças coletivas, que reorientam os percursos de forma imprevisível e geralmente incontrolável.

A existência de características comuns entre a pesquisadora e as mulheres entrevistadas contribuiu também para que se instalasse um clima de confiança, o qual se revelou bastante útil para o bom andamento das entrevistas.

Estas foram realizadas obedecendo a alguns critérios. Após explicar brevemente nosso interesse em saber como jovens mulheres - que hoje têm acesso à formação acadêmica e possibilidade de competir no mercado profissional - vivem suas relações amorosas, colocávamos a seguinte questão: “você poderia fazer um resumo da sua vida amorosa?” Algumas mulheres se mostraram surpresas com a pergunta, indagando por onde deveriam começar. Nesses casos, limitamo-nos a pedir que nos contassem suas experiências amorosas, salientando os eventos mais importantes.

Merece destaque o fato de que todas as mulheres iniciaram suas narrativas pela infância. A relação entre feminilidade e narrativa (revelada pelo interesse em criar enredos que justifiquem as atitudes tomadas no presente, a partir de um percurso pela história de vida) marcou os discursos das entrevistadas (GIDDENS, 1993). Cada uma delas buscou demonstrar, ou mesmo compreender, as origens: os acontecimentos fundamentais que estruturaram sua forma de conceber e de praticar o amor.

Nas entrevistas, procuramos fazer o mínimo de intervenções. Nosso objetivo foi deixar que as narrativas fluíssem, evitando entrecortá-las com perguntas. Para tanto, limitamo-nos a fazer questionamentos necessários, no sentido de esclarecer (quando foi o caso) eventos superficialmente abordados ou de difícil entendimento. Também atuamos com o objetivo de reconduzir as entrevistadas ao tema, quando se afastavam demasiadamente em suas considerações. Buscamos inserir perguntas que levassem as mulheres a refletir sobre a relação entre amor e feminilidade. De fato, as entrevistas foram marcadas por poucas intervenções, sobretudo, porque as mulheres inseriam espontaneamente em suas narrativas os aspectos que desejávamos abordar.

Observamos, senão uma necessidade de abordar o tema, pelo menos uma grande facilidade em falar sobre ele. Quase todas as entrevistadas pareceram estar à vontade, como se, por compartilharem nosso interesse, pudessem considerar a entrevista como uma situação próxima à da amizade. Obviamente, tal “amizade” implicava uma certa desestabilização dos papéis. Não foi raro encontrar, ao final de uma entrevista, a seguinte pergunta: “e você, o que tem a dizer sobre a *sua* vida

amorosa?” Buscamos, diante desse impasse, assumir uma posição, da maneira mais clara possível. Assim, evitando desembocar num confessionalismo, foram contadas às entrevistadas algumas das experiências que suscitaram o interesse em pesquisar o tema.

Houve entrevistas para as quais o período de duas horas não se mostrou suficiente. Então, de acordo com as possibilidades da entrevistada, marcou-se um segundo encontro. No entanto, esta não foi uma regra da pesquisa. Na maior parte das vezes, duas horas se mostraram suficientes para o desenvolvimento do tema.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. A transcrição das entrevistas realizadas em Paris foi mais complexa, devido à relação entre duas línguas diferentes. Realizamos as entrevistas em francês. Contudo, no momento de transcrevê-las, deparamo-nos com a dificuldade de escrever corretamente em francês aquilo que tinha sido dito. Contamos com a colaboração de estudantes francesas para corrigir alguns dos textos. Finalmente, optamos por traduzir as entrevistas para o português, a partir do material gravado.

Cientes de que traduzir é, fundamentalmente, colocar em movimento outros sentidos possíveis (BARTHES, 2000), assumimos uma posição de autoria, no intuito de enfatizar nossa responsabilidade na seleção dos trechos das entrevistas, bem como na forma encontrada para organizá-las no texto:

É importante frisar que mesmo quando apresento resumos de histórias de vida, produto de entrevistas gravadas ou anotadas, não estou, em nenhum momento, transcrevendo direta e simplesmente gravações ou copiando anotações. De fato, estou produzindo um texto que é de minha responsabilidade enquanto autor (VELHO, 2006: 19-20).

De acordo com Gilberto Velho, ao assumir a responsabilidade pela autoria, o pesquisador não apenas demarca sua presença no texto, como torna menos óbvias as fronteiras entre os discursos científico (objetivo) e artístico (subjetivo). Desse modo, os entrevistados deixam de ser vistos como informantes, no sentido tradicional do termo, e passam a ser considerados como personagens, pois *ao retraduzir seus discursos, suas observações, apresentando-as através de um texto meu, de alguma forma estou misturado às suas falas, perplexidades, dúvidas e hesitações* (op. cit: 20).

Cada uma das personagens construídas nas entrevistas foi ganhando contornos através da enunciação. Considerando que toda enunciação constitui um acontecimento - uma realidade -, buscamos traduzir os enunciados, não com o intuito de descrever suas representações, mas de atentar para a materialidade das práticas que eles nos permitiam explorar. Citando Foucault:

L'énoncé est de l'ordre de l'événement, de la matérialité. Quelque chose a été dite qui se répète, diffuse, se branche sur des pratiques, selon des arrangements irréductibles soit à des intentions conscientes soit même à des systèmes purement formels. Quelque chose a été vraiment dite, et pas autre chose : l'énoncé est rare comme l'existence unique en regard du champ infini des possibles. L'énoncé désigne, avant de savoir si elle est vraie ou fausse, signifiante ou non, une séquence de langage en tant qu'elle existe (...) Quelque chose a été dit : événement, extériorité, matérialité, cumul et rareté des choses dites. (2006 : 40, 41).⁵²

O objetivo de buscar, através dos discursos, perceber as práticas que tornaram possível que algo tenha sido dito no lugar de outra coisa conduziu-nos a exercitar uma postura de desconfiança, manifesta tanto na leitura das entrevistas feitas em francês quanto naquelas em português. Tal desconfiança nos fez questionar constantemente as circunstâncias que, de algum modo, sustentavam as concepções.

Uma das concepções para a qual voltamos nossa atenção, ainda no início do doutorado, consistiu na associação entre mulheres e feminilidade. Em diversas fases da construção do objeto, refletimos também sobre a articulação espontânea entre os temas do amor e da feminilidade. Nesses momentos, procuramos avaliar em que medida o interesse pela pesquisa partia de uma crença banal. Citando Foucault:

Nul n'ignore ces banalités. Mais le fait même qu'elles soient banalités ne signifie pas qu'elles n'existent pas. En présence de faits banals, il nous appartient de découvrir – ou de tenter

⁵² O enunciado é da ordem do acontecimento, da materialidade. Alguma coisa foi dita que se repete, difusa, se insinua sobre as práticas segundo arranjos irreduzíveis, seja às intenções conscientes, seja mesmo aos sistemas puramente formais. Alguma coisa foi realmente dita, e não outra coisa: o enunciado é raro como a existência única num campo infinito de possíveis. O enunciado designa, antes de saber se ele é verdadeiro ou falso, signifiante ou não, uma seqüência de linguagem tanto quanto ela existe (...) Alguma coisa foi dita: acontecimento, exterioridade, materialidade, acumulação e raridade das coisas ditas.

Dentre os problemas específicos que se vinculam à relação entre o amor e a feminilidade encontra-se a noção de gênero. Esta categoria teve seu uso difundido inicialmente pelas feministas americanas, com o objetivo de demonstrar que as distinções entre os sexos não obedeciam a critérios universais, refletidos nos corpos, mas correspondiam a um processo de construção social (SCOTT, 1990). Nesse sentido, ao relacionar as mulheres ao gênero feminino e os homens ao masculino, reiteramos uma classificação naturalizada, que atua no sentido de ocultar a dinâmica da produção social de significados.

Butler (2003) radicaliza a reflexão sobre os gêneros, criticando as abordagens que definem o sexo como a base sobre a qual se inscrevem as características de gênero. Segundo tais abordagens, a cultura apenas atualizaria potencialidades já existentes na natureza. O pressuposto de que os sexos antecedem e orientam as diferenças de gênero reforça a crença numa correspondência necessária entre dois sexos e dois gêneros, legitimando, assim, uma divisão heterossexual do mundo. Esta se caracteriza por submeter a diversidade das relações a um único modelo: estruturando os encontros entre homens e mulheres segundo uma definição restrita de papéis.

A norma heterossexual estabelece naturezas distintas para homens e mulheres. Aos homens caberia a masculinidade, definida por um conjunto de atributos, tais como: a força, a superioridade física, a inclinação para o raciocínio lógico e, no que se refere aos sentimentos, uma capacidade de separar o sexo do amor, manifesta também num menor interesse pelos assuntos sentimentais. Já a feminilidade (reservada às mulheres) seria definida, fundamentalmente, pela atenção dedicada aos sentimentos e pelo cultivo da intimidade.

De acordo com Butler, é preciso inverter a perspectiva de análise; ou seja, admitir a inexistência de uma dimensão anterior à cultura, inscrita na superfície dos corpos. Segundo a autora, todo corpo constitui, desde o início, uma construção: uma realidade significada, tecida no espaço das relações de gênero. Assim, se homens e mulheres possuem diferenças que correspondem às demarcações do masculino e

⁵³ Ninguém ignora essas banalidades. Mas o fato mesmo que elas sejam banalidades não significa que elas não existam. Na presença de fatos banais, cabe-nos descobrir – ou tentar descobrir – os problemas específicos e talvez originais que a eles estão relacionados.

do feminino, isto não decorre de um ajuste harmônico entre corpos e comportamentos, mas de práticas educativas nem sempre visíveis.

Homens e mulheres aprendem cedo a diferenciar estilos de existência adequados dos inadequados, tendo como referência os padrões de masculinidade e de feminilidade. No entanto, adequar-se a uma norma é também limitar as possibilidades de criação. Butler atenta para isso, declarando que os gêneros, na verdade, são múltiplos: tão variados quanto podem ser as formas de se colocar no mundo.

Portanto, quando nos propomos a refletir sobre o amor e a feminilidade e escolhemos entrevistar mulheres, devemos levar constantemente em consideração o fato de que o arranjo mulher – feminilidade – amor possui uma qualidade fictícia e, por isso, sempre passível de ser reinventada.

4. PRIMEIROS AMORES, RUPTURAS, SOLIDÕES E ENCONTROS.

4.1. Aproximações - indivíduos e projetos

De acordo com Gilberto Velho (1994), as sociedades ocidentais contemporâneas, pós-industrializadas, são consideradas complexas por apresentarem uma acentuada divisão do trabalho (exibida no predomínio da especialização), um crescimento vertiginoso da produção, do consumo e dos meios urbanos, além de estarem conectadas a um mercado mundial.

Outro aspecto fundamental para caracterizar uma sociedade complexa consiste na heterogeneidade cultural; ou seja: na convivência, num mesmo segmento social, de tradições diversas e, por vezes, contraditórias. Tal heterogeneidade pode ser vislumbrada pela presença de tendências divergentes: holísticas e individualizantes.

Dumont (1993), ao tematizar o individualismo, aponta uma fratura entre as sociedades onde a tradição e a coletividade assumiam um papel preponderante e aquelas onde o indivíduo passa a ser a referência de unidade social.

Simmel (2004), abordando a modernidade no início do século XX, examinou a relação singular existente entre cidade e individualismo. Segundo o autor, um dos principais problemas da vida moderna consistia na busca da autonomia individual, em face das imposições sociais. Para Simmel, a vida numa metrópole suscitava uma forma singular de relação entre indivíduos e sociedade. Por estarem imersos em redes de interação cada vez mais amplas, pelo contato cotidiano e inevitável com desconhecidos, pela expansão das novas profissões, pela possibilidade de morar longe do grupo familiar, os indivíduos modernos seriam levados a conviver constantemente com a sensação de desvinculamento, manifesta no imperativo de construir por si mesmos um sentido para suas vidas.

A aparente oposição entre indivíduos e sociedade, que possibilitou também um aumento da margem de escolha individual (quando o futuro passou a se apresentar como diferente e mais amplo do que as predições familiares), atingiu seu apogeu com as mudanças ocorridas a partir de década de sessenta.

De acordo com Lyotard (1979), a condição moderna se instaura quando a ciência e sua técnica ocupam o lugar da religião, dos valores e dos costumes tradicionais, tornando-se, assim, o eixo a partir do qual os indivíduos deveriam

orientar suas existências. Contudo, apesar de romper com os mitos fundadores universalistas, a modernidade não deixa de cultivar seus próprios mitos, tais como: aqueles que insistem no poder absoluto da razão e na capacidade da tecnologia de melhorar a vida social.

A condição pós-moderna, deflagrada a partir dos movimentos sociais que marcaram a década de sessenta, rompe com as certezas modernas, anunciando o fim das grandes narrativas. Com isso, a crença no progresso social, decorrente do desenvolvimento científico e tecnológico, é também questionada. A decomposição das grandes narrativas - passíveis de conferir a uma coletividade o status de uma estrutura coesa e unificada - implica o surgimento de um outro tipo de relação entre indivíduos e sociedade; o que de modo algum assinala uma dissolução do laço social. Lyotard (1979:31) se contrapõe às teorias que definem a pós-modernidade como uma passagem da coletividade e da tradição a uma massa confusa de átomos individuais. Na sua concepção, aqueles que supõem a “liberação” total dos indivíduos, assim o fazem por estarem presos a uma visão orgânica – holística – do social e, por isso mesmo, incapazes de perceber as especificidades da nova condição. Nas palavras do autor:

Le soi est peu, mais il n'est pas isolé, il est pris dans une texture de relations plus complexe et plus mobile que jamais. Il est toujours, jeune ou vieux, homme ou femme, riche ou pauvre, placé sur des « nœuds » de circuits de communication, seraient-ils infimes. Il est préférable de dire : placé à des postes par lesquels passent des messages de nature diverse. Et il n'est jamais, même le plus défavorisé, dénué de pouvoir sur ces messages qui le traversent en le positionnant, que ce soit au poste de destinataire, ou de destinataire, ou de référent (LYOTARD, 1979 : 31).⁵⁴

Lyotard utiliza o termo « jogos de linguagem » para abordar a pluralidade e o constante movimento: traços característicos das redes de relações a partir das quais se constituem os sujeitos pós-modernos. Segundo o autor, o enfraquecimento das narrativas universalizantes é acompanhado de uma proliferação de narrativas particulares - jogos de linguagem capazes de conferir sentidos apenas provisórios à existência.

⁵⁴ O *soi* (“si mesmo”) é pouco, mas ele não está isolado, ele está preso numa textura de relações mais complexa e mais móvel do que nunca. Ele está sempre, jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre, situado em “nós” de circuitos de comunicação, mesmo que sejam ínfimos. É preferível dizer: colocado em lugares pelos quais passam mensagens de naturezas diversas. Ele não está jamais, mesmo o mais desfavorecido, desinvestido de poder sobre essas mensagens que o atravessam, posicionando-o, seja no lugar de emissor, de destinatário ou de referente.

Num mundo duas vezes desencantado, onde os mitos universais dão lugar à diversidade e à inconstância das experiências particulares, os indivíduos se deparam com a tarefa de construir e de legitimar uma identidade possível.

Stuart Hall (2005) utiliza o termo: “identidades desalojadas” para se referir a uma situação onde a vida social passa a ser mediada por um mercado global, que se expande na mesma velocidade com que se desenvolvem as novas tecnologias de informação. De acordo o autor, através dos sistemas de comunicação globalmente interligados, assistimos, atualmente, a uma produção de identidades desvinculadas de tempos, histórias e tradições específicas. Identidades capazes de se multiplicar facilmente, “prêtes-à-porter”, reduzindo a subjetividade a uma questão de estilo, a uma questão de escolha.

Naquilo que Hall denomina de “supermercado cultural” - conduzido pela difusão do consumismo - o processo de construção das identidades pode ser concebido como arbitrário e aparentemente destituído de imposições sociais. Entretanto, deve-se levar em conta que as identidades, ainda que fluidas e superficiais, são tecidas culturalmente, e implicam um determinado posicionamento no mercado dos bens culturais.

Um traço característico das sociedades complexas, ou pós-modernas, consiste no convívio entre identidades variadas. Desse modo, a tendência holística não desaparece de todo, dando lugar ao individualismo. Ambas tendem a conviver e a se confrontar em espaços cada vez mais independentes e diversificados.

De acordo com Gilberto Velho (1994) existe, nas sociedades complexas, uma contínua oscilação entre a ideologia moderna individualista e o holismo das sociedades tradicionais. Por isso, os sujeitos contemporâneos tendem a trafegar por espaços contraditórios, definidos, ora pelo predomínio de tendências individualizantes, ora pelo predomínio das tendências holísticas.

Para o referido autor, não é suficiente falar de individualismo, haja vista que existem diferentes individualismos, presentes em diferentes contextos. A cidade, por exemplo, constitui o espaço mais adequado à expansão de um individualismo radical; com a ressalva de que nenhum processo de individualização encontra-se isento de normas e de padrões, por maior que possa ser a ênfase na liberdade individual.

Seriam as condições de vida metropolitanas que expressariam com maior clareza, no universo das camadas médias, a dimensão individualizante da cultura em oposição à dimensão mais holística, hierarquizante (VELHO, 1994: 119).

Abordando a sociedade brasileira, Gilberto Velho considera que os sujeitos pertencentes às camadas médias constituem os principais representantes do impasse entre individualismo e tradição. Isto porque tais sujeitos teriam a possibilidade de ultrapassar os determinismos de classe, através da circulação em redes sociais mais amplas. Desse modo, a socialização primária - construída pela interação da criança com os adultos significativos – tenderia a ser constantemente re-significada pela diversidade das socializações posteriores, compondo, assim, identidades mais flexíveis, mais propensas à mudança.

Gilberto Velho utiliza o conceito de projeto, desenvolvido por Schutz (apud: VELHO, 2006), para definir o processo de construção de identidades nas sociedades complexas. Um projeto consiste numa ação conduzida de acordo com um objetivo prévio. Nesse sentido, todo projeto se desenvolve a partir de um campo de possibilidades engendrado culturalmente e carrega consigo uma margem de manobra - maior ou menor -, dependendo da posição ocupada pelo sujeito em suas interações sociais.

Um projeto articula aspectos racionais e afetivos e não pode ser compreendido como algo meramente subjetivo, pois depende de um repertório limitado culturalmente. Nesse sentido, a complexidade das sociedades contemporâneas advém da existência de diferentes mundos, os quais delimitam projetos diversos e, por vezes, opostos entre si:

Em uma sociedade complexa moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito (VELHO, 1994: 33).

Se cada esfera da vida social possui seus problemas centrais e, por sua vez, está em constante conexão com outras esferas, que possuem outros problemas centrais, fica evidente a dispersão inerente aos processos de construção de identidades no mundo contemporâneo. Os sujeitos, habitando simultaneamente

espaços diferentes e se colocando numa pluralidade de relações, convivem com planos diversificados de realidade. Compreendendo a cultura como um conjunto de símbolos, podemos afirmar que os sujeitos contemporâneos se constituem a partir de rede simbólicas heterogêneas.

Aqui cabe a pergunta feita por Milton Santos: *se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade de fluidez, quem, todavia, é fluido realmente?* (2008:29). A esta questão o autor responde: poucas pessoas. Apesar disso, o período atual se diferencia de todos os que o antecederam por um aspecto: *as técnicas características do nosso tempo, presentes que sejam em um só ponto do território, têm uma influência marcante sobre o resto do país* (op.cit: 25). Deste modo, direta ou indiretamente, a fluidez atinge um número cada vez maior de indivíduos, uma vez que *cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros* (ibid: 26).

Em face do aceleração do processo histórico - quando aparatos tecnológicos permitem a convergência dos momentos e a simultaneidade das ações (idem:25) - a noção de projeto aponta para a difícil tarefa de construir um sentido para a vida: de criar uma coerência e de afirmar uma singularidade. Tomando a individualidade como um arranjo irreduzível de fatores psicológicos, históricos e sociais - uma unidade provisória convivendo inevitavelmente com o movimento - é possível perceber porque um projeto individual não pode, de maneira alguma, ser desvinculado de projetos coletivos.

O potencial de comunicação, a possibilidade de compartilhar uma linguagem constituem a condição de existência de qualquer projeto individual. Assim, trajetórias sociais semelhantes - participando de uma mesma esfera social - são delimitadas e adquirem visibilidade através do estabelecimento de fronteiras para a produção de sentidos. Estas circunscrevem os temas valorizados pelos diferentes segmentos sociais. Uma característica das sociedades complexas reside na elaboração de fronteiras culturais capazes de transcender mundos geograficamente separados. Nas palavras de Velho:

A unidade, no caso, não seria dada pela língua, por tradições nacionais de caráter mais geral, mas por experiências e vivências de classe, definidas em termos sociológicos, econômicos e históricos, que originam inclusive a noção de cultura de classe que pode ultrapassar as fronteiras dos Estados Nacionais (1994: 131).

Nesse sentido, o pertencimento a uma mesma sociedade não garante que os indivíduos estejam mais próximos entre si do que de outros, que se encontram em sociedades diferentes. Esta seria uma das principais conseqüências da heterogeneidade. Assim, apesar do reforço das identidades locais (HALL, 2005), existiriam, nas sociedades complexas, segmentos sociais cujas fronteiras simbólicas seriam traçadas pela interação constante com outras sociedades.

Disso decorre uma homogeneização das situações vividas nas grandes cidades. Dentre elas, destaca-se a ênfase no indivíduo, consolidada pela atenção aos projetos de vida, pelo culto da liberdade e do desenvolvimento pessoal. Enquanto Lasch (2006 [1979]), emprega o termo “cultura do narcisismo” para tematizar um superinvestimento no eu, o qual seria responsável pelo enfraquecimento da vida social, Lipovetsky (1983) afirma que o narcisismo implica uma nova lógica de funcionamento social, sintetizada pelo processo de personalização.

Avec la règne des médias, des objets et du sexe, chacun s'observe, se teste, se tourne davantage sur lui-même à l'affut de sa vérité et de son bien-être, chacun devient responsable de sa propre vie, doit gérer de façon optimale son capital esthétique, affectif, physique, libidinal, etc. Ici socialisation et désocialisation s'identifient, au comble du désert social se dresse l'individu souverain, informé, libre, prudent administrateur de sa vie : au volant, chacun boucle de lui-même sa ceinture de sécurité. Phase postmoderne de la socialisation, le procès de personnalisation est un nouveau type de contrôle social débarrassé des procès lourds de massification réification répression. L'intégration s'accomplit par persuasion en invoquant santé, sécurité et rationalité : publicités et sensibilisations médicales mais aussi conseils des associations de consommateurs (LIPOVETSKY, 1983 : 35).⁵⁵

O individualismo a que se refere Lipovetsky encontra seu apogeu num processo de psicologização do social. Desse modo, a ênfase no indivíduo suscita a expansão de um modelo psicologizante (...) *focalizando sempre as possibilidades de*

⁵⁵ Com o reinado das mídias, dos objetos e do sexo, cada um se observa e se testa, se volta mais sobre si mesmo na busca de sua verdade e de seu bem-estar, cada um se torna responsável por sua própria vida, e deve gerir de forma adequada seu capital estético, afetivo, físico, libidinal, etc. Aqui socialização e não socialização se identificam; no auge do deserto social se desenha o indivíduo soberano, informado, livre, prudente administrador da sua vida: no volante, cada um prende a si mesmo seu cinto de segurança. Fase pós-moderna da socialização, o processo de personalização é um novo tipo de controle social desembarçado dos processos pesados de massificação, reificação, repressão. A integração se realiza pela persuasão invocando a saúde, a segurança e a racionalidade: mensagens publicitárias e sensibilizações medicinais mas também conselhos de associações de consumidores.

realização e / ou expansão de uma individualidade aceita como premissa (VELHO, 2006: 25). Esse indivíduo - ávido consumidor dos saberes e das técnicas voltados ao aperfeiçoamento pessoal - pode ser mais facilmente encontrado nas camadas médias e altas da sociedade brasileira. Nelas se desenvolvem comportamentos e representações que podem ser considerados como sendo de vanguarda: pela consonância com as transformações ocorridas nas grandes metrópoles mundiais e por ocuparem o papel de modelos, orientando o surgimento de novas tendências (GOLDENBERG, 2000, 2005, 2006).

De acordo com Maria Luiza Heilborn (1992), se pretendemos compreender as formas a partir das quais os sujeitos contemporâneos criam sentidos para suas vidas, é preciso observar como eles definem e relacionam afeto e sexualidade. Para tanto, torna-se necessário acompanhar os processos de construção de suas carreiras amorosas. Estas se definem, nas palavras da autora, como:

(...) uma sucessão de experiências, as datas e as circunstâncias em que ocorrem, os intervalos entre elas e seus desdobramentos – em suma, o desenrolar dos eventos – traduzem-se em roteiros sexuais, delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram, as relações de gênero instituídas no universo em que habitam. Todos esses elementos fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade, entendido como as circunstâncias sociais e biográficas que ensejam o sentido do eu (op.cit: 40-41).

O conceito de carreiras amorosas legitima a busca das etapas, o interesse pelos acontecimentos que conferem singularidade ao percurso amoroso das mulheres entrevistadas. Ao mesmo tempo, tal conceito nos possibilita pensar que a singularidade é inevitavelmente fruto do cruzamento de múltiplos fatores: individuais, históricos e sociais.

Buscando compreender as carreiras amorosas de algumas mulheres pertencentes às camadas médias brasileiras e francesas, pretendemos encontrar as linhas de convergência e de tensão, novos e velhos desenhos para o laço entre indivíduos, projetos, e sociedades.

4.2. Modelos de amor.

Na verdade, nossos amores repetem nossos sentimentos pela mãe, mas esses, por sua vez, repetem outros amores, que nós mesmos não vivemos (DELEUZE, 1987: 71).

As narrativas sobre a vida amorosa das mulheres entrevistadas foram iniciadas pela infância. Algumas mulheres se detiveram longamente sobre seus primeiros encontros com os garotos. Outras abordaram a relação dos pais e o modo como esta teria repercutido nas suas vivências amorosas posteriores.

Tanto no Brasil quanto na França, foi predominante a presença de famílias católicas. Algumas francesas, no entanto, declararam pertencer a famílias que não seguiam nenhuma orientação religiosa (o que não aconteceu no Brasil). Todas as francesas fizeram alusão ao movimento de maio de 68: seja abordando o engajamento dos pais, seja enfatizando as conseqüências do movimento para a vida privada e pública. Enquanto nenhuma das brasileiras fez menção à política, todas as parisienses exploraram este tema.

A relação amorosa dos pais foi considerada um modelo, uma referência importante para as mulheres, sobretudo, pela duração:

Eu penso nos meus pais. Meus pais estão juntos há mais de trinta anos! Trinta anos é mais tempo do que eu mesma vivi! Mas é assim na minha família. Eu vejo muitos casais estáveis. Todos formam um casal (Véronique, 29 anos).

No discurso de Véronique⁵⁶ - uma parisiense que possui mestrado em Ciências Sociais e, atualmente, é sócia de uma floricultura - o relacionamento dos pais constitui um modelo porque consegue resistir à passagem do tempo.

De acordo com Chaumier (2004), a idéia de duração amorosa remete a um modelo cristão, o qual define o laço conjugal como a união indissolúvel entre um homem e uma mulher. O casal, assim formado, longe de se apoiar na dimensão fugidia dos sentimentos, encontra seu fundamento num projeto comum: na responsabilidade assumida diante da instituição do casamento e dos deveres que lhe são correlatos. A idéia de duração se relaciona com a de esforço, com a disposição de fazer coisas pelo outro:

⁵⁶ Salientamos que, com o objetivo de preservar as identidades das entrevistadas, todos os nomes citados nesta pesquisa foram alterados.

Penso sempre nos meus pais. Quando vejo meus pais, quero viver o modelo de amor deles. Eles sabem fazer esforços um pelo outro. Hoje em dia nós não sabemos mais fazer esforços pelos outros. Todo mundo só quer se divertir (Julie, 29 anos).

Julie, uma parisiense que trabalha com restauração de obras de arte e que voltou a morar com os pais há um ano e meio (após uma ruptura amorosa), destaca duas dimensões muito presentes na constituição do modelo amoroso contemporâneo: a do esforço e a do prazer.

O esforço é definido como o dever de submeter os próprios desejos - ou pelo menos de tentar conciliá-los -, às necessidades e desejos do parceiro amoroso, considerando as exigências decorrentes do laço formado por ambos. Destacamos a presença de uma correlação, no discurso das entrevistadas, entre duração e esforço. Ao instituírem o relacionamento dos pais como modelo, características tais como: cumplicidade, carinho e segurança receberam menor atenção do que a idéia de esforço. Nesse sentido, o pressuposto da duração - uma referência ainda significativamente forte para definir o “êxito amoroso” - mostrou estar vinculado à possibilidade do sujeito se esquecer de si mesmo.

Chaumier (2004) afirma que o modelo do amor romântico é, prioritariamente, fusional. A partir desse modelo, a individualidade dos parceiros tenderia a submergir, ou a enfraquecer, com o fortalecimento da identidade do casal. Trata-se, segundo o autor, de um arranjo definido nos seguintes termos: “1 + 1 = 1”. Chaumier, no entanto, considera que tal processo não acontece de maneira similar para os dois sexos.

Gilberto Freyre (1951), analisando as transformações sofridas pelo regime patriarcal na sociedade brasileira, questionou a tese de um antropólogo, o qual postulava a diferença entre homens e mulheres, a partir de uma divisão de tendências: a mulher tenderia a se dissolver nas suas relações, particularmente a amorosa; o homem, por sua vez, tenderia a se cristalizar, afirmando sua individualidade. Para Gilberto Freyre, explicar estes comportamentos por um viés biológico é abordar o problema sob uma perspectiva equivocada. Isto porque a vitória do elemento sociológico sobre o biológico mostra-se incontestável quando a atenção converge para o complexo sistema social que sustenta e concede legitimidade à divisão sexual dos papéis.

Nesse sentido, afirmou o autor, seria *característico do regime patriarcal fazer da mulher uma criatura tão diferente do homem quanto possível* (FREYRE, 1951: 253). Assim, o máximo de diferenciação nos comportamentos e nos trajes faria parte de um processo mais amplo de delimitação dos espaços sociais adequados a homens e mulheres.

Goffman (2002 [1977]), analisando as interações entre homens e mulheres, afirma que a questão fundamental não consiste em examinar as conseqüências sociais da diversidade biológica, mas em explicar como uma organização social constrói e reafirma as diferenças entre os sexos, criando uma justificativa “natural” para relações desiguais. Segundo o autor, as sociedades modernas constituíram uma oposição entre homens e mulheres, correspondente à divisão social de territórios e privilégios.

Nessa mesma linha se inscreve Chaumier ao afirmar que, devido à socialização, as mulheres seriam mais propensas a se diluir na identidade do casal. Desse modo, “1 + 1 = 1” equivaleria, na maior parte dos casos, a um reforço da identidade masculina, em detrimento da feminina.

De acordo com Sônia Dayan (1982), os estudos feministas se detiveram (principalmente a partir da década de setenta) sobre a assimetria nas relações entre homens e mulheres, ressaltando o trabalho doméstico e seu traço de invisibilidade social. Tais estudos questionaram a relação entre feminilidade e cuidado, tomando como eixo a dominação econômica. Eles argumentavam, então, que as mulheres, por não possuírem os meios adequados para assegurar a própria autonomia financeira, acabavam assumindo, no casamento, uma posição servil, portando-se como empregadas não pagas do marido e dos filhos. Nas entrevistas, encontramos discursos que convergiram com este argumento, como podemos ler abaixo:

Acho que a família, o casal, eles são muito propícios para a submissão das mulheres. Eu penso que é muito comum reproduzir o esquema da femme du monsieur. Minha mãe, por exemplo, é assim: ela não trabalha, ela teve cinco filhas e cuidou de todas. Toda sua vida ela dedicou às filhas e ao meu pai. Ela não fazia nada além de ser esposa e mãe. E o pior de tudo é que meu pai nunca deu o menor valor a ela. Ela nunca se queixou, nunca reclamou, nem disse nada, mas eu penso, às vezes eu tenho a impressão, que ela gostaria de ter feito outra coisa na vida (Luise, 29 anos).

A postura de Luise, que conclui um doutorado em Ciências Políticas em Paris e começou a trabalhar como professora numa faculdade no sul da França, mostrou-se semelhante à da maioria das entrevistadas francesas. Observamos a presença de um forte discurso feminista, tematizando a necessidade de lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, nas entrevistas feitas com as parisienses. Tal discurso destacava a presença de uma dominação masculina, que ainda hoje se ancora na dependência material das mulheres. De acordo com essa lógica, seria legítimo supor que, uma vez alcançada a autonomia econômica, estariam garantidos os meios para se contestar a dominação dos homens sobre as mulheres.

Sonia Dayan (1982), no entanto, demonstra que a estrutura das relações de dominação entre os gêneros não pode ser compreendida sob uma perspectiva unicamente material. Isto porque, para além da dependência econômica, existiria uma dependência ainda mais forte das mulheres em relação aos homens: a afetiva.

Segundo a autora, faz parte de um processo educativo - que encontra suas raízes na modernidade - a concepção de que a identidade feminina continua mais vinculada ao espaço privado, enquanto a masculina se define essencialmente pelo espaço público. Nesse sentido, as mulheres permanecem aprendendo, desde crianças, a se definir como sujeitos a partir de suas relações íntimas, ao passo que os homens se encontram mais livres para se definir através de suas ações sobre o mundo.

Les conditions dans lesquelles la plupart des femmes ont été élevées depuis leur plus tendre enfance, les discours qu'elles lisent, les images qu'elles voient, font qu'elles attendent qui les aimera (le grand amour, le prince charmant), que cette attente rythme leur vie, et que de l'amour de cet homme miraculeux, elles attendent (toujours) leur identité, identité de personne et identité de femme (DAYAN-HERZBRUN, 1982: 120).⁵⁷

No processo de construção das identidades femininas, a dependência afetiva se manifesta mediante o estabelecimento de um vínculo entre o valor subjetivo da mulher e as tarefas que esta assume em relação ao outro (representado pelo marido

⁵⁷ As condições nas quais a maior parte das mulheres foram educadas desde sua mais tenra infância, os discursos que elas lêem, as imagens que elas vêem, fazem com que elas esperem aquele que as amara (o grande amor, o príncipe encantado), que essa espera conceda ritmo às suas vidas, e que do amor desse homem miraculoso, elas esperam (sempre) receber sua identidade, identidade de pessoa e identidade de mulher.

e pelos filhos). Desse modo, as mulheres seriam ensinadas a relacionar o sucesso feminino ao investimento na vida afetiva e familiar.

Embora o laço entre feminilidade e cuidado seja confrontado, atualmente, pelas tendências individualizantes, difundidas nos discursos que defendem a necessidade de cada sujeito lutar por sua felicidade, a ênfase na dependência afetiva não desapareceu completamente. Observamos que o modelo da mulher realizada através da família vem cedendo cada vez mais espaço para o da mulher feliz com o trabalho e com a vida de casal. Seguindo essa lógica, muitas entrevistadas enfatizaram que um relacionamento amoroso satisfatório é um elemento fundamental para que as mulheres construam um conceito positivo de si mesmas.

A imagem do casal que consegue vencer as dificuldades e sobreviver à passagem do tempo constituiu a mais recorrente representação do modelo parental. O avesso desse modelo foi descrito pela situação decorrente do divórcio dos pais, ressaltando o impacto negativo deste acontecimento sobre os filhos:

Eu tenho dois irmãos. Um tem vinte e um e o outro vinte e quatro. Um está na Universidade e o outro tem alguns problemas, está mal na escola. Nós tínhamos uma vida simpática, nós cinco, com meus pais. Depois, num determinado momento, quando eu tinha uns quinze anos, o divórcio aconteceu. As coisas não foram nada fáceis para mim durante oito anos, mais ou menos. Eu não sei se dá para evitar, mas se tiver filhos não gostaria que eles passassem pela mesma situação (Lily⁵⁸, 29 anos).

Numa geração que vive relacionamentos cada vez mais voláteis (BAWIN-LEGROS, 2006), chama atenção a permanência de valores tradicionais, capazes de sustentar pontos de vista semelhantes ao de Lily. Assim como esta jovem francesa, outras entrevistadas afirmaram que o divórcio tende a prejudicar os filhos e que a maternidade deve estar vinculada à presença de uma relação estável (como veremos posteriormente).

Para definir a maternidade, foi bastante comum (sobretudo entre as brasileiras) o emprego de imagens idealizadas. Nesse sentido, a mãe foi definida

⁵⁸ Lily é uma parisiense que possui mestrado em Letras, é professora, e atualmente conclui um doutorado em cinema.

como uma pessoa capaz de ceder, de abrir mão de seus interesses e desejos, colocando as necessidades da família em primeiro lugar.

De acordo com Zaíra Ary (2000), os estudos feministas realizados no Brasil, entre 1975 e 1985, depararam-se com a dificuldade de lidar, de um lado com questões referentes às mulheres enquanto seres históricos e, de outro, com questões que correspondiam a uma imagem idealizada da mulher e da feminilidade. Segundo a autora, *uma tal idealização, inerente à modalidade “esposa-mãe-submissa e sacrificada”, muito propagada pela teologia tradicional, reaparece atualmente de certa forma camuflada na modalidade “mulher-esposa-mãe-corajosa”* (ARY, 2000:78).

Em nossas entrevistas, observamos que a forma utilizada pelas brasileiras para abordar a maternidade apresentou fortes vestígios de uma imagem mistificada da mulher, difundida pelo marianismo, pois a mãe foi vista principalmente por seu devotamento à família e por sua bondade extrema.

Embora as francesas não tenham descrito suas mães como pessoas extremamente boas e devotadas à vida familiar, os discursos de francesas e brasileiras convergiram, no sentido de relacionar maternidade e sacrifício. Percebemos também uma tendência a conceber a maternidade como um ato nobre: uma missão fundamental das mulheres. Ao mesmo tempo em que as entrevistadas destacaram a maternidade como um acontecimento necessário à vida de uma mulher, elas manifestavam um receio de não conseguir se ajustar devidamente a esse papel, (haja vista que hesitavam em abdicar da própria liberdade).

Observamos, no discurso analisados, uma sobreposição de dois modelos distintos. O primeiro seria o do casal estável, onde o esforço constituiria o elemento assegurador da duração. Esforço invariavelmente atribuído às mulheres: ao papel feminino de gerir e de cuidar da família. O segundo modelo estaria centrado na felicidade proporcionada pela vida de casal. Nesse caso, a relação amorosa teria a capacidade de enriquecer e de alegrar a existência dos dois parceiros.

É relevante ressaltar que a idéia de felicidade alcançada pela vida de casal não foi, no entanto, vinculada a toda e qualquer relação amorosa. De acordo com os discursos, a felicidade seria a consequência do encontro com a “pessoa certa”. Para descrever tal pessoa, foram utilizados alguns traços característicos dos enredos ficcionais:

Eu acreditava no príncipe encantado, acreditava. Aquele homem perfeito com quem eu iria viver uma história perfeita também. Acho que tem a ver com a criação, com a maneira como eu fui educada. Todas as histórias que a gente ouvia. Até o universo que envolvia a gente enquanto criança e adolescente, os contos de fada, os filminhos, o sítio do pica-pau amarelo. Todas aquelas coisas em que eu acreditava (Karla, 32 anos).

No discurso de Karla, uma arquiteta divorciada que reside em Fortaleza, encontramos traços daquilo que Sônia Dayan (1982) define como sendo a ficção do príncipe encantado. Esta se caracteriza pela crença na possibilidade de um encontro perfeito com um homem capaz de reunir em si todas as qualidades, e investido do poder de transformar a vida da mulher amada. Certamente, não é preciso muita atenção para se perceber que a figura do príncipe é alimentada pelo consumo de narrativas, tais como aquelas ressaltadas pela entrevistada: os contos de fada e os filmes.

Kaufmann (1999) considera que a imagem do casal constitui, desde a modernidade, uma referência fundamental para a representação do sentimento amoroso. No entanto, esta imagem tem sofrido modificações consideráveis. A principal delas consistiu na passagem do casamento como acordo familiar em direção ao casamento como uma união justificada pelo sentimento mútuo e, finalmente, para uma maior ênfase no casal, em detrimento da instituição.

De acordo com Sennet (1988), estaríamos hoje assistindo a uma emancipação da sexualidade do contexto do erotismo. Considerando que o erotismo se desenvolve quando o ato sexual suscita a criação de uma história (um enredo tecido pelas diferentes interações sustentadas pela parceria sexual), o autor afirma que a emancipação da sexualidade tem como consequência reduzir o ato sexual a um único papel: o de proporcionar prazer.

Quando o sexual se libera do erótico, os encontros passam a ser regidos pelo prazer proporcionado aos parceiros e o casal se converte numa associação regulada pela satisfação mútua. Desse modo, deparamo-nos com o que Giddens (1993) considera um relacionamento puro: o qual se sustenta apenas enquanto ambas as partes considerarem estar proporcionando e recebendo satisfações suficientes para permanecerem juntas.

O aspecto crítico do relacionamento puro advém da sua fragilidade, uma vez que o vínculo se encontra submetido às oscilações afetivas e sexuais dos parceiros.

Este tipo de relacionamento vai de encontro ao modelo do casal voltado para a duração. Assim, a tendência holística do sacrifício - de se diluir e de cuidar do outro - entra em confronto com a tendência individualizante do prazer - de viver para si e de buscar a própria felicidade -, suscitando uma ambivalência na forma como as mulheres constituem seus modelos amorosos.

4.3. Primeiros amores

Amor tão disparatado / Desbaratado é que é... / Nunca a sentei no meu colo / nem vi pela fechadura (O mito. Carlos Drummond de Andrade).

Para compor suas narrativas sobre o amor, as entrevistadas recuperaram experiências da infância. Algumas mencionaram a curiosidade diante do corpo masculino, a descoberta da diferença sexual. Outras examinaram as diferenças de tratamento recebidas por meninos e meninas numa mesma família: os privilégios e os prejuízos. A maioria descreveu seus primeiros encantamentos.

Michelle, uma parisiense divorciada de vinte e nove anos, que após ter concluído um mestrado em Turismo e Hotelaria coordena uma agência de viagens, afirma ter começado a seduzir os homens já na infância. Para ilustrar isso, ela relembra a época do maternal, quando conseguiu seduzir um colega de sala. Michelle gostava do sanduíche que o garoto levava para a escola e tratou de convencê-lo a dividir o lanche com ela, todos os dias. A entrevistada conta, sorrindo, que, devido à partilha ter se repetido por incontáveis vezes, a mãe do garoto acabou resolvendo enviar dois sanduíches: um para cada.

Michelle afirma que, desde cedo, esteve interessada no amor, apreciando seduzir e experimentar seu poder de persuasão com os garotos:

Eu acredito que o amor é uma coisa que sempre me interessou. Eu me lembro quando era uma garotinha. Muito pequena, quase um bebê. Eu estava no maternal e já com três, quatro anos eu tinha meu namoradinho.

O interesse permanente pelos assuntos amorosos - concebido como um traço natural da feminilidade - foi mencionado por grande parte das entrevistadas. Nos discursos, o amor ocupou, muitas vezes, o lugar de eixo a partir do qual se orientavam os processos de subjetivação das mulheres. Enquanto eixo, o

sentimento amoroso desenvolvia-se mediante a articulação de dois temas principais: a sedução e o cuidado.

Enquanto algumas mulheres relataram as peripécias realizadas com o intuito de atrair a atenção dos meninos, outras afirmaram ter aprendido muito cedo a perceber a existência de diferenças entre as posições masculina e feminina.

Lara, uma psicóloga carioca de vinte e nove anos, é a filha do meio, entre dois irmãos. Desde criança, afirma ter recebido um tratamento diferente. Apesar do intervalo de idade entre cada um dos três filhos ser de apenas dois anos, a mãe de Lara se esmerava em cuidar e proteger os meninos, afirmando que a filha deveria ajudá-la nessa tarefa. O ensino da responsabilidade, do cuidado com o outro marcou sua concepção do feminino:

Eu achava assim que a mulher estava mais presa à família, que tinha responsabilidades. Meus irmãos chegavam em casa e ficavam lá, tranquilos, vendo televisão. Meu pai morreu cedo, eu tinha dez anos, e quando isso aconteceu, piorou muito. Minha mãe se preocupava demais com a falta que meu pai fazia para os meninos e desculpava tudo deles. Comigo, não tinha nada disso. Ela dizia que eu precisava ajudar que não era certo que eu pensasse apenas em mim.

Seja na sedução, seja no cuidado, percebemos a existência de um traço comum: o atrelamento do valor pessoal feminino ao julgamento do outro. A menina que se dedica a seduzir e aquela que aprende a cuidar agem de modo a receber uma aprovação, uma garantia da própria feminilidade, decorrente do bom desempenho de papéis consolidados.

Foucault (2004) discorrendo os três tipos de técnicas que Habermas considera fundamentais para se compreender a contemporaneidade (a produção, a significação e a dominação), demonstra a existência de um conjunto de técnicas diferente dos demais e investido de extrema importância, por assumir um papel regulador na constituição das subjetividades. Tratam-se das técnicas de si, ou das tecnologias do eu, através das quais um sujeito examina e modifica a si mesmo. Para tanto, ele é levado a efetuar uma série de operações sobre seu corpo, seus pensamentos e sua conduta, de modo a produzir uma transformação, consolidada pelo aperfeiçoamento de si e orientada pela expectativa de alcançar um estado de maior felicidade.

É possível considerar o amor como um dispositivo, no sentido de que ele organiza, delimita e modela as práticas, as percepções e os discursos dos sujeitos

(SCHMOLL, In: TOUATI, 2005). Tal dispositivo torna-se visível, mediante a instituição de determinadas tecnologias do eu. No caso, temos o dispositivo do amor romântico que engendrou uma relação específica entre as mulheres, a feminilidade e o sentimento amoroso. Nos discursos analisados, encontramos traços desse dispositivo, orientando o aprendizado da feminilidade.

Pensar a feminilidade como uma performance equivale a afirmar que ela se constitui a partir de um conjunto de práticas incorporadas num processo de educação. Quando abordamos os aspectos característicos da noção moderna do feminino, destacaram-se a atenção concedida à aparência e o gosto pelos assuntos íntimos, ambos legitimados enquanto tendências naturais às mulheres. O aprendizado da feminilidade deveria, então, ser realizado a partir de diversos procedimentos implementados com o objetivo de ressaltar as diferenças entre os modos de agir e de sentir das mulheres, em comparação com os homens.

A divisão rígida dos papéis sociais assegurava domínios distintos para o feminino e o masculino. Assim, a feminilidade era traduzida a partir de duas características fundamentais: a coqueteria e o apego. Tais características colocavam as mulheres na posição de objetos simbólicos, cuja existência se justificaria através do olhar e dos desejos masculinos (BOURDIEU, 2002a).

Embora o modelo moderno de feminilidade, ancorado nas imagens da esposa e da mãe, tenha sido abalado pelas transformações características da contemporaneidade, ele permanece sendo uma referência importante para as mulheres entrevistadas, mesmo que não seja a única.

A transição dos amores de infância aos de adolescência não apontou, nos discursos, uma ruptura. Isto nos leva a considerar a existência de um roteiro amoroso prévio, o qual - elaborado desde a infância - serviu para conferir sentido às primeiras relações afetivas e sexuais.

Michelle afirma que o fato de ter uma irmã dez anos mais velha trouxe conseqüências importantes para sua forma de vivenciar o amor e a sexualidade. Desde criança, ela via a irmã com um namorado e alimentava o desejo de crescer para, assim, experimentar o que imaginava que a irmã vivia:

Eu tinha quinze anos e uma irmã com vinte e cinco que falava sobre o sexo e isso me angustiava me angustiava não saber como era. Na época, eu li um livro sobre um garoto.

Num determinado momento da história ele dizia que era absolutamente necessário fazer uma coisa antes de morrer. Ele estava obcecado por essa idéia. Eu acredito que nessa época era assim para mim: era absolutamente necessário que eu conhecesse o sexo. Isso se tornou um projeto mesmo! Então eu encontrei um garoto chamado Nicolas, que nem era bonito, mas que era mais velho do que eu. Então eu me disse: eu preciso dele! Voila! Eu disse à minha mãe: «mamãe, eu quero tomar a pílula». E minha mãe respondeu: «mas querida, você não tem um namorado!» De fato, eu tomei a pílula antes de ter encontrado um namorado! Isso quer dizer que eu me preveni, eu sentia desejo de fazer amor, eu era uma mulher responsável, então eu deveria tomar a pílula. Eu iria transar com preservativo, mas preferia também usar a pílula, porque nunca se sabe. Eu ainda não tinha encontrado alguém com quem pudesse fazer amor. Mas eu o encontrei muito rápido. Era Nicolas. Ele não disse exatamente que me amava e a gente transou.

Bozon e Leridon (1993) assinalam que a aproximação dos comportamentos sexuais de homens e mulheres, decorrente do que denominam de “liberação dos modos”, não diminuiu a diferença nas formas de se conceber e relacionar amor e sexo. Segundo os autores, as mulheres continuam depositando expectativas amorosas em suas relações sexuais, enquanto os homens concebem o desejo sexual como autônomo, não necessariamente relacionado à vida afetiva.

Numa pesquisa voltada para o estudo da vida sexual na França, Janine Mossuz-Lavau (2002), manifesta uma concepção diferente. A autora afirma que suas pesquisas demonstram que as mulheres, sobretudo as jovens, não se conformam mais com o modelo que defende a vinculação entre vida sexual e vida afetiva. Devido ao fato de comportamentos anteriormente considerados inadmissíveis para as mulheres se tornarem comuns entre as jovens, o modelo tradicional das relações de gênero se encontraria profundamente abalado. De acordo com a referida autora, muitas das mulheres por ela entrevistadas declararam não precisar recorrer aos sentimentos como uma “desculpa” para praticar o sexo.

Em nossas entrevistas, observamos que a presença de argumentos amorosos para justificar a primeira relação sexual foi a regra. Isto não nos leva diretamente a supor que essas mulheres não consigam desvincular o amor do sexo. O que percebemos foi o encontro entre expectativas amorosas e sexuais; ambas atuando em consonância na ocasião dos primeiros encontros.

As entrevistadas, em geral, não se detiveram sobre sua iniciação sexual. Elas abordaram o sexo a partir da seguinte estrutura: em primeiro lugar, viria o interesse pelo amor (presente desde a infância), em seguida, tal interesse convergiria para

uma pessoa, suscitando o enamoramento. Uma vez apaixonadas, a relação sexual seria uma consequência natural do processo (referimo-nos, aqui, apenas à primeira experiência sexual, não à demais).

Encontramos no discurso de Michelle uma exceção a este esquema, uma vez que o interesse sexual foi descrito como sendo anterior ao enamoramento. As repercussões desse interesse foram analisadas da seguinte forma pela entrevistada:

Nós transamos e foi muito bom. Eu estava tão feliz! Isso aconteceu num sábado. Segunda, quando cheguei à escola, todos os garotos riam quando eu passava. Eu percebi que tinha algo estranho. De fato, quando chegou na escola, ele contou para todo mundo! Não tinha ninguém que anda não soubesse que a gente tinha transado. Para completar, ele me deixou! Eu fui deixada e todo mundo da escola sabia que eu tinha transado. Então eu pensei: ou eu fico trancada até os quarenta anos, o tempo para as pessoas esquecerem isso, ou eu uso a reputação que eu adquiri. Eu escolhi a segunda opção, eu escolhi ser uma mulher fácil!

A imagem da “mulher fácil”, daquela que faz sexo sem estar motivada por sentimentos, apareceu no discurso de diversas entrevistas, tematizando situações similares. Na maior parte das vezes, ela se colocou como uma recusa do modelo tradicional de feminilidade.

Enquanto Michelle afirmou assumir a identidade de “mulher fácil”, declarando ter, desde o começo, conseguido desvincular o sexo da vida afetiva, a maioria das entrevistadas situou a primeira experiência sexual no contexto de uma relação amorosa. Na maior parte dos casos, tal relação foi descrita como sendo o primeiro amor. Contudo, é importante ressaltar que esse primeiro amor nem sempre se apresentou acompanhado de uma intensidade de sentimentos.

Marie, uma parisiense de vinte e nove anos, que possui graduação e mestrado em Letras e atualmente trabalha como assessora de um conhecido político francês, assim define seu primeiro amor:

De fato, minha primeira grande história aconteceu quando eu tinha dezessete anos. Eu fiquei com ele até os vinte e dois. Nós ficamos cinco anos juntos, depois nos separamos, e como foi minha primeira história, ela me marcou muito. No início, ele era meu amigo. Eu pensava que podia amá-lo de outra forma, mas não foi bem assim que aconteceu, ele me amava mais! Eu acredito que fiquei com ele por causa do prazer de me tornar uma mulher, de ter alguém, de ter uma vida amorosa. Ficar sozinha me dava muito medo. Eu queria amar alguém. Eu pensava na época: eu sou a garotinha dos

meus pais, não tenho ninguém. Eu precisava ter alguém. Mas quando a gente não ama é difícil querer ficar com a pessoa. E eu pensava: “desse jeito, não pode funcionar, não vai funcionar”.

O desejo de viver uma experiência amorosa parece ter sido, mais do que os sentimentos, a principal razão de ser do relacionamento. No trecho referido, dois elementos se destacaram. Ao afirmar que manteve o relacionamento, motivada pelo prazer de ser mulher e de ter uma vida amorosa, podemos supor que, naquele momento, formar um casal contribuía para que Marie conseguisse dar alguma consistência à sua identidade feminina. Nesse caso, a relação amorosa funcionava como um eixo a partir do qual a jovem podia se posicionar como sujeito, como mulher.

A tentativa de fazer do amor o suporte da singularidade feminina nos faz lembrar de Madame Bovary. Diante de uma vida destituída de maiores atrativos, a jovem Emma sonhava com um amor redentor, capaz de lhe conceder uma nova e melhor existência. Contudo, o fracasso advindo do descompasso entre imaginação e realidade tornou impossível a convergência entre o modelo e a sucessão das experiências. Tal como Emma, Marie não conseguiu localizar em sua primeira relação o encantamento e o êxtase contidos nas promessas do amor romântico.

O segundo elemento que atraiu nossa atenção foi o medo da solidão. O fato de uma garota com aproximadamente vinte anos de idade resistir a terminar um relacionamento devido ao medo de ficar sozinha nos permite colocar em questão os discursos que suscitam ou, pelo menos, ajudam a sustentar esse temor. É facilmente observável, em revistas, livros e filmes, a presença da imagem da mulher de sucesso identificada como aquela que é amada por um homem. De acordo com essa lógica, mesmo estando satisfeita com sua vida profissional, uma mulher só escaparia realmente do tédio e da infelicidade ao viver um amor. Nos processos de socialização femininos, as meninas aprendem também, invertendo os termos, que um “excesso” de autonomia pode ter como consequência uma maior chance de solidão.

Observamos que o amor buscado pelas mulheres em suas primeiras relações encontrava-se demasiadamente submetido a um modelo. Desse modo, foram instituídos roteiros - por vezes tão rígidos e tão repletos de crenças e de exigências - que se tornaram um obstáculo capaz de impedir o desenvolvimento das histórias.

Clara, uma advogada de trinta anos, residente em Fortaleza, afirma que viveu sua primeira e mais importante relação amorosa com um colega que freqüentava o mesmo grupo religioso que ela. Na época, ela tinha dezenove anos e participava semanalmente de reuniões nas quais se abordavam temas variados. Clara conhecia Carlos apenas superficialmente. Certo dia, houve uma reunião para a qual compareceram apenas os dois. Eles começaram a conversar e, inesperadamente, o colega afirmou que vivia um casamento infernal e que, apesar dos conselhos dados pelos religiosos, não conseguia se convencer a desistir do divórcio.

A partir de então, os dois ficaram amigos. Segundo Clara, não havia nada além disso. Eles arranjavam diversos pretextos para se encontrar, embora concordassem que não deveriam fazer isso. Resolveram, então, se separar, contudo *a história não morreu, muito pelo contrário, piorou oitocentas vezes mais*. De acordo com a entrevistada, Carlos decidiu sair de casa, ambos abandonaram o grupo religioso e começaram a viver uma relação que durou sete anos.

Clara atribui o fim do relacionamento à própria postura de hesitação e de dúvida, decorrente do choque entre suas concepções e expectativas e o que ela vivia com o namorado:

Porque eu sempre fiquei na dúvida, porque eu achava que não era, não era o que eu queria, não era o que eu tinha sonhado. Aí, entra o problema das histórias da Carochinha que a mãe conta pra gente, quando a gente é criança, e que eu nunca vou contar pra minha filha! Porque eu vou dizer: "olhe, minha filha não existe príncipe encantado. Ele nunca vem perfeito. Não fique sonhando que seja tudo cor de rosa porque não é!

De acordo com Chaumier, embora não sejam o reflexo exato das práticas, as formas de sonhar e de representar o sentimento amoroso possuem um efeito direto sobre a maneira como são vividas as histórias de amor (2004: 33). Bertaux, por sua vez, acrescenta que uma percepção elaborada por um ator sobre uma dada situação - por mais afastada que esteja da realidade -, constitui para ele a realidade, e se torna real em suas conseqüências (2006: 28).

As representações do encontro perfeito (presentes numa pluralidade de discursos), no qual o ajuste entre duas subjetividades acontece de maneira espontânea e sem arestas, ajudam a legitimar uma visão idealizada do casal unido pelo amor. Um amor que se caracteriza mais por sua dimensão sonhada do que pela vivida. Para ilustrar isso, basta perceber que os enredos ficcionais, em geral, se

esmeram em explorar as emoções do encontro e pouco se detêm sobre os ajustes necessários ao prosseguimento de uma relação.

Clara percebeu, em seu relacionamento, a existência de um descompasso entre modelo e experiências. Ela encontrava no namorado características incompatíveis com a imagem do príncipe encantado, acalentada desde a infância. Este descompasso entre as práticas e o modelo pode ser melhor compreendido quando abordamos o caráter mítico do amor romântico.

Roland Barthes (1957) considera o mito um sistema de comunicação: uma mensagem que constitui um modo de significar algo. Para o autor, o mito não se define por seu objeto, mas pela capacidade de transformar a história em natureza. Assim, o mito apaga o trabalho social: ocultando o complexo jogo das relações que aliam certas imagens a conceitos específicos. Por isso, aquele que consome os mitos passa a considerar como fatos o que, na verdade, resulta de um processo de construção de sentidos.

Para exemplificar a função dos mitos, Barthes se refere ao casamento burguês. Embora as características desse tipo de aliança estejam intrinsecamente ligadas a relações sociais específicas, as imagens veiculadas pela imprensa e pela literatura conseguiram criar um modelo dotado de pretensões universais. Através dessas imagens, um arranjo histórico foi instituído como a norma a partir da qual deveriam ser regulados os comportamentos dos indivíduos.

Para Barthes, o mito compõe uma imagem natural para o que é, fundamentalmente, histórico. Por isso, as coisas perdem - quando absorvidas pelos mitos - a lembrança do seu processo de fabricação. Essa perda provoca uma espécie de esvaziamento do real, o que permite definir mito como uma palavra despolitizada. Nas palavras do autor:

Les mythes ne sont rien d'autre que cette sollicitation incessante, infatigable, cette exigence insidieuse et inflexible, qui veut que tous les hommes se reconnaissent dans cette image éternelle et pourtant datée qu'on a construite d'eux un jour comme si ce dut être pour tous les temps (1957: 230).⁵⁹

⁵⁹ Os mitos não são outra coisa que essa solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível, que deseja que todos os homens se reconheçam nessa imagem eterna e, contudo, datada que foi construída deles, um dia, como se assim devesse ser por todos os tempos.

Barthes afirma que a modernidade, longe de enfraquecer os mitos, criou outros ainda mais potentes, por terem sua existência justificada pela linguagem científica.

Podemos considerar que o amor romântico constitui um mito, uma vez que ele consegue tornar naturais formas históricas de se perceber e de se praticar o amor.

Jurandir Freire Costa (1998) afirma que a imagem do amor, típica do romantismo, prevalece orientando os modos como os sujeitos contemporâneos conferem sentidos aos seus encontros afetivo-eróticos. De acordo com o autor, o código do amor romântico naturaliza uma série de prescrições e de normas que orientam a escolha dos objetos de amor. Embora seja valorizado o caráter espontâneo do enamoramento, Costa demonstra que as escolhas amorosas são, em geral, bastante pragmáticas, obedecendo a critérios tais como: compatibilidade de classe social, de cor e de religião.

Outro elemento primordial da crença do amor romântico reside numa intensificação da importância assumida pelo relacionamento. Disso decorre a tentativa de concentrar no vínculo amoroso todas as necessidades e todos os anseios de completude e de felicidade. O superinvestimento no amor tem como resultado o aumento da probabilidade de ruptura das relações, justificado pela não satisfação das expectativas. Para Edgar Morin (1962), os casais contemporâneos tendem a se separar com mais facilidade, não porque valorizem menos o amor (tal como afirmam os discursos moralistas), mas justamente porque exigem que o amor prevaleça sobre todo o resto. Nesse sentido, o fim de uma relação decorre não de uma falta de interesse no amor, mas de um desejo de permanecer amando intensamente (mesmo que seja outra pessoa).

Embora as separações sejam constantes, também o são os discursos que asseguram a cada sujeito o direito de amar e de ser amado. O amor se converte, assim, num acontecimento imprescindível à vida de todos. De acordo com essa lógica, o fracasso das experiências amorosas é explicado pela existência de uma falha pessoal: revelada pela incapacidade de amar.

Como no trecho do poema de Drummond (1992) - *os desiludidos do amor estão desfechando tiros no peito* – o fim de uma história de amor pode constituir uma experiência particularmente desagregadora quando, além de perder o outro (com o

qual se acreditava partilhar a vida), o sujeito se depara com a desconstrução de um projeto de vida.

4.4. Rupturas

O amor comeu na estante todos os meus livros de poesia /
Comeu em meus livros de prosa as citações em verso /
Comeu no dicionário as palavras que poderiam se juntar em
versos (Os três mal amados. João Cabral de Melo Neto,
1997).

Dire qu'il suffit parfois / qu'il y ait un navire / Pour que tout se
déchire / Quand le navire s'en va... (Milord, Edith Piaf)

Bauman, no livro “Amor Líquido” (2004), desenvolve uma análise bastante pessimista sobre os amores contemporâneos. Em sua concepção, o fato de uma relação amorosa, para ser iniciada, precisar de um consentimento mútuo - desnecessário para sua finalização - expõe os sujeitos à constante sensação de incerteza. Incerteza que não é consequência apenas da possibilidade de ser surpreendido por uma mudança repentina do outro, mas, também, pelo caráter inconsistente da própria decisão. Quando as relações ingressam na lógica do mercado, as ofertas de prazer que acenam constantemente de fora dificultam o engajamento e facilitam a desistência, diante da menor decepção. Citando o autor:

O que aprendemos com a amarga experiência é que essa situação de ter sido abandonado à própria sorte, sem ter com quem contar quando necessário quem nos console e nos dê a mão, é terrível e assustadora, mas nunca se está mais só do que quando se luta para ter a certeza de que agora existe de fato alguém com quem se pode contar, amanhã e depois, para fazer tudo isso se – quando - a roda da fortuna começar a girar em outra direção (2004: 41).

Consideramos difícil que a diversidade das relações amorosas possa ser encerrada no que Bauman denomina de lógica de mercado. Nesse sentido, concordamos com Guattari e Rolnik (1986), quando afirmam que nenhum enquadramento é suficientemente forte para conter as linhas de fuga, as possibilidades de resistência; e também com Michel de Certeau, quando adverte que uma representação não corresponde necessariamente aos usos que dela fazem seus receptores: *se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que a sociedade inteira não se reduz a ela* (CERTEAU, 1994: 41).

No entanto, as ponderações de Bauman são válidas para delimitar algumas características da relação entre ruptura e desamparo. A sensação de desamparo, descrita com maestria por Chico Buarque, na canção “Eu te amo” (*ah, se ao te conhecer / dei pra sonhar, fiz tantos desvarios / Rompi com o mundo, queimei meus navios / Me diz pra onde é que inda posso ir*) esteve presente e ocupou um papel relevante em algumas das histórias de perdas amorosas das mulheres entrevistadas.

A dor provocada por uma ruptura não depende necessariamente do tempo de existência da relação. Muitas vezes, o sofrimento se intensifica em nome do que foi sonhado e não conseguiu ser vivido. Tampouco, é fundamental que a história tenha acontecido no que se considera ser o plano da realidade. Alguns amores não passaram de promessas e, ainda assim, continuam ressoando, velando contra o esquecimento. Houve histórias bastante esmaecidas, das quais restaram apenas uns fragmentos: não se sabia mais o que se amou naqueles amores. Apesar disso, o fim ganhou quase sempre contornos nítidos, cores fortes: como ele tivesse se convertido no elemento central: no único capaz de conferir singularidade à relação.

Paula, uma arquiteta de trinta e um anos, residente em Fortaleza, falou sobre o término de seu casamento. Quando interrogada sobre quanto tempo ficou casada, ela disse: *um ano. Não chegou nem a um ano e meio, mas bota um ano e meio aí!* O namoro começou quando ela tinha dezesseis anos e durou nove anos. O casamento aconteceu num momento em que ela e o marido estavam muito ocupados com a vida profissional. Ambos viajavam bastante a trabalho e passavam dias sem se encontrar em casa. Paula considera que a diminuição da convivência repercutiu desfavoravelmente na relação. Nesse período, ela começou a perceber uma postura diferente no marido:

Ele foi estressando muito, foi ficando muito diferente, foi ficando muito arreado, foi ficando estranho. Aí, eu cheguei a passar uns dois meses conversando, ele sem querer ter coragem. Por que... Pelo menos, não sei... O homem em geral... Ele nunca toma a decisão. Jogam os dados pra gente: vai, decide! Tipo assim: conversa, conversa. Tu quer separar? Eu tinha que dizer: “tu quer separar?”. Aí, ele disse: “quero”. Entendeu?

A idéia de que o homem não toma as decisões necessárias ao prosseguimento ou à interrupção de um relacionamento amoroso se relaciona com o

pressuposto de que a mulher continua sendo a principal responsável pelos assuntos íntimos. Uma concepção que contribui para reforçar um posicionamento desigual nas relações de gênero. Nas palavras de Lipovetsky:

(...) na linha direta do passado histórico, o amor continua a ser uma peça constitutiva da identidade feminina. O avanço dos valores democráticos encetou uma reivindicação cada vez mais forte de apropriação de si em matéria de vida profissional, familiar e sexual, mas não aboliu de modo algum a demanda passional feminina, a qual significa, nesse plano, certo desejo de desapropriação de si. De um lado, aumentam as exigências femininas de posse de si como sujeito social, do outro se reproduzem expectativas de “desapossamento” subjetivo em matéria afetiva (2000: 32).

Paula afirma que a conversa sobre a possibilidade de separação não configurou, para ela, uma decisão definitiva. Porém, um mês depois, voltando de mais uma viagem de trabalho, ela se deparou com as conseqüências daquilo que havia interpretado como uma primeira crise do casamento, passível de ser resolvida pelo diálogo:

Quando eu viajei a trabalho, fui pra São Paulo. Quando eu voltei, cheguei em casa e não tinha nada dele. Ave, Maria! Aquilo quebrou meu coração! Partiu meu coração! Você abriu o guarda-roupa e não ter nada, nada do seu marido... só as cruzetas, os cabides... Aí eu fiquei arrasada.

Paula deixou o apartamento em que morava com o marido e se mudou para a casa da mãe. Tentou, diversas vezes, entrar em contato com o marido, mas não obteve sucesso. Tempos depois, ele lhe escreveu um e-mail dizendo que estava namorando. Apesar da notícia, ela continuou usando a aliança de casada, durante cerca de quatro meses. Por quê? *Eu não queria que ninguém soubesse que eu tinha me separado. Eu sentia muita vergonha. Eu passei muita vergonha!*

A vergonha pelo fim do relacionamento e o sentimento de fracasso podem ser relacionados ao fato de que no Brasil *a realização feminina está atrelada à presença de um homem para chamar de seu* (GOLDENBERG, 2006: 30).

A presença de outra mulher como elemento catalisador do fim de uma relação amorosa marcou os discursos das brasileiras. Tal presença, real ou imaginada, definiu a outra como uma sombra, uma ameaça: um aviso constante sobre a possibilidade de substituição.

Vanessa tem trinta e um anos é arquiteta e mora no Rio de Janeiro. Aos vinte e três iniciou uma relação que durou quatro anos, sendo finalizada da seguinte forma:

A gente estava um bom tempo juntos. Estávamos noivos, mas ninguém sabia ainda. Tinha sempre brigas por motivos banais, por ciúme. Ele era bem ciumento. Depois, a gente voltava e ficava tudo em paz. Numa dessas brigas, ele sumiu. Eu me lembro: era uma sexta-feira, eu ligava feito louca pra casa dele e a mãe dele disse que ele tinha viajado. Não me atendeu por todo o fim de semana. No início da semana, ele finalmente atendeu. Disse que tinha ido pra Florianópolis e encontrado uma ex namorada, ou coisa assim. Falou que se apaixonou por ela e que ia mudar pra lá. E fez isso. Depois de um tempo eu fiquei sabendo que ele casou. Foi bem difícil. Eu tinha de evitar os lugares e as pessoas que podiam me dar notícias dele.

A crença de que um homem termina um relacionamento amoroso para assumir outro também foi bastante enfatizada pelas brasileiras. A presença de mais mulheres disponíveis para viver um relacionamento foi citada, no sentido de assinalar uma situação desfavorável às mulheres no mercado matrimonial.

De acordo com Elza Berquó, existe no Brasil uma norma social segundo a qual os homens devem se casar com mulheres mais jovens. Isto contribui, segundo a autora, para que se construa uma pirâmide de solidão. Tal pirâmide ajuda a explicar porque, a partir dos trinta anos, as mulheres possuem uma cada vez menos chances de encontrar um parceiro não comprometido. Segundo a autora, isto aponta para um determinismo geográfico, caracterizado pelo desajuste entre o número de mulheres e o de homens disponíveis para iniciar uma relação amorosa (in: SCHWARCZ, 1998).

Provavelmente, tal desajuste colabora para a difusão de uma imagem dos homens brasileiros como potencialmente mais infiéis do que os homens de outros países. Ainda que, de acordo com Goldenberg (2006), assista-se a uma aproximação dos comportamentos de homens e mulheres, no que se refere à infidelidade (segundo a pesquisadora, 60% dos homens declararam já ter sido infiéis, contra 47% das mulheres) as fronteiras entre os gêneros continuam se mostrando claramente nos discursos.

Dentre as brasileiras entrevistadas, mais da metade havia, em algum momento de suas vidas, morado em outro país. Geralmente, elas saíram para estudar. Algumas fizeram uma parte do mestrado ou do doutorado fora. Essas

mulheres, ao falar sobre os homens, fizeram com freqüência uma diferenciação entre brasileiros e estrangeiros no que se refere à traição.

Cíntia, uma jornalista de trinta anos, morou em Paris durante dois anos, fazendo um mestrado na Sorbonne. Ela contou ter tido dois namoros longos no Brasil, os quais terminaram pelo mesmo motivo: quando descobriu as traições dos parceiros. Cíntia acredita que os homens brasileiros possuem uma propensão maior à infidelidade:

Para mim, a base de uma relação é o respeito. Se não houver respeito, é impossível que eu fique com uma pessoa. Os brasileiros são mais carinhosos que os franceses. Eles dizem muito mais: “você é linda”. Mas eles dizem isso para todas as meninas. Eles são assim, vão trair. Já com o francês é diferente. O francês é mais frio, vai demorar para dizer alguma coisa, mas não vai dizer para todo mundo, só para você.

Uma explicação para a crença de que os brasileiros tendem a ser infiéis pode ser encontrada no traço machista, decorrente da cultura patriarcal. Como afirmou Gilberto Freyre (1951), o padrão de moralidade comum ao sistema patriarcal é duplo: aos homens é dado o direito à infidelidade, enquanto às mulheres é reservada uma fidelidade estrita. As imagens da puta e da mãe santificada, características do patriarcalismo, ainda perseveram, apesar das mudanças e dos discursos que exaltam a igualdade entre homens e mulheres.

Um elemento fundamental destacado por Goldenberg (2000) reside no fato de ser ainda muito pequeno o número de mulheres no Brasil que possuem um emprego capaz de lhes assegurar a autonomia financeira⁶⁰. Embora sejam propagadas cada vez mais as imagens de mulheres independentes, elas constituem uma exceção na realidade brasileira. Para a autora, mesmo essas mulheres procuram evitar posturas que possam ser caracterizadas como próprias às “mulheres fáceis”, categoria associada ao descrédito social. A construção de perfis masculinos e femininos será abordada mais detalhadamente quando nos detivermos sobre o conceito de feminilidade e sobre as exigências feitas aos homens pelas mulheres.

⁶⁰ De acordo com a autora, apesar do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro poder ser visto como uma das transformações sociais mais marcantes, ocorridas no país, desde a década de setenta (atualmente, cerca de 50% das brasileiras trabalham), é importante salientar que as brasileiras continuam, em geral, restritas às ocupações “femininas”. Cerca de 70% das brasileiras trabalham em atividades de baixa remuneração, e aquelas que possuem um diploma universitário tendem a restringir suas carreiras para conciliá-las com o papel de mães. (2000: 109-111).

A ruptura de um relacionamento foi, geralmente, acompanhada de um período de luto, presente mesmo nos casos em que a opção pelo término foi feita pela mulher.

Marie percebeu que não amava seu namorado e, depois de muitos ensaios, resolveu dar um ponto final à relação:

Eu tentava terminar e desistia. Eu fiquei cerca de um ano assim. Era tudo instável, eu acho que porque eu não o amava. Então eu pensava: certo, não o amo, mas mesmo assim eu tenho alguém, estou com alguém. A gente não está necessariamente apaixonada, mas tem alguém ao lado! E ele era muito bom, era bom viver com ele. Hoje, tudo me parece como se tivesse sido numa outra vida. Mas eu terminei e sofri. Passei muito tempo para me refazer. Quando estávamos juntos, eu sonhava com nossos filhos. Ele foi importante na minha vida e foi duro partir, foi muito difícil deixá-lo.

Logo após o final do relacionamento, a entrevistada disse ter começado a apresentar sintomas de anorexia.

Depois do fim, eu encontrei um garoto. De fato, não aconteceu nada entre nós, mas eu me dei conta de que eu poderia amá-lo. Eu poderia me sentir atraída por outra pessoa, tudo aquilo que eu tinha lido na literatura. Então, voila, foi o fim da minha primeira história. Depois disso, percebi que não me sinto à vontade com essa coisa de ser mulher. Então, eu tive anorexia, porque eu sempre tive necessidade de controle. Eu penso que eu tinha medo de me tornar uma mulher. As coisas da vida sexual: isso me fazia medo. Eu tive anorexia, eu controlava a fome, isso me permitia ter algum controle.

A associação entre anorexia e feminilidade é comum nos discursos psicanalíticos, os quais examinam o papel singular assumido pelo corpo nos processos de subjetivação femininos. Segundo Schneider (2006), a feminilidade se caracteriza pela abertura ao outro - insinuada no corpo da mulher. Nesse sentido, o corpo feminino é significado como aquele que oferece uma passagem para a alteridade. Esse corpo que parece requerer, para permanecer vivo, a presença de um outro, depara-se constantemente com a possibilidade de destruição:

Que la menace vienne de l'extérieur, de l'intérieur, ou d'un extérieur essaimant à l'intérieur, la femme semble être

perpétuellement affrontée à cette imminence du vivant, c'est qui fait d'elle le lieu de l'Autre (SCHNEIDER, 2006 : 90).⁶¹

Cientes do risco assumido quando do uso de argumentos fundamentados em abordagens essencialistas⁶² da sexualidade, propomos considerar a associação entre feminilidade e anorexia sob uma outra perspectiva⁶³.

A estética do emagrecimento - cada vez mais difundida - possui uma influência indiscutível sobre o espantoso aumento de casos de anorexia entre jovens mulheres. Além dela, observamos, no caso da entrevistada, a existência de uma relação entre a perda de um projeto de vida e o desenvolvimento da doença.

Marie referiu-se varias vezes a um sentimento de mal-estar, atribuído ao fato de ser mulher. Em seu discurso, ser mulher equivalia a ser frágil: a não possuir o domínio sobre si mesma. Desse modo, o relacionamento constituía um apoio, oferecendo à Marie uma possibilidade de se esquivar imaginariamente da tarefa de cuidar sozinha da própria vida. Possibilidade que se desenhava na promessa da família, dos futuros filhos. Com o término da relação amorosa, seu conceito de feminilidade foi abalado, desencadeando um luto pelos projetos tornados

⁶¹ Que a ameaça venha do exterior, do interior ou de um exterior produzido pelo interior, a mulher parece ser perpetuamente afrontada por esta iminência do que está vivo; o que faz dela o lugar do Outro.

⁶² Nos estudos sobre gênero e nas pesquisas voltadas para a sexualidade, que ganharam força, nas ciências sociais, a partir da década de oitenta, destacam-se duas posturas. A primeira é considerada essencialista, pois pressupõe a existência de características inerentes aos corpos. Segundo tal perspectiva, o corpo feminino carregaria consigo um conjunto de atributos universalmente partilhados pelas mulheres. Já a postura construtivista pode ser desdobrada em duas vertentes: a autonomista e a relacional. Para os autonomistas (criticados por um culturalismo excessivo), a relação entre corpos e sexualidade possui um caráter arbitrário e fundamentalmente cultural. Já para aqueles que defendem o ponto de vista relacional, as diferenças sexuais constituem uma espécie de base: uma superfície onde se inscrevem os processos de construção dos gêneros (HEILBORN, 1999). Nesta pesquisa, partimos de uma orientação construtivista. Embora recorramos tanto às concepções de autores mais marcadamente autonomistas quanto àquelas defendidas por autores orientados pelo construtivismo relacional, situamos nossa perspectiva a partir das considerações de Goffman (1977). Ou seja, interessa-nos refletir sobre as diferentes formas através das quais uma cultura não somente interpreta, mas constrói as diferenças sexuais como uma forma de justificar posições desiguais entre os sexos.

⁶³ Embora os estudos psicanalíticos possam ser inseridos na perspectiva essencialista, é fundamental considerar que tal inserção condiz com uma leitura apressada das contribuições da psicanálise. A concepção de que a anatomia é o destino - que remete à ênfase dada por Freud aos efeitos determinantes das diferenças anatômicas entre os sexos sobre os processos de subjetivação (FREUD, 1974 [1931]) - não deve encobrir o fato de que o sujeito, para a psicanálise, é construído a partir de suas relações. Nesse sentido, para além do organismo, esse sujeito possui um corpo: *por sua implicação na estrutura de discurso, que é equivalente a um laço social, o corpo para este ser de fala e de sexo não se constitui em algo primário. Assim, não se superpõe à noção de organismo, nem pode ser apreendido pela intuição ou através de uma observação direta como uma extensão no espaço* (SOUSA, 2000: 34).

impossíveis. Nesse sentido, a doença pode ser compreendida como uma tentativa de, em meio ao caos, exercitar uma mínima apropriação de si e da feminilidade.

Suely Rolnik (1987) utiliza o conceito de desterritorialização, desenvolvido por Deleuze e Guattari para se referir às situações de perda de sentido. Segundo os autores, uma subjetividade consiste num território: numa tessitura provisoriamente estável de um mundo possível. A necessidade de explicar, de compreender e de organizar os acontecimentos, no decorrer da vida, adquire maior intensidade nas situações de crise: quando a quebra dos territórios manifesta todo seu potencial desagregador. A desterritorialização decorre, então, de uma fratura nas estruturas de sentido. Para Rolnik, isso acontece sempre que o fluxo das experiências não consegue mais se enquadrar nas formas através das quais o sujeito situa e percebe a realidade.

Simmel considera que as diversas interações entre os seres humanos constituem o que se costuma chamar de sociedade. Para ele, o “social” não habita apenas as relações duradouras, formalizadas pelas instituições, mas se dissemina através da pluralidade de laços feitos e desfeitos entre os indivíduos.

Que os seres humanos troquem olhares e que sejam ciumentos, que se correspondam por cartas ou que almoçam juntos, que pareçam simpáticos ou antipáticos uns aos outros para além de qualquer interesse aparente, que a gratidão pelo gesto altruísta crie um laço mútuo indissolúvel, que um pergunte ao outro o caminho certo para se chegar a um determinado lugar, e que um se vista e se embeleze para o outro – todas essas milhares de relações, cujos exemplos foram escolhidos ao acaso, são praticadas de pessoa a pessoa e nos unem ininterruptamente, sejam elas momentâneas ou duradouras, conscientes ou inconscientes, inseqüentes ou seqüentes (SIMMEL, 2006: 17).

De acordo com Simmel, a socialização pode ser compreendida como um fluxo constante: um movimento que une e desune os indivíduos criando novos laços, destruindo alguns, dotando outros de uma força imprevista. Essa pulsação, como afirma o autor, nem sempre é visível, pois a visibilidade é seqüência de um processo de cristalização. Nesse sentido, *os grandes sistemas e organizações supra-individuais, aos quais se deve o conceito de sociedade, não passam de cristalizações de efeitos mútuos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência, de individuo para individuo* (op. cit: 17).

Entre o fluxo e a cristalização, não são raros os descompassos. Os mais freqüentes incidem sobre os sistemas que se encontram enrijecidos e, por isso mesmo, incapazes de apreender as mudanças suscitadas pelas novas ligações entre os indivíduos. Indiferentes ao movimento, os sistemas se tornam anacrônicos: não conseguem conferir sentido às transformações. Esta situação fornece a base a partir da qual é possível compreender em que consiste a desterritorialização.

No discurso de Marie, o fim da relação amorosa engendrou um processo de desterritorialização, o qual afetou sua forma de significar a própria feminilidade. Enquanto o mal-estar de ser mulher conseguia ser razoavelmente aplacado pela presença de alguém que, de algum modo, legitimava uma definição estável da feminilidade (voltada para a família e a maternidade), a ruptura colocou em cena a desconstrução dessa estabilidade e dos projetos a ela vinculados. A impossibilidade de construir um outro projeto capaz de, naquele momento, dar às experiências uma orientação coerente pode ter colaborado para o surgimento do quadro anoréxico.

Esta interpretação ganhou seus contornos a partir da análise do discurso de outra entrevistada.

Simone é professora universitária, tem vinte e nove anos, está concluindo uma tese de doutorado em Sociologia e vive em Paris. Aos treze anos conheceu Jean, um garoto com o qual iniciou uma relação que ela definiu como *muito ambígua*. Numa festa dada por ela na casa dos pais, Jean a beijou pela primeira vez. Simone não se sentiu bem com o acontecimento, pois considera ter sido *mais ou menos forçada a fazer isso*. Depois do beijo, ficaram sem se falar por muito tempo. Aos dezessete anos, sofrendo pela rejeição de um colega de escola, ela reencontrou Jean, e eles começaram a namorar.

Simone, no entanto, recusava-se a ter uma relação sexual com o namorado antes de passar pelo BAC ⁶⁴:

E lá estava eu com ele. Era tudo muito estranho, eu me lembro. Eu me lembrava constantemente da questão do trabalho. A gente estava na escola. Com ele, havia jogos, carícias, mas na minha cabeça eu me dizia: “não faça amor com ele até que você tenha passado no BAC!” Eu estava persuadida que isso ia mexer tanto comigo, que eu não queria. Eu não podia fazer os dois ao mesmo tempo! Tudo muito antagônico. Então, eu consegui passar na última prova

⁶⁴ O baccalauréat, conhecido coloquialmente como BAC, consiste num exame realizado no final do ensino secundário, com o objetivo de determinar o acesso às universidades. Passar no BAC com boas notas garante ao candidato a possibilidade escolher carreiras universitárias de maior prestígio, garantindo o ingresso nas Grandes Écoles.

do meu BAC, e então... Era vinte de junho, e aconteceu. Nenhuma lembrança! Tudo o que aconteceu é passado. Eu não vou voltar a isso. Mas em termos de sensação, nenhuma.

No discurso de Simone, como nos de outras francesas entrevistadas, percebemos a existência de uma separação entre o desejo de viver um relacionamento afetivo e o projeto de conquistar a autonomia, através do estudo e do trabalho. Simone afirma que não podia, ao mesmo tempo, dedicar-se igualmente à vida afetiva e à futura vida profissional. Outras francesas ressaltaram ter optado, muito cedo, por investir mais na profissão do que nos assuntos amorosos. A crença na impossibilidade de equilibrar vida profissional e afetiva teve presença significativa no discurso das parisienses, sendo enfatizada de outra maneira pelas brasileiras.

A imagem da “super mulher” - capaz de alcançar o sucesso profissional e o afetivo, conciliando harmonicamente o modelo tradicional de feminilidade com o imperativo da emancipação pessoal - foi mencionada pelas francesas por seu aspecto ilusório. Em contraposição a essa imagem, muitas ressaltaram ter dado menor atenção aos seus relacionamentos devido ao projeto de se tornarem profissionais competentes.

Já as brasileiras demonstraram acreditar na possibilidade de uma mulher organizar sua vida, de modo a conseguir dar a atenção merecida tanto à profissão quanto ao amor. Nenhuma brasileira entrevistada afirmou ter escolhido investir mais na vida profissional do que nos assuntos amorosos. Muitas delas afirmaram que, uma vez solteiras, aproveitavam para se dedicar mais à profissão. Tal afirmação nos leva a supor que, caso estivessem casadas, diminuiriam o investimento nessa área.

Enquanto os discursos das francesas se ajustavam aos argumentos desenvolvidos por François de Singly - em sua pesquisa sobre a fortuna e os infortúnios da mulher casada (1987) - o discurso das brasileiras não explorou a existência de uma influência negativa do investimento na vida afetiva (representado pelo casamento) sobre a vida profissional.

De acordo com Singly (1987), uma mulher, ao decidir viver com um homem, modifica sensivelmente seu destino, devido aos constrangimentos decorrentes da divisão sexual do trabalho. Enquanto o homem não tem seus capitais culturais, econômicos e sociais alterados pelo casamento, a mulher tem sua posição social vinculada à do marido. Além disso, por assumir praticamente todas as tarefas

domésticas e continuar sendo diretamente responsável pela educação dos filhos, a mulher, ao formar uma família, tende a investir menos em seu crescimento profissional.

As francesas enfatizaram este impasse, mencionando as implicações da vida afetiva sobre a vida profissional das mulheres. As brasileiras, por sua vez, detiveram-se mais na descrição da felicidade alcançada pela vida de casal, ou nas peripécias e nos infortúnios decorrentes da vida de solteira.

As decepções com a vida de solteira foram, no caso de Simone, menos enfatizadas do que aquelas decorrentes da vida de casal. Quando lembrou sua primeira relação sexual, a entrevistada mencionou seu desapontamento, fruto do descompasso entre experiência e imaginação:

Na época, eu tinha dezoito anos, Eu não tive, na primeira relação sexual nenhuma sensação realmente importante. Houve apenas o outro dia no ônibus. Eu havia aprendido que isso muda a vida, a forma de olhar. Mas não teve nada disso! Então, eu estava no ônibus. Eu olhava as pessoas e me perguntava: “finalmente, o que pode mudar? Será que eu estou realmente diferente de ontem?” E eu me disse: “bom, é isso. No começo é engraçadinho, depois não é tão ruim; mais nada”.

A imagem da primeira relação sexual como o momento demarcador da passagem da condição de menina à de mulher foi abordada por Simone, por sua dimensão negativa. Ela enfatizou o caráter banal do sexo, revelado pela incapacidade deste alterar uma existência. A decepção com a primeira experiência sexual esteve também relacionada a um desapontamento com a relação amorosa. Simone sentia que algo no seu namoro não ia bem. Depois de aceitar viajar com o namorado, viu ser intensificada essa sensação:

Nós estávamos presos naquele lugar. Não tinha mais ninguém, eu ficava o tempo todo com ele. Não foi nada simples. Eu comecei a notar que eu não conseguia mais suportar fisicamente ele. Ah! Era um desgosto total! E eu disse: “escuta, temos dois quartos”. E eu fiquei num quarto à parte. Acho que nessa época eu estava bloqueada pela doença – a anorexia. Eu estava numa situação...De todo modo, voilà, depois foi a doença e toda a história.

E como começou a anorexia?

Tudo começou com o fim da história, não há dúvida. Eu não sei porque faço uma correlação tão forte entre o fim dessa história e a anorexia. Mas é certo que eu tive uma coisa com a feminilidade, com meu corpo. Sem nenhuma dúvida, uma relação com a minha mãe. Isso é certo. E com a minha avó,

porque a doença foi muito ligada à morte dela, que tinha acontecido dois anos antes. Mas também com relação ao corpo. Penso que eu estava doente fazia muito tempo, e o corpo é um meio de expressão muito forte.

Simone vinculou o surgimento da anorexia ao fim do seu relacionamento (decisão tomada por ela), à morte da sua avó, à sua mãe (embora não tenha explicado os motivos) e à feminilidade. Podemos supor que a crise, consolidada com o surgimento da anorexia, esteve vinculada a um impasse: decorrente do abalo sofrido pela forma de se posicionar enquanto sujeito e enquanto mulher.

Devido ao quadro anoréxico, a entrevistada precisou ficar dois meses internada numa instituição, sendo acompanhada diretamente por psiquiatras.

Simone enfatizou que uma preocupação excessiva com o controle sobre a própria vida teve papel determinante para o adoecimento. Na época, ela se encontrava demasiadamente imersa em questões, para as quais não conseguia formular respostas plausíveis. Por isso, considera ter sido importante a internação: *foi um momento relativamente à parte. Devido à distância, você tem esse direito: a única coisa que me demandavam era engordar e repousar.*

Chamou nossa atenção esta frase: *a única coisa que me demandavam era engordar e repousar.* A entrevistada, que se manteve bastante séria enquanto falava da anorexia, proferiu a frase acima com um sorriso nos lábios. Esse momento à parte, destituído de demandas, foi relatado por ela como uma interrupção: uma tranquilidade conquistada por quem se vê autorizado a esquecer a necessidade de fazer escolhas e se ocupar apenas da própria sobrevivência.

A anorexia era a angústia mais completa diante do fracasso, no meu ponto de vista. Então, eu podia ir ao médico, ir ao analista. Eu me sentia legitimada para buscar ajuda, porque estava realmente doente naquele momento, realmente doente! Eu tinha realmente um problema!

A associação entre anorexia e controle se manifestou da seguinte maneira para a entrevistada:

No começo eu comia muito mais, eu tinha mesmo vontade, mas eu lutava sem cessar contra a balança, principalmente para não engordar. Eu tinha o desejo de emagrecer. Por essa espécie de preocupação, de cuidado com o controle de si, porque eu estava sempre ligada aos outros. Porque, ao atravessar essa época, você prova que você consegue resistir aos outros. Mas é uma espécie de mentira, porque realmente você não controla.

O desejo de reassumir o controle de si e a atribuição deste desejo ao surgimento da anorexia - uma doença que se expressa na tentativa de subjugar o corpo, para que este finalmente “caiba” na idéia que o sujeito faz de si mesmo - levam-nos a ponderar sobre a ambivalência presente nos processos de construção das identidades femininas. Segundo Bauman:

A situação torna-se ambivalente quando os instrumentos lingüísticos de estruturação se mostram inadequados; ou a situação não pertence a qualquer uma das classes lingüisticamente discriminadas ou recai em varias classes ao mesmo tempo (1999: 10).

A ambivalência se apresentou no impasse entre uma concepção de feminilidade voltada para o outro e uma necessidade de afirmação da independência subjetiva. De acordo com essa lógica, as mulheres, sendo educadas para a dependência afetiva, deveriam, ao mesmo tempo, assumir o papel de sujeitos responsáveis por suas existências.

O momento de romper a primeira relação amorosa foi representado como uma passagem da condição tradicional de mulher (aquela vinculada a um homem e a um projeto familiar) a uma outra condição. Condição que veio acompanhada, diversas vezes, de uma crise pessoal e perpassada pela incerteza: pela ausência de modelos capazes de conferir sentido a demandas contraditórias.

O fim de uma relação amorosa, quando relacionado a um projeto consciente de negação do modelo de feminilidade tradicional, foi vivido como um ato de libertador.

Cécile, uma parisiense de trinta e cinco anos, doutora em Ciências Políticas, jornalista e professora da Sorbonne, afirma que sempre tomou a decisão de finalizar seus relacionamentos. Ela diz ter sido uma adolescente tímida, muito voltada para os estudos e pouco atenta aos homens. Seu primeiro namoro aconteceu quando tinha vinte anos e durou dois anos. Cécile conta que ficou noiva e, depois disso, percebeu o equívoco desta escolha:

Eu não me sentia valorizada por ele. Meu namorado era dez anos mais velho do que eu e não demonstrava nenhum interesse na minha formação acadêmica. Eu não tinha o menor desejo de me tornar uma esposa, de entrar no modelo tradicional. Então, dois meses antes de casar, terminei a

relação. Para mim é assim: a decisão de terminar é sempre minha, eu sempre deixo os homens. Depois do fim, eu me senti realmente livre. Foi um alívio: comecei a sentir vontade de fazer sexo, de explorar e descobrir mais sobre meu próprio corpo.

A opção pelo fim do relacionamento aconteceu, segundo Cécile, motivada pelo desejo de recusar o papel tradicionalmente feminino da esposa. No discurso da entrevistada, foi recorrente a afirmação de que uma mulher, ao se relacionar com um homem, é levada a assumir um papel subordinado. Esta tendência, fruto de um processo de naturalização de relações desiguais entre os gêneros, torna-se (de acordo com Cécile) intransponível, quando a relação se institucionaliza através do casamento.

Considero que o casamento não é necessário. Então, todas as vezes que uma amiga minha se casa, eu me pergunto o motivo. Para mim, é um verdadeiro enigma. Isso porque, na minha opinião, um casamento é um acordo: um arranjo prático que pouco tem a ver com o romantismo e que, em geral, não é vantajoso para as mulheres. Então, quando uma amiga me diz que vai casar, e justifica o casamento com argumentos românticos, eu me pergunto por quê, então, ela decidiu casar (Cécile).

Em consonância com Cécile, Luise ressaltou que suas relações amorosas possuem um tempo de sobrevivência restrito: apenas alguns meses. Ela afirma, no entanto, ter encontrado homens que desejaram tornar o relacionamento mais sério. Dois de seus últimos namorados, por exemplo, convidaram-na para morar com eles. Tais propostas, Luise afirma ter recebido com susto e com indignação. Para a entrevistada, é normal chegar um momento em que ela se cansa de uma relação amorosa. Tal momento coincide com a possibilidade de assumir um papel tradicionalmente feminino:

Eu me canso justamente porque eu não sinto vontade de, numa relação, se eu tenho um namorado, de encontrar com ele todos os dias, de morar com ele, então, muito menos. Isso é realmente impossível pra mim! A coisa de ver todos os dias me sufoca. Eu adoro ser independente, eu tenho a impressão de que se trata de uma pressão, de um aprisionamento mesmo. Sempre me dá a impressão, quando estou com alguém, que essa história de amar, de fazer tudo juntos... não sei. Logo eu que adoro sair com meus amigos, que adoro meu trabalho e meus estudos!

A imagem do homem como alguém capaz de usurpar a liberdade conquistada pela mulher não foi abordada apenas por Luise, embora tenhamos encontrado em

seu discurso um posicionamento mais radical que os demais. Ela não foi a única entrevistada a afirmar preferir manter relações fugazes, com o intuito de evitar vínculos passíveis de comprometer sua autonomia. Foi, no entanto, a única a assumir categoricamente uma posição de combate:

Combate é uma boa palavra para caracterizar minhas relações amorosas e também minha vida profissional. Eu trabalho com política, com combates políticos, eu milito pelo combate, pelo reconhecimento das mulheres. Voilà!

O posicionamento contundente de Luise acerca das relações de gênero foi por ela justificado como consequência do trabalho que realiza. A entrevistada enfatizou que sempre foi uma militante do feminismo, atualmente participando de projetos sociais voltados ao atendimento de mulheres vítimas de violência doméstica.

Embora Luise tenha sido a única entrevistada a se declarar militante do movimento feminista, praticamente todas as francesas abordaram o feminismo sob uma perspectiva positiva, enfatizando suas repercussões na vida das mulheres. Muitas afirmaram que participam de manifestações voltadas para a defesa dos direitos das mulheres. Praticamente todas as francesas mencionaram o papel assumido por suas mães (geralmente, como militantes) nos movimentos de maio de 68.

Dentre as francesas, a associação entre feminismo e conquista da liberdade feminina, relacionamento e perda dessa liberdade foi digna de destaque⁶⁵. Observamos, no entanto, a presença de dois tipos de argumentos diferentes, sustentando posicionamentos semelhantes. Enquanto alguns discursos encontraram seu fundamento em teorias feministas⁶⁶ (como os de Cécile e Luise), outros estiveram mais fortemente vinculados a uma postura hedonista.

⁶⁵ A associação entre relacionamento e perda da liberdade também esteve presente nos discursos das brasileiras, embora tenha sido bem menos enfatizada. Já a relação entre a liberdade das mulheres e as conquistas do movimento feminista não apareceu no discurso das brasileiras.

⁶⁶ Dentre as teóricas feministas que enfatizam o caráter essencialmente desigual das posições tomadas por homens e mulheres em seus relacionamentos, destacamos Colette Guillaumin (1978) e Nicole-Claude Mathieu (1991). A primeira analisa as consequências da disseminação de um discurso ancorado na idéia de natureza: *le discours de La Nature voudrait rendre sensible comment le fait d'être traitée matériellement comme une chose fait que vous êtes aussi dans le domaine mentale considérée comme une chose* (1991:5). De acordo com a autora, a apropriação do corpo feminino tem como consequência a construção de uma identidade necessariamente servil, dotada de traços que naturalizam essa apropriação. Nicole-Claude Mathieu examina o caráter ambíguo da justificativa

Quando Véronique concluiu seu mestrado em ciências sociais, procurou emprego, e não conseguiu encontrar. Decidiu, então, trabalhar numa floricultura. Nesta atividade, considera ter encontrado seu verdadeiro “métier”. Desde então, tem feito diversos cursos voltados ao aperfeiçoamento profissional. Atualmente, a empresa da qual é sócia é responsável pelo atendimento dos grandes hotéis franceses, assim como pela organização de inúmeras festas e recepções.

A empolgação presente em Véronique, enquanto discorria sobre sua vida profissional, desapareceu de seu rosto, quando lhe pedimos que nos falasse de sua vida amorosa. Ela começou sua narrativa com a seguinte afirmação: *c'est pas superbe*. Na sua concepção, no que se refere ao amor, tudo em sua vida começou muito tarde. Aos dezenove anos, conheceu um rapaz e se apaixonou por ele. Porém, não era correspondida e a relação acabou. O relacionamento mais longo de Véronique durou um ano:

Ele era um amigo, dez anos mais velho. Ficamos juntos por um ano. Foi muito forte, muito apaixonado. Foi um grande amor! Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que aquilo não podia durar.

Por quê?

A gente não partilhava grande coisa. Mesmo assim foi uma linda história. Tinha a questão da diferença de idade e de planos de vida. Eu via que ele tinha projetos para viver comigo e isso me deu medo. Eu me sentia jovem demais naquela época. Por isso, eu resolvi deixá-lo, mesmo sem ter acabado o amor. Eu não me sentia capaz de dar o que ele queria, entende? Eu não podia, eu não era adulta. Se continuássemos juntos, seria ruim para os dois. Mesmo que eu estivesse louca de amor por ele, eu sentia que aquilo não podia dar certo. Acho que eu sentia mesmo um enorme medo de me engajar. Eu queria fazer tudo para me divertir.

O impasse entre engajamento e diversão aparece ainda com mais nitidez no discurso de Julie.

Até a idade de dezessete anos, Julie não se sentia feliz com seu corpo. Considerava-se feia, desajeitada. Contudo, aos dezoito, isso começou a mudar. Ela percebeu que seu corpo agradava aos homens, atraía olhares, e começou a gostar de seduzir. Nessa época, iniciou um namoro com um rapaz. Julie era virgem, e decidiu esperar quatro meses para ter sua primeira relação sexual. O resultado, em sua opinião, foi totalmente satisfatório:

de uma divisão sexual do mundo baseada em “evidências biológicas”: *les deux sexes, en quelque sorte, sont biologiques mais l'un serait plus “naturel” que l'autre* (1991: 53).

Foi o meu primeiro amor. Com ele, eu me sentia uma princesa! Alexandre fazia tudo o que eu queria e eu experimentei o poder feminino! Ele comia na minha mão. Eu tinha tudo o que queria. Esperei quatro meses para transar com ele, e foi maravilhoso! Na primeira vez eu senti o meu primeiro orgasmo. Eu já conhecia meu corpo, já sabia o que me agradava. Vivi um sonho com Alexandre. Eu me sentia amada, especial, uma princesa!

A possibilidade de se sentir uma princesa - definida pela entrevistada como a de ter um homem a seus pés -, em determinado momento, tornou-se incapaz de sustentar a relação. Após três anos de relacionamento, Julie percebia que Alexandre continuava profundamente apaixonado. Porém, para ela, o contexto havia mudado:

Eu comecei a questionar a relação. O que mais me incomodava era o fato de não conhecer outros homens. "Não posso viver com um só homem pelo resto da vida!" Eu me dizia isso todos os dias. Eu sempre amei minha liberdade, sempre gostei de seduzir, sabe? Então eu decidi que era a hora de sair com outros rapazes. E saí com vários! Eu ficava só nos beijos, não transava com nenhum deles. Por fim, percebi que queria conhecer um homem diferente, mais imprevisível. Daí, terminei o namoro. Ele dava tudo que eu queria! Era muita pressão!

Lipovetsky (2006) afirma que as sociedades ocidentais pós-industrializadas vivem de acordo com uma lógica de consumo hedonista e individualista. Tal lógica tem como característica principal o agenciamento do consumo como uma questão pessoal, vinculada à busca da felicidade. Nesse sentido, os bens circulam não apenas para atribuir um status ao proprietário, mas, sobretudo, para aumentar suas possibilidades de prazer e de bem-estar.

Bauman (2004) considera que o hedonismo contemporâneo não se satisfaz em consumir objetos. Para o autor, os sujeitos consomem não apenas o que se encontra disponível nas prateleiras: eles tendem a consumir relações. A ideia do consumo de relações se relaciona com a crítica realizada por Habermas (2004) sobre a racionalidade instrumental. De acordo com o filósofo, assistimos, na modernidade, a uma expansão sem precedentes de uma racionalidade voltada para o uso: para uma manipulação do mundo e das coisas, justificada pela vontade humana. Esse tipo de racionalidade, ao ganhar força, atinge diretamente o campo das relações, convertendo o outro num objeto passível de ser utilizado como um meio, para se atingir um determinado fim.

O ato de consumir relações, descrito por Bauman, se insere na lógica da racionalidade instrumental - quando as interações entre os sujeitos são orientadas unicamente por uma busca do próprio prazer. Certamente, a diversidade de afetos e de interesses mobilizados numa única interação entre duas pessoas não nos permite separar com clareza as “boas relações” (quando cada sujeito é tomado como uma singularidade: um fim em si mesmo) das “más relações” (quando um sujeito converte o outro num objeto a ser usado com um fim específico). Apesar disso, é possível observar que atualmente vem ganhando força uma tendência (bastante explorada pelos discursos publicitários) que elege a satisfação individual como o motivo fundamental das associações entre os sujeitos.

Esta tendência foi encontrada nos discursos de diversas entrevistadas. Julie desistiu do namorado, que a tratava como uma princesa, sem alegar razões amorosas. Ao contrário, afirmou amar e se sentir amada por ele; o que não impediu que desejasse estar com outros homens. Seja pelo medo do engajamento, seja pelo desejo de viver algo diferente, a lógica hedonista sugere o movimento: um deslocar-se constante entre uma opção e outra. Tal deslocamento contribui para uma redução do tempo de vida do casal, acompanhada de um aumento das situações em que os sujeitos se vêem sozinhos.

4.5. Suis-je toute seule?

Les femmes entendent de moins en moins exister au travers des hommes. La difficulté réside dans ce que le modèle amoureux de référence n'a pas évolué aussi rapidement. L'idéal de la fusion mythique demeure bien présent dans les représentations engendrant des contradictions et des déchirements (CHAUMIER, 2004 : 207).

De acordo com François de Singly (2007), é possível dividir a história da família contemporânea em dois períodos. O primeiro (que se desenvolve no século XIX até 1960) teve como característica principal a ênfase na instituição do casamento e a separação estrita dos papéis sociais adequados aos homens e às mulheres. O objetivo de regular as relações afetivas sustentava, então, o vínculo conjugal, o qual se voltava para a formação do núcleo familiar e para o cuidado com os filhos. A partir da década de sessenta, no entanto, começa a se desenhar um outro modelo de família, cujas bases se encontram na contestação do modelo da

“mulher dona-de-casa”. Através da disseminação do feminismo, do uso da pílula e do acesso ao mercado de trabalho, a união matrimonial ganha uma orientação diferente:

A lógica afetiva que foi durante muito tempo externa à família e ao casamento (o mito do amor se construiu contra o casamento por interesse) terminou por entrar na instituição do casamento. Durante o primeiro período da família contemporânea, acreditamos que a fusão entre esses dois elementos seria durável. Ora, o peso das exigências por afeição foi progressivamente minando a instituição (SINGLY, 2007: 131).

Segundo Singly (op.cit), a família do primeiro período estava concentrada na dinâmica das relações entre marido, mulher e crianças. Tais relações eram organizadas a partir da ênfase nos papéis correspondentes a cada um dos membros grupo familiar. Papéis que, por sua vez, designavam funções específicas, capazes de assegurar o equilíbrio interno da estrutura. A mudança observada no segundo período implicou, principalmente, uma intensificação dos elementos e uma conseqüente desestabilização das funções.

Para tanto, foi fundamental o aumento das possibilidades de individualização femininas. Deslocar-se do roteiro definido pela moça que deveria casar para, assim, assumir sua identidade de adulta (enquanto esposa e mãe) permitiu que as mulheres se engajassem na construção de identidades diversas; o que abalou profundamente as definições do feminino e do masculino. Tal abalo afetou a instituição do casamento, suscitando uma autonomização dos elementos, em detrimento da estrutura. Deste modo, o modelo da família feliz foi cedendo lugar para aquele formado por indivíduos que se encontram e se relacionam, continuam formando famílias, mas fazem tudo isso guiados pela busca da realização pessoal.

Para Rougemont (2003), o casamento, conduzido pela ideologia do amor romântico, carrega consigo as sementes do seu próprio fim. Isto porque, quando a união passa a ser sustentada pela existência de um romance, o fim do idílio amoroso se converte em razão suficiente para a dissolução do laço conjugal.

Assim, o segundo período da história da família contemporânea é marcado por relações efêmeras, vividas por homens e mulheres empenhados em construir suas identidades pessoais, e pouco dispostos a abrir mão da liberdade conquistada, em favor das exigências e das necessidades de outrem.

Uma das conseqüências mais visíveis desse superinvestimento nas relações, acompanhado do enfraquecimento da dimensão institucional do casamento, é uma disseminação da condição de “célibataires”. Para Bologne (2004), esta condição - que até o início do século XX era considerada um acidente, um desvio do caminho normal - começa a ser vista, após as mudanças desencadeadas na década de sessenta, como uma fase necessária e inevitável na vida de todos.

Segundo Bernadette Bawin-Legros (2006), a geração que atualmente se encontra com cerca de trinta anos foi a primeira a experimentar as transformações decorrentes dos embates que marcaram “maio de 68”. A autora chama de desencantada uma geração que, segundo ela, herdou tanto a liberdade dos costumes quanto a desorientação, intensificada pela ausência de referências nítidas e coerentes, capazes de orientar os comportamentos.

No decorrer de suas vidas, os “trentenaires” de hoje se deparam diversas vezes com diversas situações em que podem se definir como “célibataires”. Seja para quem viu terminar uma relação amorosa (através do divórcio ou do fim de um namoro), seja para aqueles que costumam experimentar apenas relacionamentos de curta duração, a condição de “célibataire” tem se tornado uma experiência comum: mais uma regra do que uma exceção.

A definição apressada do “célibataire” como alguém que está sozinho não abrange a pluralidade das formas de se experimentar essa situação. Kaufmann (1999) utiliza o termo “vie en solo” para abordar a pluralidade de arranjos afetivos possíveis, os quais não se enquadram ao modelo do casal estável e fiel. De acordo com o autor, os traços que caracterizam a vida “en solo” são numerosos, delimitando estilos de vida bastante distintos.

No que concerne aos estilos de vida, exploramos, inicialmente, as moradias dos “célibataires”: existem aqueles que moram sozinhos; alguns sempre moraram com os pais; outros voltaram à família de origem após uma ruptura amorosa; outros ainda dividem as despesas residenciais com um ou mais colegas.

No caso das entrevistadas, houve o predomínio de mulheres que moravam sozinhas. Dentre elas, a diferença entre brasileiras e francesas foi demarcada, tanto pela idade de saída da casa dos pais, quanto pelos eventos que contribuíram para esta decisão. As francesas afirmaram que normalmente as jovens deixam a casa paterna quando iniciam uma faculdade (por volta dos dezoito anos). Nesse

momento, elas costumam optar pela “colocation”⁶⁷ ou, caso possuam recursos, podem decidir morar sozinhas.

Devido aos aluguéis em Paris serem normalmente caros, é mais comum que essas jovens dividam os custos com colegas (MOSSUZ-LAVAU, 2002). Por isso, quando se engajam numa relação amorosa, a decisão de morar com o namorado não tende a ser vista como decorrente de uma maior seriedade do relacionamento, mas como uma conciliação de interesses comuns (dentre as francesas entrevistadas, apenas uma afirmou nunca ter morado com um namorado).

Já as brasileiras entrevistadas deixaram a casa dos pais após terem concluído a faculdade. Em quase todos os casos, a saída foi motivada por uma relação afetiva, tendo no casamento a sua principal razão de ser. Apenas uma das brasileiras entrevistadas afirmou ter deixado a residência familiar com o objetivo de morar sozinha. Nenhuma delas havia dividido a residência com colegas. Dentre as brasileiras que moraram com um homem, somente uma não se encontrava casada.

A diversidade dos estilos de vida “en solo” se expressa também nas diferentes formas de se compreender e significar uma mesma situação. Embora a aproximação entre vida “en solo” e solidão seja questionável, é possível perceber que em alguns momentos elas caminham lado a lado.

Paula afirma que cansou de estar sozinha. Após o fim do seu casamento, ela se mudou para a casa da mãe. Acreditava, ainda, que a relação seria retomada. Por isso, resolveu ir morar só:

Terminou tudo, aí fiquei na casa da mamãe. Então eu disse: “não, mãe!” Apesar de tudo eu achava que a gente ia voltar! “Mãe, eu tenho que refazer a nossa casinha e tudo!” Aquela coisa, né? Ainda... Aí, ela disse: “não, minha filha. Vamos alugar um apartamento”. Aí, eu naquela de alugar um apartamento. Aluguel? Não sei. Então eu resolvi comprar. Aí comprei esse apartamento e me mudei pra cá. Aí, pronto. Estou aqui, desde então.

Dois anos depois, Paula conta ter vivido apenas relações episódicas. Embora afirme sentir desejo de se engajar numa relação amorosa, ela ressalta a dificuldade de encontrar um homem com a mesma intenção:

⁶⁷ A “colocation” consiste na partilha das despesas referentes ao aluguel e à manutenção de um apartamento por pessoas que, não necessariamente, possuem vínculo afetivo prévio. É comum encontrar nos painéis de avisos espalhados por universidades e bibliotecas, recados de pessoas que se dispõem a alugar um quarto para estudantes. Tais pessoas podem ser também jovens estudantes, ou mesmo adultos que necessitam de auxílio no orçamento doméstico.

Olha o que dificulta, eu vou te dizer: muita gente na nossa faixa etária está casado, não é? Então, é um pessoal que ainda está protegido, ou que não quer casar, ou que não quer se relacionar. Casar, não. Não quer se relacionar, só quer curtir, só quer ficar só quer... Aí, tem as pessoas casadas. Tem também os mais novos que ainda querem e tudo, mas enfim... E os mais velhos. São os mais velhos que estão lá resolvidos, ou não querem. É assim. Isso dificulta. É o que eu acho. Pelo menos pra mim, dificulta conhecer pessoas diferentes. Eu saio, saio com as minhas amigas e tudo. Mas não sou de balada. No Mucuripe fui muito, mas cansa! Tudo cansa! Eu não tenho saco pra ficar indo pra essas festas de forró. Saio para jantar, saio pra barzinho, musica ao vivo, vou ao cinema. São os programas que eu curto. Mas sei que são programas que não oferecem. Não tem ninguém lá!

Um aspecto a ser destacado no discurso de Paula consiste na atribuição de uma faixa etária ideal para o possível parceiro amoroso. No caso, seriam adequados aqueles que se encontram numa faixa etária próxima à dela. No entanto, Paula reconhece que esses homens se dividem em dois grupos: os que já estão casados e os que não desejam viver uma relação amorosa. Já os mais jovens, mesmo que estejam disponíveis, são reprovados justamente pela idade. Como enfatizou Mirian Goldenberg (2005), a presença de critérios rígidos tende a agravar uma situação já desfavorável para as brasileiras no mercado matrimonial.

Outro aspecto se refere à seguinte questão: onde encontrar os prováveis candidatos a um relacionamento? Nos lugares direcionados aos encontros, predominam os homens que supostamente só pretendem se divertir. A lógica que opõe a diversão - caracterizada pelas relações efêmeras - à seriedade - própria de uma relação amorosa estável - merece atenção, principalmente por sua recorrência. Nos discursos, a condição de “célibataire” foi descrita, por vezes, como uma espécie de diversão forçada: caracterizada por uma pressão ao prazer que não nos pareceu muito distante do sofrimento.

Anna⁶⁸ saiu de casa aos dezoito anos para fazer faculdade. Desde então, dividiu o apartamento com colegas, até conseguir alugar um sozinha, dois anos atrás. Atualmente, tem vinte e nove anos e seu relacionamento mais estável acabou

⁶⁸ Anna é uma parisiense de vinte e nove anos. Possui mestrado em economia e, atualmente, trabalha na administração da saúde pública de Paris.

há três anos. Ela fala de sua vida amorosa de uma maneira desanimada, pois considera ter vivido, principalmente, histórias que não funcionaram:

Depois que eu terminei o relacionamento, tive diversos encontros que não funcionaram. Por exemplo, eu conheci um rapaz com quem fiquei por quinze dias. Estava me apaixonando por ele. Ele percebeu isso e resolveu terminar. Disse que não tinha interesse em manter uma relação. Fiquei péssima com o fim. Foi muito mal vivido. Fiquei muitíssimo magoada. Três semanas depois, ele me ligou e eu o insultei por telefone. Não satisfeita, ainda o insultei por e-mail. Hoje eu acho que fui exagerada, que tanto sofrimento e tanta mágoa não se deviam a ele. Era um medo intenso de ser abandonada. Uma coisa que eu chamo de síndrome do abandono. Você veja: eu sou muito romântica, mas coleciono uma dezena de histórias que não funcionaram.

A aparente contradição existente num discurso que enfatiza, ao mesmo tempo, a independência e a sensação de desamparo esteve presente nos modos como as entrevistadas criaram sentidos para a condição de “célibataires”.

De acordo com Nathalie Heinich (2003), as mulheres contemporâneas convivem com dois modelos opostos, os quais atuam diretamente na construção das identidades femininas. O primeiro modelo reforça a necessidade de conquistar a autonomia e a independência econômica através do trabalho. Tal modelo consiste segundo Norbert Elias, na maior revolução acontecida na história das sociedades ocidentais: quando, no século XX, as mulheres conquistam o direito de assumir uma identidade que lhes seja própria, e não mais necessariamente vinculada à identidade do pai ou do marido (Apud: HEINICH, 2003: 83). Já o segundo modelo herança do século XIX, insiste em atrelar a identidade feminina ao laço conjugal e à família.

Heinich utiliza o conceito de “femme non liée” – que traduzimos por “mulher desvinculada” – para definir o tipo de mulher no qual a ambivalência dos modelos tende a se mostrar mais visível. A mulher desvinculada possui independência econômica, uma vida sexual ativa e é reconhecida socialmente por sua profissão. Ela também é a que mais enfrenta uma “liberdade constrangedora”: quando o aumento dos direitos a uma vida feliz vai de par com uma atribuição, também crescente, de novos deveres em relação a si mesmo. Assim, tão maiores são as possibilidades de satisfação existenciais quanto o são os riscos de insatisfação (2003: 15).

A “liberdade constrangedora”, mencionada por Heinich, não deve ser tomada como um acontecimento mais comum na vida das mulheres do que na dos homens. O imperativo de buscar o prazer a todo custo é uma das conseqüências da intensificação do individualismo e, como tal, remete a uma cidadania cada vez mais vinculada ao consumo (CANCLINI, 1995). Provavelmente, o peculiar na situação das mulheres seja a presença de uma tensão: de um impasse entre autonomia e dependência, suscitado pelo embate entre dois modelos. Estes, longe de conseguir anular um ao outro, encontram-se freqüentemente superpostos.

A condição de mulher desvinculada e os conflitos que dela decorrem podem ser melhor vislumbrados através de duas personagens abordadas anteriormente⁶⁹: Renée, “la vagabonde”, e Monique, “la garçonne”.

Monique, após uma desilusão amorosa, desvencilhou-se da influência familiar, conseguiu sucesso profissional e teve acesso a uma liberdade semelhante àquela de que só gozavam os homens. No entanto, em diversas passagens do livro, ela se mostra decepcionada com suas conquistas. Seu desapontamento se expressa numa constante sensação de desamparo, justificado pela idéia de que uma mulher - comportando-se como um homem - possui uma existência vazia.

Renée, assim como Monique, depois de se descobrir traída pelo marido, parte em busca de novas possibilidades de vida. Ela se dedica, então, à vida profissional, enquanto declara que um relacionamento amoroso acarreta, para as mulheres, a submissão aos homens. Diferente de Monique, Renée resolve assumir totalmente sua condição de “vagabonde”: de uma mulher que não deseja se vincular a ninguém.

Enquanto alguns discursos estiveram mais próximos de Renée, outros nos fizeram lembrar de Monique. No entanto, o mais comum foi encontrar uma mistura de ambas: numa oscilação entre a ênfase na autonomia e o desejo de se vincular a alguém.

Marie, filha única, resolveu sair de casa com vinte e cinco anos, quando conseguiu um bom emprego. Depois do fim de um relacionamento que durou cinco anos (até os vinte e dois anos), ela afirma ter vivido geralmente relações curtas de, no máximo, quatro meses. Há quatro anos, mora sozinha e costuma utilizar os

⁶⁹ Citando François de Singly: *não é no imaginário que são elaboradas e se elaboram (freqüentemente em primeiro lugar) as normas sociais das relações com os próximos? Por isso o sociólogo pode encontrar situações e citações nos romances e filmes que condensam, de alguma forma, aquilo que os indivíduos lhe contaram ao longo das entrevistas* (2007: 18-19).

termos: “insatisfatório” e “frustrante” para definir grande parte dos seus relacionamentos com os homens:

Eu saía para encontrar alguém. Penso que sentia muito desejo de me apaixonar por qualquer um, de me sentir amada, desejada. Acho que era parte do sonho de ser amada e, voilà, depois do namoro eu só tive histórias que não duraram, que não foram nada interessantes. Eu nem me lembro mais. Não foram nada.

O desejo de encontrar alguém, de viver um grande amor, foi mencionado na mesma medida em que era enfatizada a decepção. Marie exemplificou isto, ao abordar o fim de um relacionamento com um colega de trabalho. Eles saíam juntos por três meses, mas não haviam definido a situação. Então, num certo dia:

Era de manhã. Eu me arrumava pra trabalhar e ele me disse que queria muito que eu conhecesse os pais dele. Estava planejando que fizéssemos uma viagem, no feriado, para a cidade em que seus pais viviam. Ele disse isso. Depois de uns dias, eu ligo e só cai na caixa postal. Depois de uma semana, eu pensei que ia acabar louca, porque eu estava muito apaixonada. Então, um dia ele ressurgiu e me disse: “na verdade, eu encontrei alguém. Na verdade, eu não te amo”. Isso foi muito duro e eu fiquei bastante doente por muito tempo. Eu acredito que desde o começo da relação sempre foi assim: ele não me amava.

A partir desse acontecimento, Marie diz preferir a solidão a viver um outro relacionamento sem amor. Ela considera ter recebido uma educação bastante liberal por parte dos seus pais, porém discorda de algumas das conseqüências do feminismo. No decorrer da entrevista, mencionou várias vezes sua mãe, a qual se casou aos trinta e sete anos, *depois de ter saído com muitos, muitos homens*. Para Marie, a imagem da mulher sexualmente liberada que, em seu ponto de vista, foi uma conseqüência do movimento feminista na França serviu para dificultar as relações:

Eu penso que essa história da mulher francesa que vai para a cama com muitos homens, não é, na verdade, aceita pelos homens. É como se fosse apenas assumir um papel masculino. Estou convicta de que a maior parte das mulheres não faz o que elas realmente gostariam. Penso que se trata de um supermercado de relações. Não é liberação. Bom, todo mundo pode ter uma relação de uma noite, mas é superficial. Eu acredito que as mulheres são vinculadas às relações, que elas querem construir, conhecer alguém, ter tempo para conhecer.

A atitude daquela que, (como Monique) parece ter sido levada a assumir um comportamento masculino como forma de reagir à magoa e à decepção, foi encontrada no discurso de outras entrevistadas. Nestes, as relações sexuais fora do contexto de uma relação amorosa foram abordadas principalmente por suas conseqüências negativas. Quando escutávamos esses discursos, parecia-nos que eles diziam: “já que eu só encontro homens dispostos a sexo sem engajamento, vou ter de fazer como eles”.

Atribuir ao outro a responsabilidade pelos próprios comportamentos é uma característica que já foi destacada noutras pesquisas feitas com mulheres. Analisando a traição, por exemplo, Mirian Goldenberg (2005) salienta que, enquanto os homens assumiam um papel de sujeitos que cometeram infidelidades, as mulheres, por sua vez, tendiam a apontar no parceiro todas as faltas que segundo elas justificavam ou até impeliam à traição.

Porém, não foi regra entre as entrevistadas a postura de justificar as próprias atitudes pelos comportamentos dos outros. Em diversos discursos, fazer sexo sem amar e viver histórias de uma noite não foram acompanhados de decepção ou desapontamento. Para algumas entrevistadas, poder se comportar como um homem consistia numa indiscutível liberação.⁷⁰

O relacionamento de Clara durou sete anos. Depois do término, ela precisou aprender a lidar não apenas com a ausência do namorado, mas também com a necessidade de voltar à casa dos pais:

Ainda teve essa questão de me readaptar, de morar com meus pais de novo, que é o que eu estou sentindo hoje. Tem uma hora que você precisa sair de casa, ter seu canto, sabe? E... E assim... Mesmo que não seja com outra pessoa, mesmo que seja pra morar só.

Encontramos com freqüência, no discurso das brasileiras, um vínculo entre o sentimento amoroso e a conquista da autonomia feminina. Conquista alcançada através da passagem da condição de filha à condição de mulher emancipada do círculo familiar. Sair de casa para morar com o namorado, ou com o marido, constitui uma atitude que permanece vinculada a um modelo tradicional de feminilidade no

⁷⁰ Salientamos que a expressão: « comportar-se como um homem » foi recorrente nas entrevistas e esteve ligada, fundamentalmente, à possibilidade de desvencilhar o sexo da expectativa de uma relação amorosa.

qual a identidade feminina encontra-se atrelada à presença de um homem. Trata-se, é verdade de uma continuidade relativa, haja vista que atualmente o recurso institucional pode ser dispensado. Porém, alterando ou não o estado civil, o fim de um relacionamento amoroso implicou, algumas vezes, uma necessidade de retorno à casa paterna.

Sair da casa dos pais devido a um relacionamento, e retornar (mesmo que temporariamente) quando este sucumbe, foi um evento comum nas narrativas das brasileiras, mencionado apenas por uma francesa. Podemos explicar esta diferença pelo fato de que as francesas, em geral, saíram de casa ao ingressar na universidade. Deste modo, o ato de se emancipar da família não se vinculou à presença de uma relação afetiva, mas a uma decisão ligada ao encaminhamento profissional.

Quando Clara assinala a necessidade de sair de casa, *ainda que seja para morar só*, é possível supor que ela preferiria sair para morar com alguém: um namorado ou um marido, provavelmente. Nesse caso, a autonomia constituiria uma espécie de escolha de segunda mão. Houve, no entanto, situações em que a ênfase na autonomia assumiu o papel principal.

Ao mesmo tempo em que reiterava seu desejo de sair de casa devido a uma história de amor, Clara declarou conseguir vivenciar sua sexualidade independente da presença de sentimentos:

Para mim, o sexo é como fazer xixi. Assim: é uma necessidade física. Tanto é, que algumas vezes eu fiz sexo com uma pessoa com quem eu não tinha intenção nenhuma de ficar depois. Porque estava precisando, entendeu? E depois eu olhei pra pessoa e tive vontade de cuspir, assim, de querer que ela fosse embora, porque já tinha dado o que tinha de dar.

Todas as entrevistadas afirmaram já ter vivido histórias de uma noite, definidas da seguinte forma: a mulher sai, geralmente para uma festa, lá encontra um desconhecido ou um colega e tem uma relação sexual com ele no final da noite. Os dois podem se encontrar novamente, mas a tendência é que a relação se resuma ao sexo. A diferença, no entanto, reside nas expectativas. Enquanto algumas, como Véronique, ressaltaram uma tendência a esperar que a relação prossiga (por isso, tendem a se sentir decepcionadas com as histórias de uma noite), outras, como Clara, afirmaram conseguir separar os objetivos afetivos dos sexuais.

É preciso que sejamos cuidadosos, no sentido de evitar atribuir aos discursos uma coerência que advém mais da nossa necessidade de compreender e de organizar o tema, do que daquilo que se pode induzir a partir das práticas das entrevistadas. Tal ressalva se refere à separação entre vida sexual e vida afetiva.

Concordamos com Bauman (2004), quando recorre ao romance de Kundera: “A insustentável leveza do ser” (1999) para demonstrar como um simples episódio carrega consigo força suficiente para mudar todo o curso de uma existência. Se um instante pode adquirir uma duração imprevista, por suas conseqüências, assim também um encontro sexual fortuito pode se converter num acontecimento marcante. Nesse sentido, quando afirmamos a existência de duas posturas (uma que relaciona sexo e sentimento e outra que separa ambos), devemos estar cientes de que se trata, de fato, de uma relação quase sempre contraditória, onde uma postura convive com a outra.

Michelle decidiu ter sua primeira relação sexual aos quinze anos com um garoto que, por sua vez, decidiu compartilhar o evento com toda escola e, em seguida, dar por terminado o relacionamento entre ambos. A partir de então, ela assumiu o papel de “mulher fácil”: *aquela que transa sistematicamente com desconhecidos*. Michelle considera que o sexo consiste numa necessidade física simples, que não precisa ser justificada pela complexidade da vida sentimental. Esta concepção, porém, não a impediu de nutrir expectativas românticas.

Numa viagem à Polinésia, motivada por um estágio, Michelle ficou encantada com um rapaz. Tudo começou numa festa à beira mar; ou melhor, no final da festa, quando ela despertou na praia. Ao seu lado, encontrava-se alguém particularmente belo. Eles mal conversaram, e acabaram fazendo sexo. Para ela, foi:

(...) amor à primeira vista! Aquela coisa impossível, que acontece nos filmes ! Diferente de tudo que eu já tinha vivido e exatamente parecido com tudo que eu tinha sonhado! Um sonho como nos filmes, com tudo que a gente espera, como no estereótipo. Além de tudo, ele era grande, e como era bonito!

Este encontro, capaz de se ajustar perfeitamente a sonhos sequer assumidos, convergiu para um casamento. No primeiro dia que passaram juntos, o rapaz perguntou se Michelle desejava se casar com ele, e ela concordou, sem titubear. Em

seguida, trancou a matrícula na faculdade, abandonou o estágio e resolveu ficar na Polinésia. Seis meses depois, descobriu que o marido não apenas usava drogas (cocaína e ecstasy), como trabalhava com tráfico.

O sonho foi se dissolvendo aos poucos. Michelle tentou convencer o marido a ir morar com ela em Paris, na esperança de livrá-lo do vício e dos negócios ilícitos. Ele aceitou e, a partir de então, ela começou se ocupar dos procedimentos necessários à partida. Contudo, a situação com as drogas se agravava dia a dia, os documentos demoravam a sair e Michelle cogitou terminar o casamento. Resolveu, então, voltar primeiro sozinha para casa. Pouco tempo depois de sua chegada a Paris, foi surpreendida com a notícia de que seu marido havia sido preso, sob a acusação de tráfico de drogas.

A mulher que afirmou conseguir separar o sexo dos afetos foi a mesma que, num dado momento, não conseguiu fazer uma distinção entre as aspirações românticas e as experiências.

O fim do relacionamento, Michelle elaborou através da escrita. Escreveu um livro contando a história de uma mulher que, após o divórcio, aprendeu a viver feliz e sozinha. A personagem encontrou nos amigos ternura e apoio; no sexo, a diversão e o relaxamento de que necessitava para viver bem. O livro, embora não publicado, foi lido por diversas amigas e parentes. Através dele, a entrevistada acredita ensinar as mulheres a serem felizes, utilizando exemplos retirados de sua vida pessoal:

Eu penso que o que aconteceu comigo na minha primeira relação sexual teve muita influência sobre meu comportamento de adulta. Desde então, eu não tenho nenhum desejo de ser enganada. Eu transo sistematicamente durante minhas saídas à noite, justamente porque eu não quero ter quinze dias de idílio, três encontros geniais e o cara que transa contigo à noite, de manhã não te liga. Porque não existe nada mais decepcionante do que isso! Então, eu transo logo na primeira noite e, se ele quiser que eu telefone, eu telefono. Depois, ele me telefona, se quiser, e a gente pode começar alguma coisa. Mas se ele queria só transar, voila, ele já transou! Aproveitamos os dois, e tchau! Mas não precisa mentir para mim! É importante que as regras do jogo sejam claras. E é isso. O cara vai dizer, porque transamos na primeira noite: é uma mulher fácil, é uma puta. É o direito dele! Mas eu acho que ele se engana, porque uma puta não é uma garota que dá na primeira noite. Para mim, uma puta é aquela que, para sair com um homem, escolhe um bom restaurante, quer se aproveitar de alguma forma, não é verdade?

A decisão de separar os interesses sexuais dos afetivos, apontada por Michelle como um elemento fundamental para o bem-estar feminino, pode ser efetivada, tanto como uma medida de proteção contra decepções futuras, quanto como parte da necessidade de afirmar a independência pessoal, ressaltando a autonomia diante dos próprios desejos.

Julie declara que após o fim do seu relacionamento começou a sair com o objetivo de encontrar homens. Invariavelmente faz sexo com eles, prática à qual afirma não acrescentar sentimentos de culpa:

Depois que terminei meu relacionamento, logo eu saí com mais de uma dezena de homens. Com todos foi só sexo, e foi sempre bom. Para mim é isso: eu saio, transo na primeira noite. Se não é bom, o máximo que pode acontecer é esquecer a cara da pessoa!

Em vários momentos da entrevista, Julie definiu o sexo como um meio de testar seu poder de sedução, de afirmar a força da feminilidade. Segundo ela, a diversidade de encontros sexuais é importante: pois aumenta a diversão e o prazer.

Observamos, nos discursos das mulheres francesas, a manifestação de um orgulho pela possibilidade de dispor livremente do próprio corpo. Orgulho que se mostrava vinculado a uma exaltação das conquistas femininas. Também encontramos, apenas entre as francesas, mulheres que declararam viver relacionamentos paralelos.

Chaumier (2004) considera que as relações fusionais, pautadas na lógica do amor romântico, estão sendo substituídas pelos relacionamentos fissionais⁷¹. Assim, a expectativa de ficar com alguém por toda a vida começa a ser revisada, dando lugar ao que podemos ler no tão declamado verso de Vinicius: *que eu possa me dizer do amor (que tive): / que não seja imortal, posto que é chama / mas que seja infinito enquanto dure* (Soneto de fidelidade. MORAES, 1997 [1939]).

Segundo Chaumier, os relacionamentos fissionais podem ser denominados de “monogâmias seqüenciais”, e definidos nos seguintes termos: quando uma união auto-suficiente e monogâmica termina, dando lugar a uma nova união investida das mesmas características que, por sua vez, terminará, dando lugar à outra. Isso

⁷¹ Os relacionamentos fissionais se caracterizam por divergir do modelo romântico, onde “1 + 1 = 1”, assumindo que “1 + 1 = 2”. Ou seja: consistem em relacionamentos, nos quais a individualidade dos parceiros deve ser constantemente afirmada, bem como a felicidade e os projetos de cada um.

caracteriza a monogamia seqüencial, ou poligamia sucessiva que, segundo o autor, constitui a forma de relação mais freqüente da contemporaneidade (2004: 261).

Além da poligamia sucessiva, algumas entrevistadas disseram se engajar simultaneamente em mais de um relacionamento. Provavelmente, o termo “engajamento” seja demasiado forte para descrever o modo como foram vivenciadas algumas relações paralelas. Julie, por exemplo, descreveu do seguinte modo suas duas relações:

Atualmente, eu saio com dois rapazes. Um tem vinte e três anos e é do tipo atlético, um tipo que eu particularmente nunca gostei. O outro tem trinta anos e é gordo. Nenhum dos dois é o meu tipo de homem. Eu os encontro semanalmente para transar. Não tenho nenhum problema com isso. Fico com eles porque os dois fazem sexo maravilhosamente, os dois me excitam muito. Apenas um sabe que eu saio com outras pessoas. Eu sei que eles saem com outras garotas, mas isso não me incomoda de jeito nenhum!

Julie enfatiza não sentir nenhum desejo de *seguir com qualquer um dos dois pela vida*. Ela explica que os parceiros não correspondem ao seu modelo de homem, embora consigam satisfazê-la sexualmente.

Diferente de Julie, Simone analisou os três relacionamentos que mantinha no momento da entrevista sem se deter sobre o aspecto sexual. Um deles é com um ex-namorado, com o qual morou durante um ano. Os outros dois ela conheceu enquanto estava namorando. Com o namoro em crise, iniciou um relacionamento com um e, meses depois, com o outro. Tempos depois do fim da relação, o ex-namorado procurou Simone, propondo uma volta. Ela não quis retomar o namoro, embora ambos saiam juntos e com freqüência. Tais saídas, Simone busca conciliar com o tempo dedicado aos outros dois parceiros. Nenhum sabe da existência do outro, declara a entrevistada sorrindo, enquanto admite não conseguir explicar como é capaz de manter simultaneamente três relações amorosas.

Simone reitera que os três homens possuem características que a atraem. Por isso, não consegue escolher apenas um deles. Para ilustrar sua indecisão, a entrevistada afirmou já ter resolvido algumas vezes deixar os outros dois, para ficar apenas com o ex-namorado. Contudo, abandona essa idéia quando percebe sentir falta do que vive com os outros. Afirmando amar três homens, ela declara:

É bizarro eu dizer que vivo sozinha, porque, de um jeito ou de outro, tem sempre um homem na minha vida. Mas eu não posso dizer que eu estou com alguém, que formo um casal.

A frase acima sintetiza a situação singular vivida atualmente por muitos “célibataires”. Embora o modelo do casal continue sendo uma referência importante para definir as relações amorosas, ele visivelmente não consegue abranger a pluralidade dos arranjos afetivo-eróticos. Devido a isso, as pessoas podem se definir como sozinhas porque não dispõem de uma forma coerente para representar relações que divergem do modelo hegemônico do casal.

De acordo com Bologne (2004), mesmo considerando que o casal seja ainda o modelo dominante, não é possível afirmar que ele constitua a norma, pois esta se transformou numa seqüência de vida “en solo”. Isto contribuiu para criar uma confusão entre a condição dos “célibataires” e a dos divorciados, à qual se acrescentam ainda aqueles que viveram relações conjugais de caráter informal.

Diante de uma multiplicidade de encontros, afirmar que as entrevistadas se caracterizam por serem mulheres sozinhas é inviável. No entanto, muitas delas assim o fizeram. A dificuldade de organizar as experiências amorosas num modelo coerente se mostra ainda mais nítida quando as práticas entram em confronto com o que se aprendeu a considerar como adequado.

4.6. Amigas amáveis

*Amaram um amor urgente, / as bocas salgadas pela maresia
As costas lanhadas pela tempestade / naquela cidade
distante do mar./Amaram um amor serenado das noturnas
praias, / levantavam as saias/ E se enluaravam de felicidade
/ naquela cidade que não tem luar./ Amaram um amor
proibido / pois hoje é sabido, / todo mundo conta. / Que uma
andava tonta grávida de lua / e outra andava nua ávida de
mar (Mar e Lua. Chico Buarque de Hollanda).*

Duas entrevistadas relataram ter vivido uma relação amorosa com outra mulher. Em ambos os casos, atentamos para a forma peculiar através da qual os encontros foram descritos.

Diana é dentista, tem trinta e um anos e mora na cidade de Fortaleza. Aos dezoito anos, conheceu um rapaz com o qual se casaria, sete anos mais tarde. O casamento durou quatro anos e foi finalizado porque, além de constatar que não amava mais o marido, Diana desconfiava que ele a estivesse traindo com uma colega de trabalho.

A gente estava junto fazia tanto tempo que eu não sabia mais o que sentia por ele. Não tinha idéia se eram os sentimentos ou o costume que me faziam continuar. A gente não se comunicava, sabe? Depois, quando tudo já estava bem frio entre nós, tinha aquela desconfiança, eu achava que ele estava me traíndo. Então, foi juntando tudo, e achei melhor decidir pelo fim.

Depois do divórcio, a entrevistada comprou um apartamento e passou a morar sozinha. Nessa época, seu principal interesse era sair, conhecer pessoas: *viver aquela coisa de adolescente que eu não tinha vivido ainda*. Numa noite, resolveu sair com duas colegas do trabalho. Foram para um bar e encontraram diversas mulheres: *eu era a única não lésbica do grupo! Achei isso muito, diferente, muito divertido*.

Em dado momento, as colegas apostaram que ela não teria coragem de dar um beijo numa garota que se encontrava ao seu lado. Diana resolveu aceitar o desafio e beijou a garota:

Era só por brincadeira mesmo. Eu nunca, na vida, tinha pensado em ficar com uma mulher. Não sentia atração, não sentia vontade, mas aquele beijo foi o melhor! Foi um beijo perfeito! Fiquei absolutamente encantada.

Depois do primeiro beijo, as duas se tornaram inseparáveis. Dormiam no apartamento de Diana, estavam sempre juntas. Somente as amigas mais próximas tiveram conhecimento da relação, que se prolongou por sete meses. Certo dia, segundo a entrevistada, as duas se deram conta de que se tratava, na verdade, apenas de uma amizade.

Eu e ela tivemos uma vida sexual, mas não posso te dizer que éramos namoradas. Talvez porque pra mim seja muito estranho me pensar como lésbica. Eu não gosto dessa categoria. Mas não era só por isso. O que eu tinha com ela era completamente diferente do que eu tive com os homens. Era mais pra amizade, porque a gente se entendia, a gente combinava, a gente era igual. Depois virou só amizade mesmo. Eu voltei a sair com homens, e ela também. Mas continuamos amigas.

Diana afirmou não ter vivido nenhuma outra experiência com mulheres, destacando que, atualmente, não tem o menor interesse nisso. Para ela, o acontecimento não se resumiu a uma atração vivida por duas mulheres: *foi o encontro entre duas pessoas que, naquele momento, precisavam viver algo juntas. Por isso aconteceu, não aconteceria com outra mulher*. Nesse relacionamento,

Diana afirma ter conseguido *um grau de comunicação que não existiu em nenhuma relação com os homens.*

Lily se apaixonou por um colega de escola quando tinha quinze anos. Os dois eram amigos. Certa noite, tiveram uma relação sexual: a primeira de Lily. Em seguida, chegaram as férias de verão e cada um viajou com sua família.

Segundo Lily, o garoto não sabia que ela estava apaixonada; não fazia idéia da importância que tinha na vida dela. Isto porque eles *não tinham se comunicado direito*, porque ele *não entendeu, não foi capaz de perceber o que ela estava sentindo*. Essa “falha de comunicação” foi, para a entrevistada, aquilo que determinou o não prosseguimento da história. Meses depois, quando os dois se reencontraram, ele estava namorando outra garota. A esta notícia, ela diz ter reagido com a decisão de não mais amar ninguém.

A partir de então, eu tive um monte de aventuras sem futuro: histórias de uma noite só. O modelo foi aquele rapaz. Ele esteve sempre, de uma forma ou de outra, presente. Ele me marcou muito. Me marcou muito. Conscientemente, ou inconscientemente, ele assumiu o papel de modelo. Depois dele, eu tive dificuldade de me ligar a alguém. Porque eu tive a impressão de ter ficado tão apegada a ele, que isso levou ao fracasso.

Lily costumava viajar para a Alemanha com frequência. Numa dessas viagens, aos dezenove anos, conheceu uma garota e começaram um relacionamento que se estendeu por seis anos.

Depois, quando voltei para a França, comecei a sair com rapazes. Mas eu passei cinco meses estando só com ela. Foi a relação mais longa que tive até hoje. Eu tive encontros de dias, de uma noite e isso acontecia porque eu não tinha desejo de entrar numa relação. De fato, eu penso que a relação com a garota ajudou a livrar minha consciência, porque eu me dizia: “não é porque eu seja incapaz de investir numa relação”. Penso também que tem a ver com o tempo, com a independência que eu queria conquistar, que eu reivindicava. Eu tinha desejo de encontrar alguém, de entrar numa relação, mas ninguém me interessava.

Lily encontrava a alemã durante as férias, a cada ano. Elas costumavam se falar todos os dias e a cumplicidade era a tônica da relação. Num período em que se considerava incapaz de qualquer engajamento, a continuidade daquela história

ajudou-a a se perceber de um modo diferente: a cogitar a possibilidade de investir numa relação.

Observamos, nos discursos referidos, uma semelhança no que concerne à maneira de definir um relacionamento com uma mulher. No caso, a semelhança residiu na ambigüidade da própria definição: enquanto em alguns momentos a relação era situada no território do amor, noutras ficava no lugar da amizade.

É possível explicar esta ambigüidade pelas conseqüências implicadas para aqueles que assumem um comportamento considerado desviante (GOFFMAN, 1980). Assim, essas mulheres - que também costumavam se relacionar com homens - recusariam a identidade de lésbicas, haja vista que esta identidade, além de não conseguir dar conta de todos os seus encontros afetivo-eróticos, carregaria consigo uma idéia de desvio.

Existe ainda outra via de explicação, a qual se detém sobre o conceito de gênero feminino. Ao abordarmos o século XIX, percebemos que a atenção concedida pelos médicos ao homoerotismo feminino não se equiparava àquela recebida pelo masculino. Enquanto o último era descrito e analisado minuciosamente, os amores femininos não pareciam merecer tanta consideração, pois o sexual era, então, definido a partir da atividade masculina.

De acordo com Olívia Von der Weid (in: GOLDENBERG, 2007), a atividade continua sendo um princípio através do qual se estrutura o gênero masculino, na contemporaneidade. Após entrevistar casais praticantes do “swing”, a autora constatou que, enquanto uma relação sexual entre dois homens era tematizada pelo enquadramento dos parceiros numa identidade “gay”, o mesmo não acontecia com as mulheres. Estas tinham acesso a comportamentos bissexuais, sem que os mesmos viessem a afetar sua identidade de gênero.

Esta situação gera uma certa desordem de gênero no caso feminino. Ativa ou passivamente, por vontade própria ou por incentivo do marido, a mulher tem a possibilidade de experimentar uma relação homossexual, mas sem deixar de ser feminina e sem ter dúvidas sobre sua heterossexualidade (In: GOLDENBERG, 2007: 82).

A desordem de gênero a que se refere a autora pode ser compreendida pela persistência de uma relação peculiar entre o feminino e o masculino, sendo o primeiro definido por características que devem ser recusadas pelo último.

De acordo com Françoise Héritier (1996), através da observação das diferenças entre os sexos, cada cultura engendra um conjunto coerente de representações: uma tradução singular do biológico, a qual constitui a base de todo pensamento social. A partir de uma espécie de alfabeto simbólico universal, inscrito numa natureza comum, as sociedades elaborariam frases diversas: definindo e organizando de maneira particular a relação entre homens e mulheres.

Para a autora, essa tradução do biológico se expressa numa valência diferencial entre os sexos, através da qual se legitimam as diferenças de valor entre o masculino e o feminino. Nesse sentido, existiria sempre um sexo ideologicamente instituído como mais poderoso - ativo - e, por consequência, outro tomado como mais submisso - passivo. Héritier propõe acrescentar aos três pilares da família e da sociedade: a proibição do incesto, a divisão sexual do trabalho e a instituição de uma forma reconhecida de aliança (LÉVI-STRAUSS, 1982), um quarto elemento: a valência diferencial dos sexos.

Tal valência se exprime como uma relação conceitual, orientada e de caráter hierárquico entre o masculino e o feminino. Desse modo, a dicotomias: quente e frio, anterior e posterior, seco e úmido ajudariam a definir os espaços e as atribuições adequadas, respectivamente, à masculinidade e à feminilidade. Segundo Héritier (1996), ainda que a igualdade entre os sexos venha a se tornar cada vez maior, seria equivocado pensar que ela irá se expandir por todos os domínios, haja vista que as sociedades se constituem a partir de distribuições desiguais entre homens e mulheres: *même si les femmes accèdent de plus en plus aux tâches masculines, il y a toujours plus loin, plus avant, un "domaine masculin"*⁷² (op. cit: 28).

Nessa atribuição de pesos distintos para os dois sexos, a masculinidade assume as características de um trabalho constante, executado pelos homens sobre si mesmos. Trabalho voltado para o afastamento de determinados comportamentos e tendências, e para a intensificação de outros. Assim, enquanto os homens, para legitimar sua identidade masculina, devem evitar tudo o que os aproxime de uma posição feminina, as mulheres, por sua vez, têm sua identidade definida a partir de traços existentes em seus corpos. Nesse sentido, tal como nos adverte Nicole Claude-Mathieu (1991), embora os dois sexos sejam biológicos, um tende a ser mais « natural » do que o outro.

⁷² Mesmo que as mulheres tenham cada vez mais acesso às atividades masculinas, existirá sempre, mais distante ou mais próximo, um "domínio reservado ao masculino".

O fato de uma mulher poder se relacionar sexualmente com homens e com mulheres sem, necessariamente, “comprometer” sua feminilidade é, assim, explicado pela permanência de uma relação entre o masculino e o feminino, segundo a qual a feminilidade apontaria mais para um destino do que para uma escolha.

É possível considerar que, apesar das mudanças, os processos de construção do masculino e do feminino continuam sendo organizados por categorias anteriormente instituídas, as quais não conseguem dar conta da dinâmica atual das relações de gênero:

Ces catégories cognitives, quel que soit leur contenu dans chaque culture, sont extrêmement durables, puisqu'elles sont transmissibles, inculquées très tôt par l'éducation et l'environnement culturel, et relayées par tous les messages et signaux explicites et implicites du quotidien (op. cit: 28).⁷³

Dentre as características que diferenciam o masculino e do feminino, uma se refere à relação com a linguagem. A crença de que as mulheres valorizam e precisam mais da comunicação verbal do que os homens ajudou a definir a singularidade de um relacionamento entre duas mulheres, como podemos ler na afirmação abaixo:

A comunicação que se pode ter com uma melhor amiga é muito forte! E tinha como acréscimo o sentimento amoroso. Isso não era um problema. Eu pensava justamente que era por ser uma garota, de fato. Estar com uma mulher é mais fácil. Muito mais fácil mesmo. Existe algo no masculino e no feminino, algo relativo à comunicação que, na minha opinião, não se resolve. Depende da pessoa, ser mais acentuado, ou menos acentuado. As vezes a gente encontra um homem que é uma mulher! Mas geralmente existem diferenças de comunicação entre homens e mulheres que dificultam tudo (Lily, 28 anos).

O modo como as duas entrevistadas descreveram suas experiências amorosas com mulheres esteve muito próximo da maneira como as demais definiram suas amizades com mulheres. Nesse sentido, destacou-se a crença de que a comunicação entre um homem e uma mulher nunca atingiria a eficácia e a sutileza que as mulheres conseguiam encontrar entre si.

⁷³ Estas categorias cognitivas, qualquer que seja seu conteúdo em cada cultura, são extremamente duráveis, porque elas são transmissíveis, inculcadas muito cedo pela educação e pelo ambiente cultural e difundidas por todas as mensagens e sinais explícitos e implícitos do cotidiano.

A suposta impossibilidade de se fazer entender por um homem e de compreender as razões dos comportamentos masculino podem ser vistas, não como um evento inevitável, mas como uma das formas através das quais as categorias sociais que definem os territórios masculino e feminino colaboram para intensificar, ou mesmo para engendrar, as dificuldades nas relações entre homens e mulheres.

4.7. A outra

Segundo Mirian Goldenberg (2006), a fidelidade permanece sendo considerada um valor fundamental na atualidade, apesar das mudanças nas relações de gênero e da diversificação dos arranjos afetivos. Assim, embora homens e mulheres tenham deixado de acreditar no amor eterno, não abandonaram o sonho de encontrar um parceiro fiel, completamente apaixonado e disposto a viver um relacionamento estável.

Diante do desejo de viver um romance ideal, ganha força o fantasma da traição. Dentre os motivos apontados por homens e mulheres para o fim de um relacionamento, dois se destacaram: o ciúme e a infidelidade (GOLDENBERG, 2006). Em se tratando das mulheres, os discursos sobre o amor estiveram povoados pela imagem da outra. Melhor dizendo: as imagens da outra, pois existem modos distintos para se definir e se compreender esta condição.

Nas entrevistas, a outra foi, por vezes, descrita como o elemento catalisador do fracasso de uma relação. A outra definida como uma ameaça, como aquilo que, mesmo não existindo objetivamente, existe em potencial foi recorrente nos discursos das brasileiras. É interessante refletir sobre esta diferença: enquanto praticamente todas as brasileiras abordaram a outra negativamente (sejam aquelas que atribuíram o fim de um relacionamento ao seu aparecimento, sejam aquelas que explicaram a dificuldade de encontrar um parceiro amoroso pela acirrada competição com outras mulheres), as francesas utilizaram uma perspectiva diversa. Nos discursos das parisienses, a imagem da outra, quando tematizada, assumiu os contornos de uma escolha: um ato consciente realizado por alguém que orienta seus encontros afetivo-eróticos de acordo com objetivos específicos.

Cécile contou que, após ter desistido do casamento, devido à falta de desejo de assumir o papel de esposa, envolveu-se com seu ex-professor de filosofia,

casado e vinte e dois anos mais velho. Segundo ela, este professor dizia ter com a mulher uma relação liberal. Porém, enquanto Cécile justificava a relação entre ambos pela afinidade intelectual (importante para ela, num momento em que examinava suas opções profissionais), o professor começou a se mostrar apaixonado, cogitando se separar da esposa:

Veja você que a história de amor livre realmente não funcionou. A esposa dele descobriu e sofreu muito. Ele também sofreu, pois não estava de jeito nenhum preparado para deixar sua esposa. Já eu, do meu lado, sofri porque não desejava que ele terminasse o casamento por minha causa. Eu não quis, em momento algum, assumir o lugar da esposa num relacionamento; muito menos naquele, que não tinha nada de liberal, onde havia muito ciúme e onde todos sofriam.

O relacionamento com o professor, que existia há dois anos, foi então encerrado por Cécile. A experiência serviu para corroborar sua opinião desfavorável sobre a instituição do casamento:

Eu assumi que o mais importante na minha vida é meu percurso intelectual, assumi meu desejo de não me tornar uma esposa. Percebi que meu primeiro relacionamento foi fruto de uma idealização e não de uma real afinidade. Constatei que prezo demais minha independência e que não vejo nenhum sentido no casamento para uma mulher, porque, mesmo apaixonada, sempre considero a possibilidade do fim da relação.

Ser a outra pode assumir as características de uma escolha: uma forma de recusar o papel tradicional da feminilidade. No discurso de Cécile, o casamento foi definido pela subordinação da mulher ao homem. Em consonância com a afirmação de Goldenberg de que no primeiro mundo é cada vez mais comum encontrar mulheres que optam por não casar (2006: 304), as francesas entrevistadas reiteraram uma visão negativa do casamento enquanto instituição. Com exceção de uma que já havia sido casada, todas as demais enfatizaram não considerar necessário o casamento.

Neste momento, é relevante mencionar o PACS (Pacte Civil de Solidarité), o qual pode ser definido como uma parceria civil registrada. Enquanto um contrato firmado por dois parceiros de qualquer sexo com o objetivo de organizar sua vida em comum, o PACS outorga direitos e impõe obrigações aos parceiros, no que se refere

à ajuda mútua, seja ela material ou não (BOZON, in: HEILBORN, 2004: 123). Este dispositivo, em vigor na França desde 1999, diverge do casamento, principalmente pela facilidade de dissolução do vínculo. Para tanto, basta a requisição por parte de um dos parceiros. Com o advento do PACS, o número de casamentos na França diminuiu significativamente. Além disso, a prática da coabitação entre namorados se disseminou, passando a ser vista como uma decisão não necessariamente atrelada à possibilidade de casamento⁷⁴.

A idéia de que o casamento não constitui uma etapa indispensável ao prosseguimento de uma relação amorosa foi justificada pelas francesas pela crença de que esta instituição colabora para legitimar a subserviência feminina. Nesse sentido, o casamento tenderia a prejudicar a emancipação das mulheres, obrigando-as a representar os papéis de esposa e mãe. Já o PACS foi definido como uma opção diferente: mais leve e, portanto, mais adequada àqueles que desejam se esquivar dos papéis tradicionais.

Assim como Cécile, Marie também exerceu o papel da outra. Ela se apaixonou por um colega de trabalho que morava com a namorada, ficando com ele por vários meses. A relação foi terminada pelo rapaz, o qual alegou amar a namorada e não desejar mais manter um relacionamento paralelo. Depois disso, Marie teve apenas *relações sem futuro, com homens desinteressantes*. Certo dia, no entanto, encontrou um homem casado, com o qual se relaciona faz dois anos :

Na época, eu estava saindo com um rapaz fazia um ano. Então, a gente se conheceu e, não sei explicar, algo diferente se passou. Eu quis deixar o rapaz, mas pensava que seria muito duro para ele. Mas, então, decidi. Hoje estou persuadida que, na vida, somos responsáveis por nós mesmos. Se eu quero ser feliz, cabe a mim fazer as coisas que me deixam feliz. Mas, com ele, não partilho: espero. Ele trabalha todo o tempo, eu compreendo isso. Eu sei como é difícil para ele deixar a esposa. Eu, que estava com um rapaz por um ano, tive dificuldade de terminar! Imagine ele, que é casado há quinze anos ! Então, eu não sei. Eu não sei se ele vai deixar a esposa. Eu espero. O que eu sei é que não quero casar. O rapaz com quem eu estive por um ano ficava na casa dele e eu, na minha. Eu não o amava, mas você percebe? Sou muito independente.

No discurso de Marie, encontramos concepções contraditórias. De um lado, existe a ênfase no projeto de um indivíduo autônomo, independente. Do outro,

⁷⁴ De acordo com Bologne (2004), cerca de 30% dos casais unidos pelo PACS efetivam o casamento. O principal motivo para tanto reside no nascimento dos filhos.

encontramos uma mulher que parece estar suspensa, à espera de uma decisão do amante. Além disso, outros aspectos merecem ser examinados com mais atenção.

Em primeiro lugar, o modo como a esposa foi definida não foi compatível com a imagem da rival aproveitadora, tampouco com a da vítima⁷⁵. Nesses casos, a parceira oficial não foi desqualificada. Talvez isto se deva, em parte, ao fato de que tais mulheres - como Cécile e Marie – demonstravam uma falta de interesse em se tornar esposas. Outra explicação possível nos ocorreu, ao constatar que as entrevistadas francesas tendiam a atribuir a responsabilidade pelo fim de um relacionamento a algo que se passava entre os parceiros e não a um evento externo (como a presença de outra pessoa).

Em segundo lugar, destacamos a ênfase concedida à preservação da própria autonomia. Foi unânime entre as francesas a idéia de que formar um casal só contribui para a felicidade de uma mulher quando esta possui independência, tanto econômica, quanto emocional (no sentido de não atrelar a própria felicidade à presença do outro).

Em relação às brasileiras, salientamos que a outra foi definida, sobretudo, como uma ameaça. A única entrevistada que mencionou um relacionamento com um homem casado foi enfática ao afirmar que só permitiu uma maior aproximação quando este resolveu deixar a esposa. Algumas entrevistadas afirmaram ter desistido de manter um relacionamento, tão logo souberam da existência de uma outra namorada. Não é possível, com esses dados, afirmar que as brasileiras se enredem menos do que as francesas em triângulos amorosos. As pesquisas sobre infidelidade apontam em outra direção, destacando o quanto este acontecimento tem sido comum na vida das mulheres e homens brasileiros (GOLDENBERG, 2006).

Um elemento digno de consideração consiste na imagem negativa assumida pela outra na sociedade brasileira. Imagem freqüentemente associada à da mulher que não é séria e, como tal, serve apenas para ser “usada” pelos homens. A isto se acrescenta a preponderância de valores católicos, os quais contribuíram para difundir a crença de que uma união só se torna legítima e socialmente aceita através da possibilidade do casamento (DEL PRIORE, 1995, 2002, 2005; RAGO, 1997). É interessante repetir que nenhuma brasileira julgou o casamento sob uma perspectiva

⁷⁵ Mirian Goldenberg (2006), entrevistando brasileiras que ocuparam o lugar da outra, afirmou que estas tendem a definir a esposa segundo duas vias: primeiro, como uma mulher que se aproveita financeiramente do marido, que vive às custas dele; segundo, como aquela que executa todas as funções correspondentes ao casamento, mas que não é amada pelo marido.

negativa, seja enfatizando seu aspecto anacrônico, seja criticando o modelo tradicional da esposa e mãe.

Observamos que se repetiu, nos discursos das brasileiras, uma oscilação entre o desejo de ter um parceiro e o de conservar a própria independência, como podemos perceber no trecho a seguir:

O bom de amar é ter alguém com quem dividir as coisas, alguém que se interesse por sua vida (...) Acho que, numa relação, cada um tem que abdicar. Quer dizer, existe uma adaptação, com certeza, mas para mim abdicar é muito forte. Deixar de fazer o que eu gosto, ou passar a fazer coisas que não me agradam é, para mim, como se estivessem me abusando, sabe? (Karla).

Idéias contraditórias existiram mesmo nos discursos daquelas que se posicionaram tacitamente contra o casamento, salientando suas implicações desfavoráveis para a vida das mulheres.

Cécile, por exemplo, após terminar o relacionamento com o professor de filosofia, viveu dois namoros longos. O último deles durou cerca de quatro anos e foi terminado quando ela percebeu não compartilhar nada com o namorado: *pois o casal formidável existia só para os outros*.

O motivo desencadeador do término se apresentou quando Cécile foi requisitada para entrevistar um renomado jornalista francês. Este, trinta anos mais velho, ficou encantado com ela, e foi prontamente correspondido. A partir de então, os dois iniciaram um relacionamento que já dura dois anos. Cécile se diz *folle amoureuse de lui*, explicando que *fazer sexo com ele é melhor do que com todos os outros homens* e constatando que, pela primeira vez na vida, está se sentindo às vésperas de perder o controle:

Eu nunca amei tanto na vida. É uma paixão fora de todo raciocínio. Não me sinto dona da situação, desta vez não me sinto capaz de controlar tudo. É a primeira vez que sinto afetos tão violentos: eu choro, sinto ciúmes, sinto medo de acabar. É completamente louco! Meu namorado continua casado, mas, diferente do primeiro homem casado, acho que ele não ama a esposa. Ele tem ciúmes de mim, não quer que eu saia com outros homens. Eu já pensei em fazer isso, mas não consigo, estou completamente envolvida por ele. Pela primeira vez, eu tenho pensado em ter um filho, em morar junto. Este amor tem quebrado todas as minhas referências. Ele é uma paixão física muito forte também! Eu às vezes digo que vou terminar tudo. Faço esse tipo de coisa esperando que algo mude. Mas quando não o vejo, sinto falta. Eu queria passar minha vida toda com ele. Eu me sinto amando, e isso é louco. É um amor acompanhado de

angústia. Um medo de perder misturado ao desejo de viver com ele para sempre.

A mulher independente, capaz de analisar os modos pelos quais, no interior das relações amorosas, as mulheres tendem a assumir papéis incompatíveis com a posição de sujeitos autônomos - papéis socialmente legitimados pelas imagens do amor romântico - é também aquela que recorre a essas mesmas imagens para tornar visíveis suas emoções.

Le Breton (1998), abordando as emoções, destaca seu caráter socialmente construído. Segundo o autor, ao invés de constituir um domínio à parte - uma reserva pulsional inerente ao indivíduo e alheia à socialização - a singularidade emocional advém de um processo complexo, através do qual cada cultura delimita os estados emocionais que lhe são mais adequados.

Enquanto as emoções são compreendidas como fenômenos afetivos que se manifestam no corpo, os sentimentos designam uma reação subjetiva a uma situação ou a um objeto mais ou menos específico. São os sentimentos que conferem significado às emoções; pois, para evoluir, os estados afetivos requerem um contexto: um conjunto de relações aos quais estejam adaptados. Assim, os hábitos emocionais são adquiridos e não conseguem se desvencilhar das situações que lhes *emprestam* um sentido (MAISONNEUVE, 1993).

De acordo com Marcel Mauss (1968), os sentimentos constituem uma emanção do social, haja vista que tanto sua forma quanto seu conteúdo são moldados socialmente. Isso acontece, segundo o autor, mediante a composição de uma simbologia, a qual se manifesta nos diversos códigos utilizados para circunscrever e significar o plástico território das emoções humanas. Assim, mesmo os sentimentos considerados mais íntimos são elaborados a partir de normas coletivas implícitas, as quais delimitam os sentidos partilhados pelo grupo. Portanto, um sentimento, para se desenvolver e adquirir uma conotação definida, deve fazer parte do repertório cultural de uma coletividade.

Nesse contexto, o pressuposto de que o sentimento amoroso altera a capacidade crítica daqueles a quem acomete pode ser examinado sob um outro ângulo. Ao invés de tomar o sentimento como o evento desencadeador do que a entrevistada descreve como sendo: perda do controle de si, loucura, angústia, quebra das referências, podemos refletir sobre os fatores que sustentam a

concepção do amor como um acontecimento imprevisível, capaz de driblar a razão e de provocar desordem e instabilidade.

Esta concepção, intrinsecamente relacionada ao ideário romântico gestado no século XIX, continua, apesar de todas as transformações, repercutindo e orientando os discursos contemporâneos acerca do encontro amoroso. Consideramos que a forma escolhida por Cécile para definir sua atual experiência amorosa se relaciona com uma pluralidade de enredos, os quais atuam no sentido de combinar os modelos relacionais mais recentes com os elementos do amor romântico. Tais enredos, que proliferam nos cinemas, na literatura, nos livros de auto-ajuda, etc., costumam definir o amor como um acontecimento avassalador e dotado de força suficiente para rejuvenescer os que por ele são afetados e de engendrar um sentido mais consistente para suas vidas.

Tentando compreender como se relacionam hoje as idéias de amor e de juventude, faremos um percurso por alguns dos elementos que, nos discursos analisados, contribuíram para tematizar as juventudes contemporâneas.

5. JUVENTUDES, CORPOS E IMAGENS DE SI.

5.1. Juventude tardia

Mi-jeunes, mi-adultes, ils doivent composer leurs propres itinéraires, affronter seuls les difficultés qui les jalonnent, accepter de n'avoir pas souvent des responsabilités conjugales et parentales, et surtout peu de responsabilités politiques (BAWIN-LEGROS, 2006: 37)⁷⁶.

Norbert Elias (1994) ressalta que, em estágios anteriores do desenvolvimento social, o indivíduo se encontrava estreitamente ligado ao grupo ao qual pertencia. Desse modo, no processo de construção da identidade, o grupo, representado pelo “nós”, constituía o elemento mais forte: capaz de instituir, orientar e dar consistência ao “eu”. A partir do século XX, consolida-se um outro tipo de relação: mediante uma inversão de termos, o “eu” passa a assumir o papel de maior importância e a se perceber como desprovido do “nós”:

A maior impermanência das relações ‘nós’, que nos estágios anteriores tinha muitas vezes o caráter vitalício e inevitável de uma coerção externa, coloca ainda mais ênfase no ‘eu,’ na própria pessoa, como o único fator permanente, a única pessoa com quem se tem que viver a vida inteira. Muitas relações familiares, que antes constituíam coerções externas obrigatórias e vitalícias para muita gente, agora assumem cada vez mais o caráter de união voluntária e revogável (...) Agora o indivíduo tem que contar muito mais consigo mesmo ao decidir sobre a forma de relacionamento e sobre sua continuação ou término (ELIAS, 1994: 167).

De acordo com Elias, o conflito na balança “eu” - “nós”, caracterizado a partir da modernidade pelo superinvestimento no primeiro termo, consiste numa conformação social específica das relações humanas. Nesse sentido, a sensação do “eu” desprovido de “nós” constitui um arranjo peculiar: fruto da dinâmica que transforma indivíduos e sociedades.

Tal transformação foi delineada, na contemporaneidade, através de alguns deslocamentos: da esperança no futuro para a ênfase no presente, do militantismo político para o hedonismo, das paixões nacionalistas para a busca de conforto, da crença na revolução para o interesse pelo lazer (LIPOVETSKY, 2006). Nesse

⁷⁶ Meio jovens, meio adultos, eles devem compor seus próprios itinerários, afrontar sozinhos as dificuldades que os marcam, aceitar não ter, normalmente, responsabilidades conjugais ou parentais e, sobretudo, poucas responsabilidades políticas.

contexto, surge o que Galland (1991) considera ser uma nova idade da vida, situada entre a adolescência e a vida adulta. Trata-se juventude tardia, também denominada de pós-adolescência.

Segundo Coll e Palacios (2004), a entrada na vida adulta se define a partir de determinados eventos, quais sejam: a conquista da independência financeira, o ato de se separar do grupo familiar de origem, seguido da formação de uma nova família e a autonomia afetiva, caracterizada pela capacidade de resolução dos próprios problemas e pelo alcance da estabilidade emocional. Não é difícil constatar, quando nos detemos sobre a definição acima, que a chegada à vida adulta tem sido, nos dias de hoje, um acontecimento cada vez mais adiado.

Com as mudanças decorrentes da década de sessenta, ganhou visibilidade, nas sociedades ocidentais pós-industrializadas, uma nova fase de vida, cujos dois principais traços consistem no prolongamento do período de estudos e na relutância em assumir a condição adulta. É relevante destacar que tal fase se manifesta, principalmente, entre os membros das classes médias e altas; haja vista que nas camadas desfavorecidas a passagem de uma etapa da vida à outra tende a ser pouco perceptível, devido ao (em geral) curto período de formação escolar e à responsabilidade pela própria sobrevivência, assumida desde cedo⁷⁷.

Os adolescentes tardios não se situam numa faixa-etária definida. Segundo Coll e Palacios (2004), assistimos atualmente a uma expansão da adolescência realizada em dois sentidos: tanto no encurtamento da infância, quanto na incorporação de faixas etárias anteriormente situadas na vida adulta. Assim, aqueles que aos dez anos eram considerados como crianças, possuem hoje todos os elementos que justificam sua classificação como adolescentes. Por outro lado, existem pessoas que chegam aos quarenta anos, preservando estilos de vida incompatíveis com a imagem tradicional do adulto.

Nesse sentido, a incapacidade revelada pelos modelos para significar experiências cada vez mais diversificadas provoca a desestabilização dos perfis considerados adequados a cada etapa da vida. No caso, mais do que lamentar as

⁷⁷ A globalização, orientada pela lógica do mercado, é responsável por uma certa democratização de estilos de vida antes reservados às camadas privilegiadas do tecido social. Nesse sentido, sem apagar as desigualdades de acesso aos bens, são homogeneizados os gostos e as aspirações. Por tal razão, é possível afirmar que o estilo de vida da juventude tardia constitui uma tendência em expansão, não mais restrita às camadas médias e altas das sociedades complexas.

certezas perdidas, cabe-nos tentar perceber a singularidade do movimento através do qual se reconfiguram os conceitos.

De acordo com Bawin-Legros (2006), as crianças nascidas na década de setenta, cresceram com o que autora considera ser um déficit de autoridade parental: desencadeado pela conquista da autonomia feminina, pela proliferação dos divórcios e pela atribuição à escola e aos especialistas das responsabilidades referentes à educação.

Os filhos de 68 se tornaram jovens desencantados: não mais adolescentes tampouco adultos. Esses jovens viram as referências clássicas pelas quais a chegada a vida adulta se consolidava serem minadas. Assim, o fim dos estudos, o primeiro emprego, o abandono da residência familiar, a formação de um casal deixaram de constituir marcos - fronteiras capazes de delimitar a progressão definitiva de identidades -, para se tornar eventos dispersos: delimitando passagens efêmeras, contraditórias.

Bawin-Legros (2006) recorre à imagem do “aller-retour” (ida e volta) para reiterar que a juventude tardia convive constantemente com a instabilidade. Segundo essa lógica, sair da casa dos pais, formar um casal, começar um novo emprego, encerrar um período de estudos tornam-se escolhas passíveis de anulação. Trata-se do que Michel Bozon (in: HEILBORN, 2004: 121) assinala como o caráter cada vez mais reversível das passagens. Assim, um sujeito pode resolver aperfeiçoar sua formação acadêmica e, com isso, viver, aos trinta anos, uma situação semelhante à que experimentou aos dezoito, iniciando a vida universitária. Além disso, a autonomia sexual tende a ser conquistada muito antes da financeira e da residencial, encontrando-se desvinculada do imperativo do casamento ou mesmo da existência de um relacionamento estável. Também, porque os casais se fragilizam, as relações tendem a se multiplicar, sendo entrecortadas por seqüências de retorno à condição de “célibataires”. Não é possível deixar de mencionar a crise de empregos, a qual afeta principalmente a população jovem, e tem condições de interromper ou de retardar a independência financeira; fazendo com que alguns jovens demorem muito a deixar a casa dos pais e, mesmo que o façam, sejam levados a retornar periodicamente a ela nos momentos difíceis.

Todos esses fatores, somados a um disseminado culto da juventude - capaz de alocar tudo o que não pareça novo nos territórios do obsoleto e do ultrapassado, -

e da mobilidade, fornecem os contornos a partir dos quais se delinea a juventude tardia.

A juventude contemporânea vive uma época marcada pela intensificação do individualismo: quando todos os engajamentos são postos em questão e o “nós” passa ter seu valor submetido às aspirações do “eu” (SINGLY, 2007). Assim, quanto maior é a adesão ao sistema de valores segundo o qual todas as relações devem se sustentar no indivíduo, mais os laços se fragilizam e mais intensas se tornam as expectativas de realização pessoal e a ênfase na subjetividade.

Nos discursos analisados, a relação entre idade, expectativas e atribuições foi geralmente marcada pela ambivalência.

Érica, uma carioca de trinta e dois anos, que está terminando um doutorado em ciências sociais, constata que suas amigas, ao chegarem aos trinta anos, *começaram a pirar com essa coisa de ter filho*. Ela, por seu lado, revela não ter sentido ainda o desejo de ser mãe, embora não saiba o que irá fazer, caso tal desejo apareça. Há dois anos, resolveu dar um fim a *um relacionamento que estava todo errado. Não dava mais certo, mas a gente hesita e vai até a última gota, até precisar tomar uma decisão*. Apesar de nunca ter cogitado seriamente ser mãe, a entrevistada considera que um filho requer a presença de um casal estável, *porque é muita responsabilidade para uma mulher assumir sozinha*.

Atualmente, Érica afirma estar sem paciência para viver *relações sem futuro, que não dão em nada nem vão a lugar algum*. Sua maior fonte de incômodo reside no que ela chama de “lógica da ambigüidade”, a saber: *o jogo adolescente de esperar se a pessoa vai ligar ou não que, no caso do Brasil, fica inteiramente na mão dos homens*. Ela diz que não tem mais *tempo a perder com esse tipo de coisa*.

Poderíamos supor que a entrevistada se percebe como não fazendo diretamente parte daquilo que ela chama de “lógica da ambigüidade”. Neste caso, a dificuldade em assumir um posicionamento claro e coerente consistiria numa atitude exibida pelo outro. Contudo, no decorrer da entrevista, a situação se revela mais complexa:

Uma vez eu encontrei um homem. Ele tinha cerca de trinta e sete anos e me desconcertou. Era muito decidido, muito objetivo, eu não sustentei. É engraçado porque eu, que sempre reclamei da dubiedade, quando o negócio começou a ficar muito sério, eu me assustei! Homem faz medo! Acho que é por isso que a gente fica com adolescentes: porque um homem pode desestabilizar tudo. Eu tinha medo dele. Ele era objetivo e determinado demais.

A concepção segundo a qual as mulheres estão sempre dispostas a viver um relacionamento sério, comprometido, enquanto os homens, por sua vez, estão sempre dispostos a se esquivar desse tipo de situação, pode ser colocada em questão pelos discursos das entrevistadas. Érica, por exemplo, afirmou temer a seriedade, mas também sentir falta dela:

Agora, estou saindo com um rapaz. Quer dizer: a gente fica, mas, em público, agimos como colegas. Isso me incomoda, sabe? Eu sei que ele é galinha, sei que ele sai com outras. Na verdade, eu gostaria que ele me assumisse, mas sei que isso não vai acontecer. Tem momentos em que eu me pergunto como é que vai ser comigo. Estou cansada, realmente cansada de ficar sozinha. Eu sei que estou com ele e que não vai dar em nada. Ao mesmo tempo, eu me pergunto por que eu me meto nesse tipo de coisa, sabe? Eu sinto que me apaixono muito facilmente. Muitas vezes, nem é o cara que tem algo demais, é a minha vontade de viver uma história legal com alguém.

Manter uma relação que, desde o início, parece fadada ao fracasso não foi um evento descrito apenas por Érica. Observamos, em diversos discursos, uma peculiaridade, no que se refere ao modo de vivenciar encontros desse gênero. Chamou nossa atenção uma tendência recorrente de investir em relacionamentos considerados impossíveis de funcionar.

Grande parte das entrevistadas mencionou a existência de (pelo menos) um homem disponível a viver com elas um relacionamento sério. Entretanto, por alguma razão, esse homem não se mostrava interessante, não se fazia desejável. Paralelamente a isso, entrava em cena outro homem. Este logo se mostrava indisposto ao engajamento. Em geral, as entrevistadas declararam ter conhecimento da existência de outras mulheres com as quais o parceiro também saía. Relataram situações, atestando que o objeto de amor não demonstrava possuir qualquer interesse especial por elas; nada que as distinguisse das outras. Apesar de tudo, foram justamente tipos assim os que despertaram as paixões mais fulminantes.

Cientes de que o amor romântico se alimenta de impossibilidades e tende a se intensificar à medida que elas crescem (ROUGEMONT, 2003) e sabendo também que a exaltação do hedonismo e a busca pelo prazer são tão intensas quanto pode ser a insatisfação (CAMPBELL, 2001), propomos, no entanto, analisar o caso sob outra perspectiva.

Nossa hipótese é de que a tendência a investir em relacionamentos impossíveis pode sugerir uma espécie de “formação de compromisso”⁷⁸: através da qual uma mulher assume, sem o fazer de fato, o papel daquela que almeja o engajamento e não teme a responsabilidade de formar uma família e dela se ocupar.

Dessa forma, apostando em relações que irão fracassar, as mulheres podem, simultaneamente, ocupar uma posição tradicionalmente feminina (voltada para o cultivo da intimidade) e agir como sujeitos contemporâneos, os quais suportam o compromisso, desde que este não se converta num limite, num aprisionamento. Como afirma Singly, *os indivíduos hoje querem, ao mesmo tempo, ter asas e criar raízes. Raízes portáteis* (2007: 176).

A necessidade de desenvolver “raízes portáteis” é um dos traços que ajudam a caracterizar a juventude tardia. Assim como Érica, Cíntia pareceu oscilar entre se sentir segura por ter alguém e se sentir limitada, pelo mesmo motivo:

Devido às minhas “psicopatias”, eu terminei meu último relacionamento. Eu gostava muito dele, mas não queria que ele saísse com os amigos, que fizesse nada sem me dizer. Eu achava que ele estava me enganando, ou que iria me enganar, a qualquer momento. Então, eu terminei. É sempre assim: eu termino e depois me arrependo. Sei que tem a ver com essa história do individualismo de hoje, da gente não querer se comprometer. E eu sei que, pra manter uma relação, tem que cuidar. Cuidar não é fácil. Eu nem sempre estou disposta, mas eu quero ter alguém!

No discurso de Cíntia, a necessidade de cuidar trouxe para o relacionamento um peso que o mesmo não conseguiu sustentar. A tensão revelada pelo desejo de receber algo que não se está disposto a dar afeta diretamente o campo das relações afetivas, como demonstra Norbert Elias:

Mas essa conformação social das relações humanas [a mudança no peso da balança “eu” – “nós”, em favor do “eu”] não extinguiu a necessidade humana fundamental de um impulso de afeição e espontaneidade nos relacionamentos com os outros. Não fez desaparecer nas pessoas o desejo

⁷⁸ O conceito de formação de compromisso foi desenvolvido por Freud, para assinalar que os sintomas carregam em si as marcas dos conflitos de que resultam. Uma formação de compromisso consiste num acordo entre tendências opostas, as quais se reconciliam e se reúnem no sintoma (LAPLANCHE e PONTALIS, 1996: 198). Nesse sentido, quando consideramos que o investimento repetido em relacionamentos impossíveis pode sugerir uma formação de compromisso, estamos nos referindo à possibilidade de conciliar, dessa maneira, posturas correspondentes a uma ênfase na dependência afetiva feminina com outras, adequadas às exigências de preservação da liberdade individual.

de segurança e a constância na afirmação da afeição dos outros por elas, nem a contrapartida desse desejo, da companhia daqueles de quem elas gostam. A avançada diferenciação social, caminhando pari passu com uma diferenciação igualmente avançada entre as pessoas, ou individualização, traz consigo uma grande diversidade e variabilidade das relações pessoais. Dentre suas variações, uma que ocorre com frequência é marcada pelo já mencionado conflito básico do “eu” desprovido de “nós”: um anseio de calor afetivo, de ter afirmada a afeição dos outros e pelos outros, aliado a uma incapacidade de proporcionar afeição espontânea. Nesses casos, o hábito de circunspeção no estabelecimento das relações não sufoca o desejo de dar ou receber calor afetivo e o desejo de compromisso nas relações com os outros, mas sufoca a capacidade de dá -los ou recebê-los. Nesses casos, as pessoas não ficam à altura das exigências que lhes são feitas pela vigorosa afirmação emocional das outras. Elas buscam e desejam essa afirmação, mas perderam a capacidade de retribuí-la com a mesma espontaneidade e calor humano quando a encontram (1994: 167-168).

A concepção segundo a qual os relacionamentos amorosos contemporâneos flertam com o fracasso porque nenhum dos parceiros consegue estar à altura das exigências emocionais feitas pelo outro nos ajuda a perceber algumas nuances do impasse entre se engajar ou se divertir.

Os membros da juventude tardia são definidos como uma geração menos interessada nos deveres do que no próprio prazer. São aqueles que, ao invés de poupar dinheiro como um modo de se precaver contra possíveis adversidades, ou mesmo de se preparar para conquistas futuras, preferem investir em bens e em serviços voltados para a felicidade e o bem-estar imediatos. De objetos a cirurgias, passando por viagens e festas, os chamados adolescentes tardios aplicam suas esperanças no presente, e parecem resistir a tudo que os afaste deste tempo, seja em direção ao passado, seja em direção ao futuro (Maffesolli, 1998).

Entrevistando “trentenaires” franceses e belgas, Bawin-Legros (2006), destacou entre os mesmos um elevado consumo de álcool e de cigarros, aliado ao gosto pelas saídas noturnas e à grande curiosidade em experimentar novas possibilidades de diversão e de prazer. Em nossa pesquisa, brasileiras e francesas se mostraram bastante empenhadas na busca da própria felicidade. Tal busca se confundiu por diversas vezes com a do prazer de consumir coisas, de frequentar lugares, de ficar bem, de aproveitar a vida.

A crença de que é fundamental aproveitar a vida, vivendo o hoje, tem sido bastante difundida por uma profusão de discursos contemporâneos. A este

“aproveitar” se alia facilmente o convite ao excesso, o qual tende a se manifestar nas mais diferentes circunstâncias. A postura excessiva acompanha aqueles que cresceram assistindo às propagandas de guloseimas, à expansão dos “fast-foods” (com seus refrigerantes, doces e sanduíches cada vez maiores e mais tentadores), ao mesmo tempo em que se encontram imersos em discursos que instituem a magreza não somente como a imagem do belo, mas como síntese do sucesso pessoal. Está presente também na exaltação do instante e do novo, alimentada pela proliferação de pílulas contra todos os tipos de dores, físicas ou emocionais (LIPOVETSKY, 2006). Suscita o superinvestimento nos assuntos amorosos, enquanto a perspectiva do comprometimento é vista, cada vez mais, como um abandono de outros contatos possíveis, repletos de novas possibilidades de prazer (BAUMAN, 2004).

Nesse sentido, o excesso de peso que parece sugerir todo engajamento - como um ato a partir do qual o sujeito é levado a empenhar sua liberdade - tem como contraponto uma dedicação potencialmente excessiva ao divertimento:

Hoje em dia, nós não sabemos mais fazer esforços pelos outros. Todo mundo só quer se divertir. Eu não quero ficar na merda. Mas sei que tenho vinte e sete anos e não me sobra muito tempo para me divertir. Eu sei que vou querer ter um bebê. Não sei em quanto tempo. Talvez com trinta e dois, trinta e quatro anos. Atualmente, sinto um verdadeiro horror ao esperma, porque se tiver um bebê vou perder minha liberdade. Hoje, eu saio com meus amigos e me dou bem, mas sei que não posso ficar assim a vida toda. Resumindo, eu adoraria ter vinte e dois anos! (Julie).

O discurso de Julie - assim como o de outras mulheres que ressaltaram adorar sair com os amigos, passar as noites em festas, viajar, comprar sem precisar prestar contas do próprio dinheiro, gastar com estética - nos fez refletir sobre a relação estabelecida entre o modelo tradicional de feminilidade e o imperativo da realização pessoal.

Tal relação se desenvolveu nos discursos analisados segundo uma lógica singular. De acordo com essa lógica, as mulheres estariam livres para buscar o próprio prazer e aproveitar a vida. Gozariam, contudo, de uma liberdade relativa, pois o corpo lhes anunciaria a necessidade de mudar de postura. A exigência da maternidade, definida como um destino, sugeriu, assim, uma vinculação ao modelo tradicional da feminilidade.

Eu acho que as mulheres estão mais ligadas à família. Acho sim, e sabe por quê? Porque é uma questão física. Porque um homem com quarenta, cinqüenta anos, se ele quiser ter um filho, vai ter um filho. Ele vai pegar uma menina de vinte e cinco e vai ter um filho. Vai ter a família dele com cinqüenta anos, quando cansar de borboletear, entendeu? Eu acho que hoje tem muita mulher que encasqueta, sabe? Que fica “neura”. Eu tenho uma amiga que ficou “neura” assim, sabe? É geral. Não é o meu caso. No geral, é assim, porque tem muita gente que se preocupa com isso, entendeu? Porque está chegando aos trinta. A gente só pode ter filho até os trinta e cinco. Dai, é pouco tempo para achar uma pessoa legal, noivar, casar, entendeu? (Clara).

Em consonância com o discurso de Clara, inundam nosso imaginário as histórias de mulheres que, ao se aproximarem dos trinta anos, tornam-se obcecadas pela idéia de ser mães, passando a empreender uma busca desesperada por um candidato à vaga de marido e pai dos futuros filhos. Elas estão presentes nos filmes, nas revistas, na literatura e também nas conversas cotidianas. O tom descomprometido e jocoso com o qual se revertem as imagens da “mulher solteira que procura um marido” não oculta o fato de que nenhum discurso é inocente. Discursos e práticas interagem com a dinâmica social ajudando a legitimar determinados modelos de comportamento, à medida que apagam seu caráter historicamente construído. Para ilustrar isso, citamos um trecho do “Diário de Bridget Jones”⁷⁹:

(...) à medida que as mulheres vão passando dos 20 para os 30, o equilíbrio de poder muda de repente. Até as mulheres mais seguras perdem as estribeiras, lutando contra os sinais de angústia existencial: medo de morrer sozinha e ser encontrada três semanas depois semidevorada por um pastor alemão. Idéias estereotipadas a respeito de solteironas, abismos e migalhas sexuais conspiram para fazer com que você se sinta idiota, mesmo que passe um bom tempo pensando nas atrizes Joanna Lumley e Susan Sarandon (FIELDING, 2008: 26).

De acordo com Bawin-Legros (2006), existe uma nítida diferença nos modos como homens e mulheres vivenciam a condição de “trentenaires”. Enquanto os homens parecem se instalar confortavelmente na pós-adolescência, para as

⁷⁹ O livro: “O diário de Bridget Jones”, publicado por Helen Fielding em 1996, foi responsável por um dos maiores fenômenos de venda da década de noventa, intensificado pela produção do filme homônimo, em 2001. Este foi assistido por uma quantidade impressionante de pessoas, em vários países. A repercussão extremamente favorável ajudou a popularizar um gênero de romances direcionados às mulheres contemporâneas (denominados de “chick-lit”: romances de mulherzinhas). Escritos de forma bem-humorada, num tom geralmente mordaz, esses livros abordam a fortuna e, sobretudo, os infortúnios de mulheres solteiras ou divorciadas e, quase sempre, bastante preocupadas em encontrar um amor.

mulheres, os trinta anos chegam acompanhados de questionamentos, sugerindo a necessidade de se confrontar com a condição de adultas. Tal necessidade é justificada pela limitação física do tempo adequado à maternidade; o que é visto, muitas vezes, como uma ameaça representada pelo corpo feminino: ou melhor, pelos efeitos da passagem do tempo sobre esse corpo. O uso da expressão “relógio biológico” foi comum tanto às francesas quanto às brasileiras, assim como o sentido a ela conferido.

Assim como Julie (que ressaltou seu desejo de voltar aos vinte dois anos) e Clara (que considera trinta e cinco anos a data limite para a maternidade), outras entrevistadas se mostraram inquietas com o tempo: contando os anos que lhes restavam para continuar a viver como viviam. O ponto nevrálgico da preocupação se concentrou na perspectiva da maternidade. Dentre as entrevistadas, apenas uma afirmou não desejar ser mãe. Todas as outras ressaltaram que, cedo ou tarde, ter um filho se converteria num imperativo.

Os estilos de vida dessas mulheres - sempre imersas em muitas tarefas, envolvidas com o trabalho, com os amigos, ocupadas em lutar pelo próprio conforto e bem-estar - pareciam não comportar espaço suficiente para a presença de um filho. Provavelmente por isso, elas consideravam que, ao atingir a idade limite para se tornarem mães (tal idade variou, entre as entrevistadas, dos trinta e dois aos trinta e seis anos), deveriam efetivar uma mudança em suas vidas.

Tal mudança foi descrita principalmente pelo maior empenho em encontrar um parceiro disposto a viver um engajamento sério, aliado ao imperativo de encontrar tempo para se dedicar à vida familiar. Muitas entrevistadas mencionaram a necessidade de investir menos na diversão, passando a pensar mais no outro do que em si mesmas. Tais atitudes foram concebidas como sendo fundamentais para o bom funcionamento dessa outra forma de vida definida pela maternidade.

A imprecisão e a ambigüidade, características da juventude tardia, não foram abordadas pelas mulheres que entrevistamos como fontes de mal-estar. Muitas pareceram estar tão bem instaladas neste estilo de vida quanto Bawin-Legros (2006) alegou estarem os homens. Apesar disso, os discursos anunciavam que tal sensação de conforto seria temporária: dependendo dos anos que faltavam para a efetivação do projeto da maternidade.

Segundo Michel Bozon (in: HEILBORN, 2004: 122), apesar da idade de um indivíduo ser, atualmente, cada vez menos capaz de predizer seu *status* matrimonial,

isto não sugere a ausência de parâmetros de normalização. Para o autor, tais parâmetros continuam existindo, e contribuem para instituir uma padronização da definição social da boa idade para se ter filhos. No caso das entrevistadas, aquelas que se encontravam próximas ou inseridas no período considerado como “a boa idade para se ter filhos” manifestaram seu desconforto. Desconforto que não decorria diretamente do modo como costumavam conduzir suas vidas mas, sobretudo, da constatação de que se encontravam limitadas pelo próprio corpo (cada vez mais percebido como deslocado: em permanente descompasso com as aspirações de quem o possui).

5.2. Novos corpos

O significante “corpo” é uma ficção; mas, ficção culturalmente eficiente e viva. (Le Breton, 2006: 7).

Ser mulher é pior do que ser lavrador – tem tanta coisa para cuidar na plantação e na colheita: depilar a perna com cera, raspar axilas, fazer sobrancelhas, passar pedra-pomes nos pés, esfoliar e hidratar a pele, tirar os cravos, pintar a raiz dos cabelos, passar rímel, lixar as unhas, massagear a celulite, exercitar os músculos da barriga. A coisa é tão complexa que basta você esquecer durante uns dias e lá se vai a plantação (FIELDING, 2008).

Quando tomamos o corpo como uma construção de sentidos culturalmente arranjados, é possível compreender a oposição, instalada na modernidade, entre os indivíduos e seus corpos. Segundo Le Breton (2006), o abalo dos valores tradicionais e das orientações coletivas suscitou uma busca por novas legitimidades. Assim, num mundo cada vez mais habitado pelo signo do provisório, o corpo passou a encarnar o limite: a fronteira que assegurava uma diferença irreduzível entre os sujeitos.

A ênfase no corpo, superfície que separava os indivíduos entre si, suscitou uma separação ainda mais radical: aquela representada pelo indivíduo apartado de si mesmo. A conversão do corpo em instrumento passível de ser aperfeiçoado pela técnica⁸⁰ atingiu, na contemporaneidade, sua mais intensa expressão.

⁸⁰ Segundo Mauss (1974), o corpo constitui o mais natural instrumento do homem. Tal instrumento é moldado através das técnicas corporais: definidas como um conjunto de gestos codificados, socialmente escolhidos, com o objetivo de assegurar uma eficácia prática e simbólica. Mauss classifica as diferentes técnicas do corpo, conforme sua incidência. Assim, existiriam diferentes técnicas, referentes a cada um dos sexos, às idades e suas respectivas atribuições, ao rendimento e ao modo de transmissão.

De acordo com Lipovetsky (2000), o ideal da autonomia individual se disseminou juntamente com a difusão de novos padrões e modelos sociais do corpo. Tais modelos, defendidos como uma opção, foram, no entanto, assumindo um papel cada vez mais normatizador. Eles se tornaram os responsáveis por tornar visíveis destinos sociais francamente opostos: o do sucesso, reservado aos que se enquadravam na norma e o do descrédito, reservado aos que dela se desviavam.

Nos discursos analisados, o corpo apareceu como um alvo de preocupação freqüente. Dentre as francesas, as considerações mais detalhadas acerca do corpo foram empreendidas por aquelas que, em determinado momento de suas vidas, desenvolveram um quadro anoréxico⁸¹ (duas, dentre as nove entrevistadas, afirmaram ter sofrido de anorexia). Houve ainda aquelas que tematizaram o corpo como o lugar onde as relações de dominação adquirem visibilidade:

Eu me sinto mais à vontade entre mulheres. Com os homens, tem sempre essa questão de como eles me vêem. Eu e minhas irmãs, desde pequenas, fomos as cinco garotas loiras de olhos azuis; com tudo que isso traz como consequência. Quer dizer: os homens sempre me abordaram com essa expectativa da mulher loira. O próprio estereótipo da loira, com seios fartos e um tanto estúpida. Diante dessa imagem do meu corpo, eu lutei. Lutei para me constituir de uma forma diferente (Luise).

No discurso de Luise, o corpo - enquadrado como objeto de desejo, instrumento de realização das fantasias masculinas - foi descrito como um estorvo: um entrave ao pleno desenvolvimento das potencialidades subjetivas. Nos discursos das brasileiras, o corpo também foi definido sob o signo do desejo masculino. No entanto, as implicações desta definição foram analisadas segundo pontos de vista diferentes dos apresentados pelas francesas.

De acordo com Le Breton (2006), o corpo na contemporaneidade assumiu um papel central, tornando-se o principal vetor de expressão dos diferentes estilos de

⁸¹ No caso, essas mulheres afirmaram estar curadas da anorexia, tendo abandonado a preocupação excessiva com o emagrecimento. As duas entrevistadas, que apresentaram sintomas anoréxico na adolescência, foram submetidas a tratamento psiquiátrico e psicológico. Atualmente, consideram lidar de maneira equilibrada com a alimentação. É importante ressaltar que o fato de destacarmos o discurso das brasileiras não se deve ao pressuposto de que as francesas não se preocupam com o corpo. A própria anorexia é um exemplo contundente da difusão mundial do padrão da magreza. Nas revistas voltadas para mulheres, espalhadas pelas bancas de Paris, observamos a mesma tendência de apresentar dietas, exercícios e outras estratégias como formas de se alcançar o corpo perfeito. No entanto, a existência de uma diferença entre os discursos de brasileiras e francesas foi clara: não apenas pela maior intensidade com a qual o tema do corpo foi explorado pelas brasileiras, como também pelos argumentos utilizados para legitimar a preocupação com a beleza.

vida. O culto ao corpo deixou, então, de ser apenas um instrumento na busca da felicidade, tornando-se seu próprio fim. Assim, o cuidado com a aparência, a ênfase no bem-estar, a necessidade de se sentir bem dentro da própria pele se converteram, atualmente, num ideal: o qual institui o corpo como o lugar, por excelência, da identidade subjetiva (PROST; VINCENT, 1992).

A asserção de François de Singly (1987), segundo a qual, no mercado dos bens simbólicos, destaca-se, para os homens, a excelência social (obtida pela profissão e pelos bens), enquanto, para as mulheres, a excelência é fundamentalmente estética (a beleza configurando o valor feminino de maior destaque), revela-se útil para explicar porque a centralidade assumida pelo corpo tende a repercutir mais intensamente sobre as mulheres.

Em relação ao Brasil, a centralidade do corpo se manifesta sobretudo entre os indivíduos pertencentes às camadas médias urbanas. É possível considerar que a relação estabelecida pelas mulheres brasileiras com o corpo adquire os contornos de uma obsessão quando nos detemos sobre alguns dados, tais como: o fato do Brasil ser o segundo país em quantidade de cirurgias estéticas, perdendo apenas para os E.U.A. Além disso, apenas 2% das brasileiras se acham bonitas e a imensa maioria das brasileiras enfatizou o desejo de mudar algo em seus corpos. No país que mais valoriza as modelos, a beleza é definida por padrões inalcançáveis de feminilidade (GOLDENBERG, 2007).

Enquanto ressaltava que as brasileiras deveriam recusar os modelos europeus de beleza, destinados a um tipo de mulher raramente encontrado no país, Gilberto Freyre (1987) se dedicou a examinar as modas e suas estratégias. Para o autor, os artifícios utilizados pela moda contribuíam para rejuvenescer a aparência de senhoras saudosas dos tempos juvenis.

A ênfase na juventude, destacada por Freyre, se disseminou ainda mais no Brasil contemporâneo. A valorização do novo não se restringiu à profusão de objetos, mas ressoou sobre a superfície dos corpos. Assim como a doença, a velhice passou a ser combatida por um conjunto de técnicas direcionadas ao controle do corpo, apontando para uma *tendência à extinção das distinções entre efeitos patológicos e efeitos normais do envelhecimento* (BOZON, in: HEILBORN, 2004: 123). Nesse sentido, impedir a decadência física se tornou uma meta, capaz de

conferir prestígio⁸² aos vencedores. Nesse sentido, retirar do corpo as gorduras indesejáveis, lutar contra o amolecimento das carnes, contra o surgimento das rugas; contra todos os indícios suscetíveis de dissipar a juventude se tornou uma tarefa “livremente” assumida por todos aqueles que desejam obter reconhecimento social (GOLDENBERG, 2007).

Para as mulheres, que no Brasil continuam a ter seu valor social atrelado à presença de um homem, é fácil perceber porque a preocupação com a beleza se difundiu como uma idéia fixa.

A beleza me incomoda, ou melhor, me preocupa. Eu sou altamente estressada com o corpo. Quando eu for mais velha, eu vou fazer todos os botox que eu puder! Por exemplo, o meu cabelo: ele é feio. Eu faço um monte de coisa pra ajeitar o meu cabelo! Pra mim, é uma questão individual. Assim: eu me sinto muito mais feliz se eu estiver me sentindo bonita, entendeu? A pessoa está mais feliz se é feliz com a própria aparência. Esse negócio do cabelo pra mim é importante mesmo. Quando estou com o cabelo preso... Hoje, por exemplo, saí com muito mau humor, porque eu sei que ele está desarrumado, entendeu? Quando eu faço escova e ele fica bonitinho, penteado, aí sim, eu fico com outro humor! (Clara).

No discurso acima, a preocupação com a aparência foi justificada pelo bem-estar pessoal, vinculado à avaliação positiva que a entrevistada faz de si mesma, quando se empenha em “arrumar” o próprio corpo, quando cuida da estética. Na opinião de Clara, no entanto, a atenção com a beleza é comum às mulheres por outro motivo:

Eu acho que pra muitas mulheres tem a ver com a questão do mercado. Por exemplo, sabe o que eu acho? É uma coisa que eu não faço, mas sei que muita gente faz. Eu tenho amigas que chegam num barzinho e sabem exatamente quem esta lá: homens e mulheres! Entendeu? Porque elas olham os homens que estão no lugar e olham também a concorrência está no lugar. Já é concorrência! Porque a coisa funciona assim, nessa história de rivalidade de mulher, você está na mesa, tem um carinho. Todo mundo esta paquerando o mesmo cara. Então, que vença a melhor! (Clara)

⁸² De acordo com Mauss (1974), cada cultura molda os corpos e comportamentos adequados aos indivíduos. O processo de moldagem se desenvolve a partir da imitação prestigiosa, ou seja: os indivíduos irão repetir os atos e procurar imitar os corpos daqueles que são dotados de prestígio social. No caso do Brasil, a valorização de modelos e outras figuras públicas que obtiveram destaque devido à beleza de seus corpos faz com que se disseminem as práticas voltadas ao embelezamento físico.

O termo “mercado” foi utilizado repetidamente pelas brasileiras. Em todos os casos, ele esteve de alguma maneira relacionado ao corpo. A idéia de que o trabalho sobre o corpo é requerido das mulheres, para que estas se coloquem em condições de concorrer entre si pela atenção dos homens, foi utilizada para justificar a constante inquietação com a beleza.

Eu me cuido. Faço ginástica, vou ao dermatologista, faço massagem, controlo a alimentação. Porque, com certeza, a beleza pesa para a mulher. Mulher quer estar sempre magra, sempre com a roupa da moda, quer estar sempre com o cabelo bonito, sempre com a pele bonita. Tem uns homens que se preocupam, mas de uma forma geral com homem não é a mesma coisa. Acho que pra mulher pesa mais (Paula).

O peso que a beleza possui sobre a imagem que as mulheres fazem de si mesmas demarcou uma diferença entre os discursos das francesas e das brasileiras. Enquanto entre as primeiras, a beleza foi descrita pela elegância dos gestos e das roupas, para as últimas, o ideal de beleza incidiu sobre a forma do corpo feminino:

Enquanto na França, a produção da aparência pessoal continua centrada essencialmente na própria roupa, no Brasil é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir. As francesas procuram se produzir com roupas cujas cores, estampas e formas reestruturam artificialmente seus corpos, disfarçando algumas formas (particularmente as nádegas e a barriga) graças ao seu formato; as brasileiras expõem o corpo e frequentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização: em suma, uma espécie de ornamento (MALYSSE, In: GOLDENBERG, 2002: 110).

O uso de roupas que realçam as formas femininas, revelando cada detalhe de um corpo criteriosamente trabalhado - o único que, mesmo nu, consegue estar apropriadamente vestido (GOLDENBERG, 2002) -, contribui para fazer deste um objeto de preocupação contínua para as mulheres brasileiras. Nesse sentido, as práticas de cuidado de si são difundidas com o intuito de fazer o corpo entrar em forma, ou seja, conseguir se ajustar ao padrão contemporâneo da feminilidade, expresso pela silhueta magra, mas dotada de músculos hipertrofiados.

As brasileiras mencionaram as dietas e os exercícios como sendo imprescindíveis ao bem-estar feminino. Muitas lamentaram a falta de tempo para se dedicar mais aos cuidados com o corpo. A impossibilidade de dar a devida atenção

ao próprio aspecto físico foi considerada uma falta. Falta sobre a qual não deixaria de recair algum tipo de punição.

A minha geração de trinta anos não tem tanta atenção com o corpo. Assim: a gente se preocupa. Eu olho os valores da gente. Todas as mulheres com quem convivo, os valores da gente são: o curso que a gente faz, as viagens, as pessoas que a gente conhece, ser alguém legal, interessante, com um papo bom, e tal. Mas as pessoas mais novas! Eu digo que a gente concorre com as meninas de dezoito, vinte e poucos anos e com as mulheres de quarenta e tantos e de cinqüenta. Porque, se você for prestar atenção, um dia eu estava num barzinho, olhando, e disse: "olha aquela senhora ali!" Estava ela e mais umas três, todas coroas: quarenta e cinco, cinqüenta anos. Pense numa mulher enxutas!! Saem com microssaias! Eu nunca usei uma na minha vida. Acho que, nem quando era criança, usei microssaia, frente única, cabelo enorme, por acolá, não sei quê, toda arrumada! O salto desse tamanho! Ave, Nossa Senhora! Aí, dali a pouco chega um turminha assim teen. Eu digo: "mulher, o que é que eu estou fazendo aqui?!" Elas deviam ter dezoito, vinte anos e era o mesmo esquema de roupa: a microssaia, a bolsinha... (Karla).

A idéia de que os cuidados com o corpo se convertem num imperativo por conta da acirrada concorrência entre as mulheres, interessadas em suscitar o desejo dos homens, se disseminou pelos discursos das brasileiras. No discurso de Karla, encontramos de maneira explícita a tensão entre duas posições contraditórias. A primeira seria representada pela mulher que conquistou novas possibilidades de vida: aprendendo coisas novas, conhecendo pessoas e situações diferentes. Já a segunda posição seria representada por aquelas que se dedicaram a potencializar sua performance feminina, investindo minuciosamente no corpo e em seus adornos. De acordo com Karla, (assim como para outras brasileiras entrevistadas), entre mulheres interessantes e sedutoras, a atenção e o desejo dos homens se encaminhariam para o último tipo.

Nos discursos das francesas ganhou destaque a figura da mulher interessante, definida como aquela que tem experiência de vida, que conseguiu desenvolver seus potenciais e adquirir conhecimento sobre temas diversos. Nesse sentido, o envelhecimento pôde ser percebido não somente pela conotação negativa de dissolução das formas, mas também por uma conotação positiva decorrente de um acréscimo de saber.

Não estamos, com isso, querendo afirmar que envelhecer constitua um temor e um tabu apenas para as brasileiras, enquanto as francesas saberiam enfrentar

este acontecimento sob uma perspectiva essencialmente construtiva⁸³. Observamos, contudo, uma diferença entre os discursos de brasileiras e francesas, a qual pode ser sintetizada nos seguintes termos: para as primeiras, a possibilidade de uma mulher atrair um homem mostrou estar condicionada à forma física, já para as últimas, uma mulher seria atraente também por outras vias, como pelo “savoir vivre”, por exemplo.

Enquanto a mulher que não se dedica ao próprio corpo foi definida pelas brasileiras como alguém que diminui drasticamente suas possibilidades de conquista, as francesas afirmaram que uma mulher interessante é capaz de suscitar o desejo masculino. Esta diferença de perspectivas foi explicada nos seguintes termos:

Pode-se observar com isso um uso fortemente expressivo do corpo nos relacionamentos entre os cariocas, em contraste com a intensidade das trocas verbais entre os parisienses. Apagamento dos corpos em Paris. Modelações culturais das fronteiras entre os corpos (HEILBORN, in: VELHO, 2006).

Numa pesquisa realizada por Maria Luiza Heilborn e Michel Bozon (1986), foram comparadas a sexualidade e a vida amorosa de cariocas e franceses. Os autores enfatizaram a presença de modelos contrastantes de adestramento dos corpos, frutos de processos civilizatórios distintos (ELIAS, 1995). Assim, o uso menos contido dos corpos no Brasil suscitaria um estilo de práticas amorosas mais centradas no contato físico, enquanto entre os franceses o destaque seria dado à habilidade dialógica desenvolvida pelos parceiros.

Nos discursos das mulheres entrevistadas, não encontramos elementos que nos permitissem apontar a existência de um uso mais contido do corpo no interior das relações afetivo-eróticas manifesto pelas francesas, em comparação com as brasileiras. A intensidade com a qual o corpo foi colocado em cena, a ênfase dada ao prazer sexual e à conquista da satisfação não nos pareceram delimitar posicionamentos essencialmente distintos, de um país a outro.

Contudo, existiram diferenças quanto aos modos de se tematizar a relação com o corpo. Para as francesas, o corpo, alvo da dominação masculina, deveria

⁸³ O livro escrito por Simone de Beauvoir acerca da velhice (2003[1970]) é fundamental para analisar as questões e os impasses decorrentes desta condição. Na obra, são examinados não apenas os sofrimentos e as perdas inevitáveis ao processo de envelhecimento, mas a condição social reservada ao velho: seu não lugar na sociedade, manifesto pelo abalo constante da própria legitimidade subjetiva, assim como as saídas possíveis, voltadas ao enfrentamento dessa situação.

afirmar constantemente seu potencial libertário, tornando-se o lugar de expressão dos direitos femininos. Nos discursos das parisienses, a possibilidade de fazer um uso livre do próprio corpo foi ressaltada como uma conquista, obtida pelas mulheres a duras penas; e que por isso deveria ser sempre bem aproveitada. As entrevistadas valorizaram a possibilidade de ter uma vida sexual orientada pelos próprios desejos e escolhas, mesmo que isto pudesse implicar a associação com a imagem da “mulher fácil”⁸⁴.

No caso das brasileiras, o corpo tematizado como espaço de liberdade foi alvo de menor atenção. Em seu lugar, despontou o corpo aprisionado pelas práticas de embelezamento. O orgulho de conduzir o corpo segundo os próprios desejos não foi praticamente mencionado. Ao invés de orgulho, foi incansavelmente enfatizada a necessidade, ou melhor dizendo, o imperativo de enquadrar o físico em moldes cada vez mais rígidos. Nas palavras de Goldenberg:

A mulher é hoje incomparavelmente mais livre do que há vinte anos. Tem uma vida bem mais satisfatória, dentro e fora de casa. Mas surgiu uma nova prisão. Muitas mulheres não percebem o que estão perdendo com o atual culto ao corpo. É uma contradição elas terem conquistado tantas coisas e hoje se submeterem a um padrão de corpo inalcançável. Deveriam estar mais satisfeitas com suas conquistas (2006: 281).

O culto ao corpo disseminado mundialmente não atinge somente as brasileiras. No entanto, é possível considerar que, dentre as entrevistadas, as brasileiras mostraram estar mais susceptíveis a esse culto do que as francesas. As vias de explicação para tal suscetibilidade são múltiplas, abrangendo desde o fato da cultura patriarcal continuar, no Brasil, incidindo mais fortemente sobre as relações de gênero - engendrando relações onde a mulher tende a se submeter às vontades e aos desejos do homem (DEL PRIORE, 2005); à concepção desenvolvida por Malysse de que no Brasil a roupa constitui apenas um adorno usado para revelar o corpo (in: GOLDENBERG, 2002); até a explicação dada por Heilborn de que entre

⁸⁴ As parisienses utilizaram o termo « mulher fácil » para reiterar que, apesar da aparência liberal, a sociedade francesa é permeada pelo machismo. Por isso, as mulheres não escapam de julgamentos direcionados à sua vida sexual. Assim, aquelas que fazem sexo sem requerer o contexto de uma relação amorosa - como as que costumam ter encontros sexuais fortuitos, - arriscam-se, segundo as entrevistadas, a serem taxadas de “filles faciles”: mulheres com as quais os homens tenderão a evitar relacionamentos sérios.

os franceses a ênfase nos discursos consegue tornar transparentes os corpos (2006).

Inúmeros fatores se conjugam no processo social de construção dos corpos, orientando a percepção que os sujeitos fazem de si mesmos, e demarcando os limites para a relação entre indivíduo e corporeidade. Nesse contexto, os modos a partir dos quais brasileiras e francesas criaram sentidos para seus corpos dialogam e dependem de um procedimento mais amplo: o da composição de um conceito singular de individualidade.

5.3. Individualismos e imagens de si.

(...) nunca as histórias individuais foram tão explicitamente referidas pela história coletiva, mas nunca, também, os pontos de identificação coletiva foram tão flutuantes. A produção individual de sentido é, portanto, mais do que nunca, necessária (AUGÉ, 2005: 39).

De acordo com Myriam Spielvogel (1999), atualmente, os discursos e as práticas acerca do amor são atravessados por uma pluralidade de sistemas éticos. Dentre eles, encontram-se: o ideário romântico, as correntes feministas e o individualismo. Do embate entre sistemas não raro opostos surge o que a autora denomina de “lógica romântico-pragmática”, a saber: um arranjo tecido pelo equilíbrio sempre frágil e provisório entre as noções de união e o respeito pela individualidade.

Segundo Lalonde e Montour (1983), o conceito moderno de amor foi desenvolvido a partir de uma mutação do social, a qual substituiu a regulação mítico-religiosa por uma regulação institucional, cuja peculiaridade consistiu em eleger o indivíduo como categoria máxima: política, cultural e economicamente. Nesse sentido, o estado moderno, o direito universalista, o mercado capitalista e o amor romântico podem ser considerados fenômenos solidários.

A base do amor moderno reside no pressuposto da equivalência entre indivíduos, os quais deverão justificar a pertinência das normas menos pelo acordo com a coletividade e mais pelo ajuste com as expectativas e as preferências pessoais. Por esta razão, o amor romântico assume o papel de pedra angular da autonomia individual.

No entanto, o ideário romântico ajudou também a consolidar papéis sociais distintos para mulheres e homens burgueses, colaborando para limitar o poder de

atuação das mulheres ao espaço doméstico, ao mesmo tempo em que formava homens desinteressados pelos assuntos sentimentais e inaptos para o exercício das tarefas domésticas.

De acordo com Badinter (1986), atualmente os comportamentos e as atitudes autorizados para os gêneros se expandiram e se diversificaram, permitindo a passagem do pressuposto de uma diferença inquestionável em direção a um modelo mais andrógino: onde o valor máximo passa a ser atribuído ao eu e ao desenvolvimento pessoal.

Algumas das principais características desta passagem consistem no enfraquecimento dos papéis sexuais, na dissociação entre atividade sexual e reprodução, na ampliação das fronteiras do socialmente aceito, na substituição da família nuclear pelo casal à deriva, na erosão das referências capazes de orientar os processos de construção das identidades e na instabilidade das relações amorosas (LALONDE, MONTOUR, 1983: 100).

Nesse sentido, a noção de união, à qual se vinculam as idéias de estabilidade e esforço, assim como a exigência de levar em conta os desejos e as necessidades do outro, deve negociar permanentemente com a noção de individualidade, manifesta no imperativo do desenvolvimento pessoal.

Segundo Spielvogel (1999), as sociedades contemporâneas são declaradamente individualistas. O individualismo, por sua vez, apresenta diversas faces. A mais recente teria se iniciado na década de oitenta, caracterizada pela emancipação feminina, a ênfase no prazer, o cuidado hedonista com o corpo, a priorização do tempo livre e o aumento das trajetórias solitárias.

Os individualismo contemporâneo se revela nos traços de Narciso. Enfatiza as preocupações e os interesses exclusivamente pessoais, encontra-se preso ao presente, e teme, mais do que tudo, o envelhecimento (LASCH, 2006 [1979]). Contudo, a tão mencionada ausência de balizas e de modelos de interação não sugere um apagamento do coletivo. Nesse sentido, enquanto a disciplina é desvalorizada em benefício do culto do desejo, a busca de aperfeiçoamento pessoal é erigida como o objetivo central dos indivíduos.

Tal busca pode ser compreendida como resultado de um processo de psicologização do social, do político e da vida pública em geral. Assim, o investimento nos assuntos privados se expande, atingindo territórios antes exclusivamente coletivos. Dessa forma, os imperativos ditados pela família e pela

comunidade tendem a ser substituídos por outros: requeridos e justificados pelas subjetividades.

Segundo Lalonde e Montour (1983), atualmente o número de pessoas com as quais um indivíduo estabelece relações sociais significativas é bastante pequeno, limitando-se, muitas vezes, a alguns membros da família de origem e a poucos amigos. De acordo com Luhmann (1990), à medida que o mundo se complexifica e as relações se tornam impessoais, aumenta a necessidade de cultivar mundos próximos: espaços familiares, onde os indivíduos podem ver reforçadas suas singularidades.

Um mundo próximo, cuja expressão máxima seria a relação amorosa, requer e valoriza a autenticidade dos indivíduos, sendo esta concebida como fruto de um trabalho executado por cada um sobre si mesmo. Foucault (2006), abordando a Grécia clássica, definiu o cuidado de si – “soui de soi” - como uma busca de aperfeiçoamento pessoal voltada para a formação de cidadãos livres, dotados de força para transformar a si mesmos e, conseqüentemente, aos outros e às cidades. O cuidado de si contemporâneo difere, porém, daquele tematizado por Foucault, pois se legitima como uma prática direcionada essencialmente ao alcance da própria felicidade.

Nesse sentido, a busca do aperfeiçoamento pessoal é sintetizada e encontra sua razão de ser, num acréscimo de saúde, de bem-estar e de prazer. Apesar do aspecto egocêntrico, os princípios que orientam essa empreitada - incorporados pelos indivíduos – são, no entanto, gestados exteriormente. Segundo Spielvogel (1999), a ênfase no desenvolvimento pessoal é parte de uma ética terapêutica, que despontou nos E.U.A em meados da década de noventa para, em seguida, se disseminar por diversos países⁸⁵.

A ética terapêutica supervaloriza a vida privada, fazendo dela um tema cada vez mais exposto e discutido publicamente. Através da proliferação de especialistas encarregados de orientar indivíduos cada vez mais indecisos entre aspirações inovadoras e modelos antigos tal ética contribui para uma homogeneização das concepções e dos comportamentos (LALONDE, MONTOUR, 1983).

Nas sociedades holísticas, os indivíduos encontravam o necessário apoio para a condução de suas vidas nos valores transmitidos pelas práticas tradicionais.

⁸⁵ A autora considera que a ética terapêutica é característica das sociedades ocidentais pós-industrializadas.

Nas sociedades complexas, a falta de referências coletivas estáveis passa a ser preenchida pelos conselhos dos que possuem uma competência especializada:

A competência especializada permite aos indivíduos os meios e técnicas para escapar da incerteza e da ambivalência e assim controlar suas próprias vidas. Ela apresenta a dependência face aos especialistas como uma libertação do indivíduo, a heteronomia como autonomia (BAUMAN, 1999: 234).

O recurso a especialistas como meio de melhorar a própria vida ou de sair de situações de crise foi mencionado pela grande maioria das entrevistadas. Dentre eles, os mais citados foram os psicólogos. Tanto as francesas quanto as brasileiras afirmaram ter recorrido - ou recorrer - a algum tipo de tratamento psicológico, para conseguir enfrentar os próprios problemas.

A relação entre sujeitos que cultivam a autonomia - procurando conquistar a independência em todas as dimensões de suas existências - e que, para tanto, recorrem ao auxílio de profissionais - considerados capazes de melhorar a vida de seus clientes - se destacou nos discursos analisados.

Observamos que a relação entre amor, autonomia e individualismo, assim como suas conseqüências, foi tematizada pelas entrevistadas segundo perspectivas, em geral, dificilmente conciliáveis.

Anna, por exemplo, deixou cedo a casa dos pais para fazer faculdade. Tendo perdido a mãe quando criança, foi educada pelo pai e por sua única irmã, onze anos mais velha. Esta vive atualmente numa cidade próxima a Paris com o marido e os filhos, assim como o pai de Anna, casado pela segunda vez. A entrevistada afirmou gostar muito de sua família. Dentre as francesas, foi a única a declarar que mantinha um contato quase diário com alguns familiares.

Anna morou com um namorado uma única vez, durante poucos meses. O relacionamento, no entanto, durou somente um ano. Desde então, ela diz tem vivido *apenas relações curtas, histórias de uma noite*. Contudo, Anna não consegue lidar bem com esse tipo de encontro e se sente desconfortável com o fato de não *ter um engajamento sério* há mais de dois anos. Para a entrevistada estar sozinha se define nos seguintes termos:

Eu vivo só. Aprendi a viver desse jeito. A pior coisa de viver sozinha é o cotidiano. É não ter ninguém para lhe perguntar como foi seu dia ou para conversar durante a noite. Por exemplo, eu me mudei e montei todos os móveis sozinha. Ao

mesmo tempo, sou a única célibataire da família. Tenho primos e primas que, aos vinte e três, já estão casados.

Em vários momentos da entrevista, Anna demonstrou orgulho por ser independente e conseguir fazer sozinha coisas importantes, como: ter sucesso profissional, comprar um apartamento, montar todo os móveis, administrar a própria vida. Afirmou, no entanto, se sentir desapontada com a freqüente sensação de solidão. E, no entanto, seus dias pareciam repletos de movimento e de pessoas. Durante a semana, não lhe sobrava tempo, pois costumava sair de casa no começo da manhã, e não voltava antes das oito da noite. Aos finais de semana, organizava a casa, a agenda, saía com as amigas para ir ao cinema ou a jantares (sua programação favorita). Raramente ficava só.

Quando foi indagada acerca das situações em que se sentia acometida pela solidão, Anna mencionou os eventos familiares. A afirmação: *sou a única célibataire da família* foi repetida três vezes. Atentando para este fato, indagamos se ela sentia algum tipo de pressão para que deixasse a condição de “célibataire”, ao que ela replicou:

Não, eu não sinto nenhuma pressão, não diretamente.

Como assim?

Por exemplo, no começo, eles pensavam que eu era lésbica. Depois, viram que não era o caso, mas sei que eles se preocupam. Eu mesma sinto muito medo de ficar só. Antes, acreditava que encontraria uma pessoa, naturalmente. Hoje, não tenho mais certeza de que isso vai acontecer. Descobri que minha vida amorosa se resume a ciclos de encantamento, investimento e decepção. Meus tios estão juntos há mais de trinta anos. Não existem casos de divórcios na minha família. Sou a única célibataire.

Os sujeitos contemporâneos se percebem vivendo desvinculados uns dos outros. Por isso, as escolhas que fazem e a forma como conduzem suas vidas tendem a ser justificadas como se dissessem respeito apenas àquele que as toma. No entanto, a liberdade subjetiva é definida de acordo com modelos que pretendem democratizar a realização pessoal. Tais modelos exercem sobre os sujeitos uma coerção sutil, haja vista que nada, teoricamente, os obriga a segui-los.

Segundo Cancian (1987), as relações atuais se transformaram, com a passagem dos papéis sexuais polarizados para uma flexibilidade cada vez mais nítida dos comportamentos de homens e mulheres. Embora flexíveis, os

comportamentos não deixam de se submeter a alguma orientação, ainda que sutil e imprecisa.

Para Anna, os encontros familiares tornavam explícito o modelo da felicidade alcançada somente pela vida a dois. Kaufmann (1999), considera que a erosão das referências estáveis não protege as subjetividades contemporâneas da presença daquilo que resolveu chamar de “dedos ameaçadores”. Para o autor, eles não representam uma ameaça declarada, mas, fundamentalmente, sentida pelos sujeitos que, ao comparar suas vidas com um modelo idealizado, constataam a existência de um desacerto ou de um descompasso.

Enquanto o descompasso na vida de Anna se personificou na imagem de todos os seus parentes casados, para Luise, ele se exibiu por outras vias.

Eu ainda tenho muitas amigas ingênuas, que não sabem como as coisas funcionam hoje. Por exemplo, sobre essas histórias de uma noite, sei que as pessoas não são honestas. Elas são hipócritas, preferem não assumir, preferem dizer que não fazem. Porque muita gente chama as ‘célibatares’ de mulheres fáceis. Já eu, eu prefiro assumir o risco e fazer o que sinto vontade.

Para Luise, apesar das mudanças, as mulheres que se comportam sexualmente *como homens* são julgadas de maneira negativa pelos outros.

Os outros, segundo Michelle, são os próprios homens, os quais *adoram uma mulher liberada, mas na hora de se envolver, querem a pura, a ingênua, a que jamais agiria como eles*. Na concepção de Clara, *uma mulher não deve sair por aí falando que faz sexo sem compromisso, porque ela vai se prejudicar*.

Estas concepções apontam para o equívoco da crença de que a contemporaneidade se caracteriza por uma liberação irrestrita da sexualidade. Segundo Michel Bozon (in: HEILBORN, 2004: 128), o enfraquecimento das referências tradicionais foi seguido por uma normatividade, definida de acordo com o gênero e a idade. Nas palavras do autor: *assim, uma moça cuja vida sexual naquele momento compreenda experiências múltiplas e breves é fortemente sancionada através de sua reputação*.

Nesse sentido, o prejuízo daquela que assume o papel do indivíduo autônomo e desengajado se manifesta pela comparação e pelo julgamento das pessoas próximas.

Quando ficamos mais velhas, torna-se mais difícil. As pessoas desconfiam das mulheres sozinhas. Porque estou sozinha, não me convidam mais da mesma maneira. As pessoas olham. E os homens se sentem atraídos pelas mulheres sozinhas, pela liberdade delas. Mas eles pensam também: o que é que ela tem para ser sozinha? Será que ela tem algum problema? Veja você que eu digo isso porque escuto dos meus amigos homens (Marie).

Segundo Bozon, quando examinados os traços que apontam para o surgimento de uma nova normatividade contemporânea das condutas sexuais constata-se que os indivíduos continuam sendo submetidos a julgamentos sociais estritos, os quais diferem de acordo com a idade e o gênero (in: HEILBORN, 2004: 120).

No discurso anteriormente referido, o olhar dos outros suscita constrangimentos. Um olhar que perscruta, avalia e classifica. Sob tais olhares, uma mulher sem homem pode se converter numa ameaça social. É interessante lembrar que a imagem da mulher sozinha - cheia de problemas e pouco confiável - tem origem em discursos muito antigos, como os que marcaram a medicina e a pedagogia do século XIX.

Os dedos ameaçadores e os olhares dos outros não precisam, no entanto, se apresentar literalmente. Isto porque a ética terapêutica incide sobre os sujeitos através da incorporação de modelos e de regras de conduta. Este processo, muitas vezes inconsciente, elege padrões, engendra atitudes, sintetizando-os através de imagens.

Folheando revistas, assistindo a filmes e lendo, os sujeitos buscam aprender a relacionar liberdade e individualismo. Aprendem também a avaliar se estão conseguindo, ou não, fazer um bom uso desses conceitos em suas vidas. Estes, quando bem utilizados, devem vir acompanhados de um aumento do bem-estar pessoal, de uma intensificação da felicidade. Dificilmente definida em palavras, a felicidade adquire substância: torna-se plausível, quando traduzida em imagens. Seja nas figuras que representam o corpo magro e jovem - alvo de admiração - seja naquelas que associam objetos, autonomia e prazer, o individualismo contemporâneo desdobra-se e define-se por um desfile aparentemente infatigável: pelo espetáculo das imagens (DEBORD, 1997).

Em se tratando de imagens, aquela da “mulher fácil” é confrontada por uma outra: da mulher “senhora de si e da própria vida”. A partir desta imagem se define Michelle:

Faz muito tempo que eu não sou deixada por ninguém. Isso se tornou uma questão obsessiva: se encontro alguém que tem o ar de quem não me ama, ou de que não vai me amar, eu o deixo. Ainda que o ame. Estou sozinha porque não encontro ninguém que me satisfaça. Realmente, para mim, o amor não se explica pela frase: “antes só, do que mal acompanhada”. De fato, é isso. É por isso que eu deixo facilmente meus amantes, porque não tenho nenhum medo de ficar sozinha! Pois quando estou, eu me sinto melhor do que numa relação que não me convém.

A figura da mulher autônoma, que recusa o modelo tradicional das relações amorosas e opta por investir em si mesma, obteve destaque nos discursos analisados. No caso, mais entre francesas do que entre brasileiras. Observamos que a exaltação da individualidade esteve geralmente vinculada a um posicionamento crítico sobre o amor.

Para começar, eu te digo que não tenho uma vida amorosa e, por isso, não posso falar dela. Acredito que não nos apaixonamos apenas uma vez, mas que vivemos diversas histórias. Então, posso te falar das minhas histórias, aventuras, encontros. Para mim, nenhuma delas se destacou como um amor. Não mesmo. Posso dizer que vivi histórias que me marcaram mais do que as outras. Sempre foram encantamentos, que vieram e depois acabaram. Foram encontros: encontro alguém, fico por uns meses, depois canso. Sou sempre eu quem toma a decisão de partir (Luise).

Examinando os discursos das francesas percebemos uma tendência comum: a de enfatizar a responsabilidade sobre a própria existência. Desse modo, os acontecimentos da vida pessoal e profissional foram considerados como sendo o resultado das opções e das atitudes tomadas pelas entrevistadas. No que se refere aos relacionamentos amorosos, esta postura engendrou um modo peculiar de administrar a imprecisão.

Diante da impossibilidade de prever o desenrolar de um encontro e da indisposição de se colocar à mercê da vontade do outro, algumas mulheres optaram por assumir uma posição de controle, mesmo que, para tanto, precisassem terminar a relação. A partir dessa lógica, compreendemos a afirmação feita por Michelle: *faz muito tempo que eu não sou deixada por ninguém. Isso se tornou uma questão*

obsessiva: se encontro alguém que tem o ar de quem não me ama, ou de que não vai me amar, eu o deixo.

A frase: “sou eu quem toma a decisão de partir” foi recorrente nos discursos das francesas. Algumas, como Luise, atribuíram a decisão da partida ao cansaço, à crença de que - caso permanecessem - acabariam limitadas pelos papéis de esposa e mãe. Outras, por sua vez, pareceram não admitir um relacionamento que questionasse seu poder de decisão.

Anna disse estar decepcionada com os homens, *porque um homem pode dizer qualquer coisa e, depois, fazer outra*. Ressaltou que em seus encontros com os homens procura investigar de antemão quais são as possibilidades para o desenvolvimento de uma relação amorosa. Em suas palavras:

Acho que sou muito direta. Quer dizer: eu desconfio dos homens, mas, às vezes, me comporto como um. Sou muito direta. Então, quando encontro alguém, vou logo perguntando o que vai dar. Faço isso logo na primeira saída (Anna).

O desejo de controlar a dinâmica de um encontro pode corresponder a um ato de preservação da autonomia e da segurança subjetivas. No entanto, ele também denuncia uma recusa diante de qualquer possibilidade de dependência (no extremo, o sujeito se nega até a depender do acaso).

Ao examinarmos alguns discursos que pretendem fazer dos sujeitos gestores competentes das próprias vidas (bastante comuns nas obras de auto-ajuda⁸⁶), percebemos que eles se inclinam a definir a dependência como uma espécie de fraqueza de caráter. Nesse contexto, cabe-nos ponderar em que medida a recusa ostensiva de todo assujeitamento não termina também impossibilitando o desenvolvimento de qualquer relação. De acordo com Norbert Elias:

Aquilo de que parecem sofrer os que carregam em si a imagem humana de um “eu” desprovido de “nós” é o conflito

⁸⁶ De acordo com Lipovetsky (2006), o individualismo contemporâneo leva às últimas conseqüências a ênfase na subjetividade. Como resultado disso, o indivíduo tende a se perceber como destituído de laços e de referências coletivas, vivendo como um problema pessoal questões decorrentes de realidades econômicas, históricas e sociais. Trata-se, segundo o autor, de um processo de « individualização do fracasso social ». Processo que suscita uma proliferação dos especialistas e de seus conselhos, os quais contribuem para consolidar um mercado específico: o das obras de auto-ajuda. Estas, repletas de exemplos a serem aplicados em face dos mais diversos problemas e impasses da vida, oferecem um roteiro prático, capaz de orientar as escolhas de indivíduos cada vez mais desapegados da comunidade e da tradição.

entre seu desejo de relações afetivas com outras pessoas e sua incapacidade de realizar esse desejo (1994: 165).

Consideramos que o contraponto do sujeito que radicaliza o desejo de independência, encontra-se naquele que examina e avalia seu grau de responsabilidade diante dos acontecimentos, evitando dessa maneira tomar o outro como a razão da felicidade, ou o motivo da decepção.

O equilíbrio entre o desejo de viver relações afetivas e o respeito pela individualidade não constitui, de modo algum, tarefa fácil. Para tanto, revela-se fundamental a sabedoria dos que conseguem dar e pedir, sem ser excessivos. Norbert Elias (1994) considera que os relacionamentos contemporâneos sucumbem devido ao excesso de expectativas emocionais dos parceiros. Contudo, atualmente, as expectativas tendem a crescer, pois são legitimadas pela crença de que a relação amorosa deve ser mais importante e mais completa que as demais.

O aprendizado da relação amorosa como um vínculo auto-suficiente e prioritário repercute diretamente no julgamento que os sujeitos fazem tanto sobre si mesmos quanto sobre seus laços afetivos. Nessa perspectiva, a falta de um amor pode ser interpretada como um problema pessoal:

Os relacionamentos acabam e a mulher fica com a carga do fim, buscando respostas. Por isso, eu quero ficar feliz do jeito que estou, sem projetar, sem esperar o futuro. Um dos maiores problemas da mulher é não se bastar (Karla).

A imagem da mulher que - por não se bastar - procura no amor a felicidade e a completude constitui o avesso daquela que acredita ser a felicidade amorosa uma conseqüência; provavelmente, uma recompensa conquistada pelos sujeitos quando estes se empenham no projeto de aperfeiçoar a si mesmos.

Hoje em dia, estou convencida de que vou amar, em breve, pois me dei conta de que não é possível viver sempre só. Antes, eu sofria de solidão, mas não estava, de forma alguma, pronta para permitir que uma pessoa entrasse na minha vida (Véronique).

Examinando, nos discursos, as relações estabelecidas entre os conceitos de amor e de autonomia, percebemos menos o equilíbrio, manifesto pela postura romântico-pragmática, do que um confronto diversas vezes declarado entre as

concepções voltadas para a união e aquelas orientadas pela exaltação da individualidade.

A postura que enfatiza a individualidade considera que os sujeitos são capazes de definir o lugar a ser ocupado pelo amor em suas vidas. Tal postura se manifestou nas mulheres que decidiram investir mais em si mesmas do que num relacionamento amoroso. Esteve presente também naquelas que resolveram se proteger dos possíveis “danos” trazidos por uma relação amorosa, tais como: o aprisionamento no modelo tradicional ou um engajamento não correspondido, tomando atitudes no sentido de evitar a dependência afetiva e o abandono.

A radicalização desta postura pode desembocar numa necessidade exacerbada de controle. Assim, encontramos em alguns discursos uma indisposição a abdicar - ainda que minimamente - da própria liberdade, em favor do outro. Dentre aquelas que insistiram na necessidade de defender e de preservar o espaço pessoal, algumas afirmaram ter optado por não investir nos relacionamentos amorosos. Outras, porém, enfatizaram o desejo de viver um relacionamento, desde que não precisassem abrir mão da própria autonomia:

Prefiro viver encontros que vão acabar a ficar com um homem por muito tempo, perdendo a liberdade de fazer as coisas que quero, e a chance de viver da maneira que mais me agrada (Luise).

Quero encontrar alguém e viver uma história de amor. Desejo muito que isso me aconteça. Mas não quero ter que abdicar do modo como vivo, de tudo que faço, dos meus amigos, do meu trabalho, do meu lazer para ficar com essa pessoa (Anna).

Um outro desdobramento da lógica centrada no sujeito consiste em vincular o êxito amoroso ao desenvolvimento pessoal. Assim, o pressuposto do amor como um acontecimento universal e imprescindível ganha destaque.

Segundo Myrian Spielvogel (1999), a ética terapêutica parte deste pressuposto: toma o amor como uma experiência necessária e positiva, e defende a possibilidade de ensinar os indivíduos a amar corretamente. Para tanto, desenvolve práticas voltadas, inicialmente, para o exame dos próprios pensamentos e condutas. Com isso, o sujeito poderá detectar o que precisa mudar em si mesmo. Em seguida, enumera as atitudes mais adequadas à implementação da mudança. Concluído o

processo, estariam criadas as condições favoráveis ao encontro amoroso e ao bom andamento da relação.

Nas livrarias, a proliferação de títulos que prometem ajudar os sujeitos a amar melhor - principalmente, a serem mais amados - aplicando em suas vidas os sábios conselhos dos especialistas, contribui para disseminar a crença de que fracassam no amor aqueles que não se preocuparam suficientemente em cuidar de si mesmos.

Embora a postura que enfatiza a união também considere o amor o acontecimento primordial da existência, ela insiste que o sentimento amoroso nunca se submete completamente à vontade dos sujeitos. Desse modo, o amor é definido como um evento que escapa e excede o território da decisão pessoal. Assim, o êxito ou o fracasso amoroso não são atribuídos apenas ao sujeito, uma vez que dependem de um acordo - cada vez mais complicado - com a alteridade.

Eu quero viver um outro amor, mas isso não depende de mim. Encontrar alguém tem mais a ver com sorte, ou com destino, não sei. De qualquer modo, tenho pedido que isso me aconteça, mesmo que não seja agora (Paula).

A radicalização desta postura ocorre quando o sujeito passa a atribuir à outra pessoa a responsabilidade pela construção da própria carreira amorosa. Como exemplo disso, algumas entrevistadas imputaram aos homens a culpa pela fragilidade dos relacionamentos contemporâneos: seja porque estes só desejavam se divertir (sem se engajar), seja porque não conseguiam evitar a traição. De acordo com essa lógica, o principal motivo de corrosão das relações amorosas - bem como de desacerto entre os parceiros - é, inquestionavelmente, o outro: sintetizado pelo gênero masculino.

Observamos, nos discursos analisados, a existência de uma inclinação, ora em favor de uma postura mais individualista, ora em favor de argumentos mais holísticos. Para as francesas, manifestaram-se mais fortemente as tendências voltadas para a valorização da autonomia individual. Já entre as brasileiras, foi visível o impasse entre a valorização da autonomia individual e ênfase na dependência afetiva.

Consideramos importante destacar que recorreremos ao termo “impasse” menos para sugerir que algumas brasileiras deram mais importância à

individualidade enquanto outras enfatizaram a união, do que para afirmar que encontramos, com frequência, as duas posturas convivendo num mesmo discurso:

Acho que ter alguém é uma necessidade humana. Todo mundo fica mais feliz e melhora quando está amando. Então, a gente se pergunta, se não encontra alguém, qual é o problema? Será que não sou bonita o suficiente, ou será porque os homens não querem mais nada sério? (Karla)

Acho muito chato você levantar todo dia e olhar para a mesma pessoa, é muito ruim! E ainda ter de sorrir! Tem horas que eu quero me trancar, sabe? Mas não posso, porque o apartamento é dele também! (Karla)

A ambigüidade, nesse caso, foi mais nítida nos discursos das brasileiras do que nos discursos das francesas. Provavelmente porque as tendências holísticas no Brasil não conseguem ser suplantadas pelas individualizantes. Supomos, assim, que numa metrópole do porte de Paris o individualismo se manifesta de uma maneira mais intensa do que as tendências holísticas.

Além disso, observamos que as parisienses tendem a não atrelar o valor pessoal feminino à existência de uma relação amorosa. Consideramos que a difusão dos discursos feministas contribuiu para democratizar a idéia de que o valor de uma mulher depende da autonomia por ela conquistada. Nesse sentido, ter ou não uma relação amorosa pode ser visto como o resultado, não de um destino, mas de uma escolha pessoal.

Eu acredito que viver só seja uma escolha. Existem muitas razões para o celibato. Uma delas é o fato de vivermos numa sociedade que nos dá a oportunidade de escolher. Outra razão é o estilo de vida das pessoas que se acostumam a morar sozinhas. Elas, no geral, não acreditam que podem ficar com alguém e preservar a própria liberdade (Véronique).

As escolhas subjetivas refletem valores e crenças, os quais apontam para determinadas exigências. Quando exigimos algo de nós mesmos, ou dos outros, assim o fazemos porque acreditamos na importância daquilo que exigimos. No entanto, os comportamentos e as situações só podem ser classificados como importantes ou desnecessários, quando comparados a determinados modelos. Diante disso, torna-se fundamental abordar mais detalhadamente os modelos de amor e de feminilidade para os quais convergiram os discursos das entrevistadas.

6. O AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

6.1. Gêneros femininos

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (BUTLER, 2003: 20).

O objetivo de - partindo dos discursos das entrevistadas - delimitar alguns traços característicos de um conceito contemporâneo de feminilidade leva-nos a examinar a peculiaridade das relações entre sexo e gênero.

De acordo Sônia Dayan (1991), o estudo da sexualidade pelas ciências sociais requer três domínios distintos, embora indissolivelmente ligados: as representações, as instituições e as mentalidades. Segundo a autora, a proibição do incesto, o casamento, as estruturas de parentesco e a família constituem as coordenadas a partir das quais sociólogos e antropólogos traçam os mapas institucionais da sexualidade. Quando não atentam para os processos de construção das representações e das mentalidades, esses mapas passam a se apoiar na ilusão de evidência concedida pelos corpos.

Tal ilusão encontra seu fundamento em trajetórias discursivas definidas, o que permitem naturalizar as diferenças culturais entre os sexos. Para ilustrar o caráter ilusório da evidência biológica, é sabido que até o século XVIII o pensamento ocidental postulava a existência de um único sexo: o masculino; sendo a mulher definida como uma espécie de “homem invertido”, imperfeito (VALE, 2005).

A categoria gênero possibilita uma abordagem da sexualidade como um domínio irreduzível ao biológico. Desse modo, pode ser efetivada uma distinção entre sexos e gêneros. Para tornar possível tal distinção foram imprescindíveis os trabalhos antropológicos, tais como aqueles realizados por Malinowski e Margareth Mead.

De acordo com Malinowski (2000 [1929]), definir a sexualidade como um evento meramente fisiológico serve apenas para empobrecer e invalidar os conhecimentos acerca da singularidade dos grupos sociais, uma vez que a dimensão sexual domina quase todos os aspectos da cultura:

Pas plus que pour nous, lá sexualité n'est, pour l'habitant primitif des îles du Pacifique, une simple affaire physiologique: elle implique l'amour et les démarches amoureuses; elle devient le noyau d'institutions aussi

vénérables que le mariage ou là famille ; elle inspire l'art et constitue là source de ses incantations et magie. Elle domine, en fait presque tous les aspects de la culture (op. cit :11).⁸⁷

Para Malinowski (ibid: 31), a atração sexual e os episódios sentimentais a ela vinculados - que constituem para os indivíduos tanto a suprema felicidade quanto a fonte dos mais graves tormentos - devem compor a base para o estudo científico das sociedades.

Partindo de uma perspectiva culturalista, Margaret Mead (2003 [1931]) - tal como o fizera Malinowski – relaciona o desenvolvimento sexual dos indivíduos aos processos de aprendizado social. Ao investigar os modos a partir dos quais os papéis dos homens e das mulheres são condicionados e obedecem a uma tipificação cultural, a autora afirma que as diferenças de gênero não se desenvolvem segundo invariáveis contidas nos corpos, mas através da educação:

Na divisão do trabalho, no vestuário, nas maneiras, na atividade social e religiosa – às vezes em alguns destes aspectos, outras vezes em todos eles – homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído (op. cit: 24-25).

Segundo Margaret Mead (ibid: 27), a crença de que os temperamentos de homens e mulheres divergem - devido a uma essência masculina ou feminina inscrita em seus corpos - pode ser invalidada quando a antropologia, voltando-se para o estudo de outras culturas, depara-se com a possibilidade de aproximar ou mesmo de inverter esses temperamentos, a partir de estratégias educativas socialmente distintas.

Embora os trabalhos de Mead tenham sido alvo de críticas - as quais insistiram no caráter apressado e simplista de algumas de suas conclusões - eles assumiram um papel central: orientando a produção de análises voltadas para as relações sociais entre os sexos e ajudando a criar uma perspectiva comum para os discursos feministas desenvolvidos na década de sessenta (VALE, 2005: 63).

⁸⁷ De acordo com a tradução brasileira: a sexualidade implica em amor e arranjos amorosos, constitui o espaço de instituições veneráveis como o casamento e a família, ela inspira e é fonte de encarnações e magias.

Quando o campo dos “gender studies” se consolida, no início da década de oitenta, a categoria gênero se expande pelas ciências humanas, designando uma construção social que se opõe a uma apreensão biológica das diferenças entre os sexos. Nas palavras de Vale:

A problemática do gênero propõe dar conta da divisão dos sexos, da produção e da reprodução dos sujeitos na política sexual. A identidade de um indivíduo é uma construção que resulta de uma atividade incessante de diferenciação. Entretanto, a identidade de uma pessoa se faz e se transforma segundo a situação e o contexto no qual ele ou ela se encontra. Identidades se territorializam, se teatralizam. A identidade sexuada de um indivíduo lhe é designada no nascimento, em função do sexo biológico. Mas, como já foi ressaltado, a concepção de uma identidade binária ou “bimórfica” – onde cada qual deve se acomodar do lado dos homens ou das mulheres – segundo o sexo biológico – foi, especialmente nos últimos anos, fortemente colocada em questão, uma vez que a identidade sexual de um indivíduo pode mudar no curso de sua vida (op.cit: 64).

Na década de noventa, os estudos de gênero foram redimensionados pelo surgimento da “Queer Theory”, a qual pretende des-ontologizar o sujeito do feminismo. Tendo como referência os trabalhos Michel Foucault, Derrida e Deleuze, os representantes dessa teoria (dentre eles: Judith Butler, Marie-Helene Bourcier e Beatriz Preciado), propõem a desconstrução do conceito de feminilidade utilizado habitualmente pelos movimentos feministas (Ibid: 69-70).

O termo pós-feminismo, empregado por alguns historiadores para designar o feminismo “queer”, coloca-nos diante de algumas das principais transformações sofridas pela política dos gêneros na contemporaneidade:

(...) particularmente na conquista da autonomia política e simbólica – o afirmar “nós, as mulheres” – o feminismo, ou antes, os feminismos dos anos sessenta e setenta desempenharam um papel essencial, impondo a feminilidade como categoria fundamental da identificação política e organizando-se como espaço autônomo, onde podiam operar-se a sua desconstrução e a sua reconstrução (...). No aparente declínio do feminismo – há quem fale de pós-feminismo – há tanto de transformação como de desaparecimento, e a história continua, recomposição incessante, simultaneamente imprevisível e totalmente contida no passado (THEBAUD, In: DUBY; PERROT, 1991: 19-20).

Butler (2004) afirma que o termo “queer” significa “estranho”, tendo sido empregado para categorizar negativamente todos que se desviavam da norma

heterossexual. A postura “queer” foi desenvolvida, então, com o objetivo de questionar o modelo normativo da heterossexualidade. Recusando a possibilidade de reunir as mulheres num conjunto – orientado por uma concepção essencialista da feminilidade - a teoria “queer” considera que os gêneros constituem performances: fabricações de estilos que não apenas excedem a realidade corporal, como contribuem para significá-la das mais diferentes maneiras.

Quanto à relação corpo e gênero, é preciso considerar que esta não se desenvolve tendo, de um lado, a natureza e do outro, a cultura. Segundo Butler, o corpo só constitui um domínio pré-discursivo como efeito de uma construção cultural dos gêneros efetivada pela perspectiva heterossexual:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de um significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é um meio discursivo / cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como pré-discursivo anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (2003: 25).

Considerar o gênero uma performance é pensar que os gêneros produzem os corpos, e que não existe nenhuma correspondência direta entre as mulheres e a feminilidade, assim como não existe entre os homens e o masculino. Para Butler (2003), a separação dos sexos e dos gêneros sugere uma descontinuidade radical entre os corpos sexuados e os gêneros culturalmente definidos. De acordo com a autora, isto permite realizar um exame crítico das conseqüências da hegemonia da norma heterossexual. Uma das mais visíveis consiste em classificar como moralmente correta uma única forma de relação entre sexos e gêneros, colocando as demais no território do desvio, do erro. Essa única forma de relação instituída como norma é sintetizada pela fabricação de uma coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

A coerência existente entre um corpo de mulher, investido de feminilidade, habitado por um desejo sexual direcionado exclusivamente para o corpo masculino e susceptível de se posicionar - no campo das relações amorosas - de uma maneira

determinada (comum às mulheres) é uma invenção, contestada por Simone de Beauvoir (1960 [1949]), quando afirma que: *on ne nait pas femme, on le devient*.

Analisando os discursos das entrevistadas, procuramos as marcas dessa invenção, assim como as fissuras e as discontinuidades que apontam para o surgimento de outras performances, desestabilizando e recompondo os roteiros de sexos e gêneros.

Para definir a feminilidade, boa parte das entrevistadas mencionou a existência de um modo peculiar de lidar com o sentimento amoroso. A idéia de que, apesar das mudanças, as mulheres continuam “amando o amor” serviu de eixo para demarcar as discontinuidades entre homens e mulheres:

As mulheres têm mais essa coisa assim romântica de... sabe? De ser para sempre. E acho que os homens têm menos isso, sabe? Os homens são mais irresponsáveis com essa coisa de... Basta pensar assim: quantas mulheres eu conheço que traem os maridos? Não me lembro. Das minhas amigas, nenhuma trai. Quantos homens eu conheço que traem as mulheres? Oitenta por cento! (Clara).

No discurso acima, percebemos a existência de uma idealização das mulheres, ancorada numa concepção romântica da feminilidade. De acordo com tal concepção, as mulheres, por serem femininas, estariam mais preparadas para o cuidado e para o devotamento. Nesse sentido, a traição seria incompatível com a feminilidade, sendo, ao mesmo tempo, considerada um traço do caráter masculino.

A reflexão sobre os modos de agir e de sentir que, nos dias de hoje, podem ser classificados como especificamente femininos atravessou os discursos das entrevistadas. Enquanto algumas afirmaram que a feminilidade é construída a partir de características supostamente comuns às mulheres, outras fizeram do feminino uma resposta dada pelas mulheres às exigências feitas pelos homens.

Esse meu ex-namorado, ele vai se casar com uma menina. Tudo bem que ela já foi namorada dele antes de mim. Mas ele abriu a boca para dizer que vai casar com ela, primeiro porque ela é inferior a ele, em termos de conhecimento, de dinheiro. Porque esse é um grande problema masculino. Segundo, porque ela o aceita do jeito que ele é, aceita o que ele faz (...) Os homens querem uma “Amélia”. Olha, um dia eu estava conversando com um cara lá de Brasília. Ele trabalha no Ministério dos transportes. Como é mesmo que ele dizia? Ele dizia assim: “os homens tem medo das mulheres que tem o mesmo nível deles. Ah, tem PHD? Tem

MBA? Preferia que não tivesse, que fosse só uma mulher formada” (Karla).

No discurso de Karla, as preferências dos homens são responsáveis pela manutenção do modelo tradicional de feminilidade, aqui representado pela figura da “Amélia”. Quando ouvimos a canção: “Ai, que saudades da Amélia”⁸⁸ - composta por Mário Lago e Ataulfo Alves - encontramos um homem insatisfeito com o comportamento da nova companheira e, por isso, sentindo saudades da Amélia: aquela que tudo suportava, resignadamente. A imagem da boa companheira, da Amélia, contrasta com a imagem da mulher independente, que alcançou o sucesso profissional.

O pressuposto de que uma mulher autônoma não consegue ser suficientemente feminina faz parte de um imaginário social capaz de ameaçar aquelas que investem na vida profissional com o fantasma do fracasso amoroso:

(...) l'amour, en tant qu'argumente vague, est utilisé pour empêcher de façon « imaginaire », c'est-à-dire en jouant au niveau des images, les femmes de rechercher leur propre indépendance économique. C'est la fameux mythe développé dans la plupart des romans-photos, de la secrétaire épousant son patron, de l'infirmière épousant le médecin (...) De façon inverse et réciproque, cette mythologie largement diffusée à travers les media, présente l'indépendance économique, la réalisation professionnelle comme antithétiques de l'amour. Les femmes qui se réalisent personnellement sont donc présentées comme vouées à la solitude affective (...) L'imaginaire amoureux dominant insiste donc sur l'incompatibilité pour les femmes entre la réalisation professionnelle, et la possibilité de donner de l'amour et d'en recevoir (DAYAN-HERZBRUNN, 1984 : 154-155).⁸⁹

⁸⁸ Nunca vi fazer tanta exigência / nem fazer o que você me faz. / Você não sabe o que é consciência. / Nem vê que eu sou um pobre rapaz. / Você só pensa em luxo e riqueza. / Tudo o que você vê você quer. / Ai, meu Deus, que saudade da Amélia / aquilo sim é que era mulher. / Às vezes passava fome ao meu lado / e achava bonito não ter o que comer / E quando me via contrariado / dizia: “meu filho o que se há de fazer!” / Amélia não tinha a menor vaidade. / Amélia é que era mulher de verdade.

⁸⁹ O amor, enquanto argumento vago, é utilizado para impedir de forma “imaginária”, quer dizer, jogando no nível das imagens, as mulheres de buscar sua própria independência econômica. Trata-se do famoso mito desenvolvido por boa parte dos “romans-photos”, da secretária casando com o patrão, da enfermeira, com o médico (...) De maneira inversa e recíproca, essa mitologia largamente difundida pelas mídias apresenta a independência econômica, a realização profissional como antitéticas do amor. As mulheres que se realizam pessoalmente são, então, representadas como estando destinadas à solidão afetiva (...) O imaginário amoroso dominante insiste, então, na incompatibilidade, para as mulheres, entre realização profissional e possibilidade de dar e receber amor.

A presença de traços do imaginário amoroso dominante - sugerindo a existência de uma incompatibilidade, para as mulheres, entre realização profissional e felicidade amorosa - ajuda a disseminar a crença de que uma mulher se faz potencialmente mais amável pelos homens quando demonstra, de algum modo, depender deles:

Uma vez, eu fui ao cinema com esse rapaz com quem estou ficando. Fomos eu, ele e uma colega. Eu não sabia o que a criatura estava fazendo ali com a gente. Isso porque ela tinha conhecimento do nosso caso. Mas você veja: tem gente que não tem noção mesmo! Então, o filme terminou. Todo mundo estava mais ou menos perto de casa, de modo que dava para voltar a pé. Na volta, ele me perguntou se eu via algum problema em voltar sozinha para casa, porque ele queria acompanhar a garota até a casa dela. Eu disse que não, mas fiquei tão chateada com isso! Parece que ele quer testar se eu vou precisar dele. Mas eu não faço o tipo “princesinha” para ser cuidada. Quando vi os dois indo embora juntos, percebi que a garota fazia muito mais o tipo de alguém que precisa ser acompanhada na volta para casa por um homem do que eu” (Érica).

A mulher do tipo “princesinha” suscita o cuidado e a atenção dos homens, porque aparenta precisar deles. De acordo com algumas entrevistadas, os homens tendem a reagir mal à independência feminina, porque esta abala o papel masculino do provedor. A suposta indisposição dos homens diante de uma mulher autônoma corrobora com uma visão estereotipada das relações de gênero. Nesses casos, a carência de outros modelos passíveis de abranger a pluralidade de estilos femininos, masculinos e amorosos suscita o reforço de visões tradicionais da masculinidade e da feminilidade:

A matéria assinala que a crise de identidade que os homens atravessam foi, em grande parte, provocada pela mudança no papel das mulheres, com quem eles passaram a competir em várias instâncias.

Já não ouvimos essa história antes, apenas com os papéis invertidos? É interessante pensar nesse tipo de matéria, e também em muitos discursos femininos que repetem, exaustivamente, que “o homem tem medo de mulher independente”, “o homem se sente ameaçado com as conquistas femininas”, “o homem está inseguro e frágil porque perdeu sua identidade”. Esse discurso consolida a idéia de que a mulher independente representa um perigo para o homem e é determinante na crise que ele (e a família) atravessa. A mulher, em vez de ser vista como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, empregos, regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida. É a “guerra dos sexos às avessas”. Durante décadas o discurso feminista bradava que as mulheres eram

escravas do poder masculino. Agora é o momento da revanche: "As culpadas são as mulheres". (GOLDENBERG, 2000:28).

O estabelecimento de uma correlação entre autonomia feminina e desencontros amorosos se deu prioritariamente nos discursos das brasileiras. Estas organizaram suas considerações acerca da feminilidade, demarcando a existência de diferenças e descompassos em relação às expectativas e aos comportamentos masculinos. Além disso, manifestaram uma tendência maior a atribuir a culpa pelos desapontamentos amorosos à postura excessivamente autônoma exibida por algumas mulheres.

Os discursos das francesas estiveram mais inclinados para a constatação de que homens e mulheres, atualmente, estão cada vez mais próximos e indiferenciados (BADINTER, 1986). Algumas francesas contestaram os comportamentos culturalmente definidos como sendo próprios às mulheres, não aos homens:

Eu tenho muitos amigos homens e eles também se preocupam e sofrem com as questões amorosas. Eles dizem que procuram encontrar uma mulher interessante, que queira viver um relacionamento sério. Eles querem isso, mas só encontram mulheres mentirosas! Elas são iguais aos homens: traem, não querem compromisso e ainda deixam o parceiro acreditar no contrário. Meus amigos também estão decepcionados com o amor (Véronique).

Mesmo insistindo na aproximação entre os gêneros, os discursos das francesas não deixaram de recorrer ao modelo tradicional de feminilidade. Nessas situações, foi interessante perceber como o modelo tradicional do feminino se enredou à heterogeneidade e à diversificação das feminilidades contemporâneas:

Meu último namorado se sentia atraído por mulheres masculinas. Eu me considero assim: uma mulher masculina. O que eu tenho de feminina é o fato de ser sensível. Mas eu sou masculina: não penso em ter filhos (não agora), não quero me casar! Eu não aceito ser enganada por um homem! Hoje em dia, começo a gostar mais de ser feminina: de colocar um vestido, de me maquiar. Antes, colocava um jeans, e pronto! Hoje gosto mais de ser uma "femme classique". Ao mesmo tempo, sou muito direta e bastante seca. Por isso, algumas pessoas tendem a não gostar de mim, logo no primeiro encontro (Julie).

No discurso referido, convivem diferentes dimensões da feminilidade. A entrevistada, que se define como feminina por se considerar sensível, também se vê como masculina, por suas atitudes e comportamentos. Assim, enquanto a noção de sensibilidade (presente no modelo tradicional de feminilidade) é afirmada, o principal destino feminino (definido pelo mesmo modelo) é colocado em questão, quando Julie declara a falta de interesse pelo casamento e pela maternidade. Simultaneamente, é reforçada uma concepção da feminilidade enquanto performance: um estilo representado pela imagem da “femme classique”.

A relação entre feminilidade e uma apropriação subjetiva mediada pelo aperfeiçoamento estético foi bastante explorada pelas entrevistadas. Em alguns discursos, com o enfraquecimento das diferenças entre homens e mulheres, a atenção concedida à própria aparência despontou como a principal característica da feminilidade.

Eu preciso me esforçar para prestar mais atenção a mim mesma. Quer dizer: para cuidar mais da minha aparência. Existem coisas que eu considero bem mais importantes: como ter um bom trabalho e um bom apartamento, por exemplo. Eu não me considero muito feminina, e isso me faz falta. A coisa de me vestir, de me maquiar. Em se tratando de assuntos femininos, não sei bem por onde começar. Mas acho importante atentar para isso. Quando estou com alguém eu reparo mais. Por exemplo, eu raspo as pernas todos os dias. (Anna).

Embora os discursos das brasileiras tenham convergido no sentido de enfatizar aspectos da “personalidade” feminina romântica (interesse pelo amor, desejo de viver uma relação amorosa, vocação para a maternidade, necessidade de formar uma família), encontramos neles algumas fissuras. Nestas se desenharam os contornos de outros enredos para a feminilidade:

Eu acho que a mulher tem que ser muito feminina. Ela pode trocar pneu, ela pode fazer a feira, ela pode pegar peso. Eu faço tudo isso e não deixo de ser feminina. Mas eu acho que tem muito a ver com as atitudes, com as palavras. Tentar não ser grosseira. Mas eu acho que a atitude feminina, hoje em dia, não tem mais tanto a ver com ser mulherzinha. Não é por ser arrumadinha, por ser toda bonequinha. Porque eu sou arrumadinha: unha feita, não sei quê, mas não sou feminina. Porque, se quiser, eu troco pneu, eu prego quadro, eu troco lâmpada, eu trabalho, eu me viro bem sozinha. Em outros tempos, isso não era nada feminino, não é? Então para mim, o feminino é mais ser uma pessoa agradável, delicada (Paula).

Nos discursos da medicina e nos folhetins do século XIX, a feminilidade se definia pela delicadeza. As mulheres eram tidas, então, como seres essencialmente delicados: por seus gestos, pela intensidade dos seus sentimentos, pelos corpos que requeriam constante cuidado. No discurso acima, a delicadeza assume uma outra face, demarcando uma separação entre feminilidade e fragilidade. Ser frágil equivale aqui a ser “mulherzinha”: o exato avesso daquela que consegue dar conta da própria vida, enfrentando os problemas cotidianos sem demandar o auxílio masculino. Nesse sentido, o conceito de feminilidade não delimita uma divisão precisa dos territórios a serem ocupados por homens e mulheres, sugerindo que uma mulher é capaz de fazer as mesmas coisas e de assumir os mesmos papéis de um homem.

Diante da indiferenciação dos comportamentos, a feminilidade pode se manifestar de modo sutil: num refinamento das maneiras, numa atenção aos detalhes. Quando a feminilidade é concebida como performance, a invenção de outros estilos possíveis permite desestabilizar a idéia de que o feminino seja uma paisagem habitada, naturalmente, pelas mulheres.

6.2. Filhos? Melhor tê-los.

Em relação aos filhos, assim como também ao divórcio, houve uma convergência nos discursos de brasileiras e francesas. No que concerne ao último, a postura comum foi a de enumerar os problemas que ele necessariamente acarreta para crianças e adolescentes. As filhas de pais divorciados foram ainda mais incisivas, enfatizando a repercussão negativa que o divórcio teve em suas vidas.

Segundo Bawin-Legros (2006), a geração nascida na década de setenta foi a primeira a sofrer as conseqüências do aumento do número de divórcios. Tal aumento, que veio acompanhado de um questionamento generalizado das referências e dos valores coletivos, fez com que os filhos de 68 se deparassem muito cedo com a incerteza e a desorientação. Para a autora, isto colaborou para que estas crianças - uma vez crescidas - nutrissem pontos de vista, em geral, mais conservadores do que os de seus pais, no que diz respeito à defesa do modelo da família nuclear.

Em nossas entrevistas, a regra foi tomar o divórcio como um acontecimento potencialmente danoso para os filhos. Assim, observamos a existência de um

paradoxo. Como mencionamos anteriormente, as entrevistadas abordaram o modelo de amor de seus pais, destacando o aspecto da duração. Todavia, nenhuma entrevistada afirmou acreditar atualmente na possibilidade de um amor permanecer por uma vida inteira. A idéia do amor eterno foi definida, ora como uma ilusão, ora como um projeto tornado impossível, por força do egoísmo exibido pelos indivíduos contemporâneos.

Desinvestidas dos sonhos de amor eterno, essas mulheres enfatizaram que desejam, ou desejarão, ter um filho. Contudo, para que isso aconteça, consideram ser absolutamente necessário um relacionamento sério e duradouro:

Eu sou de uma família muito religiosa. Para mim, o casal forma a criança. Por isso, não quero nem posso criar sozinha um filho. Preciso de um homem (Julie).

Mesmo aquelas entrevistadas que não declararam pertencer a uma família de orientação religiosa manifestaram pontos de vista semelhantes ao de Julie, condicionando o desejo de ter filhos à existência de uma relação amorosa, monogâmica e estável. Algumas enfatizaram que a opção pela maternidade não tinha sido feita por não terem encontrado *ainda* um parceiro com quem desejassem viver, definitivamente.

Observamos, nos discursos analisados, que as concepções inovadoras acerca das relações de gênero não repercutiram significativamente sobre as representações da futura família e da maternidade:

Eu adoraria casar e ter filhos. Não, casar não é importante. Adoraria ter filhos. Mas não quero, de jeito nenhum, ter um filho sem estar numa relação séria. Eu não quero ser uma mãe "célibataire" (Marie).

Uma provável explicação para a preponderância de concepções conservadoras acerca da família e da maternidade reside no fato de que, embora o modelo da família nuclear não constitua a norma dos arranjos familiares contemporâneos, ele permanece sendo definido como a estrutura mais apropriada: potencialmente capaz de reunir todas as condições necessárias à formação de crianças e adolescentes (SINGLY, 2007).

Ao mesmo tempo, a idéia de partilhar com um homem a tarefa de criar os filhos aponta também para uma recomposição das tarefas domésticas. Muitas foram

as entrevistadas que afirmaram desejar ter um filho dentro de uma relação estável, insistindo no fato de que o pai deve se ocupar, junto com a mãe, das crianças. Apesar da equiparação do trabalho doméstico entre homens e mulheres não constituir uma realidade na França nem tampouco no Brasil (BOSIO-VALICI; ZANCARINI, 2001 e BUARQUE DE HOLLANDA, 1994), os discursos das entrevistadas apontaram nesta direção; colocando em questão a crença de que as mulheres devem ser as principais responsáveis pelo cuidado e a educação dos filhos.

Enquanto apenas duas entrevistadas manifestaram concepções divergentes (uma francesa e uma brasileira), todas as outras se mostraram avessas à possibilidade de se tornarem “mães solteiras”. Os argumentos utilizados para justificar essa opinião oscilaram do acúmulo de responsabilidades - assumidas pela mulher, quando se ocupa sozinha dos filhos - à idéia de que uma criança precisa da figura paterna para se desenvolver de maneira saudável. Contrapondo-se a esses argumentos, duas entrevistadas desvincularam o desejo da maternidade da existência de um casal unido pelo sentimento amoroso.

Para Karla, a decisão de ser mãe solteira faz parte do projeto de um indivíduo que, considerando-se independente dos demais, pretende afirmar a própria autonomia em todas as dimensões de sua vida:

Eu agora tenho meu próprio escritório de arquitetura, tenho um trabalho legal. Se você me perguntar quais são meus planos, eu diria: primeiro, melhorar cada vez mais meu escritório, para ter condições de não pedir ajuda a ninguém; depois, ter meu filho. Mas cadê o pai? Cadê o marido? Ah, não sei se vou achar marido! Pai ele vai ter. Nesse caso, alguém tem de interceder! Mas se o pai vai criar, se vai morar comigo, isso é uma outra história. Isso não interessa, você está entendendo?

Já para Michelle, optar por ser mãe fora do contexto de uma relação amorosa decorre de uma confiança depositada noutros laços afetivos:

Prefiro fazer uma inseminação artificial a ter um filho com alguém que não me ame. Acho melhor que a criança viva com sua mãe e com o círculo de amigas dela, do que numa família de pais infelizes, ou aborrecidos. Eu não quero mais casar nem mesmo morar com um homem, mas quando digo que gosto e sei viver sozinha não me refiro à ausência de filhos. Para mim, são duas coisas completamente diferentes! Para a maioria das pessoas, acredito que ainda é

a mesma coisa: é preciso um papai, é preciso uma mamãe. Para mim, isso é tranquilo, pois conheço tantas crianças que cresceram numa família monoparental e são super normais! Conheço também filhos de homossexuais que são super normais também. Assim como os filhos criados pelos avós. Eu tenho muitos amigos próximos que foram criados desta maneira e que hoje trabalham, são pessoas felizes. Voila! Não existe nenhum mal em ser educado somente pelo pai ou somente pela mãe. Existem famílias em que os dois pais estão presentes, mas apesar disso...

O discurso de Michelle acerca da maternidade se estruturou de uma maneira diferente dos demais. Primeiro, por não vitimizar nem idealizar a mulher que decide ter um filho independente de uma relação amorosa. Segundo, por considerar que outras relações afetivas, sustentadas por arranjos conjugais distintos do modelo do casal monogâmico e heterossexual, podem ser tão favoráveis à educação de uma criança quanto supomos serem pai e mãe vivendo juntos.

Acreditamos que grande parte das entrevistadas utilizou a imagem do casal unido pelo sentimento amoroso como condição para a maternidade porque as transformações na família contemporânea não criaram um outro modelo de família, suficientemente coerente e capaz de competir com o modelo moderno. Nesse sentido, colocam-se, atualmente, duas possibilidades: de um lado, encontram-se a ordem e a estabilidade - representadas pela família nuclear - e, do outro, a imprecisão - revelada por uma multiplicidade de arranjos familiares. Considerando que a diversidade pode ser interpretada tanto como um sintoma de incerteza quanto como um sinal de aumento das possibilidades, supomos que nossas entrevistadas - em se tratando da decisão de ter filhos - concordaram que a ordem apresenta menos perigos do que a invenção.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração consiste no fato de que a imagem do casal que se ama, vive junto e tem filhos continua sendo largamente utilizada, principalmente pela publicidade, como sinônimo de sucesso pessoal e de felicidade. Desse modo, apesar da proliferação dos mais diferentes tipos de família, o modelo nuclear permanece como referência hegemônica, utilizada para representar socialmente a instituição familiar (BURGUIERE et al, 1986).

6.3. Famílias e amigos

Sociólogos como Norbert Elias (1994) e François de Singly (2007), dentre outros apontam como uma das principais características do individualismo contemporâneo o enfraquecimento das relações pessoais compulsórias. Assim, as interações situadas no território da intimidade tendem a ser justificadas pelos sentimentos que unem os indivíduos, e não por alguma obrigação ou conveniência. Nesse sentido, embora não tenham perdido sua importância, as relações familiares passam a ser vistas como fundamentais, apenas quando conseguem proporcionar a seus membros o afeto e o apoio necessários para a construção da autonomia. No entanto, afeto e apoio são também encontrados fora do círculo familiar: nas amizades, por exemplo.

Embora Michelle tenha sido a única entrevistada a considerar que os amigos podem ocupar um papel importante na educação dos filhos, todas enfatizaram o papel ocupado pela amizade em suas vidas. Os amigos foram considerados, tanto quanto os especialistas da área “psi”, como presenças essenciais para a manutenção do bem-estar e do equilíbrio pessoal.

Foucault (1988) se interessou profundamente pelas amizades, sobretudo nos seus últimos trabalhos. Para o autor, a cultura ocidental moderna definia e abordava a sexualidade de uma maneira equivocada, pois, ao eleger o sexo como o lugar do deciframento da verdade subjetiva, ignorava a possibilidade de fazer deste um uso mais criativo: tornando-o o instrumento de composição de uma multiplicidade de relações.

Diante da multiplicidade de relações nas quais um sujeito pode se engajar no decorrer de sua existência, as amizades pareceram, a Foucault, as relações potencialmente mais transgressoras. Por não se encontrarem capturados, institucionalizados por normas religiosas, jurídicas e morais, os laços entre os amigos apresentavam-se como uma possibilidade de questionamento da disciplina: como um espaço de reinvenção.

Ça a été pour moi toujours quelque chose d'important. Non pas forcément sous la forme du couple, mais comme une question d'existence : comme est-il possible pour des hommes d'être ensemble ? De vivre ensemble, de partager leur temps, leurs repas, leur chambre, leurs loisirs, leurs chagrins, leurs savoir, leurs confidences ? Qu'est-ce que c'est que ça, être entre hommes, « à nu » hors de relations institutionnelles, de famille, de profession, de camaraderie

obligée ? C'est un désir, une inquiétude, un désir-inquiétude qui existe chez beaucoup de gens (FOUCAULT, 1988 : 163-164).⁹⁰

Através das suas amizades, os sujeitos podem fabricar novos modos de existência: formas de vida capazes de resistir ao poder e de não se deixar aprisionar pelas técnicas do saber (DELEUZE, 1998: 116-117). Dividindo com os amigos o cotidiano, com suas misérias e suas delícias, brasileiras e francesas disseram encontrar a leveza e a companhia de que necessitavam para povoar seus dias.

Eu não me sinto sozinha. Tenho amigas que também não estão namorando e a gente se fala praticamente todos os dias. Na verdade, juntas, conseguimos tornar a vida de todas mais fácil. Nos finais de semana, por exemplo, mesmo que seja para um café, a gente sai. Também, quando uma esta com problemas, as outras procuram apoiar, ajudar mesmo. Posso te dizer que, com certeza, minha vida é muitíssimo mais divertida e mais alegre porque tenho ótimas amigas (Vanessa).

Agora mesmo, vamos fazer uma viagem só de mulheres. Eu e minhas três amigas procuramos viajar juntas, pelo menos uma vez ao ano. E não são viagens de solteiras, como aquelas onde as mulheres estão absolutamente interessadas em arranjar homens. Nossas viagens são para conversar, para tomar um bom vinho e rir das atrocidades da vida. Quando volto dessas viagens, tenho energia e disposição para trabalhar e cumprir com as obrigações de todos os dias (Simone).

6.3. Nunca vi fazer tanta exigência...

Em nenhum outro tema houve um acordo tão grande entre os discursos de brasileiras e francesas como neste: voltado às exigências feitas pelas mulheres para o estabelecimento de uma relação amorosa. Foi curioso observar que todas as entrevistadas definiram-se como pessoas muito exigentes, justificando isso a partir da enumeração de uma série de características imprescindíveis aos homens.

De acordo com Mirian Goldenberg (2006), homens e mulheres, refletindo sobre o que procuram num parceiro amoroso, destacam a importância de um

⁹⁰ Isto sempre foi alguma coisa de importante para mim. Não necessariamente sob a forma do casal, mas como uma questão de existência: como é possível, para os homens, estar juntos? Viver juntos, partilhar seu tempo, suas refeições, seu quarto, seus lazeres, suas dores, seu saber, suas confidências? O que é isto, estar entre homens, "a nu", fora das relações institucionais, da família, da profissão, da camaradagem obrigatória? É um desejo, uma inquietude, um desejo-inquietude que existe em muitas pessoas.

relacionamento sério, fiel, estável, marcado pela liberdade subjetiva e por uma intensa comunicação. Desse modo, os ideais românticos permanecem sendo referências importantes, embora venham cada vez mais acompanhados de uma exaltação da individualidade dos parceiros.

Segundo a autora, as mulheres não constituem apenas a parte que costuma enfatizar mais as aspirações do romantismo. Elas são as que mais exigem: tanto dos homens quanto dos relacionamentos. Para Mirian Goldenberg, as mulheres brasileiras exigem dos homens coisas que não exigiam antes. Isto ocorre por força de um conflito entre dois modelos de feminilidade: o tradicional e aquele representado pela mulher que trabalha, e é independente. Segundo a autora, mesmo as mulheres profissionalmente bem sucedidas tendem a eleger como foco de suas vidas a relação amorosa. Esta, por consequência, fica sobrecarregada de demandas muitas vezes incompatíveis: *o que um homem quer de uma relação é compreensão, tranqüilidade, sossego, paz. A mulher quer romance, amor, tesão, coisas que, numa relação mais duradoura, são impossíveis* (2006: 248).

Segundo Goldenberg, os modelos de comportamento da cultura brasileira são profundamente ambíguos; o que contribui para a existência de uma oscilação constante entre concepções e estilos arcaicos e contemporâneos (2006: 304).

Concordamos com as constatações da autora sobre a presença de modelos ambíguos orientando os discursos e as práticas das brasileiras (de forma mais intensa do que entre as francesas) assim como sobre uma tendência, manifesta pelas brasileiras das camadas médias, a supervalorizar os relacionamentos amorosos. No entanto, no que se refere às exigências, não encontramos diferenças significativas entre os discursos das entrevistadas dos dois países.

De acordo com François de Singly (1987), mesmo que a ampliação do trabalho assalariado das mulheres tenha reforçado a independência feminina, esta não teria feito desaparecer o preço profissional do casamento. Tal preço equivale, para as mulheres casadas, a consagrar metade do seu tempo de trabalho à atividade profissional (o resto sendo preenchido pelas atividades domésticas). Já os homens casados conseguem dedicar à profissão três quartos do seu tempo. Além disso, apesar da dissociação entre vida conjugal e casamento ser cada vez mais forte, as mulheres de nível social elevado continuariam demandando de seus parceiros uma excelência social; enquanto os homens desse mesmo nível prefeririam uma excelência estética (SINGLY, 2007: 100-101).

Em suas considerações acerca do peso do casamento sobre o status das mulheres, François de Singly afirma que o dote escolar de uma mulher constitui um valor intercambiável no mercado do casamento. Para Singly, uma mulher - tendo adquirido um capital escolar superior ao das mulheres de seu meio - aumenta suas chances de ter um marido diferente: dotado de um valor social igual ou superior ao dela (1987: 29-30).

Ao mesmo tempo, Singly ressalta que uma mulher *essaie d'obtenir un homme de valeur sociale au moins égale à la sienne pour protéger ses intérêts* (op. cit : 28)⁹¹ e não esclarece se o que aumenta - para as mulheres dotadas de grande capital escolar - são, de fato, as chances ou as expectativas de ter um parceiro com nível igual ou superior ao delas.

Bologne, por sua vez, adverte que, na França, a porcentagem de “célibataires” entre as mulheres que ocupam cargos superiores continua sendo ostensivamente maior do que a de homens. Segundo o autor, em 1968 essa porcentagem era sete vezes maior e, mesmo tendo diminuído atualmente, continua muito superior à dos homens (2004: 383).

É possível correlacionar o sucesso profissional das mulheres ao aumento do índice de divórcios. De acordo com François de Singly, a taxa de divórcios é quatro vezes mais elevada nos casais onde a mulher é financeiramente independente. Portanto, *une femme qui a une activité salariée hésite beaucoup moins qu'une femme au foyer à engager une procédure de divorce et à se séparer ainsi de son mari, le taux de divortialité en témoigne* (1987 : 99)⁹².

Segundo informações retiradas da revista “Veja”, numa matéria de Bel Moherdahui, publicada em novembro de 2006, o IBGE confirma que o número de brasileiras com cerca de trinta anos que permanecem solteiras é significativamente maior atualmente do que há dez anos. Dentre aquelas que possuem diploma universitário, a porcentagem aumentou de 20%, em 1991, para 30%, em 2000. De acordo com a matéria citada, no Brasil, *mulheres sozinhas têm renda 62% mais alta do que as acompanhadas. Quanto mais renda, mais sozinhas; quanto maior a idade, menor o número das acompanhadas; e nas cidades grandes há mais sozinhas do*

⁹¹ Uma mulher tenta encontrar um homem de valor social, no mínimo, igual ao seu, para proteger seus interesses.

⁹² Uma mulher que tem uma atividade assalariada hesita muito menos do que uma dona de casa a se engajar num um procedimento de divórcio e a se separar, assim, de seu marido, como testemunha a taxa de “divortialité’.

que nas cidades menores ou nas zonas rurais (A vida sem casamento. VEJA, 2006: 87).

Sem o intuito de entrar no mérito da questão se mulheres, quanto mais diplomadas ou financeiramente independentes, mais se aproximam da solidão, propomo-nos a investigar o que as entrevistadas costumam demandar dos homens em seus relacionamentos amorosos; a que modelos de homem nos enviam suas expectativas e condições; e se elas consideram suas exigências empecilhos ou mapas para o desenvolvimento de um relação amorosa.

Véronique enfatiza que, antes mesmo de iniciar um relacionamento, costuma avaliar o homem, comparando-o com outros que já conheceu, assim como compara a história que começa a se desenvolver com outras histórias : *eu faço isso porque tenho a necessidade de sentir algo muito forte, de saber se a relação vai se tornar algo sério*. Cotejando encontros atuais e passados, ela procura adivinhar a intensidade do que se lhe apresenta: *se eu não me sentir tocada pela pessoa, não vale a pena continuar*.

Tal como Véronique, Anna espera do amor o encantamento: uma convergência entre subjetividades que se reconhecem – desde o primeiro instante – como semelhantes. Refletindo sobre o que busca num parceiro amoroso, a entrevistada pondera:

De fato, sou exigente. Busco muitas coisas num homem: que ele seja independente, que tenha caráter, que compartilhe meus valores. Diria que sou muito exigente. Já encontrei vários homens legais, homens bons. Mas não funcionou. Sou muito romântica: se não sinto algo forte já no começo, prefiro não continuar. Outra característica que busco encontrar num homem hoje é a lucidez. Para que exista um encontro ideal, é preciso que a pessoa aceite a sua personalidade e, para isso, ela deve ser lúcida. Lúcida até para saber que o amor não vai durar. Para o encontro ideal, é preciso que haja duas pessoas dispostas a se descobrir: duas pessoas adultas. Só assim será possível o amor. Não sei quanto tempo uma relação amorosa pode durar. Eu penso em encontrar alguém que sinta desejo de amar por toda a vida.

No discurso de Anna convivem pressupostos e concepções pouco conciliáveis. O encontro amoroso é definido como um acontecimento que se destaca dos demais por sua força. Essa idéia da força manifesta por um encontro incomum, definitivamente especial, ancora-se num imaginário romântico. De acordo com este, o amor consegue estabelecer entre os sujeitos um modo inédito de comunicação:

pautado num entendimento e num acordo tão completos que podem prescindir das palavras.

O tipo de homem passível de suscitar em Anna o sentimento amoroso é descrito a partir de qualidades como: independência, caráter e lucidez. No caso, ser lúcido consiste tanto em saber aceitar a personalidade do outro quanto em conseguir reconhecer no amor um projeto necessariamente finito. Aqui se destacam elementos de um discurso voltado à ênfase na individualidade.

Por outro lado, Anna diz se recusar a prosseguir a relação, caso não consiga, desde o começo, nutrir sentimentos fortes pelo parceiro. Esta atitude contrasta nitidamente com aquela apontada pela entrevistada como a condição do encontro ideal: a postura adulta, a qual permite enxergar o outro para além dos próprios desejos e projeções. O desacordo revelado pela certeza antecipada do fim e o desejo de duração infinita; ou pelo anseio de encontrar no amado, simultaneamente, um igual e um diferente sugere a presença de demandas opostas: apoiadas tanto em tendências românticas, quanto nas individualistas.

Diferente de Anna, Karla optou por abordar o avesso do parceiro ideal: *esse tipo eu conheço bem, porque eu tenho um estigma por homens mal resolvidos*. Quando lhe pedimos para explicar tal afirmação, ela disparou: *é que eu só encontro homens problemáticos, imaturos, egoístas e confusos*. Em face da abundância de adjetivos concedidos aos homens *que deveriam vir com um aviso assim: sou inadequado para relacionamentos*, procuramos, então, conhecer os adequados:

Em principio, é preciso ter claro que não existe ninguém perfeito. Eu não sou perfeita. Eu sou muito difícil de lidar. Sou uma pessoa muito exigente, ainda. Mas eu acho que deve existir um cara que se encaixe no meu estilo de vida, digamos assim. Eu não gostaria de alguém se encaixasse sem trazer também transformações, porque eu gosto de conhecer coisas novas, sabe? Uma pessoa que me traga mais alegria, que me traga mais perspectivas de vida, sabe? De poder ver a vida de um modo diferente; de um pouco mais de aventura, não sei.

Para Karla, os homens adequados estão *totalmente escassos no mercado*. Diante da constatação da escassez, o que as mulheres podem fazer é esperar:

Os caras que estão casados, eles vão se divorciar. Então, já vão ter passado por uma experiência, e ter amadurecido. Aí vão estar prontos pra gente, sabe? É preciso ter um pouquinho mais de paciência, porque eles ainda estão

casados. Mas eles já, já estão separando. Ou então a gente pode ir para os de quarenta. Porque esses, que já passaram pelos trinta anos e pela euforia das mulheres de cinquenta ou de dezoito, vão, finalmente, estar amadurecidos, depois de quatro milhões de experiências! Se é que não pegaram AIDS daqui pra lá. E vão estar prontos pra gente quando a gente tiver quarenta.

Aqui, a crença de que os homens interessantes não estão mais disponíveis se alia à concepção de que, enquanto as mulheres parecem estar desde sempre prontas para viver um relacionamento amoroso, os homens necessitarão amadurecer para se engajar *adequadamente*. O processo de amadurecimento masculino se faz mediante um acúmulo de experiências com mulheres. A idéia de que um homem deve se relacionar com várias mulheres, enquanto estas irão se relacionar apenas com os homens que julgarem “certos”, no caso, já amadurecidos, aponta para uma diferença entre os comportamentos sexuais masculinos e femininos.

No referido discurso, a possibilidade de contrair o vírus HIV encontra-se associada à diversificação das experiências sexuais. No entanto, tal possibilidade não se apresenta da mesma maneira para homens e mulheres: apenas os homens terão *quatro milhões de experiências*. Percebe-se, assim, a existência de uma diferenciação entre os comportamentos sexuais de homens e de mulheres. No caso, as mulheres apresentariam uma tendência à retidão sexual e os homens, ao desgoverno.

O pressuposto de que as mulheres, por vincularem o sexo aos sentimentos, manifestam um comportamento sexual mais comedido do que os homens é corroborado por algumas pesquisas sobre a sexualidade, tal como lemos a seguir:

Les femmes ont plus de confidentes, et sont plus souvent confidentes en matière amoureuse et sexuelle que les hommes. Elles déclarent un nombre de partenaires systématiquement moins élevé que celui des hommes. Elles conçoivent plus difficilement que les hommes d'avoir des rapports sexuels sans amour. Elles jugent plus sévèrement les aventures extra-conjugales (BOZON ; LERIDON, 1993 :1183).⁹³

⁹³ As mulheres possuem mais confidentes e são freqüentemente mais confidentes em matéria amorosa e sexual do que os homens. Elas declaram um numero de parceiros sistematicamente menos elevado do que o dos homens. Elas concebem mais dificilmente que os homens ter relações sexuais sem amor. Elas julgam mais severamente as aventuras extraconjugais.

Embora pesquisas mais recentes ressaltem que, principalmente entre os jovens, os comportamentos sexuais de homens e de mulheres se encontrem cada vez mais próximos (MOSSUZ-LAVAU, 2001; GOLDENBERG, 2005), a idéia de que a “sentimentalidade” feminina atua como uma espécie de escudo contra o comportamento sexual incoerente ainda é bastante difundida.

A capacidade de desvincular facilmente a vida sexual da afetiva foi uma característica recorrente nos discursos, orientando a definição do masculino. Junto a essa capacidade, foram tematizadas também a simplicidade (as mulheres teriam necessidade amorosas mais complexas do que os homens), a segurança (os homens, em geral, saberiam existir sempre, no mínimo, uma mulher disposta a viver uma relação séria com eles) e a tranqüilidade masculina (os homens não precisariam tanto do amor como precisam as mulheres).

Outro aspecto bastante presente nos modos como as mulheres definiriam o masculino foi a menor tendência a sofrer por amor:

Homem é foda! Acho que homem não sofre. Pelo contrário. Homem ainda é criado para ser provedor. A mulher é menos. Acho que homem se cobra muito mais com isso. Por exemplo, num relacionamento homem e mulher, em que a mulher ganha mais do que o homem, isso é muito mais humilhante do que numa relação contrária, é mais difícil. É uma questão de cultura, de história, não sei. Acho que é fato. Para o homem, por exemplo, se ele tiver numa relação que seja perfeita, mas a vida profissional dele tiver uma verdadeira merda, ele não vai conseguir, ele vai transferir uma coisa pra outra (Clara).

No discurso acima, os homens sofrem menos por amor, uma vez que suas expectativas se direcionam mais para a vida profissional do que para a afetiva. A explicação para este fato reside no papel de provedor, tradicionalmente destinado aos homens. Nem todas as mulheres mencionaram esse papel. No entanto, aquelas que o fizeram, reiteraram que a imagem do masculino provedor continua repercutindo no território das relações amorosas:

Meus dois amantes não me agradam tanto. Não penso em fazer a vida com nenhum deles. Eu gosto de homens ricos. Acho fundamental que o homem tenha seu apartamento, seu carro, suas coisas, dinheiro. Não tolero homens que me pedem para dividir as contas com eles. Dividir um jantar é horrível. Contar dinheiro é muito mesquinho. Meu amante de trinta anos é bastante rico. Mesmo assim não sei se quero ficar com ele (Julie).

Nos discursos em que o homem foi definido pelo papel do provedor, os argumentos utilizados para justificar tal atribuição estiveram ancorados numa idéia de necessidade. Desse modo, explicava-se a representação de um papel, feita pelos homens, como uma característica inerente ao masculino.

Enquanto o lado provedor do homem poderia oferecer, às mulheres, o conforto material, o machista viria garantir a insatisfação psicológica. A convicção de que o machismo ainda orienta e determina o modo como os homens costumam lidar com as mulheres se repetiu nos discursos das entrevistadas:

Os homens são marcados por isso: pelo machismo. Eu sinto como se estivessem fora do tempo. Os homens propõem um tipo de amor efêmero. O amor nos dias de hoje não ajuda. As mulheres se ressentem de ter de se relacionar sem compromisso, porque não encontram homens com outras perspectivas. São homens efêmeros, que deixam as mulheres assim: insatisfeitas (Diana).

As figuras do homem provedor e do homem machista contrastam com a imagem da mulher independente, livre. No discurso acima, os homens são descritos como sujeitos deslocados, que *parecem estar fora do tempo*. Desse modo, enquanto as mulheres estariam em dia com as mudanças histórico-sociais, os homens se mostrariam imperdoavelmente atrasados. Porém, quando relacionamos o “atraso” masculino ao interesse dos homens em manter relacionamentos efêmeros, podemos encontrar outra via de interpretação. A idéia de que os homens declinam do compromisso, flertando com o transitório, nos permite questionar se neste caso eles estariam, de fato, “atrasados”. A definição do amor como um comprometimento tácito entre um homem e uma mulher tem raízes românticas (DEL PRIORE, 2005). Já a fugacidade das relações consiste numa das conseqüências do individualismo contemporâneo (LASCH, 2006 [1979]). Nesse sentido, se as mulheres anseiam por compromisso, enquanto os homens propõem o efêmero, o “atraso” aqui provavelmente se aplica menos aos homens do que às mulheres.

Um aspecto que decorre do pressuposto de que os homens não se incomodam com a efemeridade dos relacionamentos - pois não desejam se engajar com a mesma intensidade das mulheres - consiste na concepção de que os homens não possuem um projeto amoroso consistente. Desse modo, a ausência de regras claras, capazes de orientar os encontros afetivo-eróticos contemporâneos, é

percebida como consequência da postura masculina, não como parte de um conjunto de mudanças histórico-sociais.

As relações com os homens não são muito claras. Assim: não têm projeto. Os homens tendem a ser mais frios, mais distantes, a dar menos carinho. Eu penso o contrário: para mim, gostar de uma pessoa é ter dedicação por ela, fazer um investimento, mergulhar mesmo (Vanessa)

Quando a falta de consistência dos relacionamentos amorosos é percebida como fruto de um “defeito” do masculino, está criado o território propício às generalizações⁹⁴. Foi significativa a quantidade de entrevistadas que se queixaram dos homens afirmando que a feminilidade é complexa, mas a masculinidade é simplória.

Os homens que eu encontro são todos banais. Banais porque lhes falta criatividade e um pouco de loucura. Então, eu encontro neles a beleza: eu consumo sexo com homens belos. Minhas amigas acham inacreditável que eu consiga transar com homens tão bonitos, porque, efetivamente, eu não tenho o tipo físico da “Lolita”. Isso se vê. Eu não estou dentro dos padrões de beleza, mas eu consigo (Michelle)

No discurso acima, a suposta banalidade dos homens é usada como justificativa para o estabelecimento de um tipo de relação onde os termos, e suas funções, se invertem. Michelle não se considera uma mulher bela, mas *uma ótima vendedora, capaz de convencer até os mais descrentes*. A entrevistada afirma que recorre a seu poder de argumentação, assim como à possibilidade de falar de

⁹⁴ Embora francesas e brasileiras tenham, por vezes, culpado os homens pelas dificuldades encontradas em seus relacionamentos amorosos, a conexão entre um suposto “defeito” masculino e um lugar específico foi encontrada apenas no discurso das brasileiras. Enquanto as francesas se referiram aos homens em geral, as brasileiras enfatizaram que a “falha” se encontrava nos homens da sua cidade, ou do seu país. Dessa forma, seria possível encontrar, noutras cidades, homens diferentes: mais dispostos a se engajar e a viver uma relação amorosa. A crença de que os homens de outro lugar são melhores do que aqueles com os quais uma mulher convive permite atribuir a um determinado modelo masculino a responsabilidade pela fluidez e pela imprecisão, características dos relacionamentos contemporâneos. Ela também sustenta a idéia de que um deslocamento geográfico poderia resolver os impasses amorosos de uma mulher. Neste ponto, encontramos uma diferença nos discursos de cariocas e cearenses. Enquanto as primeiras abordaram o homem brasileiro, comparando-o com homens de outros países, as últimas se referiram precisamente aos homens cearenses. Assim fazendo, elas apontaram características negativas como sendo próprias ao homem cearense, tais como: o machismo, a grosseria, o descuido em relação à própria aparência. Quando se referiam aos homens de outras cidades do Brasil, as cearenses consideravam que estes eram melhores do que o “modelo local”. Porém, quando levadas a refletir sobre a disponibilidade desses homens para viver um relacionamento amoroso, as cearenses demonstraram um posicionamento semelhante ao das cariocas, enfatizando que os homens brasileiros tendiam, no geral, a se mostrar menos disponíveis para um relacionamento sério do que os estrangeiros. Embora algumas dessas mulheres tenham morado fora do Brasil, nenhuma delas mencionou ter vivido um relacionamento amoroso com um estrangeiro. Dentre elas, algumas permaneceram sozinhas no período em que estavam no exterior e outras se envolveram com brasileiros. Tal fato pode contribuir para a idealização dos homens estrangeiros.

assuntos interessantes, para seduzir os homens: *de fato, eles sempre caem na minha conversa!* Nesse caso, se tomamos por base os modelos tradicionais de masculinidade e de feminilidade, Michelle estaria ocupando uma posição masculina, e os homens com os quais se relaciona, uma posição feminina.

A possibilidade de jogar com os papéis consolidados e, assim, criar outras possibilidades de relações nos permite afirmar que os encontros afetivo-eróticos entre homens e mulheres não podem ser pensados unicamente como um derivado das relações entre os mesmos no conjunto da sociedade (SINGLY, 2007:154).

O impasse entre afirmar a existência de características essencialmente femininas, diferentes de outras essencialmente masculinas, e perceber masculinidade e feminilidade como estilos, composições; sabendo que essas composições, atualmente, se inclinam mais para a mistura e a indefinição, marcou os discursos analisados. Observamos, no entanto, que o conceito de amor constituiu o ponto no qual as mulheres mais insistiram numa distinção entre masculinidade e feminilidade.

Fazer uma diferença entre homens e mulheres nas relações amorosas não é muito fácil. Os dois querem encontrar alguém legal. Mas as mulheres são objeto de maior pressão social, assim como de maior demanda e de mais críticas. Elas têm crises, elas idealizam muito, muito mais. Isso tem a ver com a educação. Eu não acho que tenha mudado da adolescência para cá em relação às expectativas. Eu continuo tendo as mesmas expectativas. Se você me perguntar como eu imagino meu companheiro ideal eu sei lhe dizer: atencioso, educado, gentil, de preferência bonito! E bom de cama também! Que tenha uma cultura vasta, que seja interessante. Eu quero perfeito! Tenho um padrão muito elevado e acho que isso atrapalha minhas relações, mas pra mim é importante, pra mim, isso conta demais (Cíntia).

No discurso acima, apesar do excesso de expectativas depositadas pelas mulheres no amor ser compreendido como fruto de um processo educativo, a enumeração dos atributos necessários ao companheiro ideal aponta para um modelo austero de masculinidade. Segundo esse modelo, o homem que merece ser amado deve reunir em si qualidades que vão da beleza à erudição. Tal como a própria entrevistada enfatiza, a presença de uma diversidade de exigências tende a se converter num obstáculo para o desenvolvimento dos encontros amorosos.

Encontramos nos discursos analisados traços do que consideramos corresponder a um modelo austero de masculinidade. Dentre eles, se destacam uma série de condições, tais como: a idade (praticamente todas as entrevistadas

disseram rejeitar a idéia de se relacionar com homens mais novos), a formação acadêmica (aqui, os discursos convergiram com a constatação feita por Singly de que as mulheres tentam encontrar parceiros com um nível social maior ou, no mínimo, igual ao delas), a situação econômica (todas as entrevistadas disseram esperar que o homem amado seja financeiramente independente) e, em menor grau, a beleza (foram significativas as referências feitas pelas mulheres entrevistadas sobre a necessidade de que o parceiro cuide do próprio corpo).

Ao mesmo tempo em que criavam um modelo ideal do masculino, as entrevistadas destacavam sua impossibilidade prática. A desconfiança de que o tipo de homem descrito por elas provavelmente não existia levou algumas mulheres a propor possíveis acordos ou soluções. Dentre as propostas apresentadas, citamos a que mais nos chamou atenção:

A minha mãe já me disse: “minha filha, vá para os de dezoito que eu cuido junto com você! Desse jeito você cria, você forma seu homem, sem problemas”. Assim, é outra coisa! Os homens cogitam isso facilmente. As mulheres, não! Eu sou uma que não cogito. Sou altamente preconceituosa! Mas, se achar um cara legal, porque a maioria com dezoito, vinte anos não sabe nem o que é uma conversa. Mas se eu for comparar o Gianechini e a Marília Gabriela. Ela é uma pessoa muito mais... Ela é maravilhosa e ele deve ser alguma coisa também, porque não acredito que ela queira só ir pra cama com ele! Ele deve ter o que conversar. Tem os que se salvam, então. Só que a gente ainda não achou, ou não estamos focadas aí. Acho que eu vou começar a pensar nisso (Karla).

No discurso referido, é interessante pensar que a possibilidade de mudar o foco de atenção, concentrando-se nos homens mais jovens, tenha sido apresentada pela mãe da entrevistada. O conselho dado pela mãe sugere que novos modelos de amor podem ser reinventados, e que as mudanças podem ser tão necessárias quanto satisfatórias. A entrevistada, no entanto, pareceu hesitar entre considerar a transgressão uma real possibilidade ou continuar agindo de acordo com o que acredita ser próprio às mulheres.

Por outro lado, o objetivo de “criar seu próprio homem” nos leva a questionar se a representação do parceiro amoroso construída pelas entrevistadas se fez de tal maneira perfeita que só consegue habitar o campo da ficção. Retomando a afirmação de Bourdieu - que enfatizava ser o conceito de realidade, a partir do qual julgamos algo como ficção, apenas uma ilusão socialmente partilhada (1996a: 50) - podemos considerar que a possibilidade de serem inventadas outras ficções do

masculino e do feminino abre caminho para o surgimento de novos roteiros para o laço amoroso.

7. REINVENÇÕES DO AMOR E DA FEMINILIDADE

7.1. Amores possíveis

On s'est connus, on s'est reconnus, / On s'est perdus de vue,
/ on s'est perdus d'vue / On s'est retrouvés, / on s'est
réchauffés, / Puis on s'est séparés. / Chacun pour soi est
reparti. / Dans l'tourbillon de la vie / Je l'ai revue un soir, hâie,
hâie, hâie/ Ça fait déjà un fameux bail (Le tourbillon de la vie.
(Jeanne Moreau).

Os discursos sociológicos acerca do amor se desenvolvem segundo duas perspectivas distintas. A primeira, herdeira direta do feminismo da década de setenta, insiste na impossibilidade de homens e mulheres estabelecerem relações simétricas, num contexto marcado pela dominação masculina. De acordo com tal perspectiva, o corpo feminino foi socialmente construído como um instrumento voltado para atender as exigências feitas pelos homens, consolidadas pelo modelo normativo heterossexual. Assim, as mulheres, em suas relações amorosas com os homens, ocupariam o papel de responsáveis pela procriação (PRECIADO, 2000).

Partindo dessa perspectiva, o amor romântico é visto como um dos principais agentes da opressão feminina. Segundo Guillaumin (1978), a relação entre um homem e uma mulher é essencialmente de apropriação: do corpo, do tempo e do sexo feminino. Assim, o vínculo amoroso faz com que as mulheres aceitem se manter numa posição inferior aos homens, consentindo com a dominação masculina.

Segundo Noizet (1996), uma análise materialista da idéia moderna de amor demonstra que, ao naturalizar o vínculo entre amor e mulheres, são também naturalizadas as relações sociais desiguais entre os sexos. Desse modo, o amor é concebido como uma construção ideológica, através da qual as situações de submissão das mulheres diante dos homens são engendradas e reproduzidas (principalmente no que concerne ao trabalho doméstico e à atividade sexual).

Segundo Myriam Spielvogel (1999), as análises feministas tendem a sugerir a existência de uma repercussão problemática ou mesmo doentia do amor heterossexual sobre a identidade feminina. Isto ocorre devido a uma ênfase no contexto sócio-político de desigualdade nas relações de gênero. Tal contexto determinaria para as mulheres situações de dependência econômica, afetiva, sexual e psicológica.

Em oposição às teses feministas clássicas, a segunda perspectiva não define o amor como uma tática usada para garantir o assujeitamento das mulheres. Ela se concentra no objetivo de avaliar as transformações na vida sentimental de homens e mulheres (BADINTER, 1986).

De acordo com Alberoni (1997), o amor não se define pelo encantamento e pelo prazer. Ele é, principalmente, um projeto comum: uma construção que consegue resistir ao tempo. Para o autor, o laço amoroso entre dois indivíduos possibilita a formação de uma nova entidade social. Nesse sentido, o amor é visto como um instrumento de transformação social, uma vez que : *aucune collectivité ne peut naître si les individus ne renaissent pas à leur tour (...) L'énamouré est l'expérience intime, subjective, de la naissance, de la création d'un monde nouveau* (ALBERONI, 1997 : 21-22)⁹⁵.

Sônia Dayan-Herzbrun (1982), analisando as distintas abordagens sociológicas do amor, considera que o código do amor romântico legitima um perfil de feminilidade ancorado na noção de dependência. Como vimos anteriormente, a dependência das mulheres em relação aos homens não se restringe ao aspecto material. Partindo desta constatação, a autora declara que o principal problema a ser investigado consiste no fato da diminuição da dependência econômica das mulheres não implicar necessariamente um enfraquecimento da dependência afetiva.

Segundo a referida autora, torna-se difícil imaginar e propor um outro modelo afetivo, capaz de orientar as relações amorosas entre homens e mulheres, em contextos ainda profundamente marcados por relações desiguais entre os sexos.

Sônia Dayan, porém, se contrapõe às análises feministas clássicas do amor (que enfatizam a apropriação das mulheres pelos homens), enfatizando que - quando compreendemos o amor apenas como uma ideologia construída com a função de mascarar a dominação masculina - não conseguimos apreender a singularidade das relações amorosas (op. cit: 120).

No conflito exibido por concepções divergentes da relação entre amor e feminilidade, concordamos com os autores que procuram ver no laço amoroso mais do que uma simples consequência das relações sociais estabelecidas por homens e mulheres (DAYAN-HERZBRUN, 1982, SINGLY, 2007). Tal como nos colocamos diante do embate entre concepções essencialistas e construtivistas da sexualidade,

⁹⁵ Nenhuma coletividade nasce sem que os indivíduos, por seu turno, renasçam. O enamoramento é uma experiência íntima, subjetiva, do nascimento, da criação de um mundo novo.

procuramos também neste caso evitar a polarização, cientes de que *tanto na pesquisa da identidade essencial como na afirmação da diferença radical, somos empurrados para extremos superficiais, que basicamente não conseguem apreender a realidade quase sempre confusa da vida no mundo moderno, pós-moderno contemporâneo, globalizado e globalizante* (PARKER, 1991: 23-24).

Segundo Myriam Spielvogel (1999:19), as relações amorosas nas sociedades ocidentais contemporâneas constituem um dos espaços através do quais os indivíduos são levados a observar a si próprios: a se colocar como objeto de conhecimento. Nesse sentido, o amor suscitaria uma atitude auto-reflexiva, determinando a necessidade de cada sujeito examinar seu próprio eu.

De acordo com Jurandir Freire Costa (1998), Foucault não se interessou em investigar o amor porque não o considerava um instrumento formador de “identidades sociais”. Para Foucault, isto se explicava pela inexistência no Ocidente de uma proibição de amar, que agisse de modo tão efetivo quanto atuavam a proibição de ter relações sexuais ou a de efetivar o matrimônio. Apesar dessa ressalva, é possível afirmar que o amor constitui um alvo importante de problematização:

Problematiza-se aquilo que se é livre para fazer, mas que se busca aperfeiçoar, com vistas a uma vida melhor, mais sabia, mais justa, mais verdadeira, mais santa, mais bela ou mais feliz. Mas é justamente este conceito que ilustra a importância da omissão de Foucault em relação ao amor. Só se problematiza o que se presta a controvérsias e não o que admite acordos tácitos (...) No caso do amor-paixão romântico, não cessamos de problematizar as relações amorosas porque suas regras de realização exigem igualmente dos indivíduos um desempenho contraditório em muitos aspectos (COSTA, 1998: 33).

Problematizando o amor, os sujeitos se engajam num processo de aprendizado, pois acreditam na possibilidade de melhorar as próprias vidas modificando sua posição enquanto sujeitos amorosos. Contudo, o código do amor romântico coloca os sujeitos também diante de dilemas dificilmente superáveis, ao propor que encontrem numa única pessoa, e ao mesmo tempo, atração sexual e atração amorosa e que, além disso, consigam formar com tal pessoa uma parceria feliz e permanente (op.cit: 34).

Partindo destas questões, procuramos investigar os modos a partir dos quais nossas entrevistadas administraram, de um lado, as aspirações do amor romântico e do outro, a sucessão de experiências vividas. Buscando perceber como se

transformaram ou se mantiveram as concepções de amor destas mulheres, procuramos relacionar amor e aprendizado.

Para tanto, cada uma das entrevistas foi finalizada com a solicitação de que as mulheres tentassem criar um conceito: uma definição capaz de sintetizar a maneira como atualmente experimentavam e concebiam o amor.

Tentando definir o amor no presente, as entrevistadas começaram apontando as diferenças em relação ao passado. A principal diferença mencionada consistiu no abandono das pretensões românticas. Tanto francesas quanto brasileiras enfatizaram a preponderância dos ideais românticos no modo como foram educadas a perceber e a experimentar o amor, desde meninas. Nesse sentido, destacaram que o desejo de encontrar o príncipe encantado, a espera de um amor capaz de transformar completamente suas existências e de resistir ao tempo, a crença na possibilidade de estabelecer, através do vínculo amoroso, uma comunicação plena com alguém, de conhecer realmente o outro e de se deixar por ele conhecer constituíam, para elas, verdades que gradativamente foram ganhando ares de ficção.

Entretanto, reconhecer no que supomos necessário os contornos de uma invenção pode suscitar atitudes muito diferentes. Algumas entrevistadas, por exemplo, declararam-se decepcionadas com o amor. Nesses casos, o desajuste entre modelo e experiências foi menos acompanhado da experimentação de outras possibilidades do que da sensação de perda de sentido.

Suely Rolnik (1987) sintetiza as diferentes reações das mulheres diante da crise dos modelos tradicionais do amor e da feminilidade através de duas figuras. São elas: a “noivinha que gora e gruda” e a “noivinha que gora e descola”. Estas duas diferentes posturas são o resultado, em suas palavras, de:

(...) um verdadeiro terremoto incubado, mas cujos sinais já se fazem sentir: elas (as mulheres) perderam qualquer parâmetro. Suas intensidades afetivo-eróticas não estão mais se efetuando através de uma seqüência fixa de segmentos que vão da paquera ao casamento e depois, eventualmente, à viuvez, passando pelo namoro e pelo noivado: ou da paquera ao “caso”, quando elas se tornam amantes; ou então da condição de solteira à de solteirona, quando nenhuma das possibilidades anteriores se realiza. Essas três linhas de sucessão lógica e cronológica da instalação de suas alianças com os homens, essas três opções pelas quais suas intensidades tinham que passar necessariamente para ganhar sentido, estão deixando de

fazer sentido. Desencantaram. Agora tudo é possível (1987: 69-70).

Em face do desencantamento dos roteiros fixos para as relações afetivo-eróticas, a “noivinha que gora e gruda” tentaria, a qualquer preço, ajustar suas experiências ao modelo a partir do qual aprendeu a definir o amor e a feminilidade. Já a “noivinha que gora e descola”, percebendo a falência e a condição anacrônica dos modelos com os quais foi educada, estaria disposta a criar novas formas de expressão: reinventando as paisagens do amor e da feminilidade.

Nenhuma das entrevistadas se reduziu a uma das imagens. Estas se alternaram em suas narrativas: estiveram aqui e acolá, entre fissuras e remendos, mudanças e repetições. Entretanto, em alguns momentos, conseguimos perceber que alguns discursos se encontravam mais marcados pelo desapontamento (a “noivinha que gora e gruda”), enquanto outros se aproximavam mais da liberdade de invenção (a “noivinha que gora e descola”).

Nos discursos onde a decepção ocupou mais espaço, o amor foi definido a partir de uma reafirmação do passado. Nesses casos, encontramos a seguinte estrutura: “eu acreditava que o amor era isso e aquilo. Hoje, não é mais. Logo, fui enganada”. O desapontamento tendia a se mostrar mais intenso, quanto mais fortemente se manifestavam os ideais do amor romântico.

Em nossas entrevistas os discursos decepcionados não constituíram a regra. Encontramos mais discursos voltados para a experimentação de outras possibilidades de sentido para os encontros amorosos contemporâneos. Concluiremos a análise explorando alguns deles.

Para definir o amor é preciso... Bom, eu que sou fã de Edith Piaf, eu sempre me lembro das coisas que ela disse sobre o amor. Ela sempre acreditou no amor. O amor pode ser destrutivo, mas temos a necessidade de crer nele. Eu decidi crer no amor. Você pode ter vários amores, e cada um é diferente. O importante no amor não é a ternura, nem a confiança nem o respeito. Todas essas coisas você pode encontrar nos amigos. O amor é um momento de exceção fusional, são os pequenos momentos de sedução. Com meus amantes, posso ter esses momentos de sedução. E você aprende, você não espera mais que isto. Eu transo com amigos: é o “fuck friend”. Em seguida, ninguém é obrigado a nada. Todos preservam sua liberdade. Não temos necessidade de segurança, nem de ternura. A cada dia aumenta o número de mulheres que tem filhos com amantes ou com amigos. Desse modo, cada um terá sua liberdade. Para mim, é um novo modelo de vida em comum. Na minha

opinião, amar é poder dar ao outro desejo de viver. E criar momentos de exceção, fazer esquecer, fazer com que o outro esqueça o mundo por um momento. Amar é parar o tempo (Michelle).

No discurso acima, a idéia de encontrar numa única pessoa a cumplicidade, o companheirismo e o prazer sexual é questionada pelo que a entrevistada chama de “um novo modelo de vida em comum”. De acordo com tal modelo, seria possível encontrar nos amigos o suporte necessário à existência, sem que isto implicasse um aprisionamento, representado pela exigência de exclusividade da relação.

Para Foucault (1988), através da amizade, os sujeitos poderiam não apenas conhecer melhor a si mesmos, como construir estilos de existência mais criativos. Jurandir Freire Costa, partindo de sua leitura de Foucault, define a amizade como *uma espécie de teia de relações fluidas, flexíveis, em que os sujeitos pudessem sempre escapar das normas que fixam “identidades sociais”, elaborando novos experimentos de subjetivação* (1998: 31).

No discurso referido, a presença de “relações fluidas” é sintetizada pela figura do “fuck friend”, o qual representa a possibilidade de serem criadas parcerias sexuais desvinculadas das obrigações que costumamos atribuir a um relacionamento amoroso (por exemplo: a fidelidade). Para a entrevistada, aprende-se a amar à medida que não se espera do amor algo além da sedução: de um instante de esquecimento espontaneamente partilhado. Nesse sentido, a idéia de que o amor deva implicar o engajamento de dois sujeitos num projeto comum se mostra contestável, suscitando a composição de engajamentos mais fluidos: dispersos por uma teia de relações.

A atitude de esperar menos do amor pode se colocar também no espaço de um relacionamento mais convencional. Para Renata⁹⁶, o aprendizado amoroso adveio quando a realidade se mostrou incompatível com suas aspirações românticas:

Durante muito tempo, fui uma romântica. Eu me casei com meu primeiro namorado, vivi uma relação difícil, mas me recusei a deixá-lo. Foi ele quem tomou a decisão de se separar. Mas, para mim, o que representou uma verdadeira mudança de posição foi uma história que vivi depois de separada. Eu viajei pro Chile e conheci um polonês num trem. Foi um romance de filme! A gente ficou se falando

⁹⁶ Renata é uma carioca de trinta e três anos. Esta concluindo uma tese em comunicação social, e é professora universitária.

sempre. Ele, assim que voltou pra Polônia, disse que viria me visitar. Dois dias antes de vir, eu toda arrumada, felicíssima, ele me liga e diz que não vai poder viajar. Fiquei arrasada. Foi infernal! Depois disso, descobri que não tem essa história de príncipe que eu vou encontrar num trem. Antes, pensava no amor como uma entrega absoluta. Não entendo mais o amor como o sentimento de querer estar junto pelo resto da vida. Eu espero isso, mas não é mais a minha expectativa. Talvez amor seja isso: compartilhar a vida, ceder sem que aquilo te mate por dentro, ceder de boa, feliz. Eu acho isso: é procurar um amor mais tranquilo, menos idealizado, menos o grande amor da minha vida, porque eu já gostei de outras pessoas antes, e vou gostar depois.

No discurso acima, a comparação de um encontro com um enredo fictício aponta para dois aspectos. Inicialmente, observa-se que o modo como uma jovem mulher vivencia o sentimento amoroso mantém uma relação estreita com os discursos que legitimam o modelo romântico enquanto um regime de verdade. Mencionamos anteriormente que diversas entrevistadas recorreram às definições românticas para tentar dar um sentido para suas relações afetivo-eróticas. Por outro lado, quando demonstra que a experiência não consegue “caber” no roteiro de um filme, o referido discurso não apenas coloca em xeque o modelo romântico. Ele propõe um outro modelo de amor: um amor menos idealizado, mais próximo de uma negociação constante entre dois sujeitos autônomos.

O impasse entre modelos distintos se torna nítido na seguinte afirmação: *não entendo o amor como o sentimento de querer estar junto pelo resto da vida. Eu espero isso, mas não é a minha expectativa.* A fragilidade do equilíbrio entre tendências à união e ao individualismo nos permite considerar que uma concepção romântica do amor (ainda que se revele cada vez mais distante das formas como são vividos atualmente os encontros amorosos) constitui uma alternativa de sentido, enquanto os outros modelos possíveis ainda se mostram incipientes ou não claramente explicitados.

Encontramos no discurso abaixo outra tentativa de conciliar aspirações românticas e individualistas:

Acho que o amor é uma mistura de várias coisas. Não sei se dá pra definir. É alguém com quem você pode contar, mas também alguém que você conhece os defeitos. Amor está mais ligado ao companheirismo. As pessoas tendem a achar que amam porque sofrem. Hoje em dia fico atenta quando alguém começa a falar de mim, mas não me enxerga. Muitas pessoas só projetam. Elas amam sozinhas. Para mim, amor é quando você enxerga a pessoa, é quando são dois. E é tão difícil ver o outro! A paixão muda a química e uma hora o

corpo se cansa disso. Uma hora, você precisa escolher parar de projetar. A gente pensa que o amor é um filminho, então um dia a tela levanta e você vê a pessoa. Amar é querer ver a pessoa sem o filme, do jeito que ela é (Lara).

Aquele que se dispõe a ver no outro algo além dos próprios desejos e fantasmas e, ainda assim, consegue criar com ele uma relação de cumplicidade constitui, no discurso acima, o sujeito amoroso.

O ideário romântico sustenta que apenas numa relação amorosa encontramos as condições suficientes para descobrir e revelar nosso “verdadeiro” eu. Tal ideário pressupõe, assim, que o outro irá se converter espontaneamente no eixo de sustentação do nosso processo de autodescoberta. Isto necessariamente induz cada parceiro a esperar que o outro contribua para o deciframento da própria vida.

O discurso acima citado acentua uma outra perspectiva. No caso, ao sujeito do amor é solicitada uma atitude de disponibilidade para enxergar o outro, tomando-o como um fim em si mesmo, uma vez que: *amar é querer ver a pessoa sem o filme, do jeito que ela é.*

Demandando ou aceitando demandas, o amor sugere a presença do outro. Este - real e imaginado, composto por traços difusos, capaz de abrigar em si uma multiplicidade de pessoas, lembranças, desejos e condições - tende a se apresentar, ao mesmo tempo, como a solução e o problema. No entanto, em alguns momentos, refletir sobre o amor permite-nos deixar em paz o outro e seus convites, seja ao inferno, seja ao paraíso. Nessas circunstâncias, o sujeito se assume como o outro de si mesmo.

Eu já me coloquei muitas questões sobre o amor. Hoje em dia, não sinto vontade de colocar nenhuma. Vivo o que está disponível neste momento. Do resto, não sei. Porque, se de um lado a gente reivindica do outro algo transgressivo, a gente pode acabar encontrando uma transgressão que torna insuportável a vida. Então, não me coloco esta questão do que é o amor. Ao invés disso, eu me pergunto como é que eu poderia viver melhor, aproveitar mais as coisas. Porque não sei como as pessoas vivem, se para elas tudo se torna tão complicado quanto é para mim. Apesar disso, eu me sinto vivendo e amando pessoas. Amando e querendo permanecer com algumas delas (Simone).

Considerando que viver é fabricar sentidos, quando a tessitura do amor romântico se esgarça, as fendas e as fissuras se apresentam como o espaço de construção de outros sentidos possíveis.

Olha, eu já me culpabilizei muito, já senti muita angústia e muita culpa também. Isso porque eu tinha uma idéia precisa do que deveria ser o amor. Hoje, não tenho mais. Não consigo mais definir o amor. Antes, eu podia. Hoje não sei, não posso mais. Antes, eu tinha um modelo. Quando eu era adolescente, tudo era muito certo. Eu estava dentro do modelo. Mas o amor, hoje, não é nada fácil. Eu não sei. Você sabe? (Simone).

Quando a entrevistada devolve a pergunta a quem a formulou, isto nos coloca diante de algumas questões. Inicialmente, podemos nos deter sobre a tão proclamada crise dos modelos. Segundo Milton Santos (2008), o atual período histórico é caracterizado fundamentalmente pela crise. Citando o autor:

Um período sucede a outro, mas não podemos esquecer que os períodos são, também, antecidos por crises, isto é, momentos em que a ordem estabelecida entre as variáveis, mediante uma organização, é comprometida (...) Essa foi a evolução comum a toda a história do capitalismo, até recentemente. O período atual escapa a essa característica porque ele é, ao mesmo tempo, um período e uma crise, isto é, a presente fração do tempo histórico constitui uma verdadeira superposição entre período e crise, revelando características de ambas essas situações (op.cit: 33).

Para Giddens (1991), a crise é uma das conseqüências da condição atual: fruto de um abandono, sem precedentes, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Como decorrência disso, as transformações não deixaram a salvo nem mesmo *algumas das mais íntimas e pessoais características da nossa existência cotidiana* (op.cit: 14). O autor prossegue, constatando que a ciência contemporânea repousa sobre areia movediça: *Em ciência, nada é certo, e nada pode ser provado, ainda que o empenho científico nos forneça a maior parte da informação digna de confiança sobre o mundo a que podemos aspirar* (ibid: 46).

Sem pretender ingressar numa discussão sobre o lugar ocupado pelas ciências humanas no conjunto dos saberes modernos (FOUCAULT, 1999), podemos supor que - quando um discurso implica o pesquisador a dar uma resposta, a propor uma solução passível de enfrentar a crise - ele pode constituir tanto uma ironia (que aponta diretamente para a areia movediça sobre a qual tentam se sustentar os saberes científicos contemporâneos) quanto pretender afirmar que, em face da imprecisão, as respostas para os problemas da existência cotidiana, se existirem, deverão ser dadas por especialistas, pois os atores se consideram indispostos ou incompetentes para tal função. Além dessas duas possibilidades, o

questionamento contido nas frases: *mas o amor hoje não é nada fácil. Eu não sei. Você sabe?* fez com que nos lembrássemos de uma outra frase. Esta, proferida por um célebre poeta francês, advertia-nos que o amor precisava ser reinventado (RIMBAUD, [1873] 1983).

Nos processos de reinvenção do amor movimentam-se os desejos e as decepções. Atuam, simultaneamente, variantes psicológicas, políticas e sociais. Cada um destes elementos se encontra definitivamente enredado aos outros. Explorando algumas breves narrativas sobre o amor e a feminilidade, acreditamos ter encontrado traços, vestígios capazes de nos tornar um pouco mais visíveis a nós mesmos (GEERTZ, 2001).

7.2. Emmas, Renées, Moniques e as netas Beauvoir – entre permanências e transformações.

Neste capítulo serão relacionados arranjos modernos e contemporâneos tecidos pelos conceitos de amor e de feminilidade. Para tanto, buscaremos definir e explicitar alguns desses arranjos a partir da composição de diferentes modelos. Inicialmente, retomaremos alguns dos principais traços de um perfil feminino engendrado pelos discursos médicos e pedagógicos do século XIX. Em seguida, voltaremos aos modelos literários sintetizados pelas figuras das personagens: Emma Bovary, Renée e Monique. Para finalizar, pretendemos compor um modelo contemporâneo, sistematizado a partir da análise dos discursos de francesas e brasileiras.

No século XIX, a família burguesa foi gradativamente sendo erigida como um modelo que se pretendia hegemônico. Para tanto, os discursos higienistas, propagados pela medicina da época, insistiram em assegurar a saúde e o bom funcionamento do grupo familiar. De acordo com Jurandir Freire Costa:

A sanidade física da família de elite aumentou, na medida em que as condutas sexuais masculina e feminina foram sendo respectivamente reduzidas às funções sócio-sentimentais do “pai” e da “mãe”. Em contrapartida, esta mesma educação desencadeou uma epidemia de repressão sexual intrafamiliar que, até bem pouco tempo, transformou a casa burguesa numa verdadeira filial da “polícia médica”(2004:15).

Os papéis de pai e de mãe adquiriam centralidade porque, segundo a concepção higiênica, os filhos se convertiam no compromisso primordial do casamento. Assim, embora a medicina moderna defendesse a necessidade do estabelecimento de um vínculo amoroso entre o casal - condenando os matrimônios realizados apenas com objetivos econômicos e difundindo os princípios do amor romântico - o amor higiênico deveria ser, acima de tudo, pragmático e precavido contra possíveis desvarios.

Desse modo, a cumplicidade com o ideário romântico demonstrava seus limites, pois o enaltecimento do sentimento amoroso deveria servir para legitimar a responsabilidade do casal pelo cumprimento das tarefas necessárias à manutenção do casamento e à saúde da prole (COSTA, 2004).

Se a medicina e a pedagogia, no século XIX, aderiram aos temas do amor romântico, assim o fizeram com o intuito de instituir papéis sociais distintos e complementares para cada um dos membros do casal burguês. De acordo com tais papéis, o amor - que para os homens se resumia um episódio da vida - consistia, para as mulheres, na razão principal da existência. Discursos como estes, difundidos com a ajuda da literatura sentimental, contribuíram para consolidar um arranjo específico formado entre as mulheres, o amor romântico e a feminilidade. Arranjo que se personificava na imagem da mulher delicada, física e intelectualmente frágil, preocupada unicamente com assuntos privados e devotada a um amor que culminaria com a maternidade. Para este tipo de mulher, o trabalho e a rua eram tidos como inadequados. No lugar deles, o casamento e a família se convertiam nos objetivos centrais da vida. A partir desses traços, foi delineado o modelo tradicional da feminilidade, o qual reservava às mulheres os papéis de esposa, mãe e dona de casa. Todos eles cumpridos sob os auspícios do sentimento amoroso.

Ainda que o perfil tradicional da feminilidade tenha sido elaborado com o auxílio dos temas do amor romântico, é importante salientar algumas incompatibilidades existentes entre ambos. A principal delas residia no fato da literatura romântica construir personagens femininas que agiam como sujeitos autônomos, colocando os próprios desejos acima das expectativas sociais e familiares. Como exemplo disso, no livro “Senhora”, escrito em 1875 por José de Alencar⁹⁷, a personagem principal se contrapõe, luta e vence sozinha o

⁹⁷ De acordo com Vera Lúcia Albuquerque de Moraes (2003 : 139), um traço característica da ficção de José de Alencar consiste na composição das protagonistas como: *mocinhas decididas*,

conservadorismo e os preconceitos da sociedade brasileira. Além deste, muitos outros textos românticos enfatizavam a independência feminina, justamente porque o Romantismo tinha como fundamento a crença na liberdade individual.

Se a literatura folhetinesca - que também floresceu no Brasil no século XIX - explorava à exaustão enredos de amores impossíveis, nutridos por heroínas meigas, mas determinadas, as quais no final seriam premiadas pelo casamento com o homem amado (representando o ápice da felicidade); e ainda que tais enredos tenham ajudado a promover o modelo tradicional de feminilidade, deve-se considerar que se tratava, ao mesmo tempo, do remédio e do veneno.

O gosto pela leitura de romances, comum às burguesas européias e brasileiras do século XIX, era considerado por pais, médicos e educadores como sendo potencialmente perigoso. Isto porque tais romances não se limitavam a difundir o interesse por um amor, em cujo apogeu estaria a promessa de formação de uma nova família; eles promulgavam também idéias e desejos de liberdade. Dessa maneira, poderiam facilmente suscitar em suas leitoras um sentimento de insatisfação existencial, provocando a rebeldia e o afrontamento à moral vigente.

Madame Bovary constituiu o paradigma da crise do modelo tradicional de feminilidade. No livro, o embate entre o desejo de fazer da vida uma aventura e a obrigação de reproduzir os papéis que sustentavam a ordem social burguesa se personificou nos delírios e nos tormentos da personagem principal. Através de Emma, percebemos a violência da contradição entre o perfil submisso e doméstico da feminilidade e os ideais modernos de autonomia e liberdade pessoal. De acordo com Maria Rita Kehl (1998), Flaubert, em Madame Bovary, articulou dois modos de subjetivação ainda inconciliáveis: o da mulher e o do burguês. Nas palavras da autora:

A mesma literatura que apontava o amor como a maior realização da vida feminina, dava conta da pobreza e da frustração que advinha de se jogar todas as fichas da vida no casamento, e revelava o desejo ainda disforme de muitas mulheres, de se tornarem sujeitos de suas próprias vidas, "autoras" de suas aventuras pessoais, em consonância com os ideais de autonomia e liberdade individual que a modernidade ha muito vinha oferecendo aos homens (op.cit: 117-118).

inteligentes, argutas e espertas, além, é obvio, de lindas, insinuantes, delicadas e mimosas, de moral intocável, e, o que é mais surpreendente, com um tal poder de iniciativa, decisão e discernimento que, via de regra, deixam os homens submissos aos seus caprichos e fascínios.

Para Emma, o projeto burguês de ascensão social (sustentado pela noção moderna de indivíduo) só poderia ser efetivado através do amor, pois a personagem não dispunha de outros recursos capazes de lhe garantir uma vida independente da presença de um marido. O enorme investimento feito por Madame Bovary nos assuntos amorosos deu origem ao termo “bovarismo”, empregado desde 1902 pela psiquiatria para se referir a *todas as formas de ilusão do eu e de insatisfação, desde a fantasia de ser um outro até a crença no livre arbítrio* (ROUDINESCO, 1994: 40).

Semelhante à Emma, a jovem Renée acreditou profundamente no sentimento amoroso. Ao perceber o abismo entre o amor sonhado e o vivido, ela sofre - tal como sofreu Bovary - um profundo abalo existencial. Contudo, o suicídio realizado por Renée foi apenas metafórico. Recusando a identidade de “femme du monsieur”, ela rejeitou o modelo tradicional de feminilidade e assumindo-se como uma mulher socialmente deslocada: uma “vagabonde”. O modelo representado pela figura da “vagabonde” é o da mulher desvinculada: aquela que abraça os ideais individualistas, enquanto se destitui das atribuições convencionalmente conferidas às “mulheres de família”.

Monique também se desvincula: da família, do noivo, dos valores morais. Não se torna dançarina, mas, como uma reconhecida decoradora, também se desloca do espaço doméstico em direção à rua – lugar de trabalho e lugar de diversão. Enquanto Renée se reconhece como “vagabonde”, Monique se afirma como “garçonne”: uma mulher que age e sente como um homem, sendo diferente dos homens apenas por sua honestidade.

Entretanto, a postura masculina aproxima Monique do ressentimento e da amargura. Por isso, ela decide abandonar o estilo de vida da “garçonne”: devotado unicamente ao prazer. No final do livro, a personagem supera desconfianças e frustrações, e se reconcilia com o amor. Embora o amado acredite no casamento como um acordo entre iguais, Monique deseja se fazer feminina para ele: por isso se arrepende do passado, condena sua educação permissiva, cultiva longos cabelos e sonha em ser, outra vez, uma inocente noiva confiante no amor.

Obviamente, quando tentamos compor um modelo contemporâneo, deparamo-nos com a ambigüidade e a contradição. Em nenhum momento tencionamos negá-las. Desejamos apenas destacar algumas, dentre as diversas

performances possíveis para o amor e a feminilidade. Para tanto, tentaremos formular possíveis respostas para algumas questões.

Inicialmente questionamos se nosso modelo contemporâneo padece um pouco de “bovarismo”.

Se tomamos por “bovarismo” uma tendência a definir o amor como um acontecimento que não se equipara a nenhum outro no que concerne à possibilidade de alegrar e de refazer uma vida, podemos afirmar que nossas entrevistadas portaram-se como “Emmas”, principalmente, em suas primeiras relações amorosas. Escolhemos empregar o verbo no passado, devido à ênfase dada pelas entrevistadas ao fato de que, atualmente, não se fiam mais nas promessas do amor romântico.

Nenhuma das entrevistadas, por exemplo, admitiu a idéia de investir menos na vida profissional devido a um relacionamento amoroso. O argumento mais empregado para justificar esta atitude consistiu no caráter provisório e impreciso das relações amorosas. Aqui cabe indagar por qual razão os termos do raciocínio parecem estar invertidos.

Pesquisadores que se ocupam em investigar os desdobramentos assumidos pelo amor na contemporaneidade atribuem a transformação das relações amorosas, invariavelmente, à mudança da condição feminina: *le changement de statut de la condition féminine a profondément bouleversé les repères affectifs. Les répercussions sociales de ces mutations sont innombrables* (CHAUMIER, 2004:19).⁹⁸

Algumas entrevistadas afirmaram que uma mulher deve confiar na sua profissão, uma vez que é impossível, hoje, confiar no amor dos homens. E se, por nossa conta, decidimos inverter os termos desta afirmação, acaso não encontraríamos nela vestígios de um “bovarismo”, ainda que descrente?

De acordo com Gilbert Durand (1984), as estruturas sociais do imaginário constituem os pontos de apoio que orientam as ações dos sujeitos. Tomamos esta proposição para ponderar sobre as relações entre o imaginário e as práticas. Nos discursos analisados, o imaginário amoroso das entrevistadas manteve-se, em geral, vinculado ao ideário romântico. Os pontos onde encontramos um maior acordo

⁹⁸ A transformação do status da condição feminina abalou profundamente as referências afetivas. As repercussões sociais dessas mutações são inumeráveis. Salientamos que esta concepção foi partilhada pelos outros autores mencionados nesta pesquisa.

foram: a inclinação das mulheres para os assuntos emocionais, tendo por resultado uma tendência a investir mais no amor do que os homens; a crença de que as mulheres lidam de maneira mais problemática com o fracasso das aspirações amorosas, como o fim de um relacionamento, por exemplo, e o desejo de ter um filho e de constituir uma família no formato nuclear.

Cada um dos pontos referidos se ajusta ao ideário romântico, utilizado como base do modelo tradicional de feminilidade. No entanto, é preciso ainda explorar uma conexão mais sutil. No modelo higiênico, o feminino se define pelo cuidado, pelo devotamento à vida familiar. No modelo romântico, as mulheres flertam com a felicidade (sendo esta geralmente traduzida por um encontro amoroso impossível, o qual suscitará muitos embates antes de lhes conduzir ao casamento e à maternidade). Nesse sentido, a devoção feminina deve existir apenas quando a mulher se encontra feliz.

Bovary é capaz de todos os sacrifícios em nome do seu querido Rodolfo e, para tanto, não se impede de endividar o próprio marido, tampouco se lembra da pequena filha. O amor que Emma recebe de Carlos não lhe é suficiente, porque não se converte em moeda de felicidade. Assim, enquanto no modelo higiênico o casamento e a família deveriam constituir, para as mulheres, um fim em si mesmo, os discursos românticos permitem que estes se tornem um meio (ainda que o principal) de uma mulher atingir a felicidade. Nesse sentido, Madame Bovary pode ser lido como uma belíssima análise das mudanças anunciadas pelos ideais românticos na vida das mulheres burguesas.

Diante da fissura provocada no modelo tradicional de feminilidade pela disseminação dos ideais individualistas, colocamo-nos a seguinte questão: em nosso modelo contemporâneo, a feminilidade continuaria sendo definida por uma vocação ao cuidado, ao devotamento?

A sensibilidade foi descrita por algumas entrevistadas como um traço característico do feminino, tal como ocorreu com o gosto pelos assuntos amorosos. No entanto, boa parte delas relacionou feminilidade à performance, à composição de um estilo revelado pelo apuro no vestir (mais destacado pelas francesas), pelo refinamento dos gestos e pela atenção concedida ao corpo (mais enfatizado pelas brasileiras).

A relação entre feminilidade e cuidado se apresentou, no entanto, quando as entrevistadas abordaram a maternidade. Praticamente todas reconheceram em si o

desejo – ou uma promessa de desejo – de serem mães. Para isto, em geral, julgaram imprescindível a existência de um relacionamento monogâmico e estável. Elas destacaram também a crença de que uma mulher - para se tornar mãe - deve estar preparada para abdicar de si mesma, colocando a família em primeiro lugar. Nenhuma entrevistada sugeriu a mesma necessidade para os futuros pais.

Nesse sentido, podemos considerar que o modelo contemporâneo não vinculou necessariamente feminilidade e devoção (haja vista que, atualmente, todos precisam ser felizes), salvo quando se tratou da maternidade. Neste caso, a imagem da mãe, inserida num relacionamento sério (leia-se: duradouro) e feliz, foi concebida como um motivo suficientemente forte para que as mulheres abrissem mão do próprio tempo, tentando conciliar suas vontades com as de outros indivíduos.

O impasse entre conciliação e aprisionamento (resumido por uma entrevistada como *a dúvida se é possível partilhar sem ter de perder*⁹⁹) foi resolvido de maneira radical por Renée. A personagem, percebendo-se apaixonada, resolve interromper sua relação ao se dar conta de que tem por objeto de amor um homem. E, como consequência disso, acabará assumindo, cedo ou tarde, o papel da esposa submissa.

Retomando as considerações de Renée, propomos mais uma questão: que relações nosso modelo estabelece com o feminismo?

Aqui, não nos referimos ao impacto das conquistas do feminismo sobre a vida das mulheres contemporâneas. Nossa atenção converge para o que resolvemos chamar de um perfil “feminista”. Este se caracteriza, sobretudo, por defender a idéia, segundo a qual os relacionamentos entre homens e mulheres tendem a ser marcados pela dominação masculina e que, por isso, é preciso lutar em favor dos direitos das mulheres. Também, segundo essa lógica, quanto mais institucionalizada é uma relação amorosa, mais facilmente convergirá para uma divisão rígida dos papéis masculino e feminino.

Como sabemos, o perfil “feminista” foi mais francês do que brasileiro. O fato de nenhuma brasileira ter se referido à política, nem sequer aludido ao termo “feminismo” nos leva a pensar que o nosso modelo tem a singularidade de exibir

⁹⁹ Anna : ‘eu sempre me pergunto, eu me coloco a questão se possível viver um relacionamento onde a gente sente que está partilhando e não que está abrindo mão da própria liberdade e de tudo que a gente gosta de fazer’.

duas faces: numa, o privado se declara político; na outra, o privado se reduz a uma questão meramente individual.

Podemos explicar esta diferença, levando em consideração alguns elementos. Inicialmente, o feminismo francês, quando comparado ao brasileiro, mostra-se mais investido de tradição histórica, consistência e visibilidade social. Acrescente-se a isso o fato de termos entrevistado francesas residentes em Paris. Nesta cidade, a repercussão de nomes como o de Simone de Beauvoir facilmente se torna mais intensa do que em outras. Supondo que o machismo (traço de uma cultura patriarcal) atue de modo mais contundente no Brasil do que na França, é possível afirmar que ele contribui também para difundir uma imagem caricata e ofensiva do feminismo e das mulheres que se declaram feministas.

Por outro lado, Milton Santos (2008), analisando os impactos sociais da globalização, destaca que neste período histórico a cidadania se enfraquece, enquanto se expande a identidade de consumidor. O autor, entretanto, pondera: *é certo que no Brasil tal oposição (entre o cidadão e o consumidor) é menos sentida, porque em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãs; os pobres jamais puderam ser cidadãos* (op.cit: 49-50).

Nesse sentido, quanto mais “problemático” se revela o exercício da cidadania no Brasil, mais os brasileiros irão conceber os acontecimentos que marcam suas existências como problemas pessoais, desvinculando, assim, o privado da sua dimensão política.

Os impasses vividos pela personagem de Colette conduzem-nos a um outro questionamento. Porque prefere ser “mulher de ninguém”, Renée escolhe interromper um relacionamento amoroso, acreditando que este tipo de relação entre um homem e uma mulher pressupõe e solidifica a dependência feminina. Examinando nosso modelo contemporâneo podemos nos perguntar se ele relaciona dependência e feminilidade.

O discurso individualista, o qual atribui a cada sujeito a responsabilidade de gerir a própria existência e de torná-la mais feliz, foi o mais comum entre as entrevistadas. Segundo tal discurso, o processo de construção das identidades femininas deve fazer parte de um projeto orientado para a afirmação da liberdade e da autonomia pessoal.

No entanto, em algumas situações, os discursos individualistas cederam espaço para discursos que tematizavam a dependência afetiva das mulheres. Referimo-nos precisamente às narrativas sobre o fim de um relacionamento amoroso. Observamos que, geralmente, o luto pelo término de uma relação amorosa continha ou suscitava um outro luto: decorrente da dissolução de um projeto de vida.

Freud, no texto: “O mal-estar na civilização” (1974 [1930]), enumera três tipos de sofrimento, passíveis de contrariar a crença numa vida feliz. O primeiro advém da dissolução do próprio corpo, manifesta pela doença e pelo envelhecimento; o segundo resulta dos embates com o mundo externo, por suas intempéries e surpresas avassaladoras; já o último seria consequência das relações humanas. Para o autor, este constituiria no mais penoso de todos os sofrimentos. Ele completa: *é que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor* (op.cit: 101).

De acordo com Freud, amor e desamparo estão sempre muito próximos entre si. Cientes disso, não pretendemos afirmar que apenas as mulheres se sentem desamparadas quando um relacionamento amoroso chega ao fim¹⁰⁰. Não interpretamos desta maneira os discursos analisados. O que chamou nossa atenção foi papel desencadeador da perda ou da ausência de um relacionamento amoroso nos processos de crise de identidade, evocados pelas entrevistadas.

Podemos, então, considerar que nosso modelo contemporâneo não admite definir a feminilidade pela via da dependência. Contudo, não consegue se desinvestir completamente da concepção que une o feminino ao amor romântico. Concepção que, por sua vez, ajuda a sustentar e a manter a crença de que a vida

¹⁰⁰ Durkheim (2000 [1897]) apontou existência de uma diferença considerável entre os sexos no que se refere à inclinação ao suicídio. Embora não tenha abordado o amor, ele investigou o casamento e concluiu que os homens casados seriam os mais protegidos contra o suicídio, enquanto as mulheres casadas (sobretudo, aquelas sem filhos) seriam as menos protegidas. Assim, devido a um desnível nos coeficientes de proteção do matrimônio para homens e mulheres, os viúvos estariam sensivelmente mais expostos ao risco de cometer o suicídio do que as viúvas. Para o autor, isso poderia ser explicado porque as mulheres, em geral, perdiam com o casamento, enquanto os homens adquiriam vantagens: *temos de admitir que a sociedade conjugal, tão desastrosa para a mulher, é, pelo contrário, mesmo na ausência de filhos benéfica para o homem* (op.cit: 211-212). Além disso, as mulheres, por ficarem encerradas em casa e por cultivarem outras redes de sociabilidade (formadas por parentes e vizinhas), estariam mais preparadas para lidar com o desaparecimento ou a ausência do cônjuge do que os homens. Não desejamos expandir as considerações de Durkheim sobre as consequências da perda do cônjuge para aquelas decorrentes de uma ruptura amorosa. Pretendemos apenas alertar para o perigo que reside nas crenças que, de tão repetidas, acabam ganhando ares de verdade. Dentre elas, encontra-se a idéia de que os homens são necessariamente mais desvinculados e mais independentes dos assuntos privados do que as mulheres.

das mulheres deve ser mais afetada pelas vicissitudes amorosas do que a dos homens.

As burguesas do século XIX deveriam possuir e cultivar apenas uma identidade privada. Na década de cinquenta, mulheres que tiveram acesso à formação escolar e ao mercado profissional, precisavam também se ajustar à identidade (produzida em série) da dona de casa moderna e feliz. A contestação política da década de sessenta trouxe, para algumas mulheres, a possibilidade de alcançar legitimidade social através de suas identidades públicas, profissionais. Atualmente, aquelas que se beneficiam dessas conquistas se percebem livres para investir tanto nos assuntos públicos quanto nos privados. Contudo, enquanto as mudanças nas práticas não são acompanhadas de uma recomposição dos discursos, o maior investimento das mulheres nos assuntos privados tende a continuar sendo visto como óbvio: apenas mais uma, dentre as peculiaridades “femininas”.

Ainda que os conceitos de masculinidade e de feminilidade sejam questionados pela maior fluidez nos comportamentos de homens e mulheres, em determinadas situações a divisão de territórios foi retomada. No caso das entrevistadas, isto ocorreu quando o sexo se desvinculava dos sentimentos.

Tal como Monique consumia parceiros, separando a sexualidade do compromisso, assim também disseram agir algumas de nossas entrevistadas. Ao mesmo tempo, de novo como a personagem, algumas também evocaram uma sensação de mal-estar, de descontentamento. Para Monique, agir “como um homem” implicava perder a identidade feminina. Para as entrevistadas, que vivem em mundos sociais onde o trabalho e a independência feminina não são necessariamente transgressores, o laço entre sexo e sentimento poderia demarcar uma fronteira entre a feminilidade e a masculinidade.

Entretanto, enquanto algumas enfatizavam o mal-estar, outras admitiam o próprio contentamento. Nesses casos, “agir como um homem” era visto não como uma perda da identidade feminina em favor da masculina, mas como um alargamento identitário: um direito conquistado por sujeitos autônomos. Nesse sentido, o enfraquecimento das fronteiras entre os gêneros corresponderia a um aumento na liberdade de ação das mulheres.

Refletir simultaneamente sobre fronteiras e dissoluções foi um exercício fundamental para a composição deste trabalho. A ausência de respostas lineares e

a impossibilidade de separar completamente as reinvenções das permanências nos fazem considerar que dificilmente poderemos construir um novo arranjo para o amor e a feminilidade, capaz de resolver as contradições e as ambigüidades dos enredos contemporâneos. No entanto, percebemos também que é possível fazer dessas contradições e ambigüidades um uso mais criativo: potencializando as narrativas que compõem sentidos para o que existe de dinâmico e de imprevisível nas relações e nas existências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando algumas narrativas modernas e contemporâneas sobre o amor e a feminilidade buscamos encontrar respostas para algumas questões. A primeira delas, que deu origem a esta pesquisa, consistiu em compreender e explicar como se constituía a afinidade entre os conceitos de amor romântico e de feminilidade.

Nesse sentido, a leitura de textos históricos nos permitiu vislumbrar alguns dos modos pelos quais tal afinidade foi sendo construída e reafirmada, no decorrer do tempo. Ao refletir sobre o arranjo formado entre o conceito de amor romântico e o perfil emocional da feminilidade, investigamos alguns traços da formação discursiva responsável por tornar legítima a associação entre as mulheres e o sentimento amoroso.

Nesse processo, deparamo-nos constantemente com a contradição e a ambigüidade. Por vezes, as imagens de mulheres, elaboradas a partir de nossas incursões pelo século XIX e pelo princípio do século XX, pareciam ter pouco a dizer sobre as mulheres contemporâneas. Noutras, porém, essas imagens se mostravam curiosamente atuais, a ponto de justificar a idéia de que bastaria se aprofundar nelas para, assim, conhecer as mulheres de hoje.

As três obras literárias analisadas nos permitiram elaborar imagens de mulheres que destoavam, seja do perfil da jovem educada para o casamento, seja das figuras da mãe santificada e de seu duplo: a mulher sozinha e nervosa. Ao mesmo tempo, a diferença demarcada por cada uma das personagens só adquiria sentido enquanto se colocava como uma resposta: tecida pelo embate contínuo e declarado com o modelo da mulher exclusivamente interessada na família, no amor e nos assuntos domésticos.

De acordo com Gilberto Velho (2006), mesmo que atualmente o número de mulheres que trabalham fora seja cada vez mais expressivo no Brasil, a esfera doméstica continua tendo grande importância para as mulheres. Em suas palavras:

A própria participação na vida pública, como no caso das mulheres, é valorizada muito a partir do peso e significado doméstico, com suas eventuais conseqüências negativas para seu desenvolvimento mais pleno enquanto indivíduos. Ou seja, há, neste nível, uma oposição clara entre o público e o privado. Se a participação no mundo extradoméstico

talvez seja um sinal de libertação para as mulheres, pode, no entanto, aparecer como estratégia privilegiada de reconstrução de um indivíduo cuja realização plena se dá ao nível de sua vida íntima, afetiva, sexual, amorosa. Parece-me que, sob este ponto de vista, continua sendo marcada a descontinuidade entre os dois domínios, com uma desvalorização implícita do público (VELHO, 2006 : 41-42).

Examinando os discursos de francesas e brasileiras, observamos que a ênfase na intimidade, acompanhada de uma desvalorização implícita do público - às quais se refere Gilberto Velho - foi mais nítida entre as brasileiras; embora não tenha estado ausente entre as francesas. A crença de que uma mulher necessita mais do que os homens de uma realização amorosa foi repetida por brasileiras e francesas. Para as últimas, tal realização apareceu, ora como menos importante do que a realização profissional, ora como tão importante quanto esta. Para as primeiras, no entanto, a realização amorosa foi mencionada, ora como tão importante quanto a realização profissional, ora como mais importante do que esta.

As diferenças e as semelhanças que encontramos nos discursos das francesas e das brasileiras nos permitiram vislumbrar algumas etapas do processo de construção de novos sentidos para o amor e a feminilidade. De acordo com Maria Luíza Heilborn:

As pesquisas comparativas entre culturas têm por mérito assinalar nitidamente de que modo a sexualidade depende das regras sociais. As pré-noções que revestem o tema trazem inequivocamente a representação de que se trata de algo individual, interno, inexorável, mas sujeito, em sua externalização, a diversos constrangimentos. É tênue a percepção de que se trata de um elaborado sistema de determinações sociais que articulam indivíduo e sociedade (In: VELHO, 2003: 193-194).

Comparando os discursos das francesas e das brasileiras, explicitamos alguns aspectos que as aproximavam, assim como também aqueles que, segundo nossa interpretação, demarcaram diferenças culturais. Não tencionamos concluir este trabalho afirmando que as diferenças sejam mais ou menos significativas do que as proximidades.

Durante todo o processo da pesquisa, estivemos conscientes do risco advindo das sínteses apressadas: aquelas tomadas com o intuito de aplacar a angústia do pesquisador e de seus futuros leitores, concedendo-lhe respostas precisas, oposições bem definidas, caminhos regulares. Admitimos a angústia, mas preferimos tematizá-la através da arte:

permita cavalheir(o,a)
amig(o,a) me revele
este malestar
cantarino escarninho piedoso
este querer consolar sem muita convicção
o que é inconsolável de ofício
a morte é inconsolável consolatriz consoadíssima
a vida também
tudo também
mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de
nuncas (Amar-amaro. Carlos Drummond de Andrade,
1992).

Nesta pesquisa, não encontramos o consolo advindo das respostas que se harmonizam e nos aliviam. Porém, encontramos indícios: algumas pistas que apontam para a invenção de outras ficções e paisagens do amor e da feminilidade.

Finalizando, consideramos interessante desdobrar este estudo tanto para as adolescentes - que começaram a experimentar a sexualidade num período em que termo “ficar” se tornava comum, sugerindo um laço cada vez mais tênue entre amor, sexualidade e compromisso - quanto para as mulheres que estão se deparando com o processo de envelhecimento e precisam construir sentidos que conciliem e integrem este acontecimento às suas concepções e vivências amorosas.

Outro desdobramento possível para este estudo consiste em entrevistar homens. No período de estágio em Paris, entrevistamos sete franceses, possuidores de características semelhantes às das mulheres entrevistadas. Nosso objetivo, no momento, foi demarcar algumas diferenças entre um modelo masculino brasileiro e um modelo masculino francês. Apesar de não termos utilizado a análise do discurso dos homens entrevistados neste texto (a escolha de não incluir os homens se deu por considerarmos que tal inclusão exigiria um espaço maior na pesquisa), encontramos elementos que justificam a importância de um estudo que se detenha sobre as representações amorosas dos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean Michel. Le récit. Qui sais-je ? 6ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1984.

ALBERONI, Francesco. Je t'aime – tout sur la passion amoureuse. Paris: Plon, 1997.
_____. Le choc amoureux – recherches sur l'état naissant de l'amour. Paris: Éditions Ramsay, 1981.

ALENCAR, José. [1875]. Senhora. São Paulo: Saraiva, 1978.

AMNESTY INTERNATIONAL. Les violences aux femmes en France – une affaire d'Etat. Paris: Éditions Autrement, 2006.

AMORIM, Rosendo. F. O império da magreza – o imaginário do corpo feminino na pós-modernidade. Tese de doutorado em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (orgs). Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARIÈS, Phillipe; BEJIN, André (orgs). Sexualidades ocidentais. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs). Amour et sexualité en Occident. Paris : Editions du Seuil, 1991.

ARY, ZAÍRA. Domesticidade: “cativeiro” feminino? Rio de Janeiro: Achiamé/CMB, 1983.

_____. Masculino e feminino no imaginário católico. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 5ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____. Pour une anthropologie des mondes contemporains. Paris: Aubier, 1994.

AZZAN JUNIOR, Celso. Antropologia e interpretação – explicação e compreensão na antropologia de Lévi-Strauss e Geertz. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

BADINTER, Elisabeth. L'un est l'autre – des relations entre hommes et femmes. Paris: Le Livre de Poche, 1986.

_____. Rumo equivocado – o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.

BAIR, Devidre. Simone de Beauvoir. Paris: Fayard, 1991.

BALANDIER, Georges. Le désordre – éloge du mouvement. Paris : Librairie Arthème Fayard, 1988.

_____. O Dédalo – para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BALZAC, Honoré [1842]. A mulher de trinta anos. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARTHES, Roland. Crítica e verdade. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. Le grain de la voix – entretiens 1962 -1980. Paris : Seuil, 1981.

_____. Fragmentos de um discurso amoroso. 16 ed. São Paulo: Francisco Alves, 2001.

_____. Littérature et réalité. Paris : Seuil, 1982.

_____. Mythologies. Paris: Seuil, 1957.

_____. O grau zero da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BATAILLE, Georges. Les larmes d'Eros. Paris: Pauvert, 1961.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

BAUMAN, Zigmunt. Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAWIN-LEGROS, Bernadette. Génération désenchantée – le monde des trentenaires. Paris: Payot, 2006.

BEAUVOIR, Simone. A velhice. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

_____. [1947-1964]. Cartas a Nelson Algren – um amor transatlântico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. [1949]. O segundo sexo – a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BECK, Ulrich [1986]. La société du risque – sur la voie d'une autre modernité. Paris : Flammarion, 2003 ;

BECKHER, Howard. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, v. 1.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade – tratado de sociologia do conhecimento. 9ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

BERTAUX, Daniel. L'enquête et ses méthodes – le récit de vie. 2ed. Paris: Armand Colin, 2006.

BESSA, Karla Adriana Martins (org). Cadernos Pagu - trajetórias do gênero, masculinidades. São Paulo: UNICAMP, 1998.

BIRMAN, Joel. Cartografias do feminino. São Paulo: Editora 34, 1999.

BLANCHET, Alain et al. L'entretien dans les sciences sociales – l'écoute, la parole et le sens. Paris : Dunod, 1985.

BLOCH, Howard. Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BOLOGNE, Jean-Claude. Histoire du célibat et des célibataires. Paris : Fayard, 2004.

BOSI, Ecléa. Lembranças de velhos. São Paulo : T. A. Queiroz, 1983.

BOSIO-VALICI, Sabine ; ZANCARINI-FOURNEL, Michelle. Femmes et fières de l'être – un siècle d'émancipation féminine. Paris : Larousse, 2001.

BOURCIER, Marie. Helène. La fin de la domination (masculine). In: BOUTANG, Y. M. (org). Multitudes féminismes, queer, multitudes - devenir femme du travail t de la politique des biotechnologies au biopouvoir, de la bioéthique aux biopolitiques. Paris: Laboratoire des devenirs minoritaires, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris, n. 17/18, novembro, 1977.

_____. As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

_____. Introduction a la socioanalyse. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris, décembre, 1991, p. 3-5.

_____. Le bal des célibataires – crise de la société paysanne en Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002b.

_____. Le capital social. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris, n. 31, janvier, 1980.

_____. Le sens commun – le sens pratique. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

- _____. O ofício do sociólogo. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. Razoes praticas – sobre a teoria da ação. 5ed. São Paulo: Papyrus, 1996b.
- BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org). Família e sexualidade. Rio de Janeiro : FGV, 2004.
- BOZON, Michel ; HEILBORN, Maria Luíza. Les caresses et les mots – initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris. Terrain. Paris, 1986, n. 27, p. 37 - 58.
- BOZON, Michel ; HERAN, François. La formation du couple – textes essentiels pour la sociologie de la famille. Paris : La Découverte, 2006.
- BOZON, Michel ; LERIDON, Henri. Les constructions sociales de la sexualité. Sexualité et sciences sociales. Paris, Sept/octo, 1993, n. 5, p. 1173 – 1474.
- BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L (orgs) Refazendo nós - ensaios sobre mulher e literatura. Rio Grande do Sul: Editora Mulheres, 2003.
- BROWN, P. The body and society. Londres: Faber, 1989.
- BRUSCHINI, C (orgs). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org). Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BURGUIERE, André et al. Histoire de la famille - le choc des modernités. Paris: Armand Colin, 1986, v. 2.
- BUTLER, Judith. Le pouvoir des mots – politique du performatif. Paris: Editions Amsterdam, 2004.
- _____. Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAIAFA, Janice. Nosso século XXI – notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CAMPBELL, Collin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CANCIAN, Francesca. Love in America. Gender and Self-development. Cambridge: University Press, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CARVALHO, Nanci Valadares (org). A condição feminina. São Paulo: Edições Vértice, 1988.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano I – as artes de fazer. Petrópolis : Vozes, 1994.

CHAUMIER, Serge. La déliaison amoureuse – de la fusion romantique au désir d'indépendance. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 2004.

CLEMENT, Jérôme. Les femmes et l'amour. Paris : Stock, 2002 ;

COLETTE. [1910]. La vagabonde. Paris: Albin Michel, 1990.

COLL, César; MARCHESI; Álvaro; PALACIOS, Jesus. Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2004, v.1.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Rebeldia e submissão – estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAYAN- HERZBRUN, Sônia. L'amour et la morale de l'histoire. Les femmes et la question du travail. Lyon, Centre Lyonnais D'études Féministes.1984, p. 149-156.

_____. La sexualité au regard des sciences sociales. Sciences sociales et santé, Paris, 1991. v. IX, n.4, p. 7-21.

_____. Production du sentiment amoureux et le travail des femmes. Cahiers internationaux de Sociologie., Paris, 1982. v. LXXII, p. 113-130.

DAYAN-HERZBRUN, Sônia; AEBISCHER, Verena. Cinéma et destins de femmes. Cahiers internationaux de Sociologie. Paris, 1986, v. LXXX, p. 147-159.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. São Paulo: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. Ao sul do corpo – condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

_____. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (org). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka – por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DIÓGENES, Glória. Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

_____. Itinerários de corpos juvenis – o tatame, o jogo e o baile. São Paulo: Annablume, 2003.

DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUMONT, Louis. O individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURAND, Gilbert. Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris : Dunod, 1984.

DURAND, Jean-Pierre; WEIL, Robert. Sociologie contemporaine. Paris : Vigot, 1989.

DURKHEIM, Émile. Les règles de la méthode sociologique. Paris: Flammarion, 1988.

_____. [1897]. O suicídio - estudo sociológico. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. O processo civilizador Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, v. 1 e 2.

_____. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. Qu'est-ce que la sociologie? Paris : Editions de L'Aube, 1981.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

FIELDING, Helen. [1996]. O diário de Bridget Jones. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

FLANDRIN, Jean-Louis. Le sexe et l'Occident – évolution des attitudes et des comportements. Paris : l'Aube, 1980.

_____. Les amours paysannes. Paris : Gallimard, 1975.

FLAUBERT, Gustave [1857]. Madame Bovary. São Paulo : Companhia das Letras, 1981.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. Anthologie. Paris: Gallimard, 2006.

_____. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Dits et écrits 1954 - 1988. Paris: Gallimard, 1988, v. 4.

_____. Ditos e escritos – estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, v. 4.

_____. Ditos e escritos – ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, v. 5.

_____. Ditos e escritos – problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, v.1.

_____. História da sexualidade 1– A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

_____. L'ordre du discours. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRAISSE, Geneviève ; PERROT, Michelle (orgs). História social das mulheres no Ocidente – o século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991, v. 4.

FREUD, Sigmund [1893-1895]. Estudos sobre a Histeria. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 3ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 2.

_____. [1930]. O mal-estar na civilização. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 21.

_____. [1931]. Sexualidade feminina. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 21.

FREYRE, Gilberto. Modos de homem, modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. Sobrados e Mocambos – introdução à historia da sociedade patriarcal. São Paulo: José Olympio, 1951.

FRIEDAN, Betty [1963]. La femme mystifiée. Paris : Armand Colin, 1982.

FROM, Erich [1968]. L'art d'aimer. Paris: Desclée de Brouwer, 1995.

GALLAND, O. Un nouvel âge de la vie. Revue Française de Sociologie. Paris : 1991, v. 31.

_____. Sociologie de la jeunesse. Paris: Armand Colin, 1990.

GAY, Peter. A paixão terna – experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. São Paulo: LTC, 1989.

_____. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Obras e vidas – o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2005.

_____. O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa. 5ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (orgs). Teoria social hoje. São Paulo: UNESP, 1999.

GIET, Sylvette. 20 ans d'amour en couverture. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris, novembre, 1985, p. 17-22.

GOFFMAN, Erving. [1977]. L'arrangement des sexes. Paris: La Dispute, 2002.

_____. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

GOLDENBERG, Mirian. De perto ninguém é normal – estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. Infel – notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.

_____. (org). Nu e vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. (org). O corpo como capital – estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

_____. (org). Os novos desejos – das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

GOODE, W.J; HATT, P. K. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Companhia das Letras, 1969.

GROSSI, Miriam. A revista estudos feministas faz dez anos – uma breve história do feminismo no Brasil. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2004, v. 12, p. 211-222.

_____. Rimando amor e dor – reflexões sobre a violência no vínculo conjugal. In: Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

GUATTARI, Félix. Caosmose – um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolíticas – cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUILLAUMIN, Colette. Le corps appropriés. Questions féministes. Paris, février, 1978.

GULLAR, Ferreira. Toda poesia. 9ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

HABERMAS, Jürgen. Verdade e justificação – ensaios filosóficos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Da diáspora – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HARAWAY, Donna. Manifeste Cyborg – science, technologie et féminisme socialiste à la fin du XX siècle. cyberfeminisme.org/txt/cyborgmanifesto.html. Texto acessível em formato eletrônico.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, A. O; BRUSCHINI, C (orgs). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Sexualidade – o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEINICH, Nathalie. Les ambivalences de l'émancipation féminine. Paris : Albin Michel, 2003

HÉRITIER, Françoise. Masculin / féminin la pensée de la différence. Paris: Éditions Odile Jacob, 1996.

HIRATA, Helena. Travail et affects – les ressorts de la servitude domestique. Paris: Journée du GDR Marché du travail et genre, 2001.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Manual de análise do discurso em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

JACQUES, André. La sexualité féminine. Qui sais-je? 3ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

JARDIM PINTO, Céli Regina. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

JOHNSON, Paul. Love, heterosexuality and society. New York: Routledge Advances in Sociology, 2005.

KARL M. Van Meter (org). La sociologie – textes essentiels. Paris: Larousse, 1992

KAUFMANN, Jean-Claude. Ego – pour une sociologie de l'individu – une autre vision de l'homme et de la construction du sujet. Paris: Nathan, 2001.

_____. La femme seule et le prince charmant – enquête sur la vie en solo. Paris: Nathan, 1999.

_____. L'invention de soi – une théorie de l'identité. Armand Colin, 2004.

_____. Premier matin – comment naît une histoire d'amour. Paris: Armand Colin, 2002.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino - a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KEHL, Maria Rita. Masculino / feminino: o olhar da sedução. In: NOVAES, Aduino (org). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KELLERHALS, J at. all. Mariages au quotidien – inégalités sociales, tensions culturelles et organisation familiale. Paris : Collection Regard Sociologique, 1982.

KLEIN, Melanie ; RIVIERE, Joan. L'amour et la haine – le besoin de réparation. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 1968.

KRISTEVA, Julia. Histoires d'amour. Paris: Denoël, 1983.

KUNDERA, Milan [1983]. A insustentável leveza do ser. São Paulo : Companhia das letras, 1999.

LALONDE, Michel; MONTOUR, Richard. Les rapports amoureux. Conjoncture politique au Québec. Québec, 1983, n. 3, 91-102.

LAPLANCHE ; PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

LASCH, Christopher [1979]. La culture du narcissisme. Paris : Flammarion, 2006.

LAURU, Didier (org). Tomber en amour. Paris: Collection Actualité de la Psychanalyse, 2000.

LÁZARO, André. Amor – do mito ao mercado. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo – antropologia e sociedade. São Paulo: Papirus, 2003.

_____. Anthropologie de la douleur. Paris: Métailié, 2005.

_____. A sociologia do corpo. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. Corps et sociétés – essai de sociologie et d'anthropologie du corps. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.

_____. Les passions ordinaires – anthropologie des émotions. Paris: Armand Colin, 1998.

LE MONDE. Les nouveaux solitaires – fini le mariage, finie la vie en couple ... les « solos », sont de plus en plus nombreux, et ils assument. Le Monde II, Paris, 16 novembre, 2007.

LEVI-STRAUSS, Claude [1957]. Anthropologie structurel. Paris: Librairie Plon, 1975.

_____. As estruturas elementares do parentesco. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

_____. La pensée sauvage. Paris: Librairie Plon, 1962.

_____. Tristes tropiques. Paris: Librairie Plon, 1955.

LINS, Daniel (org). A dominação masculina revisitada. São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. Cultura e subjetividade – saberes nômades. São Paulo: Papyrus, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. Le bonheur paradoxal – essai sur la société d'hyperconsommation. Paris: Gallimard, 2006.

_____. L'ère du vide – Essais sur l'individualisme contemporain. Paris: Gallimard, 1983.

_____. A terceira mulher – permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O império do efêmero. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LISPECTOR, Clarice. Correio feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. (org). O corpo sexuado – pedagogias da sexualidade. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

LOYOLA, Maria Andréa. A antropologia da sexualidade no Brasil. Physis – Revista de saúde coletiva. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 143 – 167, 2000.

_____. (org). Sexualidade nas ciências humanas. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.

LUHMANN, Niklas. O amor como paixão – para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

LYOTARD, Jean-François. La condition postmoderne. Paris: Minit, 1979.

MACEDO, Joaquim Manuel. A moreninha. São Paulo: Saraiva, 1988.

MAFFESOLI, Michel [1974]. La conquête du présent – pour une sociologie de la vie quotidienne. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. São Paulo: Pontes, 1989.

MAISONNEUVE, Jean. Les sentiments. Qui sais-je ? 13ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1993.

_____. Argonautas do pacífico ocidental – um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw [1929] La vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie. Paris : Éditions Payot et Rivages, 2000.

MANNHEIM, K [1928]. Le problème des générations. Paris : Nathan, 1990.

MARGUERITTE, Victor. La garçonne. Paris: Ernest Flammarion, 1922.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. Pensar o corpo. Petrópolis, Vozes, 2004.

MATHIEU, Nicole-Claude. L'anatomie politique – catégorisations et idéologies du sexe. Paris: Coté femmes éditions, 1991.

MATOS, Marlise. Reinvenções do vínculo amoroso – cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

MAUSS, Marcel. L'expression obligatoire des sentiments. Essais de sociologie Paris : Seuil, 1968.

_____. Sociologia e antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.

MEAD, Margaret [1931]. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MELO NETO, João Cabral. Serial e antes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEYER, Marlyse. Folhetim – uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOHERDAUI, Bel. Vida sem casamento. Revista Veja. São Paulo : Editora Abril, 29 de novembro de 2006, p. 85-92.

MOLENANT, Xavier. Les classes moyennes. Sciences Humaines. Paris, décembre, 2007, p. 18-23.

MONTREYNAUD, Florence. Le XX siècle des femmes. Paris: Nathan, 1995.

MORAES, Vera Lúcia Albuquerque. Por uma sociologia do discurso amoroso no romance de José de Alencar. Tese de Doutorado em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceara, 2003.

MORAES, Vinícius de. Soneto de fidelidade e outros poemas. 3ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo I - neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. L'esprit du temps. Paris: Grasset, 1962.

MORLEY, Helena. Minha vida de menina. 5ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

MOSSUZ-LAVAU, Janine. La vie sexuelle en France. Paris: Éditions de la Martinière, 2002.

_____. Les lois de l'amour – les politiques de la sexualité en France (1950 – 2002). Paris: Éditions Payot et Rivages, 2001.

MOTTOT, Florence. Faut-il réinventer le couple ? Radiographie des classes moyennes. Sciences Humaines. Paris, décembre, 2007. p. 28-43.

MOULIN, Caroline. Féminités adolescentes – itinéraires personnels et fabrication des identités sexuées. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2005.

NOIZET, Pascale. L'idée moderne d'amour. Entre sexe et genre – vers une théorie du sexogème. Paris : Kilmé – Collection Sociétés, 1996.

NOVAES, Adauto (org). O homem máquina – a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONFORME ACORDO ORTOGRÁFICO. São Paulo: Texto Editores, 2008.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. 3ed. São Paulo: Pontes, 2001.

PARKER, Richard. Corpos, prazeres e paixões – a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASSERINI, Luisa. Europe in love – love in Europe. New York: New York University Press, 1999.

PEQUIGNOT, Bruno. La relation amoureuse – analyse sociologique du roman sentimental moderne. Éditions l'Harmattan, 1991.

PERROT, Michelle. Femmes publiques. Paris: Les éditions Textuel, 1997.

PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève (org). História das mulheres no ocidente – o século XIX. Lisboa: Afrontamento, 1991.

PINTO, Milton José. Comunicação e discurso – introdução à análise de discurso. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

PLATÃO. Le banquet. Paris : Le Livre de Poche, 1979.

POIRET, Jean ; CLAPIER-VALLADON, Simone ; RAYBAT, Paul. Histórias de vida – teoria e prática. Portugal: Celta Editora, 1995.

- PRECIADO, Beatriz. Manifeste contra-sexuel. Paris : Balland, 2000.
- _____. Multitudes queer. In: BOUTANG, Y. M. (org). Multitudes féminismes, queer, multitudes - devenir femme du travail et de la politique des biotechnologies au biopouvoir, de la bioéthique aux biopolitiques. Paris: Laboratoire des devenirs minoritaires, 2003.
- PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs). História da vida privada – da I guerra aos nossos dias. 7ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- QUEIROZ, Rachel de. [1975] Dora, Doralina. São Paulo: Siciliano, 1992.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 - 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAUCH, André. L'identité masculine à l'ombre des femmes – de la grande guerre à la gay pride. Paris : Hachette Littératures, 2004.
- _____. Foucault, história e anarquismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- REVEL, Judith. Expériences de la pensée – Michel Foucault. Paris : Bordas, 2005.
- REY, Alain. Le Robert Micro – Dictionnaire de la Langue Française. 2ed. Paris : Le Robert, 2006.
- RICOEUR, Paul. Du texte à l'action. Paris: Seuil, 1986.
- _____. La mémoire, l'histoire, l'oubli. Paris: Seuil, 2000.
- _____. Soi-même comme un autre. Paris: Seuil, 1990.
- RIMBAUD, Arthur [1873]. Une saison en enfer. Paris: Collection Mille et Une Nuits, 1983.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- ROLNIK, Suely Belinha. Cartografia sentimental da América – produção do desejo na era da cultura industrial. Tese de doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 1987.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Jacques Lacan – esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUGEMONT, Denis. História do amor no Ocidente. São Paulo: Ediouro, 2003.
- SAFFIOTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.
- SANT'ANNA, Denize Bernuzzi (org). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.
- SCHNEIDER, Monique. Le paradigme féminin. Paris: Champs Flammarion, 2006.

SCHURMANS, Marie-Noelle; DOMINICE, Loraine. Le coup de foudre amoureux – essai de sociologie compréhensive. Paris : Presses Universitaires de France, 1997.

SCHPUN, Mônica Raisa (org). Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunise, 2004.

SCHWARCZ, L.M. (org.) História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4.

SCIENCES HUMAINES. Femmes – émancipation, corps, domination, maternité, travail, sexualité. Combats et débats. Paris, Hors-série spécial, 4, novembre, décembre, 2005 ;

SCOTT, Joan. Gênero – uma categoria útil para análise histórica. Educação e Realidade, 16 (2), 1990.

SENNET, Richard. O declínio do homem público – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Narcisismo e publicidade – uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

SHORTER, Edward. Naissance de la famille moderne. Paris : Seuil, 1977.

SIMMEL, Georg. Le conflit. Paris : Editions Arcé, 2003.

_____. Philosophie de la modernité. Paris : Editions Payot, 2004.

_____. Philosophie de l'amour. Paris: Editions Rivages, 1985.

_____. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2006.

SINGLY, François de. Fortune et infortune de la femme mariée. Paris : Presses Universitaires, 1987.

_____. Sociologia da família contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUSA, Aurélio. O corpo da psicanálise e a falha epistemo-somática. O corpo da Psicanálise. Rio de Janeiro: Escola Letra freudiana, 2000, n. 27.

SPIELVOGEL, Myriam. Les rapports amoureux vécus par les femmes. Une analyse du discours des hétérosexuelles, des lesbiennes et de religieuses. Tese de doutorado em Sociologia. Canadá: Université de Montréal, 1999.

THÉBAUD, Françoise (org). História das mulheres no ocidente – o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991, v. 5.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna – teoria social na era dos meios de comunicação. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOUATI, Armand. Femmes, hommes – l'invention des possibles. Paris: Cultures en mouvement, 2005.

UNIFEM, O progresso das mulheres no Brasil. Brasília: Fundação Ford, 2006.

VEIGA-NETO (orgs) Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, corpo e sexualidade. In: PORTOCARRERO; BRANCO (orgs). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro; Nau, 2000.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôo da beleza – travestilidade e devir minoritário. Tese de Doutorado em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.

VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva (orgs). Estilísticas da sexualidade. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2006.

VAN METER, Karl M (org). La sociologie – textes essentiels. Paris: Larousse, 1992.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. Individualismo e cultura – notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. Subjetividade e sociedade – uma experiência de geração. 4ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs). Pesquisas urbanas – desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENTURI, Gustavo et al. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

VERON, Eliseo. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix, 1980.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: Como se escreve a história. Brasília: Edições UNB, 1998.

VINCENT, Thierry. L'indifférence des sexes – critique psychanalytique de Bourdieu et de l'idée de domination masculine. Paris: Arcanes, 2002.

UNIFEM. O Progresso das mulheres no Brasil. Brasília: Fundação Ford, 2006.

WEBER, Max. Economia e sociedade – fundamentos da Sociologia Compreensiva. 3ed. Brasília, Editora UNB, 1994.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso – ensaios sobre a crítica da cultura. 2ed. São Paulo: Editora USP, 2001.

WINKLER, Mary G; COLE, Letha B. The good body – ascetism in contemporary culture. London: Yale University, 1994.

WRIGHT MILLS, Charles [1967]. L'imagination sociologique. Paris: La Découverte, 1997.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)